

T. A. BARRON

MERLIN

LIVRO 3

FOGO
DA
FÚRIA



AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Obras do autor publicadas pela Galera Record:

Série Merlin

Volume 1: Os anos perdidos

Volume 2: As sete canções

Volume 3: Fogo da fúria

T . A . B A R R O N

MERLIN

FOGO DA FÚRIA

Tradução
DOMINGOS DEMASI



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B272m

Barron, T. A., 1952-

Merlin: fogos de fúria [recurso eletrônico] / T.A. Barron ; tradução

Domingos Demasi Filho. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2015.

recurso digital (Merlin ; 3)

Tradução de: Merlin: the raging fires

Sequência de: Merlin: as sete canções

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10545-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Demasi Filho, Domingos. II. Título.

II. Série.

15-23935

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

Merlin: The Raging Fires

Copyright © 1998 by T. A. Barron

Primeiramente publicado nos Estados Unidos por Philomel Books, que faz parte de Penguin Young Readers Group, sob o título de THE FIRES OF MERLIN. Publicado mediante acordo com Shadow Fogelman Agency, Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10545-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

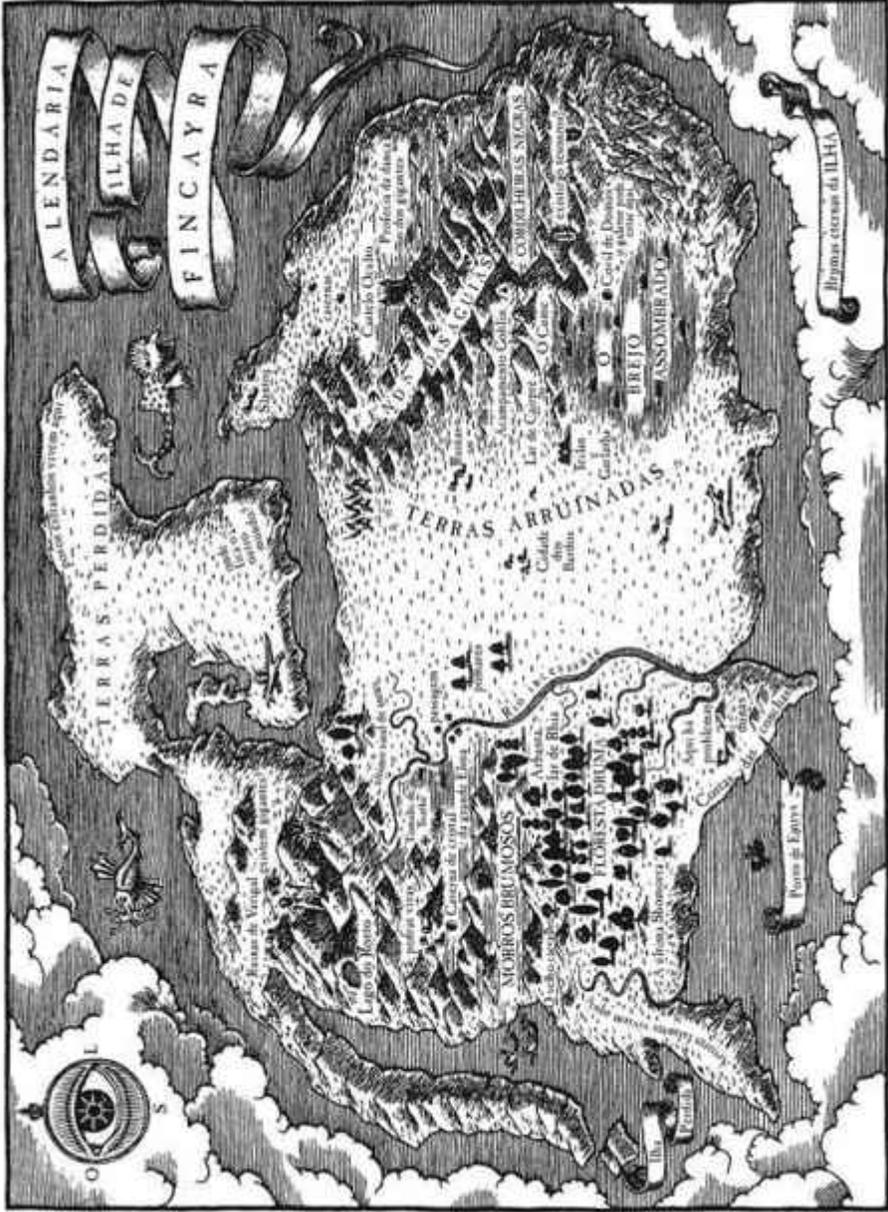
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



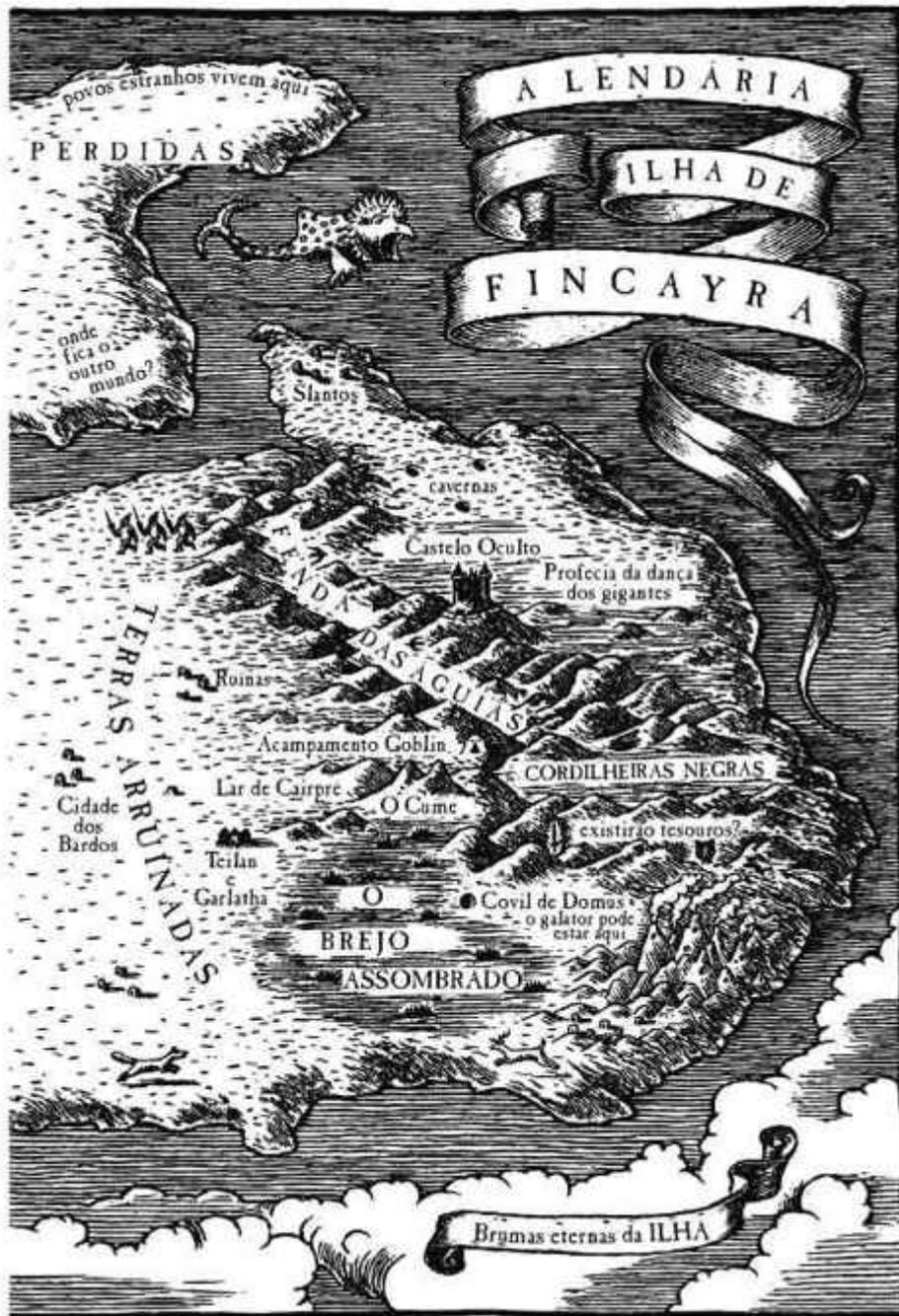
Este livro é dedicado a
MADELEINE L'ENGLE,
que alimentou o fogo da inspiração
em tanta gente,



com especial estima a
LARKIN,
de 2 anos, cujos fogos ardem com tamanha intensidade







Um detalhe do sudeste de FINCAYRA



SUMÁRIO

NOTA DO AUTOR

EPÍGRAFE

PRÓLOGO

PARTE UM

- I. A ÚLTIMA CORDA
- II. A NOTA FUNDAMENTAL
- III. O DIA MAIS ESCURO
- IV. UM CARRILHÃO DISTANTE
- V. NEGATUS MYSTERIUM
- VI. DUAS METADES DO TEMPO
- VII. PEDRA CIRCUNDADA
- VIII. CIRCUNDADO POR PEDRA
- IX. FUMAÇA

PARTE DOIS

- X. CAÇADOR E A CAÇA
- XI. O PACTO

- XII. CIRCULAR UMA HISTÓRIA
- XIII. CORRER COMO UM CERVO
- XIV. O DOM DE EREMON
- XV. O SIGNIFICADOS DOS RASTROS
- XVI. O SONHO QUE SE DEIXOU PERDER
- XVII. IMPOTENTE
- XVIII. VÉU DE NÉVOA
- XIX. O REDEMOINHO
- XX. IONN

PARTE TRÊS

- XXI. O NASCIMENTO DA NÉVOA
- XXII. UM VENTO GELADO
- XXIII. A PONTA DA ADAGA
- XIV. A ESCALADA
- XV. UM VOZ ENTRE MUITAS
- XVI. O FIM DE TODA MAGIA
- XVII. MUITO PERTO
- XXVIII. GALOPANDO
- XXIX. BATALHA ATÉ O FIM
- XXX. QUANDO ELEMENTOS SE FUNDEM
- XXXI. UM MAIS ALTO PODER

NOTA DO AUTOR

Mais uma vez este mago está cheio de surpresas.

Como já sabem aqueles que leram os dois primeiros volumes do épico *Os anos perdidos de Merlin*, faz muito tempo que Merlin me surpreendeu pela primeira vez. Com seu modo tipicamente misterioso, me chamou a atenção para o fato de que, apesar de todos os livros, poemas e canções que foram escritos sobre ele ao longo dos séculos, praticamente nada fora contado sobre sua juventude. O fato de haver uma lacuna tão grande no saber popular sobre um personagem tão rico, tão complexo, era realmente intrigante e estranho. Por isso, quando Merlin me convidou para servi-lo como escriba, quando revelou, finalmente, a história de seus anos perdidos, não pude resistir.

Mesmo assim, hesitei. Fiquei imaginando se era realmente possível acrescentar um ou dois fios na já maravilhosa tapeçaria de mito que cercava Merlin. E, ainda que fosse possível, os fios recém-criados seriam essenciais ao resto da tecedura? Sua cor, seu peso e sua textura, por serem novos, ainda pareceriam parte do todo? Pareceriam, em suma, verdadeiros?

De algum modo, eu precisava ouvir a voz de Merlin. Não a voz do feiticeiro secular, onividente e onisciente, que o mundo passou a celebrar. Longe disso. Dentro daquele mago lendário, enterrada sob séculos de lutas,

triumfos e tragédias, havia outra voz: a voz de um menino. Incerto, inseguro e profundamente humano. Com dons incomuns — e uma paixão tão grandiosa quanto seu destino.

No devido tempo, essa voz, finalmente, ficou audível. Embora ressoasse sua vulnerabilidade, também transmitia tons mais profundos, repletos da riqueza mítica e espiritual da antiga tradição céltica. A voz nascia em parte daqueles contos celtas, em parte do misterioso chirriar da coruja no choupo-do-canadá do lado de fora da minha janela — e em parte de outro lugar. E isso me dizia que, durante aqueles anos de sua juventude, Merlin não desapareceu simplesmente do mundo do conto e da canção. De fato, durante esses anos, o *próprio* Merlin desapareceu — do mundo como o conhecemos.

Quem era Merlin, na verdade? De onde ele veio? Quais eram suas grandes paixões, suas maiores esperanças, seus temores mais profundos? As respostas para essas perguntas permaneceram ocultas atrás do manto de seus anos perdidos.

Para descobri-las, Merlin precisa viajar para Fincayra, um lugar mítico conhecido pelos celtas como uma ilha sob as ondas, uma ponte entre a Terra dos seres humanos e o Outromundo dos seres espirituais. A mãe de Merlin, Elen, chama Fincayra de *lugar intermediário*. Ela observa que a bruma que envolve a ilha não é bem água nem bem ar. Mais propriamente, é algo aparentado a eles, e no entanto, algo inteiramente diferente. No mesmo sentido, Fincayra é igualmente mortal e imortal, escuridão e luz, destrutível e duradoura.

Na primeira página do Livro Um de *Os anos perdidos de Merlin*, um menino é arrastado para a praia de uma costa desconhecida. Tendo quase morrido afogado, ele não tem lembrança de seu passado — nem de seus pais nem de seu lar nem mesmo do próprio nome. Certamente não fazia ideia de

que um dia se tornaria Merlin: o maior mago de todos os tempos, o mentor do rei Artur, a cativante figura que percorre quinze séculos de lenda.

Aquele livro começa com a busca de Merlin pela sua própria identidade e pelo segredo de seus misteriosos, e frequentemente amedrontadores, poderes. Para ganhar um pouco, ele precisa perder muito — mais, até, do que entende. De algum modo, porém, no final, ele consegue solucionar o mistério da Dança dos Gigantes. Com o prosseguimento de sua jornada, no Livro Dois, ele procura o elixir que poderá salvar a vida de sua mãe, seguindo o tortuoso caminho das Sete Canções da Magia. Em sua trajetória, precisa superar sua cota de obstáculos, apesar de um deles permanecer sendo mais difícil do que todos os outros. Pois, de alguma maneira, ele precisa começar a enxergar de um modo inteiramente novo, um modo adequado a um mago: não com os olhos, mas com o coração.

Tudo isso Merlin nos revelou quando chegou a ocasião de começar o Livro Três — que eu achei ser a parte final da história. Então veio a surpresa mais recente do mago. Ele me disse, sem rodeios, que a história de seus anos perdidos de modo algum poderia ser contada em apenas três volumes. Quando lembrei-me de que, no início, ele prometera que esta seria uma trilogia, um projeto de no mínimo cinco anos, ele simplesmente descartou minhas preocupações abanando uma das mãos. Afinal de contas, perguntou, com seu insondável sorriso, o que é um pequeno tempo a mais para alguém que já viveu quinze séculos? E muito menos para alguém que aprendeu a arte de viver recuando no tempo?

Não pude recusar. Esta, afinal de contas, é a história de Merlin. E, assim como o próprio Merlin, os outros personagens da aventura — Elen, Rhia, Cairpré, Shim, Transtorno, Domnu, Stangmar, Bumbelwy, Hallia, Dagda, Rhita Gawr e outros que ainda virão — ganharam vida própria. Portanto, a projetada trilogia tornou-se um épico de cinco livros.

Neste volume, Merlin precisa enfrentar o fogo em muitas formas diferentes. Sente as chamas de um antigo dragão, as de uma montanha de lava e, pela primeira vez na vida, as de suas próprias paixões. Talvez ele descubra que esse fogo, como ele mesmo, possui uma série de características opostas. Pode consumir e destruir, mas também aquecer e reviver.

Além disso, Merlin precisa explorar a natureza de seu poder, que, assim como o fogo, pode ser sabiamente usado ou terrivelmente abusado. Como o fogo, pode curar ou devorar. O jovem mago talvez precise até mesmo abrir mão de seu poder mágico a fim de descobrir onde ele realmente reside. Pois, a essência da magia, assim como a da música do instrumento que se faz com as próprias mãos, pode se encontrar em um lugar diferente daquele onde aparenta estar.

Quanto mais aprendo sobre esse mago, menos sei realmente. Ainda assim, continuo perplexo com a espantosa metáfora do próprio Merlin. Assim como o menino que foi arrastado a uma praia, sem memória, sem passado e sem nome, sem qualquer pista sobre seu extraordinário futuro, cada um de nós começa de novo em algum ponto da vida — ou, aliás, em vários pontos durante todo o transcurso de uma existência.

E assim, como o menino que quase se afogou, cada um de nós guarda dons ocultos, talentos ocultos, possibilidades ocultas. Talvez também guardemos um pouco de magia. Talvez até mesmo descubramos um mago em algum lugar dentro de nós.

Como nos livros anteriores, sou grato pela orientação e pelo apoio de várias pessoas, mais especialmente de minha mulher, Currie, e de minha editora, Patricia Lee Gauch. Também gostaria de agradecer a Jennifer Herron, pelo seu espírito brilhante; a Kathy Montgomery, por seu bom humor contagiante; e Kylee Beers, por sua fé inabalável. Sem elas, as surpresas de Merlin certamente já teriam me subjugado.

T.A.B.

Esplendor de fogo...

Rapidez de vento...

Hoje me levanto

Através da força do céu:

Luz de sol,

Radiação de lua,

Esplendor de fogo,

Velocidade de raio,

Rapidez de vento,

Profundidade de mar,

Estabilidade de terra,

Firmeza de pedra.

De um hino de São Patrício, do século VII,

O BRAMIDO DO CERVO

PRÓLOGO

As brumas da lembrança se avolumam mais e mais a cada ano que passa. Um dia, porém, permanece tão claro em minha mente como o alvorecer desta manhã, embora tenha acontecido tantos séculos atrás.

Foi um dia escurecido por suas próprias brumas e por uma fumaça espessa e colérica. Apesar de o destino de Fincayra pender na balança, nenhuma criatura mortal desconfiava: as brumas daquele dia obscureciam tudo, menos o medo, e a dor, e apenas o mais remoto vestígio de esperança.

Tão imóvel quanto uma montanha durante anos incontáveis, o imenso bloco de pedra cinzenta sacudiu repentinamente.

Não foram as águas imponentes do rio Incessante, batendo contra a base da pedra, que causaram a mudança. Nem foi a lustrosa lontra, cujo passatempo favorito há muito tempo era deslizar pela fenda entre a pedra e a ribanceira enlameada do rio. Nem a família de lagartos sarapintados que por gerações vivia no pedaço de terra com musgo ao norte da rocha.

Não, o sacolejo da pedra naquele dia veio de uma fonte inteiramente diferente. Uma fonte que, diferentemente dos lagartos, nunca tinha sido vista no lugar, embora tivesse estado de fato presente muito antes da

chegada do primeiro réptil. A fonte do sacolejo estava bem no fundo da pedra.

Enquanto a névoa se concentrava por entre as ribanceiras, pousando sobre a água como uma espessa capa branca, um leve som de raspagem encheu o ar. Um momento depois, a pedra balançou, se bem que levemente. Com faixas de névoa enroscando-se em sua base, ela subitamente inclinou-se para o lado. Sibilando assustados, três lagartos deram um salto e saíram correndo.

Se tinham esperança de encontrar um novo lar no topo musgoso de uma das outras rochas grandes, os lagartos estavam fadados ao fracasso, pois mais ruídos de raspagem juntaram-se ao constante sacolejo da primeira rocha. Uma por uma, as nove pedras grandes que se enfileiravam no rio começaram a balançar, depois a se sacudir vigorosamente, como se abaladas por um tremor que apenas elas conseguiam sentir. Uma delas, parcialmente submersa pelas águas revoltas do rio, começou a rolar na direção de um pequeno ramo de cicuta na margem.

Perto do topo da primeira pedra a ganhar vida, surgiu uma pequena rachadura. Outra rachadura apareceu, depois mais outra. De repente, uma lasca pontuda se soltou, deixando um buraco de onde brilhava uma estranha luz laranja. Lenta e experimentalmente, algo começou a forçar caminho para fora do buraco. Cintilava sombriamente, mesmo enquanto raspava contra a superfície.

Era uma garra.

* * *

No distante norte, nos desolados espinhaços das Terras Perdidas, uma coluna de fumaça erguia-se em direção ao céu, entrelaçando-se como uma

cobra venenosa. Nada mais se movia naquelas ladeiras; nem mesmo um inseto ou um trecho de grama tremiam ao vento. Aquelas terras tinham sido queimadas — por um fogo tão poderoso que havia eliminado árvores, evaporado rios e demolido até mesmo rochas, deixando para trás nada além de ribanceiras crestadas repletas de cinzas, pois aquelas terras, havia muito tempo, eram o covil de um dragão.

Eras antes, no ponto culminante de sua cólera, o dragão havia incinerado a totalidade de florestas e engolido aldeias inteiras. Valdearg — cujo nome, na antiga língua de Fincayra, significava *Asas de Fogo* — era o último e o mais temido de uma extensa linhagem de dragões imperiais. Grande parte de Fincayra fora enegrecida por seu bafo de fogo e todos os habitantes viveram aterrorizados por sua sombra. Finalmente, o poderoso mago Tuatha conseguira forçar o dragão de volta ao seu covil. Após uma demorada batalha, Valdearg havia, finalmente, sucumbido ao encanto do sono, proferido pelo mago. E, desde então, permanecera num sono espasmódico em sua cova chamuscada.

Enquanto muitos fincayrianos murmuravam que Tuatha deveria ter matado o dragão quando teve chance, outros argumentavam que o mago devia tê-lo poupado por algum motivo — embora ninguém soubesse que motivo era esse. Pelo menos, adormecido, Asas de Fogo não poderia mais causar danos. O tempo passou, tanto tempo que as pessoas começaram a duvidar se ele algum dia voltaria a acordar. Algumas até mesmo questionaram as antigas histórias de seu comportamento violento. Outras foram mais longe, perguntando-se se ele existira realmente, embora poucos estivessem de fato dispostos a percorrer todo o caminho até as Terras Perdidas para descobrir. Dos que se arriscaram nessa perigosa viagem, poucos retornaram.

Muito pouco do que Tuatha dissera no término da Batalha das Chamas Brillhantes era compreensível, pois ele falava em enigmas. E muitas de suas palavras tinham sido esquecidas havia muito tempo. Ainda assim, alguns bardos mantiveram vivo o que restara na forma de um poema chamado *O olho do dragão*. Embora o poema tivesse muitas versões, cada qual tão obscura quanto as outras, todas concordavam que, em algum dia sombrio do futuro, Valdearg acordaria mais uma vez.

Ainda hoje, essas terras emitem um forte cheiro de carvão. Perto do covil, o ar tremula com o ininterrupto calor da respiração do dragão. O baixo som de seu ronco ecoa pelos espinhaços enegrecidos, enquanto negros filetes de fumaça continuam a fluir de suas narinas, erguendo-se lentamente no ar.

* * *

A garra elevou-se um pouco mais, cautelosamente apalpando a borda da casca pétrea, como faria alguém prestes a pisar num lago congelado, para testar o gelo. Finalmente, a ponta da garra, afiada como a de uma adaga, enfiou-se na superfície do ovo, disparando fragmentos em todas as direções. Um som abafado, parte guincho, parte grunhido, ecoou bem do fundo. Então, de repente, a garra rasgou grande parte da casca.

O enorme ovo balançou novamente, rolando em seguida ribanceira abaixo. Ao cair na água agitada, muitos outros pedaços da casca se romperam. Embora o sol matinal tivesse começado a queimar através da neblina, sua luz não ofuscou o brilho laranja que irradiava do enorme buraco.

Mais rachaduras serpearam dos lados. A garra, curva como um imenso gancho, golpeou a casca que envolvia o buraco, pulverizando fragmentos no rio e na enlameada ribanceira. Com outro grunhido, a criatura no interior

expôs completamente a garra fora do buraco, revelando um braço retorcido, desajeitado, coberto por iridescentes escamas roxas. A seguir, veio um corcovado ombro ossudo, pingando uma gosma cor de lavanda. Pendendo dobrada do ombro, havia uma enrugada pele de textura coriácea que poderia ter sido uma asa.

Então, qualquer que tenha sido o motivo, o braço e o ombro permaneceram imóveis. Por um longo momento, o ovo não balançou nem emitiu qualquer som.

De repente, toda a metade superior da casca foi arremessada e pousou com um esguicho na parte rasa do rio. Raios de luz alaranjados dispararam em direção à névoa que se fragmentava. Desajeitada e hesitantemente, o ombro escamoso se ergueu, apoiando um fino pescoço roxo sarapintado com manchas vermelhas. Pendendo pesadamente do pescoço, uma cabeça — duas vezes maior que a de um cavalo adulto — ergueu-se lentamente no ar. Acima da enorme mandíbula, com fileira sobre fileira de dentes brilhantes, um par de imensas narinas se contorcia, farejando o ar pela primeira vez.

Dos olhos triangulares da criatura, a luz laranja despejava-se como lava reluzente. Os olhos, piscando a cada poucos segundos, observavam através da névoa os outros ovos que também tinham começado a rachar e se abrir. Erguendo uma das garras, a criatura tentou coçar o inchaço amarelo brilhante que se projetava do meio de sua testa. Sua pontaria, porém, foi falha e, em vez disso, ela cutucou a macia pele enrugada do focinho.

Com um forte gemido, sacudiu-se vigorosamente, batendo contra a cabeça as orelhas azuis que se assemelhavam a bandeiras. Quando parou de se sacudir, a orelha direita recusou-se a ficar achatada novamente. Ao contrário da esquerda, que pendia quase até o ombro, ela se esticava para o lado como um chifre fora do lugar. Apenas a leve dobra da ponta sugeria que era, de fato, uma orelha.

* * *

Bem no fundo da caverna fumegante, a forma gigantesca mudou desconfortavelmente de lugar. A cabeça de Valdearg, quase tão grande quanto uma colina, contraiu-se subitamente, esmagando uma pilha de crânios enegrecidos pelas chamas. Sua respiração tornou-se cada vez mais rápida, rugindo como mil cachoeiras. Embora seus enormes olhos permanecessem fechados, as garras golpeavam impiedosamente algum inimigo invisível.

A cauda do dragão chicoteou, despedaçando a chamuscada parede de pedra. Ele rosnou, menos para as pedras que desabavam sobre as escamas verdes e laranja de suas costas do que para os tormentos de seu sonho — um sonho que o empurrou para a própria beira do despertar. Uma de suas vastas asas golpeou o ar. Quando a extremidade da asa raspou o chão do covil, dezenas de espadas e arreios incrustados de joias, harpas, cornetas douradas, pedras preciosas lapidadas e pérolas voaram em todas as direções. Nuvens de fumaça obscureceram o dia.

* * *

A criatura no ovo, com o focinho ainda latejando, reluziu os olhos furiosamente. Sentindo uma antiga necessidade, sugou uma porção de ar, estufando o peito roxo. Com um súbito ronco, exalou, inflamando as narinas. Nenhuma chama, porém, saiu, nem mesmo uma fina trilha de fumaça. Embora fosse de fato uma bebê dragão, ela ainda não conseguia soltar fogo.

Desanimada, a bebê dragão choramingou novamente. Ergueu uma pata para fora da casca, então parou abruptamente. Ouvindo alguma coisa,

inclinou a cabeça para o lado. Com uma orelha pendendo como uma fina bandeira azul e a outra elevando-se para o céu, ela ouviu atentamente, sem ousar se mexer.

De repente, o filhote recuou apavorado, balançando-se nos pedaços restantes do ovo. Acabara de notar a sombra escura formando-se através da névoa do outro lado do rio. Sentindo o perigo, ela se encolheu no interior da casca. Mas não conseguiu evitar que a tal orelha indisciplinada bisbilhotasse acima da beirada.

Após um longo momento, ergueu a cabeça só um pouquinho. Seu coração bateu forte dentro do peito. Observou a sombra se aproximar lentamente, vadeando através da água agitada. À medida que se aproximava, começou a tomar forma uma estranha figura de duas pernas — carregando uma espada de lâmina curva que brilhava ameaçadoramente. Então, com um sobressalto, ela percebeu a lâmina erguida para desferir um golpe.

☐ PARTE UM ☐



A ÚLTIMA CORDA

— **S**ó mais uma.

Mesmo ao pronunciar essas palavras, eu mal podia acreditar nelas. Deslizei a mão pela escamosa casca cinza-amarronzada do carvalho, cujas imensas raízes me circundavam, sentindo os suaves declives e curvas da madeira viva. Numa das depressões, tão funda como uma grande tigela, estavam algumas das ferramentas que eu vinha usando havia vários meses: um martelo de pedra, uma cunha de ferro, três limas de diferentes texturas e uma faca de entalhar não muito maior do que meu mindinho. Passei por elas, fui além da raiz nodosa que servia de cabide para meus serrotes maiores até alcançar a fina prateleira de casca que até pouco tempo sustentara todas as oito cordas.

Oito cordas. Cada qual resinada, esticada e finalmente tocada sob a lua cheia de outono, de acordo com antiga tradição. Por sorte, meu mentor, Cairpré, dedicara semanas antes daquela noite para me ensinar todos os complicados versos e melodias. Ainda assim, a lua estava quase para se pôr quando, finalmente, cantei cada uma delas corretamente — e na ordem

certa. Agora sete das cordas brilhavam no pequeno instrumento apoiado na raiz diante de mim.

Apanhando a última corda, a menor de todas, trouxe-a para perto. Ao girá-la lentamente, a ponta torceu e agitou-se — quase viva. Como a língua de alguém prestes a falar.

A luz de fim de tarde produziu um efeito sob a corda, fazendo-a ter um brilho tão dourado quanto as folhas de outono salpicando a grama na base do carvalho. Parecia surpreendentemente pesada, apesar do curto comprimento, mas tão flexível quanto a própria brisa. Delicadamente, pousei-a sobre um cacho de bagas vermelho-escuras que pendia de um dos galhos mais baixos da árvore. Voltando ao instrumento, inseri as duas últimas cravelhas, entalhadas a partir do mesmo galho de espinheiro como as outras, cujo mês de secagem no forno havia terminado somente no dia anterior. Roçadas contra a caixa de ressonância de carvalho, as cravelhas guincharam, ainda que levemente.

Por fim, apanhei a corda. Após dar um nó de sete pontos em cada uma das duas cravelhas, comecei a torcê-las, uma para a direita, outra para a esquerda. Gradualmente, a corda se esticou, estendendo-se como um estandarte soprado pelo vento. Antes que ficasse esticada demais, parei. Agora, restava apenas inserir o cavalete — e tocar.

Reclinado contra o tronco do carvalho, observei minha obra. Era um saltério, com a forma que se assemelhava a uma pequena harpa, mas com uma caixa de ressonância arqueada atrás das cordas. Ergui-o do tronco, examinando-o com admiração. Embora fosse quase tão grande quanto minha mão espalmada, parecia-me tão esplêndido quanto uma estrela recém-nascida.

Meu próprio instrumento. Feito com minhas próprias mãos.

Corri o dedo pela tira de freixo incrustada na parte de cima da moldura. Aquilo seria muito mais do que uma fonte de música, eu sabia. A não ser, é claro, que eu tivesse errado algum dos passos de sua construção. Ou, muito pior, a não ser...

Inspirei lenta e irregularmente. A não ser que me faltasse a única coisa que Cairpré não podia me ensinar, a única coisa que não conseguia sequer descrever — o que ele chamava apenas de *o espírito essencial de um mago*. Pois, como frequentemente ele me recordara, a feitura do primeiro instrumento de um mago era uma tradição sagrada, a transição da infância para a idade adulta de um jovem dotado. Se o processo fosse bem-sucedido, quando, finalmente, chegasse o momento de ser tocado, o instrumento libertaria sua própria música. E, simultaneamente, um nível inteiramente novo da magia do jovem.

E se o processo não fosse bem-sucedido...

Pousei o saltério. As cordas vibraram baixinho quando a caixa de ressonância tocou novamente as robustas raízes da árvore. Entre essas mesmas raízes, os mais famosos praticantes de magia de Fincayra — inclusive meu lendário avô, Tuatha — fabricaram artesanalmente seus próprios instrumentos originais. Daí o nome da árvore, citado em muitas baladas e contos: o Velho Carvalho.

Colocando a mão sobre um calombo redondo de casca, senti o latejar de vida no interior da grande árvore. O lento e crescente ritmo de raízes mergulhando mais fundo e de galhos alcançando mais alto, de milhares de folhas dissolvendo-se de verde para dourado, da própria árvore respirando. Inalando vida e morte, e os misteriosos vínculos conectando ambas. O Velho Carvalho resistira a muitas tempestades, muitos séculos — e muitos magos. Fiquei imaginando: será que ele já sabia se meu saltério funcionaria de verdade?

Erguendo a vista, observei as colinas da Floresta Druma, cada qual tão redonda quanto a traseira de um cervo em fuga. Nuances outonais brilhavam avermelhadas, alaranjadas, amarelas e marrons. Pássaros de asas brilhantes decolavam de galhos, chilreando e arrulhando, enquanto espirais de névoa erguiam-se de pântanos escondidos. Eu podia ouvir, entrelaçando-se com a brisa, o contínuo tombar de uma queda-d'água. Aquela floresta, mais silvestre do que qualquer lugar que já conheci, era realmente o coração de Fincayra. Foi o primeiro lugar por onde eu perambulei após ser carregado para a praia da ilha — e o primeiro lugar onde senti de fato minhas próprias raízes se fixarem profundamente.

Sorri, vendo meu cajado apoiado no tronco do carvalho. Aquilo também fora uma dádiva desta floresta, como constantemente me recordava seu odor acentuado de cicuta. Fossem quais fossem os elementos de magia verdadeira que eu possuía — fora poucas habilidades simples, tais como minha segunda visão, que tinha vindo após eu perder o uso dos olhos, e minha espada com alguma magia própria —, eles residiam no interior da madeira nodosa daquele cajado.

Assim como tantas outras coisas mais: meu cajado, de algum modo, tinha sido tocado pelo poder do próprio Tuatha. Ele se estendera além das eras, abandonando sua sepultura para colocar sua magia no interior do cajado. Mesmo com as bordas borradas de minha visão, pude distinguir os símbolos entalhados nele, símbolos dos poderes que desejei ardentemente dominar por completo: Saltar, entre locais e possivelmente até entre épocas; Mudar, de uma forma para outra; Atar, não apenas um osso fraturado, mas também um espírito quebrado; e todo o resto.

Talvez, apenas talvez... o saltério ganhasse um poder semelhante. Seria possível? Poderes para eu manejar em benefício de todas as pessoas de Fincayra, com sabedoria e graça não vistas desde os dias de meu avô.

Inspirei fundo. Cuidadosamente, ergui nas mãos o pequeno instrumento, então deslizei o cavalete de carvalho por baixo das cordas. Um estalar do meu punho — e ele entrou no lugar. Expirei, sabendo que o momento, o meu momento, estava bem perto.



A NOTA FUNDAMENTAL

— **P**ronto — anunciei. — Está pronto para tocar.

— Você disse “pronto”? — O longo cabelo grisalho de Cairpré surgiu de trás do tronco do grande carvalho. Ele parecia frustrado, como se não conseguisse encontrar a última palavra de que precisava para completar um poema épico sobre raízes de árvore. Quando seus olhos escuros focalizaram meu pequeno instrumento, sua expressão se anuviou ainda mais.

— *Hmmm*. Uma bela obra, Merlin.

Suas sobrancelhas desgrenhadas se juntaram.

— Mas não está pronta antes de ser tocada. Como eu já disse aqui ou ali, *a verdade vai se encontrar, não na visão, mas no soar*.

De trás dele, na beira da colina, veio uma forte gargalhada.

— Não importa se seu poema tenha sido sobre uma cotovia-dos-prados em vez de uma harpa.

Cairpré e eu giramos a cabeça em direção à minha mãe, enquanto ela caminhava suavemente pela grama. Seu manto azul-escuro flutuava na brisa que tinha um forte cheiro de outono, enquanto o cabelo acortinava os

ombros como uma capa de luz solar. Foram seus olhos, porém, que atraíram minha atenção. Olhos mais azuis do que safiras.

Observando-a se aproximar, o poeta endireitou sua manchada túnica branca.

— Elen — grunhiu. — Eu deveria ter adivinhado que você voltaria bem a tempo de me corrigir.

Os olhos dela pareceram sorrir.

— De vez em quando, alguém tem de fazer isso.

— Impossível. — Cairpré fez o que pôde para parecer ríspido, mas não conseguiu esconder seu próprio sorriso fugaz. — Além do mais, não é uma harpa o instrumento feito pelo rapaz. É um saltério, embora pequeno, à moda do *psaltérion* grego. Nunca ninguém lhe ensinou sobre os gregos, mocinha?

— Sim. — Minha mãe conteve outra risada. — Você.

— Então não tem nenhuma desculpa, qualquer que seja.

— Tome — ela falou para mim, despejando umas rechonchudas bagas roxas na depressão da raiz que abrigava minhas ferramentas. — Amoras-dorrio, do córrego que atravessa o caminho. Trouxe um punhado para você. — Com um olhar de esguelha para Cairpré e um piparote, ela lançou uma baga para ele. — E uma para você, por ter concordado em me dar aulas sobre música grega.

O poeta bufou.

— Se eu tiver tempo.

Ouvi, curioso, a provocação entre eles. Ultimamente, por qualquer motivo, suas conversas desviavam para esse caminho. E isso me intrigava, pois as próprias palavras dos dois não pareciam ser o que importava. Não, a provocação era, na verdade, sobre outra coisa, algo que eu não conseguia exatamente determinar.

Observando-os, joguei algumas bagas na boca, saboreando o gosto azedinho. Ali estavam eles, conversando, como se Cairpré achasse que sabia de tudo, mais talvez do que o grande espírito Dagda. Minha mãe, porém, se dava conta, tenho certeza, de que ele nunca perdia de vista o fato de que realmente sabia muito pouco. Por mais que tivesse me ensinado, durante o ano anterior, sobre os mistérios da magia, ele nunca começou uma de nossas aulas sem me lembrar de suas próprias limitações. Até mesmo confessara que, embora soubesse que eu devia seguir uma série de intrincadas etapas na feitura do meu primeiro instrumento, não tinha certeza do que elas significavam. Por todo o processo — da escolha do instrumento adequado ao molde da madeira e até o acender o forno —, ele se comportou muito mais como um colega estudante do que como professor.

De repente, algo beliscou minha nuca. Gritei, tentando afastar com um tapinha o inseto que me escolhera para uma refeição. Mas o culpado já tinha fugido.

Os olhos azuis de minha mãe se abaixaram em minha direção.

— O que foi?

Ainda esfregando a nuca, me levantei e saí do meio das robustas raízes. Nesse ínterim, quase tropecei em minha espada embainhada que estava sobre a grama.

— Não sei. Algo me picou, acho.

Ela pendeu a cabeça, duvidosa.

— Já passou a época das moscas picadoras. A primeira geada chegou semanas atrás.

— Isso me faz lembrar — disse Cairpré, piscando para ela — de um antigo poema abissínio sobre moscas.

Ao mesmo tempo que ela começou a rir, senti outra forte picada no pescoço. Girando, vislumbrei uma pequena baga vermelha descendo

quicando pela grama da colina. Meus olhos se estreitaram.

— Encontrei a mosca picadora.

— Verdade? — perguntou minha mãe. — Onde?

Virei-me para encarar o Velho Carvalho. Ergui o braço, apontando para os ramos que se arqueavam acima de nós. Ali, praticamente invisível entre as cortinas de folhas verdes e marrons, estava uma figura acocorada vestida com uma roupa feita de vinhas entrelaçadas.

— Rhia — rosnei. — Por que não pode simplesmente falar “oi” como as outras pessoas?

A figura folhosa mexeu-se, esticando os braços.

— Porque desta maneira é muito mais divertido, é claro. — Vendo minha careta, ela acrescentou: — Irmãos às vezes podem não ter bom humor. — Então, com a agilidade de uma cobra deslizando sobre um galho, ela escorregou para baixo do tronco torcido e saltou para perto de nós.

Elen observou-a, divertida.

— Você é mesmo, em tudo, uma garota das árvores.

Rhia ficou radiante. Ao ver as bagas na depressão, ela apanhou a maior parte do que havia sobrado.

— *Hmmm*, amoras-do-rio. Mas estão um pouco ácidas. — Então, virando-se para mim, apontou para o pequeno instrumento na minha mão. — Como é, quando vai tocar para nós?

— Quando eu estiver pronto. Você tem sorte por eu ter deixado você descer dessa árvore por vontade própria.

Surpresa, ela sacudiu os cachos castanhos.

— Espera honestamente que eu acredite que você seria capaz de me fazer levantar para fora da árvore por magia?

Embora estivesse tentado a responder que sim, eu sabia que não era verdade. Pelo menos ainda não. Além disso, podia sentir os profundos poços

dos olhos de Cairpré me perfurando.

— Não — admiti. — Mas, acredite, esse tempo vai chegar.

— Sim, claro. E também vai chegar o tempo em que o dragão Valdearg finalmente acordará e engolirá todos nós com uma única bocada. Claro, isso pode ser daqui a mil anos.

— Ou pode ser hoje.

— Você dois, por favor. — Cairpré puxou a manga da minha túnica. — Parem com essa guerra de quem é mais esperto.

Rhia deu de ombros.

— Nunca luto com alguém desarmado. — Com um sorriso afetado, acrescentou: — A não ser que se vanglorie de uma magia que não sabe usar de verdade.

Aquilo foi demais. Estendi a mão vazia na direção do meu cajado, que repousava contra o tronco do carvalho. Concentrei os pensamentos no seu topo nodoso, na haste entalhada, na madeira fragrante que continha tanto poder. Através dos dedos, enviei a ordem. *Venha para mim. Salte para mim.*

O cajado tremeu ligeiramente, roçou na casca da árvore. Então, subitamente, ficou ereto sobre a grama. Um instante depois, voou pelo ar direto para minha mão à espera.

— Nada mal. — Rhia curvou o corpo revestido de folhas numa ligeira reverência. — Você andou praticando.

— Sim — concordou minha mãe. — Você aprendeu bastante a controlar seu poder.

Cairpré sacudiu a cabeleira desgrenhada.

— E muito menos, receio, a controlar seu orgulho.

Olhei-o timidamente enquanto enfiava o cajado no cinto. Mas, antes que eu conseguisse falar, Rhia, intrometeu-se:

— Vamos lá, Merlin. Toque alguma coisa para nós nesse pequeno seja-lá-o-que-for.

Minha mãe concordou.

— Sim, toque.

Cairpré permitiu-se um meio-sorriso.

— Talvez você possa cantar com ele, Elen.

— Cantar? Não, agora não.

— Por que não? — Ele me olhou pensativamente, o rosto igualmente ansioso e esperançoso. — Se ele conseguir, de fato, fazer o saltério soar, isso será motivo verdadeiro de celebração. — De algum modo, sua expressão pareceu sombria. — Ninguém sabe disso melhor do que eu.

— Por favor — insistiu Rhia. — Se há alguma coisa a celebrar, nada melhor do que fazê-lo com uma de suas canções.

As faces de minha mãe enrubesceram. Virando na direção das folhas ondulantes do carvalho, ela pensou por um momento.

— Bom... está bem. — Abriu os braços na direção de nós três. — Eu vou cantar. Sim, uma canção alegre. — Seus olhos dardejaram o poeta. — Pelas muitas alegrias do ano passado.

Cairpré animou-se.

— E dos anos que virão — acrescentou, num sussurro.

Novamente, minha mãe enrubesceu. O motivo não me preocupou, pois eu também compartilhava sua alegria. Ali estava eu, com familiares, amigos, cada vez mais à vontade naquela ilha — tudo que teria parecido totalmente impossível apenas um ano atrás. Eu tinha agora 14 anos, vivendo naquela floresta, um lugar tão sereno quanto as folhas de outono que podia ver pairando no chão. Não queria nada mais do que permanecer naquele mesmo lugar, com aquelas mesmas pessoas. E, um dia, dominar as habilidades de um mago. De um verdadeiro mago — como meu avô.

Meus dedos pressionaram a moldura do saltério. Se ao menos ele não me falhasse!

Inspirei fundo o ar revigorante que atingia o outeiro.

— Estou pronto.

Mamãe, sentindo a tensão em minha voz, passou o dedo pelo meu rosto — o mesmo rosto que, tempos atrás, fora marcado por um fogo que eu mesmo produzi.

— Você está bem, meu filho?

Fiz o máximo para forçar um sorriso.

— Estou apenas imaginando como meu dedilhar desafinado vai parecer comparado ao seu canto.

Embora eu pudesse perceber que ela não acreditou em mim, seu rosto descontraíu ligeiramente. Após um momento, perguntou:

— Sabe tocar no estilo jônico? Se você tocar a nota fundamental, e a mantiver por algum tempo, eu consigo ajustar meu canto à sua melodia.

— Posso tentar.

— Ótimo! — Rhia saltou para alcançar o galho mais baixo do carvalho. Balançou-se de um lado a outro, soltando uma gargalhada que soava como guizos, enquanto folhas douradas choviam sobre nós. — Adoro ouvir harpa, mesmo uma pequenina como a sua. Lembra-me o som da chuva dançando no capim de verão.

— Bem, o verão já passou — declarei. — Mas, se algo for capaz de trazê-lo de volta, será a voz da minha mãe, não a minha música. — Virei-me para Cairpré. — Então está na hora? Do encanto?

O poeta pigarreou e sua expressão obscureceu novamente — dessa vez mais intensamente, como se uma sombra estranha, deformada, tivesse baixado sobre seus pensamentos.

— Antes, há uma coisa que preciso lhe contar. — Ele hesitou, escolhendo as palavras. — Desde tempos imemoriais, qualquer menina ou menino fincayriano que se mostre promissor em magia complexa sai de casa para um aprendizado semelhante ao seu. De preferência, com um verdadeiro mago ou uma feiticeira, mas, se nem um deles for encontrado, então com um erudito ou um bardo.

— Como você. — Ele queria alguma coisa com aquilo? Isso tudo eu sabia.

— Sim, meu rapaz. Como eu.

— Mas por que está me dizendo isso?

Sua testa ficou mais enrugada do que a túnica.

— Porque há mais uma coisa que precisa saber. Antes de tocar seu saltério. Sabe, esse aprendizado... A duração para se ter o domínio dos fundamentos do encantamento, antes mesmo de se começar a fazer um instrumento musical... normalmente leva... muito tempo. Mais do que os oito ou nove meses que você levou.

Minha mãe virou a cabeça para ele.

— Quanto tempo leva normalmente?

— Bem — gaguejou. — Isso, ah, varia. Difere, sabe, de uma pessoa para outra.

— Quanto tempo? — repetiu ela.

Ele observou-a soturnamente. Então, bem baixinho, respondeu.

— Entre cinco e dez anos.

Como Elen e Rhia, sobressaltei-me — quase deixando cair o saltério.

— Mesmo Tuatha, com todos os seus dons, precisou de quatro anos inteiros para completar seu aprendizado. Fazer tudo em menos de um ano é, bem, notável. Ou poderíamos dizer... inédito. — Suspirou. — Eu pretendia

lhe dizer isso... palavra... mas queria encontrar o momento e o local certos. *O momento bem em cima, tão raro quanto uma boa rima.*

Elen sacudiu a cabeça.

— Você tem outro motivo.

Tristemente, ele concordou com a cabeça.

— Você me conhece bem demais.

Ele me olhou de modo suplicante, enquanto passava a mão por uma raiz do Velho Carvalho.

— Sabe, Merlin, não estava querendo lhe dizer isso porque não tinha certeza se sua velocidade, sua rapidez em dominar quaisquer que fossem as lições que eu passava, se devia aos seus próprios dons... ou às minhas deficiências como seu tutor. Será que esqueci alguma etapa? Interpretei erroneamente alguma instrução? Faz algum tempo que isso vem me perturbando. Verifiquei todos os textos antigos... ah, sim, muitas vezes... apenas para me certificar de que você tinha feito tudo direito. E acredito realmente que fez, ou eu não teria deixado você chegar tão longe.

Endireitou-se.

— Mesmo assim — continuou —, você deve ser alertado. Porque, se o saltério não funcionar, pode ser culpa minha, não sua. Isso mesmo. E, como sabe, Merlin, um jovem tem apenas uma chance de fazer um instrumento mágico. Só uma. Se o instrumento não conseguir convocar a alta magia, você nunca terá outro.

Engoli em seco.

— Se meu treinamento foi realmente tão rápido assim, é possível que o motivo tenha sido outro. Algo sem relação com o fato de você ser um bom mentor... ou eu ser um bom aluno.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Talvez eu tenha tido alguma ajuda — prossegui. — De algum lugar do qual nenhum de nós dois suspeitou. Exatamente de onde, não tenho certeza. — Pensativamente, passei o polegar sobre a haste do meu cajado. De repente, me ocorreu. — Meu cajado, por exemplo. Sim, sim, é isso! Sabe, a magia de Tuatha. — Puxei a haste retorcida presa ao meu cinto. — Ele está comigo desde o início, está comigo agora. Certamente, para tocar meu instrumento, ele vai me ajudar mais uma vez.

— Não, meu rapaz. — Cairpré olhou-me nos olhos. — Esse cajado pode tê-lo ajudado no passado, é verdade... Mas não lhe serve de nada agora. Os textos sobre isso são tão claros como o ar do outono. Somente o próprio saltério, além de quaisquer que tenham sido as habilidades utilizadas em sua feitura, determinará se você passou no teste.

Minha mão, segurando a pequena moldura, começou a suar.

— O que o saltério fará caso eu falhe?

— Nada. Não fará música. E não trará magia.

— E se eu for bem-sucedido?

— Seu instrumento — disse ele, enquanto coçava o queixo — deverá começar a tocar sozinho. Uma música ao mesmo tempo estranha e poderosa. Pelo menos foi isso que aconteceu no passado. Portanto, do mesmo modo que sentiu a magia fluir entre você e o cajado, deverá senti-la com o saltério. Esse, porém, deverá ser um nível diferente de magia, em nada parecido com qualquer coisa que já tenha conhecido.

Movimentei a língua, para umedecê-la.

— O problema é que... o saltério não foi tocado por Tuatha. Apenas por mim.

Delicadamente, o poeta apertou meu ombro.

— Quando um músico... não um mago, apenas um bardo errante... toca harpa com habilidade, a música está nas cordas ou nas mãos que as

dedilham?

Confuso, balancei a cabeça.

— O que isso importa? Estamos falando aqui sobre magia.

— Não vou fingir que sei a resposta, meu rapaz. Mas poderia lhe mostrar volume após volume de tratados, alguns de autoria de magos de enorme sabedoria, refletindo exatamente sobre essa questão.

— Então, algum dia, se eu for um mago, eu lhe darei minha resposta. No momento, só quero dedilhar minhas próprias cordas.

Minha mãe olhou de mim para Cairpré, e de volta para mim.

— Você tem certeza de que é o momento? Está realmente pronto? Minha canção certamente pode esperar.

— Sim — concordou Rhia, torcendo uma das vinhas que circundavam sua cintura. — Eu não estou tão a fim de música agora.

Observei-a.

— Você não acha que eu seja capaz, não é?

— Não — respondeu ela calmamente. — Apenas não tenho certeza.

Estremeci.

— Bem, a verdade é que... eu também não tenho certeza. Mas sei de uma coisa. Se esperar muito mais tempo, posso perder a coragem de tentar. — Encarei Cairpré. — Agora?

O poeta fez que sim.

— Boa sorte, meu rapaz. E lembre-se: os textos dizem que, se a alta magia vier, também poderão vir outras coisas... Coisas surpreendentes.

— E canções — acrescentou minha mãe, delicadamente. — Eu cantarei para você, Merlin, aconteça o que acontecer. Tenha ou não tenha qualquer música nessas cordas.

Ergui o saltério, ao mesmo tempo que erguia a vista para os galhos do velho carvalho. Com hesitação, pousei no peito a extremidade mais estreita

do instrumento. Ao enconchar a mão em volta da beirada externa, pude sentir meu coração latejar através da madeira. A brisa havia diminuído; as farfalhantes folhas do carvalho se aquietaram. Até mesmo o besouro de dorso cinzento na ponta de minha bota deixou de rastejar.

Com um sussurro, pronunciei o antigo encanto:

*Que este meu instrumento
Faça surgir
Um mágico momento.*

*Que a música desta era
Floresça como
O som da primavera.*

*Que a minha melodia
Possa melhorar
Com o passar do dia.*

*Que meu poder amplo
Sirva para replantar
O adoentado campo.*

Na expectativa, virei-me para Cairpré. O poeta permanecia imóvel, a não ser pelos olhos que vagavam. Atrás dele, as viçosas colinas da Floresta Druma pareciam congelar — tão fixas no lugar como um dos entalhes do meu cajado. Nenhuma luz atravessava os galhos. Nenhum pássaro adejava ou piava.

— Por favor — pedi alto, ao saltério, ao carvalho, ao ar. — Essa é a única coisa que quero. Elevar-me o máximo que eu puder. Aceitar quaisquer dons, quaisquer poderes, que possa me dar, e usá-los não para mim, mas para os outros. Com sabedoria. E, espero, com amor. *Para replantar o adoentado campo.*

Como nada senti, meu coração começou a falhar. Aguardei, esperançoso. Nada ainda. Com relutância, comecei a baixar o saltério.

Então, bem lentamente, senti algo se mexer. Não eram as folhas acima de mim. Nem a grama a meus pés. Nem mesmo a brisa.

Era a menor das cordas.

Enquanto observava, meu coração martelando contra a moldura de madeira, a ponta mais remota da corda começou a torcer. Lentamente, lentamente, ergueu-se, como a cabeça de uma minhoca saindo de uma maçã. Ergueu-se mais alto, puxando mais corda com ela. A outra ponta também despertou, enrolando-se na sua cravelha. Logo as demais também começaram a se mexer, as extremidades enrolando-se e as extensões esticando-se.

Afinando-se! O saltério estava afinando a si mesmo.

Em pouco tempo, as cordas ficaram imóveis. Levantei os olhos para o sorriso crescente de Cairpré. Ao seu sinal com a cabeça, preparei-me para dedilhar a nota fundamental. Prendendo a mão esquerda mais firmemente em volta da moldura, dobrei os dedos da direita. Delicadamente, coloquei-os sobre as cordas.

Instantaneamente, uma onda de calor fluiu pelas pontas dos dedos, subiu pelo meu braço e perpassou meu corpo inteiro. Uma nova força, parte mágica e parte musical, se movimentou através de mim. Os pelos das costas de minhas mãos se eriçaram e oscilaram em uníssono, dançando num ritmo que eu ainda não ouvia.

Um vento aumentou, ficando mais forte a cada segundo, balançando os galhos do Velho Carvalho. Das colinas arborizadas que nos cercavam, folhas começaram a flutuar para cima — primeiramente às dezenas, depois às centenas e, a seguir, aos milhares. Carvalhos e olmos, espinheiros e faias, reluzindo com o brilho de rubis, esmeraldas e diamantes. Girando lentamente, elas flutuaram na nossa direção, como uma enorme revoada de borboletas voltando para casa.

Surgiram então outras formas, rodopiando em volta do carvalho, dançando junto com as folhas. Estilhaços de luz. Fragmentos de arco-íris. Tufos de sombras. Saindo do ar, retalhos de névoa se entrelaçavam, criando mais formas — delgadas, espirais, serpentes, nós e estrelas. Mais formas ainda apareceram, de onde, eu não conseguia entender, feitas não de luz ou sombra ou mesmo de nuvens, porém de algo além, algo intermediário.

Todas essas coisas circundaram a árvore, atraídas pela música, pela magia que viria. O que, perguntei-me, o poder do saltério traria a seguir? Sorri, sabendo que o momento de tocar meu instrumento finalmente havia chegado.

Dedilhei as cordas.



O DIA MAIS ESCURO

No instante em que dedilhei as cordas, senti uma súbita descarga de calor — forte o suficiente para queimar minha mão. Gritei, dei um puxão no braço, exatamente quando as cordas do saltério se partiram com um ressoar despedaçador. O instrumento voou de minhas mãos e irrompeu em chamas.

Todos ficamos observando, estupefatos, enquanto o saltério se mantinha suspenso no ar acima de nós, o fogo lambendo a moldura e a caixa de ressonância. O cavalete de carvalho, assim como as cordas, se contraíam e se torciam como se estivessem em agonia. Ao mesmo tempo, as formas que giravam em torno da árvore sumiram num lampejo — exceto pela multidão de folhas, que caíam sobre nossas cabeças.

Então, no centro do saltério chamejante, uma imagem sombria começou a se formar. Assim como os demais, preendi a respiração. Pois, em pouco tempo, a imagem se solidificou em um rosto desfigurado, carrancudo. Era um rosto de fúria, um rosto de vingança.

Era um rosto que eu conhecia bem.

Ali estavam o queixo sobressalente, o cabelo rebelde e os olhos penetrantes que não consegui esquecer. O nariz bulboso. Os brincos feitos

de conchas penduradas.

— Urnalda. — O próprio nome pareceu crepitar, quando o pronunciei em voz alta.

— Quem? — perguntou minha mãe, boquiaberta diante da cara flamejante.

— Diga-nos — insistiu Cairpré. — Quem é?

Com a voz tão seca quanto as folhas caídas aos nossos pés, repeti o nome.

— Urnalda. Feiticeira... e soberana... dos anões. — Passei o dedo sobre o topo retorcido do meu cajado, lembrando-me de como ela me ajudara uma vez, muito tempo atrás. Lembrei-me da dor daquilo. E de como ela extraíra de mim uma promessa, uma promessa que eu desconfie que me causaria uma dor muito maior. — Ela é uma aliada, talvez até amiga... mas alguém que se deve temer.

Nisso, a moldura do meu saltério explodiu em centelhas, contorcendo-se ainda mais. Lascas de madeira soltaram-se e viajaram pelo ar, chiando e estalando. Uma delas incendiou um cacho de bagas secas pendente em um galho, as quais irromperam em chamas antes de murcharem até virar um punhado de carvão. Outra lasca flamejante girou na direção de Rhia, errando por pouco seu ombro vestido de folhas.

Urnalda, o rosto rodeado de fogo, olhou zangada para nós.

— Merlin — estridulou finalmente. — A hora chegou.

— Hora? — Tentei engolir em seco, mas não consegui. — Hora de quê?

Línguas de fogo dispararam na minha direção.

— Hora de você honrar sua promessa! Sua dívida para com meu povo é grande, maior do que imagina. Pois nós a você ajudamos, apesar de ser contra nossas leis. — Sacudiu a cabeça larga, tilintando os brincos de conchas em forma de leque. — Chegou a hora da nossa necessidade. O mal

atingiu a terra de Urnalda, a terra dos anões! Agora você deve vir. — Sua voz baixou para um murmúrio. — E deve vir sozinho.

Mamãe segurou meu braço.

— Ele não pode. E não vai.

— Silêncio, mulher! — O saltério contorceu-se com tanta violência que se partiu em dois, criando um chafariz de faíscas. Mas as duas metades permaneceram no ar, pairando bem acima de nossas cabeças. — O rapaz sabe que eu não o chamaria, se não fosse sua hora. Ele é o único que pode salvar meu povo.

Soltei-me do aperto de minha mãe.

— O único? Por quê?

A carranca de Urnalda aumentou.

— Isso direi quando estiver aqui a meu lado. Mas se apresse! O tempo é curto, muito curto. — A feiticeira fez uma pausa, avaliando suas palavras. — Só posso lhe dizer isto: neste dia, meu povo será atacado, como nunca antes.

— Por quem?

— Por alguém há muito esquecido... até agora. — Mais chamas saltaram da moldura. A madeira queimando estalou e chiou, quase abafando suas palavras. — O dragão Valdearg não dorme mais! Como sua ira, seu fogo arde. E eu falo a verdade, ah, sim! O dia mais escuro de Fincayra está sobre nós.

Enquanto eu tremia, as chamas subitamente desapareceram. Os restos queimados do meu instrumento giraram no ar por mais um instante, depois caíram sobre a grama e as folhas em rastros de fumaça. Todos nós recuamos para evitar a chuva de carvões.

Virei-me para Cairpré. Seu rosto tinha endurecido, como um rochedo escarpado; no entanto, exibia traços sombreados de medo. As sobrelhas rebeldes ergueram-se quando ele repetiu as palavras finais de Urnalda:

— *O dia mais escuro de Fincayra está sobre nós.*

— Meu filho — sussurrou Elen roucamente. — Não deve atender à exigência dela. Fique aqui, conosco, na Floresta Druma, onde é seguro.

Os olhos de Cairpré se estreitaram.

— Se Valdearg realmente despertou, então nenhum de nós está seguro. — Sombriamente, acrescentou: — E nossos problemas são ainda maiores do que Urnalda imagina.

Pisoteei com a bota um carvão em brasa.

— O que quer dizer com isso?

— O poema “O olho do dragão”. Não lhe mostrei minha transcrição? Levei mais de uma década para juntar os pedaços e preencher as lacunas... a maioria, pelo menos. Com todos os sapos e ratazanas! Eu planejava lhe mostrar, mas não tão cedo. Não dessa maneira!

Meu olhar baixou para os restos do saltério, nada mais do que pedaços de carvão e cordas enegrecidas no meio das folhas espalhadas pela grama. Perto de uma das raízes do carvalho, avistei um fragmento do cavalete. Ainda estava preso à parte de uma corda — a menor de todas.

Curvando-me, apanhei-a. Tão dura, tão inerte. Em nada se parecia com a tira flexível que eu havia segurado momentos antes. Sem dúvida, se eu tentasse dobrá-la agora, ela se despedaçaria em minhas mãos.

Ergui a cabeça.

— Cairpré?

— Sim, meu rapaz?

— Fale sobre esse poema.

Ele soltou um longo e assobiante suspiro.

— Receio que esteja cheio de buracos e de ambiguidades. Mas é tudo que temos. Não tenho certeza nem de que eu consiga me lembrar de mais

do que as últimas poucas linhas. E, aliás, você precisará saber mais, muito mais, se for, de fato, enfrentar o dragão.

Com o canto da minha visão, vi mamãe ficar tensa.

— Prossiga — insisti.

Fazendo o possível para não olhar para ela, Cairpré pigarreou. Então, com um golpe da mão, apontou para as distantes colinas carregadas de neblina.

— Longe, no distante norte, mais além do reino dos anões, ficam as terras mais remotas desta ilha... As Terras Perdidas. Agora estão calcinadas e recendendo a morte, mas outrora prosperaram com tanta exuberância quanto esta própria floresta. Videiras cheias de frutos, prados verdejantes, árvores antigas... Até Valdearg, último imperador dos dragões, baixar sobre elas. Porque os habitantes das Terras Perdidas haviam matado precipitadamente sua fêmea... e, de acordo com a maioria dos relatos, a única cria dos dois... ele atacou violentamente aquelas pessoas com a ira de mil tempestades. Torturou, pilhou e destruiu, sem deixar nenhum vestígio de qualquer coisa viva. Ele se tornou, para sempre, Asas de Fogo.

Cairpré fez uma pausa, olhando acima para os galhos do alto carvalho.

— Finalmente — continuou —, Valdearg levou essa raiva em direção ao sul, para o resto de Fincayra. Foi então que seu avô, Tuatha, empenhou-se em uma batalha contra ele, expulsando-o de volta para as terras devastadas. Embora a Batalha das Chamas Brilhantes tenha iluminado os céus por três anos e um dia, Tuatha finalmente levou a melhor, aquietando o dragão num sono encantado.

Olhei o fragmento do saltério em minha mão.

— Sono que agora terminou.

— Sim, e foi por isso que falei de “O olho do dragão”. Esse poema, sabe, conta a história da batalha deles. E descreve como Tuatha contou com uma

arma da magia, alta magia, para triunfar ao final.

— E qual foi? — perguntou Rhia.

Ele hesitou.

— Conte-nos — insistiu ela.

O poeta falou com suavidade, mas suas palavras soaram como um estrondo em meus ouvidos.

— O Galator.

Instintivamente, minha mão foi para o peito, onde a joia pendente, possuindo poderes tão misteriosos quanto sua estranha radiação verde, repousara havia muito tempo. Os olhos de Rhia, pude perceber, captaram meu movimento. E soube que ela também estava se lembrando de Galator — e da perda dele para a bruxa velha, Domnu, aquela ladra dos pântanos.

— O poema — continuou Cairpré — termina com uma profecia. — Sombriamente, ele estudou meu rosto. — Uma profecia cujo significado está longe de ser claro.

Sentou-se sobre uma raiz protuberante, o olhar focalizado em algo muito distante. Após um longo momento, começou a recitar:

Quando o olho de Valdearg se abrir,

Muitos vão se fechar:

O mais escuro dos dias vai vir

Com o mais profundo pesar.

Junto com o terror,

Que aumenta com a dor,

O desastre somente

Seguirá seu rastro novamente.

Com uma ira sem par

*E sem limite de poder,
O dragão vai vingar
O sonho que se deixou perder.
Pois, quando despertar,
E vir o sonho sem se concretizar,
Ele achará a vingança justa,
Sem se importar com quanto custa.*

*Veja! Nada lhe faz frente,
Exceto um oponente
De inimigos descendente,
Antigos combatentes,
Em terrível confronto,
Que lutaram de pronto,
O furor e a raiva antiga
Revividos nessa briga.*

*Porém oponente nenhum
Irá realmente prevalecer.
E os inimigos um por um
Irão todos esmorecer.
Na tentativa de conquistar
Eles vão perecer:
O olho do dragão vai se fechar,
E seu inimigo vai falecer.*

*Então o ar em água vai virar
E a água fogo vai se tornar;*

*Ambos os inimigos vão morrer
Por causa de um mais alto poder.
Então, quando houver a junção
Súbita dos elementos,
Será o fim do dragão,
E do flagelo não será o momento.*

A não ser o farfalhar das folhas do carvalho, não havia qualquer som na colina. Ninguém se mexeu, ninguém falou. Ficamos tão imóveis quanto os restos estorricados do meu instrumento musical. E silenciosos. Finalmente, Rhia veio na minha direção e envolveu seu dedo indicador no meu.

— Merlin — sussurrou. — Não entendo o que significa isso tudo, mas não gosto de como soa. Da sensação. Você tem certeza de que quer ir? Talvez Urnalda descubra um meio de deter o dragão sem você.

Franzi a testa, puxando minha mão.

— Claro que não quero ir! Mas ela me ajudou certa vez, quando precisei muito. E, em troca, prometi ajudá-la.

— Não a combater um dragão! — exclamou minha mãe, a voz exaltada.

Encarei a mulher que, momentos antes, estivera suficientemente feliz para cantar.

— Você ouviu Urnalda. Ela disse que sou o único que pode salvar seu povo. Por que, não tenho certeza, mas deve ter algo a ver com a profecia. Ninguém é capaz de derrotar o dragão, exceto uma pessoa... O tal *oponente de inimigos descendente*. Isso significa que sou eu, não entende?

— Por quê? — implorou ela. — Por que tem que ser você?

— Porque sou o único descendente de Tuatha, o único mago, de todos aqueles que devem tê-lo combatido através das eras, que, finalmente, o superou. Que o derrotou, pelo menos por algum tempo. — Bati no topo do

cajado.— E eu sou o único, ao que parece, que pode ter uma chance de fazer o resto.

Seus olhos de safira se embaçaram quando ela virou para Cairpré.

— Por que Tuatha não matou o dragão quando teve a chance?

Lentamente, o poeta passou ambas as mãos pelo cabelo.

— Não sei. Assim como não sei o que a profecia quer dizer com os sonhos perdidos do dragão. Ou o ar virando água e a água se fundindo com fogo.

Com esforço, ele desviou o olhar de Elen e se virou para mim.

— Mas o resto parece claro. Claro demais. Indica que você, receio, como inimigo de Valdearg... e o único capaz de evitar que ele reduza a cinzas a maior parte de Fincayra. Pois, assim que começar, ele não vai se satisfazer em dizimar apenas o reino dos anões, ou mesmo esta floresta. Sua ânsia será destruir tudo que puder. Por isso, Merlin, deve caber a você enfrentar o dragão, assim como o fez seu avô na Batalha das Chamas Brilhantes. Mas, dessa vez, o resultado será diferente. Dessa vez... vocês dois morrerão.

Ele engoliu em seco.

— Todos os bardos que conheço — continuou — entendem a importância desse poema. É por isso que passei tantos anos transcrevendo-o, tentando juntar todas as peças. Embora muitas permaneçam contestadas, nenhuma... nenhuma mesmo... discorda do resultado da batalha. *O olho do dragão vai se fechar, e seu inimigo vai falecer. Quem derrotar o dragão também morrerá.*

Ao mesmo tempo que enfiava de volta para sua manga uma vinha solta, Rhia o observava atentamente.

— Mas tem mais, não tem? Uma coisa importante sobre a qual os outros bardos não concordam com você?

Ele enrubesceu.

— Você tem o jeito de sua mãe de enxergar através de mim. — Ele apontou para a esfera, brilhando suavemente com luz laranja, pendurada no cinto trançado de Rhia. — Talvez tenha sido por isso que Merlin lhe deu o Globo de Fogo.

Pensativamente, Rhia alisou o Globo.

— A verdade é que ainda não tenho certeza do motivo por que ele me deu isto. — Olhou para mim. — Embora me sinta agradecida. Mas isso não importa agora. Conte-nos o resto.

O vento aumentou, chocalhando os galhos acima de nós como um guerreiro agita espada e escudo. As folhas farfalhavam a nossos pés, enquanto mais folhas, gravetos e lascas de casca de árvores rodopiavam para baixo. Senti no ar um toque de friagem invernal, embora meus dedos ainda ardessem com o calor do saltério incendiado.

Cairpré tirou da orelha um graveto recém-caído.

— Não tenho certeza absoluta sobre isso, mas acho que a chave para a profecia pode estar na obscura referência ao final: *Um mais alto poder*. O que quer que queira dizer, deve ser algo mais forte do que o dragão. E mais forte do que...

— Eu. Alguém cujo instrumento mágico nunca tocou uma única nota.

— Eu sei, meu rapaz. — Ele me observou, aflito. — Mas, mesmo assim, esse poder pode ser algo que você ainda seja capaz de dominar. E, se for o caso, talvez você possa usá-lo de alguma forma para superar o dragão.

— O que é? — exigi. — O que é capaz de ser mais poderoso que um dragão?

— Com todos os sapos e ratazanas, meu rapaz! Quem dera eu soubesse.

Rhia deu um tapa na coxa.

— Talvez seja o Galator! Afinal, sabemos que ele ajudou antes.

Afastei a ideia com um gesto.

— Mesmo que você esteja certa, não há tempo agora para tentar pegá-lo de volta. Está do outro lado da ilha. E Urnalda precisa de ajuda com urgência! Já vão ser necessários vários dias só para alcançar as fronteiras dela. Se ao menos o meu poder de saltar fosse forte o suficiente para me levar imediatamente até lá... Mas não é. — Rolei nos dedos a corda enegrecida. — E, agora, provavelmente nunca será.

Tristemente, sacudi a cabeça.

— Não, vamos torcer para que esse poder mais alto signifique outra coisa além de Galator. E que, de algum modo, eu consiga encontrá-lo.

Com a voz fraca, minha mãe protestou uma vez mais.

— Mas você não tem um plano.

— Não é nada incomum da parte dele — observou Rhia. — Ele vai tentar bolar um no caminho.

— Então, farei um plano para mim mesma — retrucou Elen sombriamente. — Rezar. E tentar não ficar de luto antes do tempo.

Cairpré soltou um longo suspiro.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Merlin? Ninguém poderá censurá-lo, se optar por permanecer aqui com a gente.

Meu olhar foi para a corda quebradiça e o fragmento de madeira em minha mão. E isso me lembrou do saltério. Minha fracassada tentativa de uma magia superior. Como poderia eu, com apenas o cajado e a espada para me ajudar, ao menos ter a esperança de desafiar um inimigo poderoso? Quanto mais o próprio Valdearg? Levantei a aba da minha bolsa de ervas curativas e objetos preciosos, comecei a despejar no seu interior os restos queimados — e então me detive. Por que eu devia guardar aquilo? Era inútil para mim, e para qualquer outra pessoa. Deixei que caísse de minha mão para o chão.

Ao mesmo tempo, a ponta do meu dedo, já dentro da sacola, roçou em algo macio. Uma pena. Sorri tristemente ao lembrar do bravo jovem falcão que me dera tanta coisa, inclusive meu nome. Que nunca fugira de uma batalha, nem mesmo daquela que acabou com sua vida.

Finalmente, minha cabeça se ergueu.

— Preciso ir.



UM CARRILHÃO DISTANTE

A mão de Cairpré limpou um par de folhas de meu ombro.

— Antes de ir, meu rapaz, deve levar isso com você.

Ele se abaixou para recolher a corda enegrecida do meu saltério que eu jogara fora. Cuidadosamente, retirou-a do meio das folhas e da grama a meus pés. Imóvel ali em sua palma aberta, ela parecia o enegrecido corpo retorcido de uma cobra — morta ainda na infância.

Empurrei sua mão.

— Por que eu iria querer isso?

— Porque você a fez, Merlin. Produziu-a com suas próprias mãos.

— É imprestável — escarnei. — Só vai me lembrar de que fracassei no teste.

Suas sobrancelhas emaranhadas subiram bem alto.

— Talvez sim. E talvez não.

— Mas você viu o que aconteceu.

— Vi, sim. *Com minha própria visão: Encontre um clarão, encontre um clarão!* — Empurrou para trás um pouco do cabelo que começava a embranquecer. — E vi que você não teve chance de tocar. Foi interrompido

por Urnalda antes que você... ou as cordas... pudessem fazer qualquer música. Não sabemos o que poderia ter acontecido se você tivesse terminado.

Olhei para as raízes nodosas do grande carvalho, onde eu trabalhara durante tantos meses para fazer o saltério. E para as ferramentas, de tantas formas e utilidades, que eu tinha finalmente aprendido a manejar.

— Mas agora nunca descobriremos. Você mesmo disse que eu nunca terei outra chance.

Lentamente, ele concordou com a cabeça.

— Para fazer um instrumento mágico, não. Mas é apenas possível, embora bastante improvável, que sua chance de tocar este aqui talvez ainda não tenha acabado.

— Sabe, ele pode estar certo — opinou Rhia, caminhando pelas folhas caídas. — Sempre há uma possibilidade.

Olhei-a, zangado.

— Não dá para fazer música com um carvão!

— Como é que você sabe? — rebateu Cairpré. — Você pode ter poderes que ainda não compreende.

— Poderes que nunca chegarei a usar... Com dragão ou sem dragão! — Irritado, arranquei de sua mão a corda queimada do saltério. — Olhe para isto! Você sabe tão bem quanto eu que, a não ser que um jovem mago consiga fazer fluir música de seu instrumento, seu crescimento... sua chance de se tornar, bem, *o que quer que fosse* que ele pudesse se tornar... já era.

Os olhos expressivos do poeta olharam-me por um longo momento.

— Sim, meu rapaz, isso é verdade. Porém há muito mais sobre tudo isso que nós... mais certamente eu... não entendemos.

— Lembra das folhas? — perguntou Rhia. — Mesmo antes de você começar a tocar, você estava atraindo coisas de todos os lados. Não apenas

folhas, mas coisas mágicas também. Até mesmo Urnalda! Talvez o saltério já estivesse começando a mostrar seu poder.

— Exatamente — acrescentou Cairpré. — E quem pode saber? Talvez aquele poder que atraiu todas as folhas, toda a magia, também estivesse atraindo algo mais. Algo que ainda não chegou, que está vindo para você mesmo agora.

Ceticamente, observei a corda retorcida e o que havia restado do cavalete.

— Não acredito que tenha restado alguma coisa nisto. Simplesmente não acredito. Mas... acho que não fará mal guardá-los por enquanto.

Ao enfiar os restos na bolsa, lancei o olhar em direção à minha mãe, parada em silêncio junto ao tronco do carvalho.

— Eu preciso realmente é de algo forte... Muito forte. Para me ajudar contra Valdearg.

Cairpré tocou meu braço.

— Eu entendo, meu rapaz. Acredite, eu entendo.

De repente, Rhia apontou para o céu.

— O que é aquilo?

O poeta ergueu os olhos — depois arqueou o corpo como se tivesse sido atingido por um porrete invisível. Como o resto de nós, avistou um par de asas negras, pontudas, emergindo de uma nuvem. E a boca vermelha cor de sangue revelando dentes enormes. Ou presas. Quando a forma circulou alto acima de nós, nos recolhemos na direção do Velho Carvalho.

— O dragão não! — implorou minha mãe, subindo numa enorme raiz. Então sacudiu a cabeça, ao ver a forma virar bruscamente para o lado. — Não, não, olhem! Não é grande o suficiente. É mais como um morcego gigante. Em nome de Dagda, o que é isso?

Cairpré fez um ruído de engasgo.

— Não pode ser! O último deles morreu eras atrás. — Esfregou a mão na despedaçada casca do carvalho. — Fiquem perto da árvore, todos vocês! Não se mexam, para que ele não nos veja.

— O que é isso? — Agarrei seu braço. — E por que sinto tanto medo, bem aqui dentro? Por mais do que nossas vidas juntas.

— Porque, Merlin, aquela coisa não veio por causa de nossas vidas, se bem que poderia facilmente acabar com elas. A coisa veio... por causa de seus poderes.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa mais, um guincho alto, perfurante, ecoou pelas colinas arborizadas. Espetou-me, cortando meu peito como uma espada de som. Em seguida, uma lufada invernal estapeou o carvalho, os galhos se debateram, gemendo e rangendo, enquanto mais folhas e bagas se espalhavam pela colina. Naquele instante, a fera alada rodou bruscamente no ar. Mergulhou abaixo, direto para nós.

Rhia arfou.

— Ele nos viu!

— O que é isso? — exige saber.

Cairpré forçou a vista para enxergar por entre os galhos ondulantes.

— Um kreelix! Alimenta-se de poder... da magia... dos outros.

Ele tentou se colocar diante de Elen, enfiando-a numa fenda do tronco.

Ela, porém, o empurrou.

— Esqueça de mim! — gritou ela. — Proteja *ele*.

Os olhos de Cairpré permaneciam fixos na criatura.

— Aquelas presas...

Horrorizado, encarei a forma escura descendente, aproximando-se a cada segundo. Já conseguia ver as três presas reluzentes. E a garras em forma de gancho projetando-se das bordas dianteiras das asas. Quase conseguia senti-las rasgando minha carne, minhas costelas, meu coração retumbante.

Pelo menos eu podia afastar a fera dos outros! Olhei abaixo para a espada, meio enterrada por folhas na base da árvore, mas me lembrei de repente de uma arma mais poderosa. Meu cajado! Puxei-o do cinto.

Cairpré segurou meu braço.

— Não, Merlin.

Soltei-me com um puxão. Segurando o cajado, pulei para fora do nó de raízes.

O guincho do kreelix rasgou o ar, abafando o próprio grito do poeta. No mesmo instante, a enorme sombra da coisa em forma de gancho desceu sobre o carvalho. A fera deslizou pelo topo da árvore, podando dezenas de galhos menores em sua passagem. Destroços choveram sobre mim.

Brandi minha arma, convocando todos os poderes embutidos em sua madeira. *Agora. Preciso de sua ajuda agora!*

O kreelix inclinou-se, rasgando o ar com suas asas. Então mergulhou na minha direção, a espessa pelagem marrom que cobria a cabeça e o corpo achatado pela força do vento. A boca abriu-se ainda mais, impelindo as presas para fora. Percebi que a criatura não tinha olhos — que, assim como eu, sua habilidade para enxergar vinha de alguma outra fonte.

Quando as três presas arquearam na minha direção, dei um passo para trás, batendo o calcanhar numa das raízes do carvalho. Embora lutasse para manter o equilíbrio, tombei para trás. O cajado voou de minha mão e rolou encosta abaixo.

Dei um impulso para me pôr de pé — quando minha mão bateu no cinto de couro da bainha. A espada! Agarrei o punho. Ao libertar a lâmina, ela repicou sutilmente, como um carrilhão distante.

Colocando-me de pé, mal tive tempo de erguer a espada antes do ataque do kreelix. Ele voou diretamente para mim, asas e voz chiando como uma coisa só. Agora eu conseguia ver as dobras cobertas de veias das orelhas, as

garras afiadas como adagas, as pontas rubras das presas. Sua sombra correu por sobre as árvores abaixo da colina, em seguida subiu a encosta relvada.

Fixando minhas botas, recuei. *Não me falhe, espada!* Preparei-me. *Você é tudo que se encontra entre nós e a morte.* Brandi.

Imediatamente, um resplendor de luz vermelha explodiu no interior da minha cabeça. Ao mesmo tempo, uma força poderosa bateu dentro de mim. No instante em que me jogava para trás, parecia alcançar bem dentro do meu peito. Para arrancar a força do meu corpo e a espada de minhas mãos. Girei no ar, incapaz de respirar. Com um baque surdo, aterrissei, rolei e parei.

Descobri-me de costas. Sobre a grama. E as folhas. Sim, pareciam folhas. Mas onde era esse lugar? Uma respiração curta, difícil. Ar, finalmente! Tentei me levantar, mas não consegui. As nuvens giravam acima de mim. E mais alguma coisa, alguma coisa mais escura do que uma sombra.

— Merlin, cuidado!

Embora não conseguisse saber se o grito veio de dentro ou de fora de mim, forcei-me a obedecê-lo. Debilmente, rolei para o lado. Uma fração de segundo depois, algo talhou o chão, errando por pouco minha cabeça. Repicou suavemente, como um carrilhão distante. Como... algo mais, algo de que eu não conseguia lembrar inteiramente.

Com esforço, sentei. Formas borradas, desconexas, deslizavam diante de mim. Um galho... Uma garra... Ou uma lâmina? O largo tronco de uma árvore — não, parecia mais com... Eu não tinha certeza. Por mais que tentasse, não conseguia focalizar. Não conseguia lembrar. Por que estava tão tonto? Onde era esse lugar, afinal?

Com grande esforço, concentrei-me na forma vermelha cor de sangue que crescia constantemente diante de mim. Tinha dois, não, três pontos

brilhantes em seu centro. Era redonda, ou quase redonda. Era oca, e muito funda. Era...

Uma boca! De repente, minha memória foi inundada. O krelax estava quase sobre mim! Encontrava-se na colina, de costas para o carvalho, as asas bem abertas. As presas cintilavam, assim como a espada que segurava num punho com garras. Minha própria espada!

Fiz um esforço para me pôr de pé, mas caí de volta no chão, exausto. A boca se aproximou. Tentei me afastar contorcendo-me. Meu corpo parecia mais pesado do que pedra.

Não restava força em meus membros. Nem em minha mente. A boca cavernosa começou a embaçar nas bordas. Tudo parecia vermelho. Vermelho cor de sangue.

Ouvi um estalido, como madeira se quebrando. O guincho perfurante surgiu novamente. Em seguida, silêncio — juntamente com escuridão total.



NEGATUS MYSTERIUM

Acordei e encontrei-me novamente sobre as folhas. Algo quebradiço e sem gosto estava preso à minha língua. Cuspi aquilo fora. Um graveto! Alguém — minha mãe — levantou sua cabeça do meu peito, onde ela parecera estar ouvindo. Lágrimas manchavam seu rosto, mas seus olhos de safira brilharam com alívio.

Delicadamente, ela alisou minha testa.

— Você acordou, finalmente. — Ela ergueu a vista para os galhos farfalhantes do carvalho e fechou os olhos em agradecimento.

Naquele instante, avistei logo atrás de minha mãe um par de imensas asas ósseas. O kreelix! Rolei para o lado, chocando-me contra ela com toda a força. Elen gritou, tombando encosta abaixo como uma maçã recém-caída de um galho. Com um único salto, me pus de pé. Embora estivesse tonto, coloquei-me entre ela e a temida fera.

Então me detive: o kreelix estava pendurado como um cachecol perdido, suspenso pelos galhos do carvalho. Ramos grossos, nodosos, enrolavam-se em volta de cada uma de suas asas, enquanto muitos outros mais pregavam o corpo peludo no tronco. Suas garras, antes tão ameaçadoras, balançavam

sem vida, enquanto sua cabeça pendia para adiante, obscurecendo as presas. Um profundo talho, manchado de sangue roxo, cortava de um lado a outro o pescoço.

— Não se preocupe. — A mão de Cairpré pousou no meu ombro. — Ele está morto.

Minha mãe chegou esbaforida atrás de nós.

— Eu também estou, quase.

Virei-me.

— Desculpa. Pensei que...

— Eu sei o que você pensou. — Ela forçou um sorriso, ao mesmo tempo que esfregava um machucado no ombro. — E estou feliz em saber, sem sombra de dúvida, meu filho, que sua força voltou.

Voltei-me novamente para o kreelix acortinado contra a árvore.

— Como...? — comecei. — Mas... Ele estava... Como?

— Eu adoro gente que faz perguntas claras. — Rhia emergiu de trás do tronco, sorrindo com atrevimento para mim. Na mão, tinha minha espada, reluzindo aos dispersos raios de sol da colina. Juntou a bainha do chão, enfiou nela a lâmina e as entregou para mim. — Achei que você ia preferir sua espada sem todo aquele sangue. Aquela cor roxa horrível. Me lembra um peixe morto.

Percebendo a confusão no meu rosto, ela olhou para Cairpré e Elen.

— Suponho que devemos colocá-lo a par. Caso contrário, ele vai passar o dia todo fazendo perguntas incompletas.

— Digam! — rugi. — Que diabos aconteceu? Comigo... e com aquele verme alado que está ali?

A cabeça de Cairpré balançou.

— Eu tentei alertá-lo. Tudo aconteceu depressa demais. Sabe, um kreelix vive de magia. Come-a. Ele a suga direto de sua presa, assim como uma

abelha tira o néctar de uma flor. Tendo em vista que eu, como todo mundo, achava que o último kreelix morreu séculos atrás, nunca me preocupei em lhe falar sobre eles. *Grande mancada, dor piorada*. Um tutor melhor lhe teria ensinado que a única maneira de combater um... como, receio, os magos de antigamente aprenderam pelo modo mais difícil... é usando a astúcia. Indiretamente. A pior coisa que você pode fazer é enfrentá-lo diretamente, expondo toda a sua magia.

— Como eu fiz. — Afivelando a espada, sacudi a cabeça. — Não faço ideia do que me atingiu. Houve um clarão de luz vermelha... Então pareceu que toda a minha força, toda a minha vida foi arrancada. Até mesmo minha segunda visão pareceu estropiada.

Os olhos sob as cerradas sobranceiras olharam-me solenemente.

— Poderia ter sido pior. Muito pior.

Tentei engolir saliva, mas minha garganta parecia mais áspera do que a casca do carvalho.

— Você quer dizer que eu poderia ter morrido. E por que não morri naquele instante?

Ele estendeu a mão e tocou no meu pulso. A princípio, nada notei. De repente, reparei no furo, plano e redondo, na manga da minha túnica. Um fino anel de carvão o circundava. Algo parecia ter derretido — e não rasgado — o tecido.

— A presa — declarou ele — atingiu aqui. Um dedo a mais para o lado e você teria morrido. Sem a menor dúvida. Porque mesmo o menor contato com a presa de um kreelix destruirá o poder, assim como a vida, de qualquer criatura mágica. Não importa sua força ou tamanho.

Pensativamente, ele passou a mão pela cabeleira.

— Era por isso que os antigos magos e feiticeiras tentavam a todo custo evitar batalhas cara a cara. Principalmente com armas que continham sua

própria magia, o que simplesmente dava aos kreelixes algo mais para se banquetear.

— Como a minha espada aqui.

— Sim, ou como a grande espada Cortefundo que você resgatou algum tempo atrás. Uma das lendas mais antigas da ilha diz que Cortefundo foi escondida, enterrada em algum lugar, por mais de cem anos... para que nenhum kreelix pudesse encontrá-la. — Ele mordeu o lábio. — Agora você entende, meu rapaz, por que não quis que você manejasse seu cajado. Pois ele carrega, desconfio, mais magia do que uma dezena de Cortefundos.

Olhei na direção do cajado mágico caído entre as folhas.

— Como então os magos combatiam os kreelixes, se não podiam fazer isso cara a cara?

— Isso eu não sei. Mas posso lhe prometer uma coisa: eu pretendo descobrir. — Seus olhos se estreitaram. — Para o caso de ter sobrado mais algum.

Empalideci.

— Então como deteve esse aí?

Ele olhou agradecido para o Velho Carvalho.

— Graças ao seu amigo ali. E à sua talentosa irmã.

Imediatamente, entendi.

— Rhia! Foi você! Usando a linguagem das árvores! Você falou com o carvalho, e ele apanhou o kreelix por trás.

Rhia ergueu os ombros com indiferença.

— E também quase em cima da hora. Da próxima vez que você tentar se matar, pelo menos nos dê um pequeno aviso.

Mesmo sem intenção, sorri.

— Farei o possível. — Em seguida, enquanto olhava para a gigantesca forma tipo morcego que pendia dos galhos, o sorriso desaparecia. — Mesmo

uma árvore tão poderosa quanto essa não teria conseguido deter qualquer criatura capaz de reagir com magia. Por que o kreelix não fez isso? Certamente, se ele vivia da magia dos outros, devia ter a sua própria.

— Magia? — Cairpré coçou o queixo pensativamente. — Não da maneira como a conhecemos. Mas ele possuía algo. O que os antigos chamavam de *negatus mysterium*, aquela estranha habilidade de negar, ou engolir, a magia de outros. Aquele foi o clarão de luz vermelha: *negatus mysterium* sendo lançado. Se é dirigido a você, pode entorpecer parte da sua magia, pelo menos temporariamente. Mas não mata. Essa parte é trabalho das presas.

Ele juntou um punhado de folhas, depois deixou-as cair de volta para o chão.

— Mas os próprios poderes do kreelix terminaram aí. Saltar, Mudar, Atar... todas as habilidades que você tentava desenvolver... a própria fera não conseguiria dominar. Por isso, ele não teve nenhum poder para reagir quando foi apanhado pela árvore.

Aponte para o corpo.

— Ou impedir que você usasse minha espada para acabar com ele.

— Não — respondeu Rhia, o rosto anuviado. — Antes que qualquer um de nós conseguisse pegar a espada, o kreelix usou-a em si mesmo.

Cairpré assentiu.

— Talvez ele nos temesse tanto que preferiu cortar a própria garganta antes que nós o fizéssemos. Ou talvez — acrescentou soturnamente — seu temor fosse que pudéssemos aprender algo importante se ele vivesse.

— Como o quê?

— Como quem o manteve vivo e escondido durante todos esses anos.

Lancei-lhe um olhar interrogativo. O rosto do poeta, já circunspecto, ficou ainda mais sombrio. Dedilhou o ar, como se virasse páginas de um

livro que só ele conseguia ver.

— Antigamente — falou quase sussurrando —, havia pessoas que temiam qualquer coisa mágica, desde uma simples luz passageira ao mais poderoso mago. Viam a magia como mal. E, muito frequentemente, magos e feiticeiras abusavam de seus poderes, justificando tais temores. Aquelas pessoas formaram uma sociedade que se reunia secretamente, tramando para destruir a magia onde quer que a encontrassem. Clã Virtuoso era como chamavam a si mesmos. Usavam um emblema, a maior parte do tempo escondido, de um punho esmagando um raio.

Ele bateu o próprio punho na palma.

— Finalmente, começaram a criar os kreelixes, feras tão antinaturais quanto seu apetite. E também a treiná-los... para atacar sem aviso pessoas encantadas, para remover completamente quaisquer poderes mágicos. Mesmo se os kreelixes morressem nesse processo, suas vítimas geralmente também tinham o mesmo fim.

Ele me olhou expressivamente.

— Os alvos favoritos deles, receio, eram jovens feiticeiros como você. Aqueles cujos poderes ainda estavam apenas amadurecendo. Um kreelix era designado para observar cada um deles, permanecer escondido até o exato momento em que esses poderes começassem a emergir. Poderia ser o primeiro Mudar do jovem, o primeiro triunfo numa batalha... ou o primeiro instrumento musical. Naquele momento, a fera desceria rapidamente do céu, na esperança de evitar que o jovem mago ou a jovem feiticeira se desenvolvesse.

Ao ver a expressão soturna de Elen, ele fez uma careta.

— Este, realmente, é o dia mais escuro de Fincayra.

Encolhi-me, como se a sombra do kreelix tivesse pairado novamente sobre mim. Eu sabia agora que, quem quer que tivesse enviado aquela coisa,

o fizera por um único motivo em particular. Para me destruir. Para evitar que eu usasse quaisquer poderes que eu tivesse. Ou — seria possível? — para evitar que eu enfrentasse Valdearg.



DUAS METADES DO TEMPO

Incapaz de dormir, eu rolava de um lado a outro da cama de agulhas de pinheiro. Tentei enfiar o braço debaixo da cabeça, juntar a túnica debaixo dos joelhos ou olhar fixo para a espessa teia de galhos acima de mim. Tentei pensar na névoa noturna infiltrando-se entre os renques de árvores ao pôr do sol; ou no mar iluminado pelas estrelas, cintilando com milhares de olhos sobre as águas.

Nada ajudou.

Novamente rolei de um lado a outro. Ai! Uma pinha golpeou minha nuca. Empurrei-a para o lado, aninhei o ombro mais fundo nas agulhas e, novamente, tentei relaxar. Descansar, pelo menos um pouco. Ir além das dúvidas, das perguntas — tão vagas que não conseguia colocá-las em palavras — que me cutucavam como uma agulha de pinheiro na mente.

Inspirei fundo. A fragrância de pinho, doce e forte, me envolveu como um cobertor invisível. Esse cobertor, porém, carecia de aquecimento suficiente para repelir o ar gelado da noite. Tremi, sabendo que, em pouco tempo, a primeira neve cairia naquela floresta.

Outra inspiração funda. Normalmente o cheiro de pinho me acalmava imediatamente. Talvez me recordasse os dias mais tranquilos de minha infância, muito antes que partes de minha vida começassem a se deslocar como seixos de rio debaixo de meus pés.

Naqueles dias, eu geralmente subia na mesa de ervas medicinais de minha mãe. Às vezes, simplesmente a observava peneirar e espremer, enquanto os magníficos aromas enchiam meus pulmões. Outras vezes, entretanto, eu misturava minhas próprias combinações, mesclando quaisquer cores e texturas que me agradassem. O tempo todo — os cheiros! Tomilho. Raiz de faia. Alga marinha. Hortelã-pimenta (tão forte que uma cheirada fazia arregalar meus olhos e arrepiar o couro cabeludo). Alfazema. Semente de mostarda, direto do prado. Aneto — que sempre me fazia espirrar. E, é claro, pinho. Adorava esmagar as agulhas, para que meus dedos cheirassem durante horas como um ramo de pinheiro.

Por que, então, esta noite, fizeram tão pouco por mim? Elas apenas furaram meus ombros, minhas costas e minhas pernas como uma porção de pequenas adagas. Enrolando-me como uma bola, tentei novamente relaxar.

Alguma coisa me cutucou no meio das costas. O pé de Rhia, sem dúvida. Talvez ela também estivesse com dificuldade para dormir.

Outra cutucada.

— Rhia — rosnei, sem me preocupar em virar de lado. — Não bastou você ter insistido em me seguir... — Fiz uma pausa, corrigindo-me antes que ela o fizesse. — Isto é, guiar, sabendo que isso tornaria as coisas mais difíceis para nossa mãe? Não precisava, além disso, vir aqui me chutar.

Novamente — dessa vez, mais forte.

— Está bem, está bem — admiti. — Sei que prometeu a ela que voltaria para às terras de Urnalda. E, sim, concordei com a ideia! Mas concordei

porque você poderia me poupar meio dia ou mais. Não porque me manteria acordado a noite toda!

Quando senti outra cutucada, virei-me e, furiosamente, agarrei...

Um ouriço. Pouco maior do que meu punho, ele se enroscou ainda mais, enterrando a cabeça numa massa de cerdas. Constrangido, esbocei um sorriso amarelado. Pobre animalzinho! Claramente estava apavorado. Provavelmente, com frio também.

Examinei a bola espinhosa. Embora não conseguisse ver seu rosto, reconheci as pintas mais escuras de um macho. Era bem provável que tivesse apenas meses de vida. O camarada podia estar perdido, ter se separado da família. Ou simplesmente estar sentindo tanto frio que abandonou qualquer cautela pelo calor de minhas costas.

Apoiando sua barriga na minha palma, comecei a alisar delicadamente ao longo de sua espinha. Embora no ano anterior eu tivesse aprendido bastante sobre a linguagem das árvores (tendo ido bem além do simples ruge-ruge de faias, eu agora conseguia levar um papo rudimentar com um olmo ou mesmo um carvalho), continuava sem saber praticamente nada sobre a linguagem dos animais. Ainda assim, consegui produzir um pipilante *yik-a-lik*, *yik-a-lik*, que, certa vez, ouvi uma mãe ouriço cantar para sua cria.

Bem lentamente, enquanto eu continuava alisando, a bola começou a desenroscar. Primeiro vieram as duras almofadas plantares das patas traseiras, cada qual menor do que a unha do meu polegar. Depois, as patas dianteiras. Então a barriga, inchando como uma bolha negra num pântano de turfa. Enfim, emergiu um olho, depois o outro, mais escuros do que as sombras da noite que nos envolvia. Finalmente, veio o nariz, farejando a pele do meu polegar. Quando o alisei mais vigorosamente, ele soltou um fraco suspiro gutural.

Rhia adoraria aquele bichinho. Mesmo se eu resolvesse acordá-la — admitindo minha própria insensatez. Já podia ouvir sua gargalhada, que parecia um sino, quando eu lhe contasse que o havia confundido com seu pé.

Sentando na cama de agulhas, dirigi minha segunda visão em direção ao bando de samambaias onde ela tinha caído no sono. Subitamente, meu coração gelou. Ela sumira!

Colocando o ouriço no chão, ignorei sua choradeira queixosa, ao me pôr de pé. Minha segunda visão ampliou-se ao máximo, observando por entres os galhos sombrios e troncos escuros do bosque. Aonde ela tinha ido? Por ter caminhado com ela muitas vezes, eu estava acostumado às suas perambulações durante o dia, para apanhar comida, seguir as pegadas de um cervo ou mergulhar na água fria de um pequeno lago nas montanhas. Mas ela nunca tinha deixado o acampamento durante a noite. Teria algo aguçado sua curiosidade? Ou... lhe feito mal?

Coloquei as mãos em concha em volta da boca.

— Rhia!

Nenhuma resposta.

— Rhia!

Nada. A floresta parecia excepcionalmente quieta. Nenhum galho estalava ou gemia; nenhuma asa batia. Apenas a contínua choradeira do ouriço quebrava o silêncio.

Então, de algum lugar mais além das samambaias, veio uma voz familiar.

— Você precisa gritar tão alto? Vai acordar cada coisa viva que existe na floresta.

— Rhia! — Agarrei o cajado, a espada e a bolsa de couro. — Onde, em nome de Dagda, você está?

— Aqui em cima, é claro. Aonde mais você acha que eu iria para ver as estrelas?

Afivelando o cinturão da espada, disparei para o banco de samambaias. A cada vez que eu me abaixava para evitar os galhos do pinheiro, um membro denteado agarrava minha túnica. De repente, as árvores se separaram. Uma brisa gelada estapeou meu rosto. Eu estava à beira de um pequeno prado repleto de pedras.

À minha esquerda, uma fonte borbulhava do chão, formando uma poça circundada por juncos. Ao lado, estendia-se um bloco de pedra plana orlado de musgo. Ali, sentada, com os braços em volta das canelas e o rosto voltado para cima, estava Rhia.

Ao me aproximar, quaisquer frustrações que eu fomentava desapareceram. Ela parecia tão em paz, tão à vontade. Como poderia censurá-la? Pousei o cajado na pedra, sentei-me a seu lado — e observei.

Estrelas, uma constelação delas, se arqueavam acima de nós. Como cantoras num magnífico coral celestial, elas marchavam pelo céu, encadeadas através de braços de luz. Isso me lembrou da frase gravada na parede da grande árvore que era o lar de Rhia — e também em minha memória: *a grande e gloriosa Canção das Estrelas*.

Rhia continuou vasculhando o céu, seus cachos cintilando com a luz das estrelas.

— Você não conseguiu dormir? Eu também não.

— Mas você encontrou um meio melhor para passar a noite do que eu. Eu estava rolando de um lado a outro sobre agulhas de pinheiro.

— Olhe ali! — exclamou ela, apontando para uma estrela cadente. Ela brilhou intensamente por um instante, depois sumiu rapidamente. — Sempre fiquei imaginando — disse ela, matutando — se uma estrela como aquela cai em algum lugar em nosso mundo ou no de outras pessoas.

— Ou num rio mais além — sugeri. — Um rio grande, circular, que carrega a luz de todas as estrelas, derramando-se interminavelmente em si

mesmo.

— Sim — sussurrou ela. — E talvez esse rio seja também a junção de duas metades do tempo. Lembra-se daquela história? Uma metade sempre começando, a outra metade sempre encerrando.

Apoiando os cotovelos na pedra, inclinei-me ainda mais para trás.

— Como poderia esquecer? Você me contou isso na mesma noite em que mostrou como encontrar constelações não apenas nas próprias estrelas, mas nos espaços *entre* estrelas.

— E você me falou sobre aquele cavalo... Como era mesmo o nome?

— Pégaso.

— Pégaso! Um cavalo alado, pavoneando-se de estrela em estrela. Com você agarrado em suas costas. — Ela gargalhou, como sinos repicando na floresta. — Como eu gostaria de voar dessa maneira!

Sorri.

— Isso me recorda a emoção... a liberdade... da minha primeira vez sobre o dorso de um cavalo.

— É mesmo? — Pela primeira vez, desde minha chegada, ela desviou o olhar da vista resplandecente. — Quando você andou a cavalo?

— Faz muito tempo. Muito tempo atrás! Foi um grande garanhão negro, que pertencia ao nosso... pai. — Não contei o resto: isso foi antes de Rhita Gawr corrompê-lo, enchendo-o com um espírito cruel de cobiça para controlar Fincayra. Aquelas palavras ainda deixavam um gosto detestável em minha boca. — Não me lembro muito daquele cavalo, exceto que adorei montá-lo... com alguém me segurando, é claro. Eu era tão pequeno... Mas adorei o som de seus cascos embaixo de mim, martelando, martelando. E o bafo quente das suas narinas! Todas as vezes que o visitava no estábulo do castelo, eu lhe levava uma maçã, só para poder sentir sua respiração quente em minha mão.

Ela tocou delicadamente no meu ombro.

— Você amou mesmo aquele cavalo.

Suspirei.

— Agora está tudo obscuro. Talvez eu fosse novo demais. Nem me lembro de seu nome.

— Talvez isso lhe ocorra num sonho. Às vezes, acontece. Sonhos são capazes de trazer de volta o passado.

Meus dentes se apertaram quando pensei no único sonho que me trouxe o passado. Várias e várias vezes, repetidamente. Como eu odiava aquele sonho! Ele atacava em momentos imprevisíveis — mas sempre me levava ao mesmo lugar. Mais além da bruma que envolvia Fincayra, através do mar, até uma andrajosa aldeia na terra chamada Gwynedd. Ali, um poderoso menino — chamado Dinatius — me atacou. Furioso, convoquei meus poderes ocultos e originei um incêndio, um incêndio que explodiu no próprio ar. Que labareda! Ela chamuscou meu rosto, queimando a pele das faces e da testa. Perdi a visão naquelas chamas — enquanto Dinatius, receio, perdeu a vida.

O sonho terminava sempre da mesma maneira: Dinatius berrando em agonia mortal, os braços esmagados debaixo de um galho de árvore em chamas. Eu também sempre acordava da mesma maneira. Soluçando, apertando meus olhos sem visão. Sentindo a dor daquelas chamas. E o que tornava o sonho pior era o fato de ser verdade.

Enquanto eu tremia, Rhia enroscou um de seus dedos no meu.

— Sinto muito, Merlin. Não pretendia transtorná-lo. Estava pensando... no dragão?

— Não, não. Apenas nos meus dragões particulares.

Ela soltou meu dedo e percorreu com a mão a áspera superfície da pedra.

— É o pior tipo.

Engoli em seco.

— Realmente o pior.

— Às vezes, esses dragões são diferentes do que parecem.

— Como assim?

Ela me olhou diretamente.

— O Galator. Você sabe que ele poderia ajudá-lo a derrotar Valdearg. Ora, poderia ser sua única chance! Por que, então, não vai primeiro atrás dele? Antes do confronto?

Minha face esquentou.

— Porque não dá tempo! Ora, você ouviu...

— É só isso? — interrompeu ela. — Seu único motivo?

— Claro que é!

— Mesmo?

— Claro! — Bati na pedra com o punho. — Você não acha que estou fazendo isso porque estou com medo de...

— Sim? — perguntou delicadamente.

— De Domnu. — Encarei-a, espantado. De que modo ela poderia ter sabido? Só pensar naquela velha bruxa traiçoeira me fazia tremer. — Cairpré tinha razão. Você é realmente capaz de enxergar através das pessoas.

— Talvez — rebateu ela. — Às vezes, é mais fácil ver os dragões de outra pessoa do que os seus próprios, só isso. E, com relação a esse, não sei se você deve ir ou não direto para as terras de Urnalda. O tempo é curto, como você disse. Mas sei que está com medo de Domnu. Muito medo. E precisa saber que isso está afetando seu modo de pensar. E, mais do que provavelmente, seu sono.

Não pude deixar de sorrir.

— Você é um monte de encrenca, sabe. Mas, de vez em quando... quase vale a pena.

— Obrigada — disse ela, retribuindo o sorriso.

Minha testa franziu.

— Contudo, ainda acho que deveria ir direto a Urnalda. Há a promessa que lhe fiz, e ela está precisando de ajuda agora. Lembra das palavras? *Neste dia, meu povo será atacado como nunca antes.*

— Se você, de algum modo, conseguir ajudá-la, ela não parece ser do tipo de pessoa que vai lhe agradecer.

— Ah, vai sim... a seu modo. Sim, ela é grossa. E se irrita facilmente. Mas pelo menos dá pra confiar nela. Não é como Domnu! Tudo que Urnalda quer realmente é manter seu povo em segurança. — Refleti por um momento. — Mesmo se eu conseguisse recuperar o Galator, não o faria de modo algum a tempo de ajudá-la. Além disso, nunca descobri como ele funciona. Então, mesmo que eu conseguisse algum jeito de tirá-lo de Domnu, em quão melhor situação eu estaria?

Olhei para o mar de estrelas acima de nós.

— Também tem o seguinte: talvez Urnalda saiba algo sobre o dragão que possa ajudar. Da mesma maneira que Galator ajudou a vencer a última batalha. Ela, afinal de contas, é uma feiticeira.

Meu olhar encontrou o de Rhia.

— E, finalmente, tem mais uma coisa. — Inspirei lenta e demoradamente. — Tenho medo de Domnu. Tanto quanto tenho daquele dragão.

Faíscas dançaram sobre a cabeça de Rhia, enquanto ela assentia compreensivamente.

— O nome dela... o que significa?

— Destino Sombrio. Isso é tudo que alguém precisa saber a seu respeito! Ela convoca magia tão antiga que até mesmo os espíritos mais poderosos...

Rhita Gawr ou o próprio Dagda... a deixam em paz. Por mais que gostasse de vê-la humilhada, é exatamente o que eu vou fazer.

Nesse momento, meu cajado deslizou para fora da pedra. Estendi a mão para o meio do capim, para apanhá-lo — quando alguma coisa picou as costas da minha mão. Dei um pulo, assustando tanto Rhia que nós dois quase caímos.

Naquele instante, comecei a rir. Baixei a mão para o capim. E apanhei o pequeno ouriço, alisando suas costas espinhenta.



PEDRA CIRCUNDADA

Durante a maior parte do dia seguinte, caminhamos na direção norte através da Floresta Druma. Graças ao conhecimento de Rhia sobre as trilhas escondidas feitas por patas de raposas e cascos de cervos, percorremos uma boa distância. E rapidamente. Apenas duas vezes nossa velocidade diminuiu: ao atravessarmos uma espessa extensão de sarça espinhosa, em alguns lugares da altura de nossos quadris, que rasgaram nossas roupas e arranharam nossas canelas; e ao escalarmos um contraforte rochoso cuja face sombreada está sempre coberta por uma lisa camada de gelo.

Na maior parte do tempo, porém, o ritmo incansável de Rhia me deixava sem fôlego. Ela subia morros, saltava sobre regatos e corria sem o menor esforço através de clareiras de carvalho, faia e cicuta. Parecia até ser, ela mesma, metade corça, enquanto eu lutava para acompanhá-la. Sempre que ela avistava algum cogumelo de cheiro penetrante ou bagas doces, eu me sentia duplamente agradecido — pois essas coisas matavam nossa fome e também nos davam a chance de parar.

Mas nunca reclamei do nosso ritmo. O urgente apelo de Urnalda ainda ressoava nos meus ouvidos. O tempo se apoiava sobre mim tão pesadamente

quanto uma árvore caída. E se ao menos eu conseguisse chegar lá mais depressa! Se ao menos eu tivesse uma ideia melhor do que fazer quando chegasse lá.

Cedo, naquela tarde, entramos num bosque de cedros que contornava a base da encosta de uma colina. De repente, o vento ficou mais forte. Galhos eram sacudidos violentamente, batendo e quebrando-se. Troncos torceram-se e gemeram. Rhia parou, escutando atentamente a cacofonia à nossa volta, parecendo mais sombria a cada minuto.

Finalmente, se virou para mim.

— As árvores... Nunca as ouvi tão agitadas assim.

— O que estão dizendo?

— Voltem! Não param de dizer *o garoto com o cajado de mago vai...* — fez uma pausa, segurando a língua. — *Vai morrer. Tão certo quanto um broto envolto em chamas.*

Encolhi-me, tocando as cicatrizes recentes do meu rosto.

— Mas não posso voltar. Se não enfrentar Valdearg, então você e todos os demais, incluindo cada árvore desta floresta, terão de enfrentá-lo. A Druma será um cemitério. — O odor acentuado do cedro formigou minhas narinas. — Mas, se eu tiver de morrer, só desejo...

Parei, ouvindo o estalar e o ranger das árvores.

— Ter a certeza de que também o abaterei.

Os olhos azul-acinzentados de Rhia se estreitaram, mas ela nada disse.

— A questão — falei com gravidade — é como. Não estou pronto para lutar com um dragão. Muito menos abater um! E, provavelmente, nunca estarei. Não depois do que aconteceu... lá no carvalho. Não, eu continuo sendo apenas *o garoto com o cajado de mago*. E não um mago de verdade.

Um galho se quebrou bem acima de nós, lascando-se ao se chocar com o chão aos nossos pés. Mordendo o lábio, Rhia virou-se para ir embora.

Enterrado em meus pensamentos, fui atrás dela.

Em pouco tempo, o som de nossas botas esmagando o solo pantanoso substituiu o lamento dos galhos. Poças revestiam cada caminho. Árvores surgiam cada vez mais esparsas, exceto pelos embranquecidos esqueletos daquelas cujas raízes tinham sido afogadas havia muito tempo. Aves aquáticas piavam em meio à névoa que se erguia, enquanto os primeiros vestígios de um cheiro podre corrompiam o ar.

Virei-me para Rhia, enquanto caminhávamos.

— Este é o grande pântano da extremidade norte da Druma? Ou é um diferente?

Ela apoiou a bota de casca de árvore trançada sobre um monte de turfa, para testar sua firmeza antes de caminhar por ali.

— É parte do grande pântano. Porém mais do que isso não sei dizer. Estamos muito mais distante a leste do que o trecho que normalmente atravesso, pois segui a rota mais direta. Achei que isso nos pouparia algum tempo. — Sua voz ficou mais fraca. — Espero estar certa.

A lama sugou minhas botas.

— Eu também.

O pântano, eu sabia, não era a única terra traiçoeira adiante. Quando chegássemos do outro lado, encontraríamos as ravinas repletas de névoa das pedras vivas. Eu ouvira histórias demais de viajantes cujas pernas, braços ou cabeças tinham sido subitamente removidos de seus corpos, esmagados por mandíbulas de pedra. Nem conseguia sacudir a lembrança da ocasião em que os lábios de uma pedra viva quase engoliram minha mão.

Começamos a chapinhar através do trecho inundado, passando por cima de troncos e galhos apodrecidos. Quando chegamos a um denso fragmento de capim, o sol já havia desaparecido atrás de uma coberta de nuvens. Olhei

acima do ombro em direção ao poente. Rhia olhou na mesma direção, depois para mim.

— As nuvens estão se juntando, Merlin. Esta noite, não haverá estrelas para nos guiar. Se não chegarmos ao outro lado antes do anoitecer, teremos de confiar na sua segunda visão para acharmos nosso caminho.

Inspirei fundo, embora o ar rescendesse a coisa podre.

— Não é isso que me preocupa. É o que vive neste pântano. E o que se move após escurecer.

Silenciosamente, continuamos a caminhada, patinando com água até os joelhos. Na luz mortiça, estranhos sons começaram a borbulhar para cima do brejo. De um dos lados veio um suave, irregular zunido; de trás de nós, um súbito esguicho — embora nada víssemos quando nos viramos. Então, um *crec* e um grito de dor, como se o crânio de alguém tivesse sido partido. Logo depois, as turvas névoas ecoaram um lamento distante.

Sem aviso, algo passou deslizando pela minha canela. Dei um salto, deixando para trás minha bota no processo. Fosse o que fosse, sumiu rapidamente, mas perdemos vários minutos extraíndo a bota imunda de lama.

O pôr do sol chegou e prosseguiu sem qualquer mudança na escuridão. À medida que o crepúsculo nos envolvia, os sons malucos aumentavam. De repente, Rhia tropeçou, caindo numa poça fedorenta. Quando ela saltou para fora, vi uma enorme sanguessuga, do tamanho do meu antebraço, subindo pelas folhas gotejantes de suas costas. A criatura se contorcia na direção do pescoço. Com um golpe do meu cajado, tirei-a de lá. O bicho soltou um silvo agudo antes de pousar na água com uma pancada.

A luz desaparecia gradualmente. Comecei a sondar com o cajado para nos ajudar a evitar fossos de areia movediça — ou o que quer que fosse que se movia furtivamente nas profundezas. Continuamos patinando, tentando

sempre seguir rumo ao norte. Mas como poderíamos continuar nos orientando sem sol, lua ou estrelas? Cada passo em falso, cada desvio de rota, tinha seu preço. Simplesmente permanecer juntos se mostrava difícil a cada minuto.

Na crescente escuridão, formas estranhas, enroscando-se e contorcendo-se, erguiam-se do pântano. A princípio, tentei me convencer de que não passavam de gases que surgiam borbulhando lá do fundo. Ou sombras — um truque da luz declinante. As formas horripilantes, porém, não se movimentavam como gases. Ou sombras. Elas se movimentavam... como coisas vivas.

As formas começaram a suspirar, quase lamentando. Então surgiram repentinos gritos de angústia — gritos que atingiam meus ouvidos como pingentes de gelo. Quanto mais nos apressávamos, mais as formas se aproximavam. Dedos, ou o que pareciam sê-los, agarraram minha túnica. Esquivei-me deles, quase tropeçando no processo.

Nesse instante, perto da escuridão total, localizei um indistinto contorno em declive adiante. Mas o alto monte em seu centro parecia tão redondo quando a traseira de uma grande tartaruga. Uma ilha! Embora as formas retorcidas atrapalhassem minha visão, a ilha parecia desprovida de vida.

— Rhia! — chamei. — Uma ilha!

Ela parou.

— Tem certeza?

— É o que parece.

Ela saltou para o lado para evitar uma das formas.

— Vamos lá, então! Antes que essas coisas... sai daqui!... nos afoguem na lama.

Segurando-a pelo cotovelo, corri adiante. As formas contorceram-se mais freneticamente, rodopiando à nossa volta, mas nos esquivamos. Finalmente,

chegamos à beira da ilha. Enquanto prosseguiam os gritos lamentosos, caminhamos com dificuldade pela costa, deixando as sinistras formas para trás.

A escuridão total nos envolveu ao escalarmos mais alto. Apesar do som de trepadeiras esmagadas debaixo de nossos pés, a terra parecia razoavelmente seca. E sólida. Com minha segunda visão, vasculhei a área. Apenas o imponente monte, meditativo e misterioso, quebrava a plana superfície da ilha.

— Nada vive aqui — observei. — Nem mesmo um lagarto. Bem, o que você acha?

Rhia, exausta, esticou as costas.

— Não sei. Só estou contente por aquelas *coisas* não estarem aqui.

Aproximei-me do monte. Era, percebi, uma grande pedra, da altura de um jovem pé de carvalho. Gelei.

— Não há pedras vivas por aqui, há?

— Não. Elas ficam em terras mais altas, nas colinas mais além. Aqui, no pântano, temos outras criaturas com que nos preocupar.

Cautelosamente, cheguei mais perto da pedra. Bati nela com o cajado. Uma lasca de musgo se soltou, rodopiando preguiçosamente para o chão. Coloquei a mão na superfície, apoiando-me nela até me certificar de sua solidez. Sua pedregosidade.

— Bom, está tudo bem — declarei. — Mesmo assim, ainda parece estranho... Uma pedra imensa, pousada sozinha no meio de um pântano como este. Como se alguém a tivesse colocado aí por algum motivo.

Rhia apertou meu braço.

— Se está sozinha, pelo menos pode ter certeza de que não é uma pedra viva. Elas sempre andam em grupos de cinco ou seis. — Ela bocejou. — Merlin, estou para desabar. Que tal um descanso? Até o alvorecer?

— Acho que sim. — Eu próprio bocejei. — Não vamos mesmo voltar para lá enquanto não houver luz. Vá em frente e descanse. Eu fico com o primeiro turno de vigia.

— Vai permanecer alerta? — Ela gesticulou para o pântano, cujo coro de sons angustiantes continuava. — Não queremos nenhuma visita.

— Não se preocupe.

De uma vez, desabamos na base da pedra. Embora estivesse cansado, me apoiei resolutamente contra a rocha, determinado a permanecer acordado. Um duro calombo pressionou a parte macia entre minhas omoplatas, mas não mudei de lugar. Era melhor ter a segurança de algo sólido atrás de mim. Nenhuma outra criatura do pântano nos surpreenderia naquela noite.

Rhia, estendida junto aos meus pés, apertou meu tornozelo.

— Obrigada por pegar o primeiro turno. Não estou acostumada a ter alguém cuidando de mim numa caminhada.

Resmunguei, fatigado.

— É porque ninguém consegue acompanhar você numa caminhada. — Em seguida, acrescentei: — É nossa mãe, receio, que precisa de cuidados. No momento, ela deve estar muito solitária.

— Mamãe? — Rhia rolou para o lado. — Ela provavelmente deve estar contrariada, morrendo de preocupação por nós... Mas solitária não. Ela tem Cairpré. Ele se gruda nela como resina ao pinheiro.

— Você acha mesmo? — Meus dedos deslizaram pela haste do cajado. — Ele sempre tem muito o que fazer. Eu achava que ele ia esperar que ela se ajeitasse em algum lugar e depois seguiria seu caminho.

A risada de Rhia juntou-se ao borbulhar do pântano.

— Não notou o que está havendo entre eles? Realmente! Você deve ser tão burro quanto esta pedra para não perceber.

— Não — rebati. — Não percebi nada. Não está me dizendo que eles... Bem, que estejam *interessados* um no outro, está?

— Não. Eles já passaram dessa fase.

— Você acha que estão apaixonados?

— Isso aí.

— Sem essa, Rhia! Está sonhando mesmo antes de ter adormecido. Esse tipo de coisa não acontece com... Bem...

— Sim?

— Com mães! Pelo menos com *nossa* mãe.

Ela deu uma risadinha.

— Às vezes, caro irmão, você me espanta. Acho que, nos últimos meses, estive tão envolvido em seu treinamento que não percebi nada daquilo. Além do mais, se apaixonar pode acontecer com qualquer um. Até com você.

— Sim, claro — escarnei. — Já, já você vai tentar me convencer de que encontraremos uma refeição saborosa num fosso de areia movediça.

Um suspiro impaciente foi sua resposta.

— No momento, estou cansada demais para convencê-lo de qualquer coisa. Pela manhã, se quiser, poderei esclarecê-lo.

Por mais tentado que estivesse para retrucar, contive minha língua. No momento, precisávamos descansar. Ajustei as costas na pedra. Esclarecer-me. Essa é boa, pensei. Como ela podia estar tão segura de si?

Enquanto eu resmungava baixinho sobre Rhia, estendi minha segunda visão através da ilha. Nada se mexia; nada se aproximava. A noite avançou, cheia da contínua cacofonia do pântano. Contudo, nenhuma criatura juntou-se a nós naquela costa. Comecei a imaginar se talvez a própria pedra, de alguma forma, detinha os visitantes, embora não soubesse dizer por quê.

Mesmo assim, de uma maneira sinistra, ela parecia ser mais do que aparentava.

Talvez fosse alguma qualidade do ar malcheiroso do brejo, ou resultado de minha exaustão. Ou talvez fosse alguma magia silenciosa da própria pedra. Por qualquer que fosse o motivo, somente quando senti a mão de Rhia puxando loucamente meu pé, me dei conta de que tinha sido engolido por uma boca de pedra.

Mas então era tarde demais.



CIRCUNDADO POR PEDRA

*P*rimero, silêncio.

Nenhum sussurro de vento, nenhuma das vozes do pântano ecoando, nenhum dos gases borbulhando. Nenhum guincho, murmúrio ou silvo. Nenhuma batida de meu coração. Nenhuma agitação da minha própria respiração.

Nenhum som. Absolutamente nenhum som.

De que som consigo me lembrar? Depressa! Não posso esquecer. O riacho que atravessamos esta manhã? Sim! Eu o ouvi muito antes de vê-lo. Borrifando som e também vapor, ele martelava as margens. Gelo, tocado pelo primeiro dedo do alvorecer, rachado e quebrado. Água derramada e espirrada, correndo e gorgolejando, cantando como um coro de maçaricos.

Entretanto... Este silêncio, tão completo, tão enorme, lentamente sobrepuja o canto. Com o passar de cada momento, o som do riacho fica cada vez mais distante. Começo a ouvir, em vez disso, a quietude, em toda a sua riqueza. Macia o bastante para se rolar nela, funda o bastante para se nadar. Nada mais de clangor, nada mais de dissonância. Apenas silêncio. Quem desejaria mais do que ouvir a batida do coração do vazio?

Eu desejaria! Preciso lutar para me lembrar. Preciso. Mas todos os sons de que consigo me lembrar parecem tão isolados, tão estranhamente distantes.

Segundo, escuridão.

A luz se foi. Ou nunca existiu? Ah, mas existiu! Ainda me lembro dela, ainda vejo seu brilho. Luminoso. Eterno. A primeira luz nas nuvens, passos radiantes subindo ao céu. Um lampejo no horizonte, uma chama na vela, um tremor na estrela. E outro tipo de luz, brilho nos olhos: minha irmã gargalhando, mamãe compreendendo, Cairpré investigando.

Ainda assim, a escuridão me envolve, me força a dormir, a me soltar. Por que lutar pela chama vacilante? Ela fraqueja tão facilmente, retorna ao escuro. Tão graciosamente a noite sempre segue o dia. Escuridão é tudo; tudo é escuridão.

Luz! Onde está você? Estou tão perdido... Tão amedrontado...

Terceiro, imobilidade.

Desde que eu consiga me mexer, estou vivo. Desde que eu consiga sentir — o vento no rosto, a terra sob meus pés, a pétala entre meus dedos. No entanto, tudo que sinto agora é sua dureza. Por toda a parte. Fechando-se sobre mim, esmagando-me. Mexam-se, dedos! Mexa-se, língua! Não respondem. Não existem. Foram-se meus ossos. Meu sangue! Minha carne. Comprimida à força dentro do nada.

Não consigo me mexer, não consigo sentir, não consigo sequer respirar. O que restou de mim está comprimido e condensado. Anseio estalar como um chicote, girar como uma folha. Muito mais, porém, anseio descansar. Ficar imóvel.

Agora ouço apenas silêncio. Vejo apenas escuridão. Sinto apenas tranquilidade. Começo a aceitar, a entender, a me tornar. Sou firme e forte; tenho a paciência de uma estrela. Sou eterno, imutável.

Pois, agora, sou pedra.

Quase. Algo resta daquele antigo ego, daquele antigo eu. Não consigo tocá-lo — não consigo denominá-lo — no entanto, ainda permanece comigo. Fundo. Bem fundo, na essência de meu espírito. Pequeno demais para se ver; grande demais para se segurar. Rosnando. Flamejando. Torcendo. Estimula-me a lembrar. A escapar, se puder! Tenho um desejo ardente. Uma vida. Um eu. Sim, ainda consigo ouvir minha própria voz, mesmo como outro, voz antiga dilata-se à minha volta, incitando-me a largar todo o resto.

Seja pedra, rapaz. Seja pedra e seja um só com o mundo.

Não! Estou bem vivo, mesmo agora, rodeado por pedra. Quero mudar, me mexer, fazer todas as coisas que pedras não conseguem.

Você sabe tão pouco, rapaz! Uma pedra compreende o verdadeiro significado de mudar. Eu habitei bem no fundo da barriga derretida de uma estrela, saltei em chamas, circundei os mundos na cauda de um cometa, esfriei e endureci por eras de tempo. Fui quebrada por geleiras, presa em lava, varrida através de planícies submarinas — apenas para subir novamente para a superfície sobre um fluente rio de terra. Fui dilacerada, arremessada, levantada e combinada com pedras de origens completamente diferentes. Relâmpagos golpearam meu rosto, terremotos rasgaram meus pés. Ainda assim sobrevivi, pois eu sou pedra.

E respondo: quero conhecer você. Não, mais do que isso, quero ser você! Mas... Não consigo esquecer quem fui. Quem sou. Há coisas que preciso fazer, pedra viva!

Que estranha magia é essa em seu interior, rapaz? Que faz você resistir a mim? Você já devia ter sucumbido à minha força há bastante tempo.

Eu não sei. Só sei que meu próprio eu continua preso a mim, do mesmo modo que os musgos se prendem a você.

Venha. Junte-se a mim. Seja pedra!

Anseio juntar-me a você agora mesmo. Sentir sua profundez; conhecer sua força. E no entanto... Não consigo.

Ah, as histórias que eu poderia lhe contar, rapaz! Se ao menos você conseguisse se soltar completamente, permitir-se endurecer. Então eu poderia compartilhar com você tudo o que sei. Pois uma pedra, mesmo separada, nunca está distante das montanhas e planícies e dos mares de seu nascimento. O poder de uma pedra brota não apenas dela mesma, mas de tudo que a circunda, de tudo que conecta.

Quero aprender com você, pedra viva. Tem a palavra que quero. Mas quero muito mais viver a vida que nasci para viver. Embora seja fútil e fugaz — ainda assim, é minha. Você tem de me libertar!

Você é estranho, rapaz. Ainda que eu quase o tenha destruído, aparentemente não consigo devorá-lo. Há alguma coisa em você que não consigo alcançar, não consigo esmagar. Assim resta, entristeço-me a dizer, apenas uma possibilidade.

Qual?

Não é a melhor para você, nem a melhor para mim. Ainda assim, infelizmente, é a minha única opção.



FUMAÇA

Com um baque surdo, aterrissei de costas no chão na base da pedra viva. Embora o súbito gritinho agudo de Rhia normalmente gelasse meu sangue, fiquei feliz em ouvi-lo.

— Merlin! — Ela me envolveu com seus braços e apertou.

— Com menos força, sim? — Livrei-me com uma contorcida do corpo e alisei o peito machucado. Ele doía, assim como meus braços, pernas e costas. Até mesmo as orelhas. Aliás, eu me sentia como se uma gigantesca contusão cobrisse meu corpo todo. Então, ao ver o rosto de Rhia manchado de lágrimas, tão aliviado, tão agradecido, gesticulei para que me abraçasse novamente.

De bom grado ela aceitou o convite — mais delicadamente dessa vez.

— Como? — explodiu. — Como fez isso? Nunca soube de uma pedra viva soltar alguém que apanhou.

Apesar das bochechas doloridas, sorri.

— A maior parte das pessoas não tem um sabor tão ruim quanto o meu.

Ela me soltou, sua risada ecoando pelo pântano. Então, por um longo momento, ficou me observando.

— Deve haver alguma coisa em você que nem mesmo uma pedra viva é capaz de esmagar.

— Minha cabeça dura, talvez.

— Mais provavelmente sua magia.

Embora minhas costelas latejassem, inspirei fundo.

— Por menor que seja, suponho que você pode dizer que é o meu espírito. Essencial... e indigesto.

Com seu folhoso antebraço, ela limpou algumas lascas de pedras do meu ombro.

— Bem, agora olhe só para você! Sua túnica está rasgada, e há tanto pó em seu cabelo que tem mais grisalho do que preto. — Ela sorriu. — Mas você está vivo.

— Por quanto tempo fiquei lá dentro?

— Duas ou três horas, acho. O sol nasceu pouco antes de você sair.

Cautelosamente, olhei para a enorme pedra que havia me ejetado. Caminhei lentamente em sua direção, coração martelando. Rhia tentou me deter, mas sinalizei para ela se afastar. Colando experimentalmente a mão sobre uma parte plana cheia de musgo, sussurrei:

— Obrigado, grande pedra. Um dia, quando eu for mais forte, gostaria de ouvir mais suas histórias.

Embora não pudesse ter certeza, senti a pedra debaixo de meus dedos tremer bem levemente. Retirando a mão, curvei-me para apanhar o cajado, ainda caído no chão. A sombra da pedra viva não diminuiu o lustroso brilho da madeira. Segurei o topo retorcido — o qual, como sempre, encaixou-se perfeitamente na minha mão. Por alguns segundos, o cheiro de cicuta afastou os desagradáveis odores do pântano.

Rhia arfou.

— Sua espada! Ela sumiu.

Sobressaltei-me. De fato, espada, bainha e cinto tinham desaparecido. Deviam ter permanecido dentro da pedra viva!

Girando o corpo, implorei:

— Minha espada, grande pedra! Preciso dela! Para Valdearg.

A pedra não se mexeu.

— Por favor... Oh, por favor, me escute! Aquela espada é agora parte de mim. E tem sua própria magia. Sim! Fui encarregado de portá-la... até o dia, distante no futuro, quando deverei entregá-la a um menino. Um menino nascido para ser rei. Um menino com grandes poderes. Tão grandes que ele puxará essa mesma espada de uma bainha de pedra.

A pedra permaneceu imóvel.

— É verdade! A espada será guardada... Não por você, não por uma pedra viva, mas por uma pedra que a protegerá, à espera do momento certo.

Nenhuma resposta.

Minhas narinas se alargaram.

— Devolva.

Ainda nenhuma resposta.

— Devolva! — exigi. Segurando a haste do cajado, ergui-o para atingir a pedra viva. Então, notando meu polegar em cima da imagem entalhada de uma espada — símbolo do poder de Nomear — parei. O nome! O nome da espada! Que, como todos os nomes verdadeiros, possuía uma magia própria. Talvez, apenas talvez... Inclinei-me na direção da pedra.

Abruptamente, me manquei. Eu não tinha usado nenhuma magia desde — desde que tangi meu saltério. Se convocasse novamente meus poderes, haveria outro ataque de kreelix? E teria sucesso onde o outro não teve? Encolhi-me, lembrando da boca abismal, as asas pontudas, as presas nocivas. Mas... Se eu deixasse que o medo elementar de outro ataque governasse

minhas ações, eu seria o quê? Um covarde. Ou pior. Se aparecesse ou não outro kreeelix, ele já teria roubado meus poderes.

Trinqueei os dentes e me aproximei da pedra. Névoa malcheirosa soprava do pântano, envolvendo-nos completamente. Os sinistros suspiros, gritos e uivos chegaram mais perto. Mal consegui ouvir meus próprios pensamentos, por causa da barulheira.

Concentrando-me, pus as mãos em concha sobre a boca. Para que ninguém, nem mesmo Rhia, ouvisse o nome verdadeiro da espada, eu o pronunciei baixinho. Então, com toda a minha voz, acrescentei:

— Venha a mim, das profundezas da pedra. Onde quer que esteja, eu a convoco.

Olhando nervosamente por cima do ombro, nada vi além das onduladas trilhas de névoa. De repente, ouvi um baque seco, que ficava mais alto a cada segundo. Ele aumentava constantemente, como um vento que se aproximava, até obscurecer inclusive os sons do pântano.

A pedra viva subitamente deu um sacolejo. Lascas de pedra soltaram-se, juntamente com pedaços de musgo amarelado. Pequenas rachaduras surgiram por toda a superfície desgastada pelo tempo. A pedra toda balançou de lado a lado, como se atingida por um violento tremor. Um instante depois, a superfície dividiu-se numa abertura, franziu, então cuspiu minha espada e a bainha. Elas caíram no chão com um baque surdo.

Corri para apanhar o prêmio enquanto a pedra viva rolava para cobri-lo. Rhia gritou, saltando para o lado. Juntos, atravessamos a ilha. Ao alcançarmos a praia, as trepadeiras esmagaram e estalaram debaixo de nossas botas. A névoa ficou mais suave, fragmentando-se rapidamente, revelando novamente o pântano.

Antes de mergulhar novamente no atoleiro, rapidamente preendi o cinturão de couro da espada. Então olhei atrás para a pedra viva,

balançando-se mal-humorada no chão, e gritei para ela:

— Não fique zangada, grande pedra! Seria difícil você digerir esta espada. Não menos do que seu dono! Algum dia, talvez, você e eu voltaremos a nos encontrar.

Com um forte estrondo, a pedra começou a rolar na nossa direção. Não querendo esperar mais para saber sobre seu humor, Rhia e eu chapinhamos nas águas pútridas do pântano. Mesmo quando o lodo se infiltrou em minhas botas, esguichou em minhas pernas e atacou meu nariz, eu me senti de algum modo gratificado, apesar da repulsa. Grato por cheirar e ouvir novamente. E grato por me movimentar livremente — as pernas avançando através do capim do brejo, os braços balançando a meu lado.

Durante a maior parte daquela manhã, caminhamos arduamente rumo ao norte através do pântano. Exceto pela poça de areia movediça que tentou arrancar o cajado de minha mão, não tivemos grandes dificuldades. Ainda assim, nossos corações saltaram de alegria quando, finalmente, chegamos a um solo mais seco. Ansiosamente, sacudimos a lama de nossas botas. Uma velha macieira, brotando na encosta de um morro baixo, nos ofereceu o resto de sua safra de outono. Apesar de murchas e pequenas, as maçãs explodiam de sabor. Comemos tudo que conseguimos aguentar. Perto dali, Rhia encontrou um riacho de águas limpas e frias, onde lavamos o cheiro remanescente do pântano.

Continuando para o norte, caminhamos rapidamente na direção do reino dos anões. A terra se erguia lentamente com uma série de planícies cobertas de grama, como degraus para o elevado planalto onde o rio Incessante borbulhava para fora do solo. Ali, eu sabia bem, entraríamos na terra dos anões. Terreno de Valdearg. Se ao menos eu conseguisse encontrar Urnalda antes de o colérico dragão me encontrar! Talvez eu realmente conseguisse ajudá-la de algum modo. E talvez... ela também pudesse me ajudar.

No meio da tarde, paramos para nos banquetear com uns peludos cogumelos cinzentos que brotavam entre as raízes de um olmo inclinado. E para aproveitar, pelo menos por um momento, a chance de nos sentarmos. Enxugando o suor do rosto, estiquei as pernas e observei as planícies cobertas de grama que nos cercavam. Enquanto o rio Incessante seguia para o leste, minha segunda visão já conseguia distinguir o corredor sinuoso de bruma que marcava seu canal.

Eu conhecia bem o caminho do rio. Após se acumular naquelas planícies, ele crescia constantemente mais largo e mais forte, atravessando direto o coração de Fincayra. Ao longo da maior parte desse caminho, íngremes ribanceiras e ruidosas corredeiras tornavam difícil sua travessia. Aliás, entre a nascente e a Costa das Conchas Falantes, mais para o sul, eu havia encontrado apenas um local seguro para atravessar — um trecho raso marcado por nove pedras redondas. Não devíamos estar longe desse lugar. Por algum motivo inexplicável, sentia uma inquietante necessidade de ir lá novamente.

Após jogar outro cogumelo para Rhia — que ela enfiou direto na boca —, apontei para a névoa.

— Que tal atravessar o rio ali? No lugar das pedras?

Ainda mastigando, ela sacudiu a cabeça.

— Já tive o suficiente de pedras por um dia! Além do mais, o caminho mais curto é manter a direção norte, subindo os planaltos, até encontrarmos a nascente. Atravessar ali não vai ser difícil, especialmente nesta época do ano, quando as águas estão baixas.

Embora eu soubesse que ela estava certa, continuei olhando a serpeante névoa.

— Não sei por que, mas me sinto atraído para aquela travessia.

— Por que razão? — Ela me olhou, cética. — Isso nos custaria metade de um dia. Além do mais, a luz só vai durar mais umas duas horas. — Pôs-se de pé. — Vamos embora.

— Tem razão. A pressa é tudo. — Com uma última olhadela para o corredor nevoento, segui-a através do capim alto.

Uma grande revoada de gansos passou acima de nós, tão perto que conseguíamos ouvir o estalar rítmico de suas asas. Como todas as outras aves que tínhamos visto naquele dia, elas viajavam na direção oposta à nossa. Atrás delas vinha o que a princípio parecia um redemoinho de pó — até ouvirmos o zumbido e percebermos que, na verdade, se tratava de imenso enxame de abelhas. Seguindo-o de perto vinha uma garça de amplas asas, uma dupla de gaivotas maltrapilhas, um maçarico, várias andorinhas e um velho corvo, batendo as asas arduamente. Então, oculta pelo capim, uma família de raposas quase nos ataca diretamente. Vendo seus olhos arregalados brilhando de terror, Rhia lançou-me um olhar preocupado. Embora continuássemos a subir os degraus do Prado, sua velocidade diminuiu um pouco.

Quando uma luz de fim de tarde pincelou os arbustos com dourado, alcançamos a orla de outro planalto. Paramos, ambos assustados com a vista. O céu à nossa frente assomava incomumente escuro. Um pesado véu drapejava o horizonte... Mas parecia mais fino, mais plano do que qualquer nuvem de tempestade. Seria uma sombra causada pelo sol que baixava? Naquele momento, uma lufada de vento esvoaçou minha túnica. Captei o primeiro bafejo de um cheiro que me golpeou como uma espada de lâmina larga.

Fumaça.

Dei um gemido. O céu adiante fora escurecido não por nuvens, não por sombras, mas por Valdearg.

Rhia virou-se para mim. Seu rosto, normalmente tão radiante, parecia completamente inflexível.

— Até agora, Merlin, eu tinha conseguido pôr de lado minhas dúvidas. Porque pensava que era certo ajudar você. Mas agora... não tenho tanta certeza. Olhe ali! A terra queima, como o raivoso coração de Valdearg. Parece tão... bem, *temerário* caminhar assim direto para a boca dele.

— Tenha fé — retruquei bravamente. Mas o grasnir de minha voz denunciou o pouco de fé que eu mesmo tinha. Sacudi a cabeça. — É temerário, admito. Mas o que mais posso fazer? Quanto mais esperar para enfrentar Valdearg, mais ele se sentirá seguro para destruir. Minha única esperança é alcançar logo Urnalda. Talvez ela saiba alguma coisa útil. Talvez até saiba o que a profecia quis dizer com *um mais alto poder*.

Rhia pôs os punhos cerrados sobre os quadris.

— Tudo de que me lembro sobre essa profecia é que, mesmo que você, de alguma maneira, mate esse dragão, vai morrer com ele! Portanto, ou ele mata você e sobrevive ou mata você e morre também! De qualquer maneira, perco um irmão.

Com o cajado, golpeei um monte de capim.

— Você acha que já não sei disso? Olha. Estamos aqui, no limite do reino dos anões, e com que armas posso realmente contar? Meu cajado, minha espada... e quaisquer que sejam os poderes mágicos, ainda em formação e não adestrados, que carrego dentro de mim. Juntando tudo, isso não equivale a uma só escama da cauda de Valdearg.

Vasculhei o horizonte enfumaçado.

— E isso não é o pior de tudo.

Ela empinou a cabeça.

— Como assim?

— Eu simplesmente não consigo me livrar da ideia de que não é com Valdearg que preciso me preocupar.

Incrédula, ela me encarou.

— O próprio Asas de Fogo não é o suficiente? Está se referindo a quê? Ao kreelix? Ou a quem deve tê-lo criado secretamente?

— Não. Embora, até onde eu sei, eles também possam fazer parte disso.

— Quem, então?

Minha voz baixou.

— Alguém que anseia tomar Fincayra nas mãos. Agarrá-la como uma pedra preciosa. Torná-la sua.

Por um instante, o rosto de Rhia ficou branco como casca de bétula.

— Não... Rhita Gawr? O que faz você pensar que ele está envolvido?

— Eu, bem... Não tenho realmente certeza. É uma coisa vaga. Mas me pergunto por que o dragão acordou agora, após ficar adormecido por tantos anos. E quem poderia saber o suficiente sobre magia ou sobre *negatus mysterium* para haver causado tal coisa? Não sei se é Rhita Gawr ou mais alguém... Ou se estou apenas imaginando coisas. De qualquer modo, não consigo evitar imaginar isso.

Ela fez uma careta para mim.

— Você é mesmo impossível! Escuta, Merlin. Rhita Gawr não põe o pé nesta ilha desde que a Dança dos Gigantes despachou ele e suas forças há mais de um ano! É melhor você se preocupar com inimigos que conhece... em vez de criar mais outros.

Torci o cajado na relva.

— Está bem, está bem. Você fala com sensatez, tenho certeza. É que... Bom, esquece. Escuta, o que você acha de pararmos de falar sobre inimigos, de todos os tipos, só por um momento? Vamos jantar umas dessas flores astrais.

— Antes que Valdearg jante você?

Ignorando seu comentário, colhi um punhado de flores amarelas em forma de estrela que salpicavam a grama. Enquanto ela observava soturnamente, rolei-as numa massa compacta que produziu um forte cheiro penetrante.

— Lembro-me de quando me mostrou como comê-las. Você as chamou de *sustento do caminhante*.

— Agora, vou chamar de última refeição do meu irmão.

Dividindo a massa no meio, passei uma metade para ela.

— Nenhum de nós fará muitas outras refeições, a não ser que Valdearg seja detido.

Ela concordou com a cabeça, seus cachos inflamados pela luz dourada.

— Verdade. — Deu uma mordida nas flores astrais, mastigou pensativamente e engoliu. — É por isso que vou com você.

— Não vai não!

— Você vai precisar de ajuda. — Seus olhos me penetram. — Não ligo se Urnalda quer que vá sozinho! Já salvei sua pele antes.

Manuseei o cajado.

— Isso você fez. Desta vez, porém, estamos falando de Asas de Fogo. Ele pode acabar com cada vida que conhecemos. — Envolvendo meu dedo no dela, acrescentei delicadamente: — Inclusive a da nossa mãe. É ela quem precisa mais de você, Rhia. É a ela que deve proteger. E não a mim.

Sua cabeça se curvou.

— Lembre-se, você prometeu a ela que voltaria. Que não me levaria mais além do que a fronteira dos anões.

Rhia levantou a cabeça lentamente.

— Pelo menos... me deixe lhe dar uma coisa. — Ela apanhou o Globo de Fogo a seu lado.

— O Globo de Fogo, não. Você deve ficar com ele.

— Mas não sei como usá-lo!

Apertei seu dedo.

— Vai saber, algum dia.

Soltando-me, ela destrançou habilmente um pedaço de vinha da manga. Então, sem nada dizer, amarrou no meu pulso a pulseira de um verde vibrante.

— Pronto — disse, finalmente. — Isso o lembrará de toda a vida à sua volta, e da vida dentro de você mesmo. — Observou-me duramente, embora eu pudesse notar as nuvens em seus olhos. — O que não vai fazer é ajudá-lo a ficar longe de encrenca.

Agora foi minha vez de baixar a cabeça.

— Receio que nada seja capaz disso.

Mesmo entorpecido como eu estava, ainda pude sentir seus braços folhosos me envolverem. Então saí caminhando sem ela, meu futuro tão negro quanto o véu de fumaça no horizonte.

 PARTE DOIS 



CAÇADOR E A CAÇA

Uma hora depois, rubros raios brilhantes listraram o céu, como as cordas de um saltério celestial. Em pouco tempo cheguei ao riacho serpeante, escorrendo vermelho sob a luz em declínio: a nascente do rio Incessante. Atravessar o estreito canal, um mero fio de água em comparação à torrente que se tornaria com o derretimento da neve na primavera, foi fácil. Justamente como Rhia previra.

Enquanto minhas botas esmagavam as pedras redondas do canal, fiquei imaginando se as outras, mais temíveis, previsões de Rhia também se tornariam verdade. E se algum dia voltaria a vê-la. Assim como o cavalo sem nome da minha infância sobre o qual falamos debaixo das estrelas, Rhia era mais do que uma companheira, mais do que uma amiga. Ela era parte de mim.

Pisando na margem norte, observei a terra dos anões. Lá, em algum lugar, naquelas planícies ondulantes, rochosas, estão localizadas as entradas ocultas para seu reino subterrâneo. Enquanto Urnalda, eu sabia, ficaria agradecida pela minha ajuda, eu duvidava de que ela desconfiasse do quanto eu também precisaria dela. Ainda me intrigava por que ela havia declarado

que eu, e somente eu, conseguiria ajudar seu povo. Talvez ela também conhecesse a profecia “O olho do dragão”:

*Veja! Nada lhe faz frente,
Exceto um oponente
De inimigos descendente,
Antigos combatentes.*

Tremi, pois, embora carregasse realmente o sangue de Tuatha em minhas veias, não possuía nem sua visão nem suas armas. E tremi novamente, ao pensar no incomparável poder de Valdearg. *O desastre somente seguirá seu rastro novamente.* Matar o dragão, em si, já seria muito difícil. Escapar da profecia e, de algum modo, sobreviver à batalha, seria — eu tinha certeza — impossível.

Apertando a haste do cajado, deliberei como seria melhor encontrar Urnalda. Ou, mais provavelmente, ajudá-la a me encontrar. Se eu ficasse em evidência demais, talvez Valdearg me localizasse primeiro. Se, por outro lado, ficasse escondido demais, talvez eu desperdiçasse um tempo valioso. Manter-me a céu aberto, decidi finalmente. E ficar sempre alerta.

Em pouco tempo o fedor de fumaça ficou mais forte. Meus olhos começaram a se encher de água. Entrei num trecho de planície que mais parecia uma fogueira abandonada do que um campo. A base do cajado já não mais silvava através do capim alto, em vez disso esmagava caules quebradiços e solo crestado. Sarças chamuscadas se dilaceravam no ar fumacento. Pedras, espalhadas por toda a planície, pareciam pedaços de carvão. E sempre aquele cheiro!

Com a segunda visão, eu vasculhava frequentemente o céu que escurecia, à procura de qualquer sinal do dragão. Enorme como seria, dando-me a

chance de avistá-lo à distância, eu esperava que ele fosse também veloz. Aterrorizantemente veloz. E, ao mesmo tempo que o vigiava, também vigiava o umbroso terreno a meus pés, pois preferia não tropeçar num dos habilmente disfarçados túneis dos anões. Cada entrada, não importava o quanto fosse insignificante; cada sombra fora do comum, não importava o quanto fosse pequena — tudo isso era checado cuidadosamente.

Então uma voz ríspida bradou uma ordem. Veio de um lugar logo atrás de uma mata densa de tojos espinhosos à minha esquerda. Cautelosamente, cheguei mais perto.

Agachando-me atrás de espinhos carbonizados, localizei uma dupla de anões, suas perneiras de couro e barbas ruivas captando os últimos raios de luz. Embora não fossem muito mais altos do que minha cintura, os peitos corpulentos e os braços robustos alertavam sobre sua força surpreendente. Fortemente armados, cada um portava um machado de cabeça dupla, uma adaga comprida e uma aljava com flechas. Aliás, eles tinham acabado de puxar os arcos e estavam encaixando suas flechas.

Virei-me e vi dois cervos, uma fêmea e um macho, encolhidos no fundo de uma vala íngreme cercada por pedras enegrecidas. Sem dúvida, os anões os tinham impelido para aquela armadilha, na esperança de abater um ou os dois, antes que conseguissem escapar. A fêmea, tensionando as fortes coxas, tentou saltar para cima de um dos lados da vala, mas deslizou de volta, com um ruído de pedras e uma nuvem de cinzas. O macho, enquanto isso, baixou a enorme galhada e se preparou para atacar de frente os caçadores. As pontas de seus chifres brilharam perigosamente, mas eu sabia que se mostrariam inúteis contra flechas velozes.

Os cervos em perigo fizeram meu estômago dar um nó. Eu mesmo jamais comia carne de cervo — desde o dia, muito tempo atrás, em que o próprio Dagda, transformado em cervo, salvou-me da morte certa. No

entanto, nunca me dignei a interferir no gosto de outras pessoas pela carne desse animal. Contudo... Eu nunca havia topado com a execução de uma das criaturas mais belas.

No instante em que as flechas foram encaixadas nos arcos, a fêmea subitamente virou na minha direção. Se ela me viu ou não através do arbusto, não saberia dizer. Mas a visão de seus grandes, inteligentes olhos castanhos — golpeados pelo terror — me atingiu em cheio.

— Parem! — gritei, saltando no ar.

Assustados, os anões pularam. Ambas as flechas saíram sem rumo, derrapando nas paredes de pedras lascadas da vala. No mesmo instante, a corça e o cervo dispararam adiante antes que os anões conseguissem alcançar novamente as aljavas. Com um único e magnífico salto, as patas dianteiras se encolhendo totalmente para o peito, os cervos pularam por cima da cabeça dos agressores e correram para fora de seu alcance.

— Que idiota é você? — inquiriu um dos anões, dirigindo para meu peito seu arco recarregado.

— Venho em paz. — Emergindo do emaranhado de espinhos, ergui o cajado em direção ao ar fumacento. — Sou Merlin, convocado pela própria Urnalda a me juntar a vocês.

— Pff! — O anão olhou-me de cara feia. — Ela também mandou você estragar a nossa caçada?

Hesitei.

— Não. Mas não consegui agir diferente.

— Não conseguiu *o quê?* — O outro anão pisou forte, irritado, jogou o arco no chão e puxou o machado. — Seu imbecil miserável de pernas longas! Eu acho que devíamos levar de volta carne de homem, em vez de carne de cervo.

— Excelente ideia — vociferou o primeiro. — Hoje em dia, carne de qualquer tipo é difícil de conseguir. Seu sabor não vai ser tão bom quanto o da carne de cervo... o primeiro que encontramos em muitos dias, fique sabendo... mas vai servir. Urnalda nunca lhe disse que sua raça está proibida de entrar nestas terras?

— Vamos com isso — incitou seu companheiro. — Atire logo nele. Antes que tente um de seus truques de homem na gente.

— Esperem — protestei, minha mente correndo para encontrar algum meio de escapar. — Vocês dizem que estas terras são proibidas, mas já estive aqui antes. — Embora meus joelhos bambeassem, permaneci o mais alto possível sobre o solo crestado. — E voltei para ajudar seu povo, pois vocês me ajudaram.

— Pff! — Ele puxou a corda do arco. A ponta da flecha brilhou sombriamente. — Agora sei que é mentiroso além de ladrão. Nossas leis mandam matar invasores humanos, e não ajudá-los! Nem mesmo Urnalda, cuja memória é tão curta quanto suas perninhas rechonchudas, se esqueceria disso.

— É mesmo? — inquiriu uma voz estridente do meio das sombras.

Assim como eu, os dois anões se viraram para encarar uma figura atarracada parada ao lado de uma das pedras grandes. Urnalda. Ela usava uma capa com capuz sobre a túnica preta que reluzia com um bordado de runas. Seu desgrehado cabelo ruivo, saindo do capuz, continha muitas fivelas, ornamentos e grampos com joias. Usava brincos feitos de conchas, cada qual quase tão grande quanto seu nariz bulboso. Uma das mãos grossas estava presa em volta do cajado, enquanto a outra apontava para o anão segurando o arco. Os olhos, tão brilhantes quanto as chamas que haviam consumido meu saltério, queimavam com fúria.

— Urnal-nalda — gaguejou o primeiro anão, baixando o arco. — Não pretendi insultá-la.

— Não? — A feiticeira olhou-o por um longo momento. — Um insulto é um insulto mesmo estando fora do alcance da pessoa que ele calunia.

— M-M-Mas está eq-equivocada.

— Estou? — Urnalda saiu totalmente do meio das sombras. — Pior do que me insultar, caçador, foi ameaçar o nosso amigo aqui. — Gesticulou com a cabeça na minha direção, sacudindo os brincos de conchas. — Você estava prestes a espetá-lo antes de minha chegada.

Meu próprio peito relaxou, enquanto o anão ofegava de medo. Nervosamente, cofiou a barba.

— Mas ele...

— Silêncio! Ele pode ser um homem, mas, mesmo assim, é um amigo. Ah, sim! Um amigo valioso. E mais do que isso, nossa única esperança. — Olhou para ele. — Você parece ter esquecido minha ordem de mantê-lo em segurança após sua chegada ao nosso reino. Foi isso?

— S-Sim, Urnalda. Esqueci.

Um clarão de luz irrompeu da mão de Urnalda. No mesmo instante, o anão soltou um ganido de surpresa. Permaneceu de pé nas perneiras, embora estas parecessem sacos frouxos em volta de suas botas. Achei que as calças dele tinham caído... Então percebi a verdade.

— Minhas pernas! — gemeu ele. — Você as encurtou! — Tentou ficar na ponta dos pés, mas chegava apenas ao cotovelo de seu companheiro. — Elas têm apenas a metade do tamanho que tinham antes.

— Sim — concordou a feiticeira. — Agora, sua memória não é maior do que as pernas.

Ele caiu de joelhos, que agora ficavam um pouco mais altos do que o topo das botas.

— Por favor, Urnalda. Por favor, me devolva minhas antigas pernas.

— Não enquanto não devolver a Urnalda a fé em sua lealdade. — Seus olhos movimentaram-se rapidamente para o outro anão, que se tremia todo.

— Eu faria o mesmo com você, mas atualmente tenho poucos caçadores.

Lentamente, Urnalda virou-se para mim. Seu rosto, embora ainda colérico, parecia um pouco mais suave.

— Lamento ter sido tão desagradável seu retorno.

Curvei-me respeitosamente. Então, com um grato suspiro, apoiei-me no cajado.

— Estou feliz por você ter chegado. Muito feliz.

As conchas balançaram quando Urnalda curvou ligeiramente a cabeça.

— Seu *timing* é tão bom quanto o meu, Merlin. Sabe, esta é a noite em que Valdearg vai voltar aqui.

Tenso, olhei para o céu, escurecido tanto pelo crepúsculo quanto pelas listras flutuantes de fumaça. Gradualmente, minha perplexidade superou o medo, e perguntei:

— Você sabe que ele vai voltar esta noite?

— Isso é verdade.

— Como pode ter certeza?

Sua face se comprimiu.

— Porque, meu jovem amigo, fiz um pacto com ele. Ah, sim! Um dragão é uma fera muito inteligente, ciente do que realmente quer. E, no caso dele, lamento dizer, o que o dragão quer realmente... é você.



O PACTO

Antes que eu conseguisse começar a me movimentar, Urnalda abanou a mão. Um raio escarlate chamuscou minha mente. Voei para trás, por causa do impacto, pousando com um baque surdo na relva carbonizada. Por um instante, senti o coração se rasgar e os pulmões serem completamente esmagados. O céu sombrio, tingido de rubro, adernou acima de mim.

Hesitantemente, inspirei um pouco de ar fumacento. Minha garganta ardeu. Forcei-me a me sentar. Ali — o rosto agitado da feiticeira, seu confiante sorriso de desdém. Tão tonto... Não muito longe, minha espada desembainhada estava caída no chão. Muito mais além, meu cajado. Mal conseguia manter nítidas as imagens; tudo se embaçava junto. Eu não tinha sentido isso antes? Há pouco tempo? Recordei vagamente... Mas quando? Não conseguia me lembrar direito.

Minha espada, disse a mim mesmo. Se conseguir recuperá-la, poderei me defender.

Estendendo a mão trêmula, tentei ao máximo parar a tontura, concentrar meus pensamentos. *Venha a mim, espada. Salte para mim.*

Nada aconteceu.

Embora pudesse ouvir Urnalda dando risadinhas ao fundo, não deixei que meus pensamentos se desviassem da espada. *Salte para mim, eu ordeno. Salte!*

Nada ainda.

Tentei novamente. Reunindo toda a minha força, despejei cada gota dela na espada. *Salte!*

Ainda nada.

— Lamento informar, Merlin, mas você agora vai ficar mais leve um pouco. — Com um largo sorriso, a feiticeira foi até a espada e juntou-a. — Vou ficar com uma coisa que já foi sua.

— Minha espada! — Tentei me levantar, mas caí de volta debilmente. — Devolva!

Os olhos de Urnalda flamejaram.

— Não, não foi à sua espada que me referi. — Inclinando-se para mim, ela sussurrou friamente. — Não estou tomando sua espada, mas seus poderes.

De repente, lembrei-me de quando tinha me sentido assim antes. Com o kreelix! Meu estômago revirou e deu um nó; minha mente girou. Ofegando por ar, forcei-me a ficar de pé. Embora me sentisse tão cambaleante quanto um potro recém-nascido, eu a encarei.

— Urnalda. Não pode! Sou seu amigo, não sou? Você mesma disse! Como pode fazer isso?

— Facilmente — respondeu ela. — Um pouco de *negatus mysterium* é o que basta.

Minhas pernas se curvaram, e caí de volta para o solo fuliginoso.

— Mas por quê? Eu poderia ajudá-la! Sou o único que pode derrotar Valdearg. Assim diz a profecia “O olho do dragão”.

— Bah! — escarneceu a feiticeira. — Tais profecias são inúteis. O que importa é o meu pacto com o próprio Valdearg. — Seus dedos grossos brincaram com um dos brincos, enquanto ela me examinava sombriamente. — Sabe, o dragão acordou de seu sono enfeitiçado porque alguém destruiu a parte mais preciosa de sua vida desperta, a única coisa que ele estimava acima de tudo o mais.

Sacudi a cabeça tonta.

— O que era?

— Creio que está fingindo, Merlin. Creio que você já sabe.

— Não sei! Acredite em mim.

— Então está bem. Vou lhe fazer a vontade. Valdearg acordou porque alguém... alguém muito esperto... descobriu o esconderijo de seus ovos. Sua única prole! Então esse alguém sanguinário matou suas crias. Até a última delas. Isso é uma coisa muito perigosa de se fazer.

Furiosamente, ela cortou o ar com minha espada.

— Como os ovos estavam escondidos perto da terra dos anões, Valdearg colocou a culpa desse feito no meu povo. O inocente, correto povo de Urnalda! Então ele voou até aqui, queimou minhas terras, socou o chão com a cauda para fazer meus túneis desabarem, assou vivos dezenas de meus caçadores. — Seus golpes tornaram-se mais violentos. — Ruína! Devastação! Até que, finalmente... sim, finalmente... eu o convenci de que, afinal de contas, o assassino não tinha sido um anão.

Comecei a falar, mas sua torrente de palavras me subjuguou.

— Urnalda, tão esperta, tão sábia, examinou muito cuidadosamente o que restou dos ovos. E descobri a prova de que o assassino não foi um anão, mas um homem. Um homem com veneno no coração! Não foi tarefa fácil convencer o próprio Valdearg a olhar de perto para ver a prova, pois só sobrevoar bem alto os restos o encheu de raiva. Raiva incontrollável. — Ela

golpeou vingativamente o ar. — Mesmo assim, persisti... E, finalmente, tive sucesso. Quando Valdearg se deu conta de que o assassino foi um homem, ele concluiu que somente seu antigo inimigo Tuatha... ou um descendente, tendo em vista que Tuatha não é mais vivo... teria sido capaz de fazer coisa tão terrível.

Minhas faces queimaram.

— De onde ele tirou tal ideia?

— Isso foi simples. — Seus lábios esticados apontaram para mim. — Por ser verdade.

— Mas não é! — Tentei levantar, mas ela me bateu com a lâmina até que eu sentasse novamente.

— Portanto, eu, Urnalda, fiz um pacto com o Asas de Fogo. Fiz mesmo! Combinamos que, se eu conseguisse entregar você a Valdearg, ele deixaria meu povo em paz. Para sempre. Mas dragões não são pacientes. Ele se recusou a esperar muito tempo.

Ela deu uma estocada na terra coberta de cinzas.

— Combinamos nos encontrar esta noite. Se eu ainda não o tivesse feito prisioneiro, ele me daria apenas uma semana. Sete dias, nada mais. Se, na noite do sétimo dia, eu não conseguisse apresentar você... então ele aniquilaria até o último do meu povo. E qualquer outro em seu caminho, até ele encontrar você.

— Mas eu não matei a prole dele! Como eu poderia? Por meses não fiz nada além de trabalhar no meu instrumento.

— Bah! Você poderia facilmente ter dado uma escapulida, sem ninguém saber.

— Não é verdade.

Fitou-me ceticamente, os olhos brilhando como a chama de um dragão.

— De muitas maneiras, foi um corajoso ato visionário. Livrar esta terra de dragões! Destruir completamente sua raça desprezível! — Torceu a espada no chão perto do mim. — Mas deveria saber que isso traria dano aos anões. Ao povo de Urnalda.

— Não fui eu que fiz isso, já lhe disse!

Erguendo a arma, ela a girou acima de minha cabeça, faltando pouco para me acertar.

— Matar está no seu sangue! Você nega isso? Você sente prazer com a sensação de poder, de força. Sabe que minhas palavras são verdadeiras, Merlin! Veja o que o filho único de Tuatha... seu pai, Stangmar... fez com os anões e o resto de Fincayra! Ele envenenou nossas terras. Assassinou nossas crianças. Como poderia me dizer que você, o filho dele, seria diferente?

— Mas eu sou! — Impeli meu corpo para ficar de cócoras. Minha segunda visão, que não mais girava, estava focalizada nos cintilantes olhos de Urnalda. — Fui eu quem finalmente o derrotou. Você não soube? Pergunte ao próprio Dagda, se duvida de mim.

A feiticeira grunhiu.

— Isso não significa nada. Apenas que você é mais cruel do que seu pai. — Ela bateu com a unha no gume da espada. — Responda-se sinceramente. Você nega que ficaria contente em ver Fincayra livre para sempre de dragões?

— N-Não — admiti. — Não posso negar isso. Mas...

— Então como posso acreditar que você não é o assassino? — Empurrou a espada até meu pescoço, mantendo a ponta a apenas um dedo de distância. Seus lábios se enroscaram num sorriso rosnante. — Agora, porém, você precisa entender. Se foi você ou não, isso realmente não importa. Sim, é irrelevante.

— Irrelevante? — Bati o punho no solo queimado, levantando uma nuvem de cinzas. — É de minha vida que está falando.

— E da vida de meu povo, que é muito mais importante. — Ela assentiu, tilintando as conchas penduradas nas orelhas. — O que conta é que aquele dragão *acredita* que você foi o homem que matou sua prole. Se foi você ou não... isso é inexpressivo. Tudo que ele precisa é de alguns pedaços de carne de homem para aplacar seu apetite por vingança. — Ela inclinou-se para perto, pressionando seu nariz bulboso no meu. — E você é o homem.

Em desespero, comecei a rastejar em direção ao meu cajado. Urnalda, porém, movimentou-se rápido demais. Agitando a mão na direção do cajado, fez com que ele se erguesse do chão e girasse no ar fumacento. Os dois anões, boquiabertos, olharam assombrados.

— Agora — vociferou ela —, duvida que retirei seus poderes? Pensa em usar seu cajado de mago contra mim? — Antes que eu pudesse responder, ela pronunciou um estranho feitiço. Com um crepitante clarão de luz vermelha, meu cajado desapareceu completamente.

Meu peito doeu com o vazio. *Meus poderes. Sumidos! Meu cajado, meu precioso cajado. Sumido!*

Urnalda observou-me severamente.

— Por mais que você não mereça, ainda assim serei piedosa. Ah, sim! Vou deixar você com a segunda visão para que dê a satisfação ao dragão de acreditar que você é capaz de se defender... pelo menos por um ou dois minutos. Assim, após ele matar você, é mais provável que mantenha o acordo. Pelo mesmo motivo, devolvo isto.

Ela jogou a espada para o alto, ao mesmo tempo em que ladrou uma ordem. A lâmina caiu de volta na minha direção, antes de subitamente dar uma guinada em pleno ar e deslizar direto para a bainha na minha cintura.

— Mas fique avisado — grunhiu. — Se está pensando em experimentar essa lâmina contra mim, eu a usarei para cortar suas pernas e as deixar tão curtas quanto as do meu caçador ali.

O anão recentemente encurtado bateu nas perneiras e soltou um gemido. Urnalda inspirou fundo.

— Está na hora. De pé, ordeno a você! — Apontou o cajado dela na direção de uma elevação rochosa em forma de pirâmide do outro lado do planalto. — Marche para aquela colina. O dragão chegará lá em breve.

Debilmente, lutei para me pôr de pé. Minha mente sentiu uma vertigem e meu corpo doeu. Eu havia temido — até mesmo esperado — que, no fim, perderia a vida para Valdearg. Mas não daquela maneira. Não, definitivamente não daquela maneira.

E, embora parte de minha força tivesse retornado, sentia mais do que nunca aquele vazio no meio do peito. Como se meu próprio centro tivesse sido dilacerado. Meu futuro como mago já estava embaçado — ruim o bastante. Mas, agora, quaisquer poderes que eu possuísse, aqueles dons de magia que eu mal entendia, tinham sumido. E, com eles, algo mais. Algo muito próximo de minha alma.

CIRCULAR UMA HISTÓRIA

Nesse instante, um dos caçadores deu um grito. Todos nós nos viramos para ver uma enorme corça saltitando através do planalto escurecido. Com graça e velocidade, ela seguia velozmente pela planície ondulante como uma sombra voadora. Eu não sabia dizer se era a mesma corça de olhos grandes da vala. Só podia esperar que suas pernas a levassem logo para bem longe daquela terra de caçadores cruéis — e aliados traiçoeiros.

— HmMMM, carne de cervo. — Urnalda estalou a língua. — Depressa! Antes que suma.

Antes de ela haver terminado a frase, as flechas já estavam encaixadas. Ambos os anões, os musculosos braços salientes, puxaram a corda dos seus arcos. Dessa vez, tive certeza de que pelo menos uma de suas flechas atingiria o alvo. E, agora, não havia nada que eu pudesse fazer para evitar.

Um instante antes de dispararem, a corça pulou bem alto no ar riscado de fumaça. Durante um piscar de olhos, ela pendeu ali, flutuando, o alvo perfeito.

— Atirem! — ordenou Urnalda. — Eu disse...

Um imenso volume subitamente atingiu-a por trás. Com um terrível grito agudo, ela voou para cima da dupla de anões, mandando suas flechas deslizando através do chão. Os caçadores, tão surpresos quanto Urnalda, desabaram debaixo do peso dela. Aparentemente atordoada, ela permaneceu em cima deles, gemendo. O anão recentemente reduzido de tamanho tentou se livrar e ficar de pé, mas tropeçou nas próprias perneiras frouxas. Pousou bem na cara de Urnalda, esmagando um de seus brincos de concha.

Simultaneamente, uma imensa galhada de chifres me recolheu e me ergueu no ar. Cambaleei para trás, caindo sobre um enorme pescoço coberto de pelo. O cervo! Imediatamente estávamos correndo pela planície. Era necessária toda a minha força apenas para me segurar, as pernas entrelaçadas nas pontas dos chifres e os braços em volta do forte pescoço. O pelo áspero arranhava meu rosto, enquanto o grande corpo quicava abaixo de mim. Em pouco tempo os gritos dos anões desapareceram gradualmente e tudo que eu conseguia ouvir era o baque, o baque de cascos.

Não faço ideia de quanto tempo cavalguei daquela maneira, embora parecesse metade da noite. Os músculos do pescoço do cervo eram duros como pedra. Baque, baque, baque. Pelo menos uma vez escorreguei, batendo com um som abafado no chão. Num lampejo, os chifres me apanharam novamente e a brutal cavalgada continuou.

Finalmente, tonto e contundido, caí novamente. Dessa vez, nenhuma galhada me apanhou. Rolando para deitar de costas, senti no meu pescoço o frescor de grama molhada. Meu corpo machucado cedeu, enfim, à exaustão. Vagamente, pensei ouvir vozes, quase humanas, mas, de algum modo, diferentes. Finalmente, com a cabeça martelando tão incessantemente quanto os cascos, cedi a um sono pesado.

Quando acordei, o som era o de um riacho. Batia e respingava água em algum lugar ali perto. Encontrando-me de bruços sobre uma cama de

capim, virei-me rapidamente. O pescoço e as costas doíam, especialmente entre os ombros. Luz brilhante! O sol estava bem alto, aquecendo meu rosto. O ar, apesar de ligeiramente fumacento, parecia mais leve e mais claro do que na noite passada.

Noite passada! Aquilo tudo teria realmente acontecido? Apesar da dor nas minhas costas endurecidas, sentei-me. De repente, prendi a respiração. Ali, sentada sobre o tronco de uma árvore caída ao lado do borbulhante riacho, estava uma jovem da minha idade.

Por um longo momento, ela e eu permanecemos sentados em silêncio. Ela parecia olhar para além de mim, para o riacho, talvez por timidez. Mesmo assim, pude perceber que seus imensos olhos castanhos observavam-me cautelosamente.

A palavra bonita não a despreveria — como, sei muito bem, não despreveria a mim —, mas, apesar disso, havia uma forte e surpreendente atmosfera em volta dela. O queixo, extraordinariamente longo e estreito, repousava sobre a mão. Ela parecia relaxada, mas pronta para se movimentar numa fração de segundo. O cabelo trançado brilhava com o bronze e o ruivo das relvas do pântano. A própria trança atravessava o ombro e seguia por cima das costas do manto amarelo que parecia ter sido encadeado com brotos de salgueiro. Ela não usava sapatos.

— Ora, ora — declarou uma voz profunda e vibrante. — Nosso viajante acordou.

Virei-me para ver um jovem alto, peito largo, aproximando-se de nós através do capim. Usando uma túnica simples cor de bronze, ele caminhava com passadas longas e rápidas. O queixo, como o da garota, salientava-se fortemente. Tinha os mesmos olhos castanhos, embora não tão grandes quanto os dela. E ele também não usava sapatos.

Imediatamente, percebi que os dois eram irmãos. Ao mesmo tempo, senti a inquietante sensação de que, de algum modo, eles eram mais, e menos, do que aparentavam. Contudo, não conseguia identificar como.

Colocando-me de pé, meneei a cabeça para o dois.

— Bom dia para vocês.

O jovem gesticulou de volta.

— Que prados verdes o encontrem. — Estendeu a mão, embora o movimento parecesse ligeiramente desajeitado para ele. Apertamos as mãos, seus dedos robustos se envolvendo nos meus. — Sou Eremon, filho de Ller. — Empinou a cabeça na direção do tronco. — Aquela é minha irmã Eo-Lahallia. Mas ela prefere ser chamada apenas de Hallia.

Ela nada disse, mas continuou a me observar cautelosamente.

Eremon soltou minha mão.

— Nós somos, você poderia dizer, gente destas bandas. E quem é você?

— Chamam-me de Merlin.

Eremon animou-se.

— Como o falcão?

Tristemente, sorri.

— Sim. Tive um amigo... Um querido amigo. Um esmerilhão. Nós... fizemos muita coisa juntos.

Os grandes olhos de Eremon brilharam compreensivos. De algum modo, ele parecia saber o que eu deixara de dizer.

— Diferente de você — prossegui —, não sou desta região. Você pode, como fez antes, me chamar de viajante.

— Bem, jovem falcão, estou contente pela sua viagem tê-lo trazido aqui. Assim como minha irmã está.

Esperançoso, ele olhou na direção da garota. Ela não falou — embora inquietantemente mudasse de posição no tronco. E, enquanto continuava a

me evitar, ela lançou um olhar direto para Eremon: um olhar de desconfiança.

Dirigindo-se novamente a mim, ele apontou para o leito de capim emaranhado onde eu estivera dormindo.

— Ao que parece, suas viagens o esgotaram. Você teria dormido uma semana inteira, se seus sonhos espasmódicos não o tivessem acordado.

Uma semana inteira. Era tudo que restava — e agora, menos ainda! Valdearg voltará daqui a uma semana, a contar de ontem à noite. Para me devorar. E, se não eu, tudo e todos em seu caminho.

Vendo-me subitamente tenso, Eremon pôs a mão sobre meu ombro.

— Eu não o conheço há muito tempo, jovem falcão. Mas percebo que está com problemas. — Seu olhar me inundou como uma onda batendo numa praia rochosa. — Tenho a sensação de que, de algum modo, seus problemas são também nossos.

Hallia se pôs de pé com um salto.

— Meu irmão! — Parou, hesitante, antes de dizer mais alguma coisa. Finalmente, num tom de voz mais tranquilo, porém não menos vibrante do que o de Eremon, perguntou: — Não deveria... esperar? Você, talvez, esteja confiando depressa demais.

— Talvez — respondeu ele. — Mas a intuição persiste.

Ainda sem me olhar diretamente, Hallia abanou a mão na minha direção.

— Afinal, ele acabou de acordar. Você nem... circulou uma história com ele.

Intrigado, observei Eremon fechar pensativamente os olhos castanhos, e depois reabri-los.

— Tem razão, minha irmã. — Virou-se para mim. — Meu povo, os Mellwyn-bri-Meath, tem muitas tradições, muitos ritos, alguns dos quais

chegaram até nós através do Tempo Distante.

Com a agilidade de um pardal virando-se no voo, ele foi até a margem do riacho e se ajoelhou numa faixa de lama macia.

— Uma de nossas tradições mais antigas — continuou — é circular uma história, como um modo de nos apresentarmos. Portanto, ao encontrarmos alguém de um clã diferente, ou mesmo de um povo diferente, costumamos invocar essa tradição.

— O que significa isso, circular uma história?

Eremon esticou-se até o riacho e pegou uma fina pedra cinzenta. Sacudiu a água dela e em seguida desenhou um grande círculo na lama.

— Cada um de nós, a começar por você, o recém-chegado, conta uma parte, mas apenas uma parte, de uma história. — Usando a pedra, dividiu o círculo em três partes iguais. — Ao terminarmos, as partes se combinarão, dando-nos um círculo completo.

— É uma história completa. — Caminhei até a margem do riacho e me ajoelhei a seu lado. — Uma maravilhosa tradição. Mas temos de fazer isso agora? Eu sou, bem, muito melhor em ouvir histórias do que em contá-las. E, no momento, meus pensamentos estão... longe daqui. Meu tempo é curto. Muito curto! Realmente, eu preciso ir. — Baixinho, acrescentei: — Embora não tenha certeza para onde.

Hallia assentiu, como se minha reação tivesse confirmado suas suspeitas.

— Bem... está vendo? — falou para o irmão, a voz ainda hesitante, mas ao mesmo tempo urgente. — Ele não gosta de histórias.

— Ah, mas eu gosto! — Afastei um pouco de cabelo da minha testa. — Eu sempre adorei histórias. É miraculoso, realmente, aonde elas podem nos levar.

— Sim — concordou Eremon. — E onde elas conseguem nos manter. — Ele me observou. — Venha, jovem falcão. Junte-se ao nosso círculo.

Algo no belo castanho de seus olhos disse-me que ficar mais um momento naquele lugar em particular, com aquelas pessoas em particular, poderia ser importante. E que minha parte da história seria ouvida com interesse — e julgada com cuidado.

— Então está bem — retruquei. — Como começo?

— Como você quiser.

Mordi o lábio, tentando imaginar a melhor maneira de começar. Um animal — sim, parecia ótimo. Um que vivesse como eu vivo agora: sozinho. Enchi os pulmões com ar.

— A história começa — declarei — com uma criatura da floresta. Um lobo.

Hallia sobressaltou-se com minha escolha. Até mesmo seu irmão, cujos grandes olhos continuavam a me esquadrinhar, vacilou. Eu soube, sem sombra de dúvida, que tinha sido uma péssima escolha. Entretanto, não tinha certeza por quê.

— Esse lobo — prossegui — chamava-se Hevydd. E estava perdido. Não no chão, mas em seu coração. Ele perambulava pelas altas colinas, explorando e dormindo e caçando sempre que desejava. Ficava sentado durante horas sobre sua pedra favorita, uivando para as pérolas do céu noturno. Contudo... sua floresta parecia mais uma prisão, com cada árvore mais uma barra de sua jaula. Pois Hevydd estava sozinho... de um modo que ele não conseguia entender. Tinha fome por respostas, mas nem mesmo entendia as perguntas. Ansiava por companhia, mas não sabia... — A garganta seca me fez tossir. — Não sabia onde procurar.

Eremon franziu a testa — se por compaixão ou desânimo, eu não saberia dizer. Mas eu sabia, como ele também, que minha parte da história havia acabado. Manejando destramente a pedra, ele começou a desenhar no terço superior do círculo. Um símbolo, deduzi, da minha parte da história. Mas,

em vez da cabeça ou do corpo de um lobo, como eu teria desenhado, ele desenhou a marca de uma pata. O rastro do lobo.

Olhando não para mim, nem para Hallia, mas para o círculo, Eremon começou a falar.

— Hevydd não se dava conta — entoou — de que a floresta não era uma jaula com barras, mas um interminável labirinto de trilhas sobrepostas. Onde uma trilha terminava, outra começava. Cervos trotavam por esta; texugos corriam por aquela. Uma aranha caía de um galho; um esquilo subia por outro. Pelo chão deslizava uma cobra recém-nascida; No céu voava alto um par de águias. Cada uma dessas trilhas se conectava com outra, de modo que, quando o lobo seguia sozinho ao longo da crista, ele estava, na verdade, viajando na companhia de todos os outros. Mesmo quando se desviava do caminho para espreitar a próxima refeição, as trilhas do caçador e da caça se tornavam uma só.

Sua voz diminuiu até eu mal conseguir ouvi-la acima do riacho que respingava.

— Por isso — continuou Eremon —, Hevydd não notou quando o último carvalho morreu, fazendo com que os esquilos se mudassem. Nem pranteou quando a peste atingiu a coutada, matando cada um dos coelhos. Nem notou o dia em que as borboletas de tom amarelado deixaram de esvoaçar pelos bosques, juntamente com os gaios e corvos que se alimentavam delas.

Ele parou e desenhou uma dezena de trilhas diferentes em sua parte do círculo — as pegadas de todos os animais que ele havia citado e muitos mais. Quando terminou, Hallia aproximou-se, ainda me evitando com seus olhos redondos. Por um momento, observou atentamente o desenho na lama, ao mesmo tempo que brincava com a trança ruiva.

— A floresta — começou — foi ficando mais silenciosa... a cada dia. Muito silenciosa. Menos pássaros chilreavam nos galhos; menos feras passavam pela vegetação rasteira. De sua pedra na elevação, porém, Hevydd uivava com mais frequência. Uivava por causa de uma fome maior, tendo em vista que a comida estava mais escassa. E uivava, também, por causa de uma solidão maior.

Curvando-se graciosamente, ela apanhou a pedra estreita da mão de Eremon. Começou a falar novamente, então parou um pouco antes de, finalmente, saírem as palavras.

— O dia chegou... em que uma nova criatura entrou na floresta. — Com rápidos e profundos golpes, ela encheu a parte restante do círculo com outro rastro: as pegadas das botas de um homem. — Essa criatura chegou... com flechas e lâminas. Furtivamente, habilmente, aproximou-se da pedra onde Hevydd uivava. Não restava nenhum pássaro para se erguer no céu em alerta. Nenhum animal saiu correndo assustado de sua trilha. E ninguém restou para prantear quando o homem matou Hevydd... e arrancou seu coração.

CORRER COMO UM CERVO

Hallia, sua parte da história terminada, fitou solenemente o riacho corrente. Embora tivesse sido afetado pela brutalidade de suas palavras, eu ficara ainda mais afetado pela angústia em sua voz.

Eremon ergueu-se lentamente para encará-la.

— Seria justo dizer, minha irmã, que Hevydd poderia ter vivido se tivesse tido mais compreensão?

— Talvez — respondeu ela, fazendo uma pausa mais demorada do que o normal antes de continuar. — Contudo, também seria justo perguntar: a culpa foi dele ou do homem que o matou?

— De ambos — declarei, levantando-me mais uma vez. — Normalmente é assim. Isto é, com a culpa. Tenho visto com muita frequência o quanto minhas culpas se combinam com as dos outros, para piorar as coisas.

Enquanto Hallia se afastava, recuando para a beira do riacho, Eremon continuava parado, observando-me de modo estranho.

— E como, jovem falcão, você sabe tanto sobre suas culpas?

Sem hesitação, respondi:

— Eu tenho uma irmã.

Seu rosto todo se enrugou num sorriso — que desapareceu assim que Hallia o olhou severamente.

— Agora, diga-nos. O que o trouxe aqui? E por que sinto tanto o lobo solitário em você?

Sentindo o súbito impulso de me apoiar no cajado, instintivamente vasculhei com a visão o capim. De repente, lembrei-me. O cajado sumira. Fora destruído. Juntamente com meus poderes.

O garoto com o cajado de mago, as árvores da Druma tinham me chamado. Encolhi-me diante da lembrança.

— Eu possuía algo... incomum. Algo precioso. E agora está perdido.

As grossas sobranceiras de Eremon se apertaram.

— Que coisa é essa?

Hesitei.

— Diga-nos, jovem falcão.

Solenemente, pronunciei a palavra.

— Mágica. Quer eu pudesse ou não haver me tornado um verdadeiro mago, ainda assim eu tinha alguns dons. Dons da magia. — Fiz uma pausa, lendo a dúvida nos rostos de ambos. — Precisam acreditar em mim. Vim para o reino dos anões a pedido de Urnalda, para ajudá-la a combater Valdearg... Asas de Fogo. Mas ela me traiu. Roubou meus poderes. — Toquei no peito. — E agora, bem, sinto esse vazio. Minha magia, minha essência, foi simplesmente arrancada de mim. Se ao menos vocês pudessem senti-lo... veriam que falo a verdade.

As orelhas de Eremon, ligeiramente pontudas no topo, como as de todos os fincayrianos, homens e mulheres, tremeram por um instante.

— Eu consigo sentir — disse ele, baixinho.

Virando-se para a irmã, perguntou, através de sua expressão, se ela concordava ou não. O rosto de Hallia, porém, revelou somente desconfiança. Lentamente, ela sacudiu a cabeça, a longa trança reluzindo ao sol.

Minha mandíbula se retesou.

— Se não acreditam em nada mais, pelo menos ouçam isto. Dentro de apenas seis dias e meio, Fincayra toda conhecerá a ira de Valdearg. Quer dizer, a não ser que eu consiga algum meio de detê-lo.

Os olhos de Eremon arregalaram-se.

— E não faço ideia nem mesmo de onde começar! — Minha mão apertou o ar, como teria apertado meu cajado. — Devo agora simplesmente me submeter ao dragão? Deixar que ele me devore? Isso talvez o satisfaça. Urnalda disse que sim. Mas pode ser que não! Ele poderia simplesmente prosseguir com sua violência, destruindo tudo que desejasse. Eu tenho de evitar isso.

— Você exige muito de si mesmo — observou Eremon.

Suspirei novamente.

— Um dos meus defeitos. — Minha atenção recaiu no círculo na lama a nossos pés. — É inútil, realmente. Como o lobo em nossa história. — Frustrado, bati o punho na palma. Aqueles dois cervos deviam ter me deixado morrer!

Hallia sobressaltou-se.

— O que você disse?

Encolhi-me.

— Se você duvida do resto, então nunca vai acreditar nessa parte.

Pela primeira vez, ela olhou diretamente para mim.

— Conte-nos... sobre os cervos.

— Bem, é suficiente dizer que dois corajosos cervos... não sei por que razão... arriscaram suas vidas ontem à noite para me salvar. Foram eles que

me trouxeram até aqui. Não, é verdade! Eu gostaria de ter agradecido a eles... Embora as coisas tivessem sido mais simples se eles não tivessem se incomodado. Não faço ideia de onde eles estão agora.

Os profundos olhos de Hallia me sondaram. Pareceu-me que uma nova dúvida, diferente da anterior, brilhou neles. Então, subitamente ciente de que eu retribuía seu olhar, ela, acanhadamente, desviou a vista.

O irmão inclinou-se em sua direção.

— Diga o que quiser sobre as palavras dele. De minha parte, eu as julgo verdadeiras.

Ela segurou-o pelo braço.

— Parte do que ele diz pode ser verdadeira... Mas apenas uma parte. Lembre-se, ele é... — Ela se conteve. — Uma criatura em quem não se deve confiar.

Com um sacolejo, o irmão soltou-se.

— Uma criatura não muito diferente de nós mesmos. — Enfiou a mão pelo cabelo castanho e encarou-me. — Que Asas de Fogo acordou não é segredo. Nem que, recentemente, ele tenha feito muita coisa para castigar os anões. Como os anões têm poucos amigos em outras partes de Fincayra, a maior parte de nós que vivemos em suas fronteiras simplesmente admitiu que eles atraíram esse problema para si mesmos. Mas não... Se sua história é verdadeira, a ira de Valdearg deve ter outra fonte como causa.

Tristemente, admiti.

— Tem, sim. — Surgiu um vento frio, agitando o capim. — Seus ovos... suas únicas crias... foram mortas.

Hallia jogou a trança por cima do ombro.

— Não sinto... pena dele. Ele tem destruído muitas terras, muitas vidas. Mesmo assim, não posso evitar de sentir compaixão por suas crias, assassinadas daquela maneira. Sem qualquer chance de escapar.

Franzi a testa.

— Não sinto compaixão por elas. Apenas cresceriam para se tornarem iguais ao... — Minhas palavras foram morrendo, ao me dar conta do que estava para dizer. *Igual ao pai delas*. Como isso era diferente do que Urnalda dissera a meu respeito?

A voz de Eremon ressoou claramente.

— De minha parte, sinto compaixão por todos eles. Não pretendiam nascer como dragões, mas meramente nascer. — Fez uma pausa, olhando para mim. — Você sabe quem os matou?

— Um homem.

Suas orelhas tremeram uma vez mais.

— E quem foi esse homem?

Engoli em seco.

— Valdearg acredita que fui eu. Tendo em vista que sou descendente de seu maior inimigo... Tuatha. Mas não fui eu. Juro que não fui eu.

Sua testa franziu ao me observar por um longo momento. Finalmente, anunciou:

— Acredito em você, jovem falcão. — Inspirou fundo. — E vou ajudá-lo.

— Eremon! — gritou Hallia, perdendo toda a sua hesitação. — Não pode!

— Se as palavras dele são verdadeiras, Fincayra toda deveria se erguer para ajudar.

— Mas você não sabe!

— Sei o suficiente. — Coçou o queixo proeminente. — Entretanto quero saber mais uma coisa: onde os ovos do dragão ficaram escondidos todos esses anos. Se ao menos pudéssemos encontrar o que restou deles, talvez tivéssemos um indício. Algo que poderia nos dizer quem é o verdadeiro assassino.

— Também pensei nisso — retruquei. — Mas os restos dos ovos podem estar em qualquer lugar! Não temos tempo para procurar. Além disso, o que precisamos acima de tudo achar não é o assassino, mas um meio de deter Valdearg.

Nisso, um fragmento de ideia surgiu dentro de mim. Uma ideia desesperada, maluca. E, com ela, uma opressiva sensação de medo.

— Eremon! Eu sei o que posso fazer no pouco tempo que resta. É uma esperança insensata, mas não consigo ter outra ideia. — Encarei-o diretamente. — E é perigosa demais para pedir que mais alguém se junte a mim.

O rosto sombrio de Hallia iluminou-se. Eremon, por sua vez, olhou-me com gravidade.

— Uma das poucas coisas que sei sobre a batalha de meu avô com Valdearg, eras atrás, é que ele triunfou apenas com a ajuda de um objeto de grande poder. Um pingente... repleto de magia... conhecido como Galator.

Ambos os pares de olhos castanhos me encararam.

— Por algum tempo, usei-o em meu pescoço. Mas aprendi muito pouco de seus segredos. — Meus ombros começaram a cair, ao perceber que, sem meus próprios poderes, a magia do Galator talvez me fosse inútil. E, no entanto... Havia, pelo menos, uma chance. Tentei permanecer ereto. — Preciso, de alguma forma, recuperá-lo. Se eu conseguir, talvez ele possa derrotar o dragão mais uma vez.

— Onde ele está agora? — indagou Eremon.

Mordi o lábio.

— Com a bruxa Domnu... Também chamada de Destino Sombrio. Ela vive nos distantes limites do Brejo Assombrado.

Hallia inalou bruscamente.

— Então era melhor você... imaginar outro plano. Não há possibilidade de você seguir todo o caminho até lá e voltar em apenas seis dias e meio.

Encolhi-me diante de suas palavras.

— Tem razão. Seria bastante difícil, mesmo se eu conseguisse correr como um cervo.

Eremon jogou a cabeça para trás.

— Mas você consegue.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele quis dizer, Eremon virou-se e começou a correr pelo capim, os pés movimentando-se sem esforço. Trotou cada vez mais e mais depressa, até as pernas se tornarem um borrão de movimento. Curvou-se à frente, as largas costas quase na horizontal, os braços quase tocando no chão. Os músculos do pescoço se retesaram quando o queixo impeliu à frente. Então, para meu espanto, seus braços transformaram-se em pernas, martelando o prado. Sua túnica se dissolveu, transformando-se em pelo, enquanto pés e mãos viravam patas. Da cabeça brotou uma enorme galhada de chifres, com cinco pontas de cada lado.

Ele fez a volta, flexionando as fortes ancas ao saltar de volta pelo campo. Num instante, estava parado novamente diante de nós, cada pedacinho de um cervo adulto.

O DOM DE EREMON

Abismado, olhei para os profundos olhos castanhos do cervo.

— Então foi você quem me salvou.

A cabeça galhada de Eremon baixou.

— Foi — declarou ele, sua voz ainda mais sonora do que antes. — Minha irmã e eu quisemos apenas ir à sua ajuda, como você foi à nossa.

Com a testa franzida de preocupação, Hallia aproximou-se e, com a delgada mão, alisou o grosso pelo do pescoço do cervo. Baixinho, ela disse:

— Uma vez seria o suficiente, meu irmão. O favor foi retribuído. Você precisa mesmo fazer mais? — Ela olhou para mim, e sua expressão endureceu. — E por causa de um homem? Preciso lhe lembrar que aqueles homens roubaram as vidas de nossos pais? Que cortaram os ombros da nossa mãe e do nosso pai para comer... e deixaram o resto de seus corpos para apodrecer?

Seus olhos se encontraram. Finalmente, Eremon falou com renovada suavidade.

— Eo-Lahallia, sua dor, como todos os seus sentimentos, é enorme. Mas receio que, em vez de ultrapassar a dor, como nós dois já ultrapassamos

muitos pântanos, deixou que ela grudasse em você como o carrapato sedento que monta em nossas costas por meses sem fim.

Hallia piscou para conter as lágrimas.

— Esse carrapato não irá embora. — Ela engoliu em seco. — E... tem mais. Ontem à noite, após recuperarmos nossas formas bípedes, tive um sonho. Um sonho terrível! Eu entrava... num lugar escuro e perigoso. Havia um rio, creio, correndo depressa. E, bem diante de mim, o corpo de um cervo. Sangue por toda a parte! Ele estrebuchava, à beira da morte. A simples visão me fez chorar! Quando me aproximei para olhar em seus olhos, acordei.

Aflito, Eremon escoiceou o chão com a pata.

— Quem era o cervo?

— Eu... não tenho certeza. — Ela envolveu fortemente os braços em volta do pescoço dele. — Mas não quero que você morra!

Enquanto ouvia, meu coração encheu-se de angústia. Lembrei-me muito bem do abraço de despedida de Rhia na nascente do rio e de meu desejo de estar novamente com ela.

— Aceite o alerta dela — recomendei. — Por mais que anseie por sua ajuda, Eremon, o preço dela seria alto demais. Não, o que quer que eu precise fazer, devo fazer sozinho.

O alívio agitou os olhos de Hallia.

Eremon observou-me.

— Foi difícil para você se separar de sua irmã?

Sua adivinhação me tomou de surpresa, embora eu conseguisse confirmar ligeiramente com a cabeça.

Ele inclinou sua galhada de modo que uma das pontas roçasse de leve na face de Hallia.

— É possível que uma raça cujos irmãos e irmãs se importam tanto uns com os outros seja inteiramente má?

Ela nada disse.

O cervo ergueu a imponente cabeça e dirigiu-se a mim:

— Minha própria raça, o povo cervídeo, já viveu tempo demais com medo e raiva da sua. Não sei se ajudar você também ajudará a criar um vínculo entre nós e a raça de homens e mulheres. Mas de uma coisa eu sei: é certo ajudar outra criatura, não importa a forma de suas pegadas. E o farei.

Hallia prendeu a respiração.

— Seu caminho está firmemente traçado?

— Está.

— Então — declarou ela, com o sacudir de todo o seu tronco —, eu me juntarei a você.

Ela ergueu a mão quando Eremon fez menção de protestar.

— Sua escolha deve ser respeitada e a minha não? — Sentindo a aflição do irmão, ela alisou suavemente sua orelha. — Se eu tiver de chorar, prefiro que seja ao seu lado do que num lugar qualquer longe de você.

Delicadamente, o nariz úmido do cervo tocou o dela.

— Você não vai chorar. — Após uma pausa, ele acrescentou: — Nem eu, espero.

Com isso, Hallia afastou-se do irmão. Olhou abaixo para suas mãos, esticando os dedos sob a luz do sol. Finalmente, virou-se na direção do campo a céu aberto, a rainha-dos-prados pungente debaixo do sol do meio-dia. Num lampejo, estava correndo, depois trotando, saltando através das longas hastes verdes do capim com a graça de uma corça. Virou-se e empinou-se na nossa direção, os cascos pairando ligeiramente acima do relvado.

Eremon agitou as orelhas, depois encarou-me diretamente.

— Agora você.

Recuei, surpreso, escorregando para fora da beira da margem enlameada. Com um baque, aterrissei no riacho. Pingando, com uma trilha de lama escorrendo pelas faces, escalei de volta para o capim.

Os olhos de Hallia me evitaram, mas não pude deixar de ouvir seu riso abafado.

— Ele pode ser um mago, mas precisaria praticar um pouco mais andar com duas pernas, antes de tentar com quatro.

— Ele aprenderá rapidamente — previu Eremon.

— M-Mas esperem — gaguejei, espremendo minhas mangas. — Eu não tenho magia! E, mesmo quando eu tinha, a arte de Mudar ainda era nova para mim. Eu poderia tanto mudar para cervo quanto para um sopro de vento.

— Há um modo. Embora a magia seja minha, e não sua, ainda assim você poderá compartilhar dela. — Baixou a enorme galhada. — Aqui. Pegue sua espada.

— Não! — gritou Hallia, coiceando as patas dianteiras. — Não pode fazer isso.

— Prefere carregá-lo o caminho todo sobre nossas costas? Eu mal consegui trazê-lo da terra dos anões até este lugar. O covil de Domnu é muito mais longe.

Falando novamente para mim, ordenou:

— Corte uma de minhas pontas. Um golpe seco resolverá.

Segurando o cabo, soltei a espada da bainha. Ela soou distante, como um sino coberto. Mirando na ponta mais distante da cabeça de Eremon, baixei a lâmina com toda a minha força.

Houve um súbito clarão e a ponta estalou fora, caindo no chão. Um fresco odor penetrante, como o de uma clareira na floresta, reanimou o ar.

Inspirei fundo, lembrando-me do bosque de cicuta que, muito tempo atrás, forneceu meu cajado. Eremon ergueu uma pata traseira e pisoteou pesadamente a ponta. Várias e várias vezes. Quando, finalmente, parou, restou apenas uma pequena pilha de pó prateado.

Embainhei a espada e ajoelhei-me para observar mais de perto. Os pequeninos cristais brilhavam sob a luz.

A pata dianteira de Eremon cutucou meu ombro.

— Esfregando esse pó nas mãos e nos pés, jovem falcão, você obterá, por algum tempo, o poder do meu povo. Pode mudar de homem para cervo e vice-versa, simplesmente desejando. — Sua voz adotou um tom de alerta. — Mas lembre-se de que, para sobreviver como cervo, precisa não apenas parecer, mas também pensar como um cervo.

Meditando sobre suas palavras, engoli em seco.

— E — continuou — há um risco que você precisa entender. O poder pode durar três meses... ou três dias. Não há um modo de se prever.

— E se acabar enquanto eu estiver na forma de cervo?

— Então permanecerá um cervo para sempre. Esse dom nunca poderá ser dado novamente a você, portanto não posso ajudá-lo a mudar de volta.

Por um momento, fitei seus imensos olhos.

— Aceito o dom. E também o risco. — Tirando as botas, espalhei o pó nas palmas, e esfreguei-o nos pés e nas mãos.

A galhada do cervo cutucou minha coxa.

— Não deixe escapar nenhuma junta de nenhum dedo.

Finalmente, tendo terminado, fiquei de pé.

— Quando... se... eu me transformar num cervo, o que acontecerá à minha bolsa? E à minha espada?

— A magia vai ocultá-las enquanto for cervo, e restituí-las quando for homem.

— Então estou pronto.

Hallia bufou.

— Nem tanto! É melhor... calçar de volta suas botas. Caso contrário, quando voltar à forma de homem, ficará descalço. E, sem demora, terá bolhas incontáveis.

Por mais que seu tom me irritasse, não respondi.

Eremon soltou uma gargalhada grave, gutural.

— Agora corra, jovem falcão! Desfrute seu movimento. Seja tão fluido como aquele riacho, e tão leve quanto a brisa.

Caminhei com dificuldade através do capim, as botas molhadas batendo pesadamente no chão. Água espirrava debaixo de meus dedos. Não precisava ver Hallia para sentir seu olhar desaprovador

Corri mais depressa, e mais ainda. *Tão fluido quanto o riacho.* Inclinei-me adiante, pendendo os braços. *Tão leve quanto a brisa.* Meus joelhos dobraram-se para trás. Minhas passadas tornaram-se mais seguras, mais fortes. Meu queixo esticou-se para a frente. Ambas as mãos — não, alguma outra coisa — tocaram no solo. Minhas costas se estenderam, assim como meu pescoço. De repente, eu estava saltitando pelo campo.

Eu era um cervo.

Minha sombra lustrosa corria pela grama. Acima da cabeça ia uma pequena galhada com duas pontas de um lado e três do outro. *Isso não é tão difícil,* disse a mim mesmo. Olhando para trás por cima do ombro, vi o belo cervo e a corça junto ao riacho agitado. Decidido a cavalgar de volta a eles, virei-me bruscamente. A pata esquerda traseira prendeu-se do lado de dentro da pata direita dianteira. Perdendo o equilíbrio, rodopiei e caí.

Mal eu havia me endireitado, os joelhos bambeando, e Eremon e Hallia estavam a meu lado. O cervo cutucou-me preocupado. Com o flanco menos ferido do que o orgulho, trotei alguns passos para lhe mostrar que não tinha

me machucado. Quanto a Hallia — bem, eu realmente não ligava para o que ela pensasse.

— Venha — ressoou Eremon, torcendo os longos lábios. — Precisamos partir, para fazer a travessia do rio. Com sorte, poderemos chegar às planícies antes do anoitecer.

Ele cavalgou de volta na direção do reluzente riacho, orelhas empinadas à frente, e ultrapassou o canal com um único salto. Hallia seguiu-o, a própria imagem do encanto. Saltitei atrás deles, muito menos suavemente. Embora eu tentasse saltar sobre o riacho tão facilmente quanto os outros, minhas patas traseiras chapinharam na água fria, molhando a parte de baixo do corpo. Apressei-me pela margem, fazendo o possível para alcançá-los.

Eremon nos guiou diretamente para o sul, durante algum tempo, invertendo a rota sobre a escadaria de prados que Rhia e eu havíamos atravessado apenas um dia antes. Em pouco tempo, o ritmo da corrida pelo capim alto e pelos tremoços que haviam desabrochado tardiamente começou a se infiltrar nos músculos e nos ossos. Então gradualmente, de modo que não percebi que estava acontecendo, comecei a me movimentar menos desajeitadamente, menos até mesmo como um corpo do que como o próprio ar.

Cavalgando pela relva, manchada de ferrugem pelo início do outono, percebi que minha visão era boa. Muito boa. Não mais contando com a segunda visão, a qual durante o dia nunca se igualara à visão verdadeira, eu apreciava os detalhes, as bordas, as texturas. Às vezes, até diminuía a corrida apenas para olhar mais atentamente. Gotas de orvalho pendendo de uma teia de aranha, tufo de capim curvando-se tão graciosamente quanto um arco-íris, sementes transportadas pelo ar pairando no vento. Se meus olhos ainda eram pretos como carvão, ou castanhos como os de meus

companheiros, eu não sabia dizer. Isso, porém, não tinha a menor importância, pois eles eram, finalmente, janelas abertas para o mundo.

Por mais satisfatória que tivesse se tornado minha visão, meu olfato ficara ainda melhor. Aromas particulares vinham a mim de todo o entorno. Sentia, com alívio, a diminuição de vestígios do cheiro de fumaça, à medida que nos afastávamos da terra dos anões. E absorvia, irrestritamente, os aromas sutis daquele reluzente dia de outono. Um regato correndo. Uma antiga colmeia no tronco de uma bétula. A toca de uma raposa escondida entre raízes de tojo.

Contudo, o mais renovado de todos meus sentidos, aparentemente, era a audição. Sons que eu nunca imaginara que existissem me banhavam num fluxo permanente. Ouvia não apenas o contínuo martelar de meus cascos e os diferentes pesos e ritmos dos cascos dos dois cervos à minha frente, mas também nossas ecoantes reverberações pelo solo. Enquanto corria, captei o murmurante zunido das asas de uma libélula e as patas de um rato do campo correndo.

Quando o sol se aproximou das colinas ocidentais, percebi que minha habilidade de ouvir ia mais além do que ter ouvidos sensíveis. De algum modo, de uma maneira misteriosa, eu ouvia não apenas sons, mas a própria terra. Conseguia ouvir não com os ouvidos, mas com os ossos, o tensionar e flexionar da terra debaixo dos meus cascos, a mudança do fluxo do vento, as ligações secretas entre todas as criaturas que compartilhavam aqueles prados — não importava se rastejassem, deslizassem, voassem ou corressem. Eu não apenas os ouvia; celebrava-os, pois estávamos ligados tão firmemente quanto uma folha de grama está ligada ao solo.



O SIGNIFICADOS DOS RASTROS

O sol tinha quase alcançado o horizonte quando Eremon virou sua grande galhada na direção de um corredor de névoa que, eu sabia, indicava as margens do rio Incessante. Ao segui-lo, o som do movimento e do salpicar de corredeiras ficou mais alto. Braços de névoa me envolveram. Reduzi o ritmo, percebi que o cervo havia nos levado à travessia que eu conhecia bem. A mesma estranha ansiedade que eu sentira antes com Rhia, ao ver as grandes pedras na margem do rio, inundou meu corpo novamente.

Embora pudesse ouvir claramente o bater das águas, ainda não conseguia ver o rio através da densa névoa. Eremon e Hallia, as pelagens cor de bronze reluzindo de suor, trotaram até um pedaço de terra com juncos verde-escuros. Afetuosamente, Hallia cutucou o ombro do irmão com o seu. Então, baixando a cabeça, eles começaram a pastar os brotos.

Quando me aproximei, o cervo ergueu a galhada e me saudou com um assentir de aprovação.

— Você está aprendendo a correr, jovem falcão.

— Estou aprendendo a ouvir.

Hallia, aparentemente nos ignorando, arrancou um tufo de juncos. Sua mandíbula mastigou ruidosamente.

Eu também comecei a morder os brotos. Embora tivessem um sabor um pouco amargo, consegui sentir quase que instantaneamente uma força renovada em meus membros. Até mesmo o veludo que cobria minha galhada pareceu formigar. Dei uma mordida maior.

Enquanto mastigava, assenti em aprovação.

— O que é, *crunch-crunch-crunch*, isto?

— Grama-da-enguia — respondeu Eremon entre mordidas. — Da época em que meu clã do povo cervídeo vivia perto do mar. Sente a textura na língua? É como a pele desidratada de uma enguia.

Ele arrancou mais alguns talos e mastigou pensativamente por algum tempo.

— Embora não vivamos mais perto do mar, mantivemos o nome desse junco... e muitos de seus usos. É trançado para nossos cestos, cortinas e roupas. Esfolado, batido e misturado com óleo de avelã, inicia nossas fogueiras nas noites de inverno. Abriga nossos filhotes como cobertor, no nascimento, e, na morte, os envia para a Longa Jornada, como mortalha. — Seu focinho preto cutucou outro tufo. — O melhor uso de todos, porém, é simplesmente como alimento.

De repente, Hallia berrou de dor. Deu um salto, sacudindo violentamente a cabeça. Assim que pousou, Eremon estava ao seu lado, alisando o pescoço dela com o focinho. Ela continuou a sacudir a cabeça, choramingando.

— O que foi, minha irmã?

— Devo ter mordido... Ohhh, como dói! Uma pedra ou coisa parecida. Quebrou... um dente, acho. Tremendo, abriu a boca. Sangue cobria um dos dentes traseiros; um fio desceu pelos lábios. — Ohhh... como dói. Lateja. — Por que agora?

Eremon olhou-me, preocupado.

— Não sei como tratar um ferimento desses.

Hallia, ainda sacudindo a cabeça, escoiceou os juncos.

— Eu vou... aaai... até Miach, o Culto. Ele...

— Longe demais — interrompeu o cervo. — A aldeia de Miach fica a mais de um dia inteiro daqui.

Um tremor percorreu o corpo dela.

— Então talvez isso... ai... se cure sozinho... com o tempo.

— Não, não — declarou Eremon. — Você precisa procurar ajuda.

— Mas onde? Devo sair... perambulando? — Apertou bem os olhos, ao fechá-los. Quando os abriu novamente, lágrimas se juntaram em suas pestanas. — Eu queria... ficar com vocês.

— Espere — falei. — Posso não ter mais magia, mas sei um pouco sobre cura.

— Não! — guinchou Hallia. — Não serei curada por... ele.

Eremon fixou os olhos nos dela.

— Deixe-o tentar.

— Mas ele pode... — Estremeceu. — Ele é... um homem. — Cautelosamente, ela dobrou a língua para acariciar o dente quebrado. — Oh, Eremon! — Balançando a cabeça, ela nada disse por um longo momento. Finalmente, perguntou fracamente. — Você realmente... confia nele?

— Confio.

— Então está bem — sussurrou ela. — Deixe-o tentar.

Meu casco bateu com força no chão.

— Mãos. Preciso de mãos. Como me transformo?

— Simplesmente comece a andar — respondeu Eremon. — E deseje fazer a transformação de volta.

Ainda que meu coração doesse por eu perder meus sentidos recém-adquiridos, mesmo por um momento, virei-me na direção das terras que havíamos atravessado. Cavalguei para as cortinas de névoa, tentando lembrar onde eu tinha visto uma grande quantidade de folhas amarelas espiraladas — a planta que minha mãe chamava de *cobertor do homem ferido*. Muitas vezes eu a vira usá-las para acabar com a dor, se bem que nunca num dente. Eu só podia tentar... E torcer.

Após alguns passos, minhas patas começaram a achatarse, as costas, a arquear para cima, e o pescoço, a encurtar. Meus movimentos subitamente passaram a ser rápidos, desarticulados. E a respiração, menos profunda. Em pouco tempo, minhas botas, ainda úmidas do mergulho no riacho, pisaram com força na grama.

Quando, de algum modo, a névoa reduziu um pouco, comecei a procurar a aglomeração amarela de que me havia me lembrado. Por vários minutos, procurei — sem sucesso. Estaria minha vista fraca demais para localizá-la? Teria a névoa perambulante coberto totalmente as plantas? Finalmente — ali estava. Corri para lá e colhi uma das folhas amarelas espiraladas cobertas de pelo. Com firmeza, corri de volta para os outros.

— Aqui — ofeguei, mantendo a folha na minha palma. — Preciso envolver isto no seu dente.

Hallia choramingou, o corpo todo tremendo.

— Isso vai ajudar — persuadi. — Enfim... É o que se espera.

Ela soltou um terrível gemido. Então, quando Eremon delicadamente cutucou seu pescoço, Hallia abriu a boca e ergueu a língua, expondo o dente ensanguentado. Delicadamente, muito delicadamente, corri meu dedo ao longo de sua superfície. De repente, o dedo localizou uma pedrinha introduzida numa fenda. Com um puxão, tirei-a. Embora berrasse novamente, Hallia manteve a boca aberta tempo suficiente para que eu

envolvesse o dente e a gengiva. Quando terminei, ela afastou a cabeça com um movimento brusco.

— Isso deve resolver — falei, parecendo menos seguro do que gostaria.

Lentamente, os lábios de Hallia se apertaram. Ela estremeceu, balançando a cabeça de um lado a outro. Eu tinha certeza de que estava para cuspir fora a folha.

Mas não cuspiu. Em vez disso, seus olhos castanhos moveram-se rapidamente na minha direção.

— O gosto é terrível. Como casca podre de carvalho, ou pior. — Fez uma pausa, hesitando. — Mas... parece ter... melhorado.

A grande cabeça de Eremon balançou.

— Somos gratos, pequeno falcão.

Subitamente, sentindo-me tão acanhado quanto a corça, virei-me de lado.

— Não tão grato quanto eu, por ter sido um cervo... pelo menos por algum tempo.

— Em pouco tempo, voltará a andar novamente com patas. E muitas vezes, se a magia durar. — Olhou para a irmã, cuja língua brincava levemente em cima da folha amassada. — Por enquanto, entretanto, estamos felizes por você ter dedos.

Hallia deu um passo, aproximando-se.

— E... — começou inspirando lentamente — conhecimento. Conhecimento de verdade. Eu achava que homens e mulheres haviam abandonado a linguagem da terra... das plantas, das estações, das pedras... pela linguagem das palavras escritas.

— Nem todos os homens e mulheres — retruquei. Batendo no cabo de minha espada, dei um meio sorriso. — Acredite, aprendi algumas coisas com as pedras. — Meus pensamentos se voltaram para Cairpré, eternamente

buscando tesouros entre as capas dos livros. — A palavra escrita, porém, tem suas virtudes.

Ela me olhou com ceticismo.

— É verdade — expliquei. — Ler uma passagem em um livro é como... Bem, como seguir rastros. Não, não... Não é bem isso. É mais como encontrar o *significado* nos rastros. Aonde eles vão, por que estão correndo ou coxeando, como são diferentes daqueles do dia anterior.

Hallia não disse nada mais, embora girasse as orelhas como se estivesse intrigada. Naquele instante, o vento mudou. Abriu-se uma brecha na névoa à nossa volta, permitindo que alguns reluzentes raios de luz irrompessem. Os raios derramaram-se sobre os brotos de grama-de-enguia, fazendo com que eles brilhassem por dentro.

Ela suspirou.

— Que lindo.

Concordei com a cabeça.

— Você não adora — perguntou ela baixinho — o modo como a névoa se movimenta? Como se fosse uma sombra feita de água.

Parei o movimento com a cabeça.

— Eu estava olhando a luz do sol, e não a névoa. Como ela pinta os juncos e tudo o mais que toca.

— *Hmmm*. — Suas orelhas se contraíram. — Então você viu luz, enquanto eu vi movimento?

— É o que parece. Dois lados diferentes do mesmo momento.

Eremon fez um som gutural, quase uma risadinha. Tiras de névoa trançaram pelo meio de sua galhada. De repente, o vento virou novamente. O cervo ficou imóvel, as narinas tremendo.

Hallia mastigou nervosamente a folha.

— Aquele cheiro... O que é?

Por algum tempo, ele não respondeu, não se mexeu. Finalmente, baixou a galhada.

— É o cheiro — declarou — da morte.



O SONHO QUE SE DEIXOU PERDER

Pisando cautelosamente, nos aproximamos da ribanceira do rio impetuoso. As corredeiras davam lapadas e pancadas. Fios de névoa, tingidos de vermelho pelo sol do ocaso, se entrelaçavam em nossas pernas, contorcendo-se como cordas vaporosas. O solo ficou macio e escorregadio debaixo de meus pés... E dos cascos dos outros.

Na orla da ribanceira, parei para observar Eremon e Hallia descerem. Apesar do terreno irregular, eles se movimentavam tão graciosamente quanto duas gotas de orvalho escorregando por uma pétala de flor. Diferentemente deles, eu permanecia ereto e na vertical — um jovem, metade humano, metade fincayriano. Duas pernas pareciam tão estreitas, tão instáveis. Mesmo quando dobrava os dedos, sentindo sua delicadeza, sentia falta de minhas patas. E, ainda mais, sentia falta de minha própria magia. Graças ao dom de Eremon, eu tinha, pelo menos brevemente, esquecido o vazio de meu peito.

Mudar de volta! Sim. Já. Virei-me para correr ao longo da beirada da ribanceira — quando vi que Eremon parou subitamente, com a cabeça galhada erguida. Hallia também gelou, o pelo em suas costas eriçado.

Assim como eles, fiquei imóvel. Pois, através da névoa fragmentada, eu agora podia ver a margem da ribanceira oposta. E a cena de matança que a maculava.

As grandes pedras de que me lembrava não mais marcavam aquele lugar. Apenas cascas quebradas, suas vísceras malcheirosas com coágulos de sangue. Num lampejo, compreendi que, de modo algum, jamais tinham sido pedras. Eram ovos.

Ovos de dragão.

Espalhados pela margem enlameada, os restos quebrados dos ovos estavam dispostos em horríveis montes. Localizei um pedaço de garganta, brutalmente cortada. E uma asa esfarrapada, listrada de vermelho e verde. Exceto por algumas tiras de carne que flutuavam na beirada, tudo o mais parecia congelado no momento da morte.

Nenhum lobo havia arrastado dali aquelas carcaças. Nenhum abutre havia levado os fragmentos carnudos, ainda brilhando com escamas recém-nascidas. Imediatamente, eu soube por quê. Por toda a cena pairava algo tão forte quanto o fétido odor de carne apodrecida — a possibilidade de que o próprio Valdearg pudesse aparecer a qualquer momento.

Desci a ribanceira para me juntar aos outros. A lama entrava pelas minhas botas, enquanto um crescente temor possuía meu coração. Ao entrarmos no raso, a água fria bateu em nossos membros. Nada, porém, gelava mais do que a devastação diante de nós. Pelo menos, disse a mim mesmo, eram dragões. Destruídos antes que pudessem fazer a mesma coisa com as pessoas. Mesmo assim... as palavras de Eremon ainda me importunavam.

O cervo subiu na ribanceira oposta, então virou bruscamente para a esquerda. Com o casco dianteiro erguido, ele se curvou sobre alguma coisa, observando-a atentamente.

O mais rápido que pude, subi com dificuldade e fiquei atrás dele. Embaixo de seu casco, avistei uma pequena depressão no solo manchada em tons laranja-escuros de sangue. De imediato, percebi que era uma pegada. A pegada de um homem. Ali, tive certeza, estava a prova que Urnalda usara para afastar dos anões a ira do dragão — e dirigi-la a mim.

Cautelosamente, Hallia aproximou-se. Baixou o focinho para farejar a pegada, o nariz quase tocando-a. Olhou de relance para mim, a velha desconfiança de volta em seus olhos. Movimentando a língua, cuspiu a folha que eu havia lhe dado. Então, com a voz quase inaudível acima do rio, ela falou:

— Esse homem, seja quem for, provocou muita dor.

— E Valdearg provocará ainda mais — acrescentou sombriamente Eremon. — A não ser que sejamos bem-sucedidos. Mas nosso tempo míngua. O sol já se põe neste dia.

Tristemente, sacudi a cabeça.

— Essa pegada se parece muito com a minha.

Hallia bufou.

— Todas as pegadas de homens se parecem. Pesadas e desajeitadas.

Eremon bateu na lama com o casco.

— Nem tanto, minha irmã. Está vendo aqui? A beira do calcanhar está abrandada, mas tem uma extremidade nítida. Não é a forma normal, arredondada, causada por se caminhar na relva, ou mesmo num chão duro.

Hallia virou-se na direção de uma das minhas pegadas. Após uma longa pausa, admitiu:

— É, acho que há uma diferença. — Hesitante, olhou novamente de relance para mim. — Desculpe. Eu só...

— Tudo bem — retruquei. — Não diga mais nada. — Encarando Eremon, perguntei: — Então, o que lhe diz a forma desse calcanhar?

— Foi desgastado, com o tempo, por algo irregular. Talvez essa pessoa viva numa espécie de caverna, revestida com pedras ásperas. Ou num labirinto de túneis debaixo do solo.

— Urnalda vive num reino de túneis — refleti. — Mas não usa botas de homem. Além disso, por que atacaria as crias de Valdearg, sabendo que isso atrairia a ira dele contra seu povo? — Lentamente, exalei. — Não faz sentido.

Os olhos de Hallia reviraram.

— Há outra possibilidade. Essa pessoa, esse homem, pode ter deixado a pegada de propósito, tentando, de alguma forma, nos enganar.

— É possível — concordou o cervo. — Os homens, às vezes, podem ser...

— Dissimulados — completou ela.

A galhada dele inclinou-se para o lado.

— Você está dizendo que um cervo nunca é dissimulado? Você nunca tentaria enganar um inimigo?

A corça esticou o pescoço.

— Apenas para me defender. — Olhou para mais próximo dos montes, envoltos na névoa. — Ou, algum dia, para defender minha cria.

Fui até o ovo destruído. Afastando com o pé um pedaço da casca, gelei. Diante de mim estava um braço cortado, suas garras estendidas como dedos. Embora a forma daquele braço não fosse muito diferente à do meu, ele tinha o dobro do tamanho. A parte de baixo exibia uma crista de iridescentes escamas roxas; o pulso parecia tão delicado quanto o pescoço de um ganso. As garras pareciam querer agarrar, Tateando por algo além de seu alcance.

Algo naquele braço sem vida me fez querer tocá-lo. Com minhas mãos, com meus dedos.

Ajoelhei-me e acariciei sua extensão. O braço parecia macio, apesar das fileiras de escamas. Quase como a perna gorducha de um bebê recém-nascido. Não havia muito tempo, fora vivo. E jovem. E inocente.

Finalmente, entendi todo o horror daquela tragédia. Nenhuma vida, nenhuma criatura, nenhum futuro merecia ser arrasado daquela maneira. Assassinado daquela maneira. Não era de admirar que a ira de Valdearg não conhecesse limites.

Para mim mesmo, recitei versos da profecia de Tuatha:

*Com uma ira sem par
E sem limite de poder,
O dragão vai vingar
O sonho que se deixou perder.
Pois, quando despertar,
E vir o sonho sem se concretizar,
Ele achará a vingança justa,
Sem se importar com quanto custa.*

Subitamente, Eremon sacudiu a cabeça, a galhada espalhando borrifos de água. Seu corpo e o de Hallia ficaram tensos como se fossem um só. Estavam sentindo alguma coisa, pressentindo algo que me escapava completamente.

Então ouvi um som, profundo e estridente, como um vulcão distante entrando em erupção. Veio de algum lugar muito além do rio, mas ficava constantemente mais alto. O vento agitou-se; o ar ficou quase imperceptivelmente mais quente. Senti o leve cheiro de fumaça. De repente, uma enorme sombra escureceu a névoa avermelhada.

— O dragão! — gritou Eremon. — Corra!

Os dois cervos dispersaram, pulando para o meio da névoa, enquanto eu cambaleava pela lisa ribanceira. O som de voo trovejou, dilacerando o ar, quando a sombra passou novamente acima. Aterrorizado, pensei em mudar de volta para cervo — quando, subitamente, escorreguei na lama, perdendo o equilíbrio. Num rodopio, rolei abaixo para a beira do rio. Água gelada correu por cima de minhas pernas e também pela espada. Sem fôlego, me pus de pé e saí correndo pelo raso.

Numa parte íngreme da ribanceira mais afastada, avistei uma saliência. Uma densa cortina de capim, molhado pelo borrifo, pendia da borda. Mas, atrás do capim, assomava um lugar escuro onde o rio havia solapado o solo. Uma caverna!

No momento em que o som acima de mim aumentou para um rugido, joguei-me para o interior da caverna, rolando, rolando na lama até me chocar contra a parede arqueada da ribanceira. Por um momento, fiquei deitado no escuro, ofegando. Sentindo a friagem do rio, sentei-me e puxei os joelhos até o peito. Enquanto olhava através da gotejante cortina de capim, senti um gostinho de satisfação. Eu havia escapado de Valdearg. Apenas temporariamente, é claro. Mesmo retardando o inevitável apenas por um punhado de dias, aquilo parecia motivo suficiente de orgulho.

Ouvindo a correnteza lá fora, senti-me grato pela segurança daquela caverna. Era apertada e fedorenta... De certa forma rançosa. Mas quem poderia querer um esconderijo melhor? Então, sem aviso, algo roçou na minha perna.

IMPOTENTE

Encolhi-me, apavorado. Agarrando o cabo da espada, lutei para desembainhá-la. Mas a boca da bainha estava tão cheia de lama que a lâmina se recusava a sair. Curvado por causa do teto baixo, puxei e puxei sem sucesso.

Lançar-me para fora da caverna! Agora, enquanto podia. Antes que aquilo que havia se mexido — seja lá o que quer que fosse — voltasse a se fazê-lo. Mas... hesitei. Mais além da cortina gramínea, o próprio Valdearg poderia estar à minha espera. Novamente, puxei a espada. Novamente, ela não se mexeu.

De repente, um som como eu nunca tinha ouvido ecoou na escuridão. Parte gemido, parte rosnado, parte lamúria, ele foi ficando cada vez mais alto, até, enfim, cessar abruptamente. Pressionei o corpo contra a parede terrosa. Escorreu lama pelo meu pescoço, mas não me mexi. Eu mal respirava — mas o cheiro rançoso atacou-me, mais forte do que nunca. Eu só podia torcer para que aquela criatura, fosse o que fosse, pudesse simplesmente me ignorar e ir embora.

Então, muito gradualmente, um leve brilho laranja começou a iluminar a caverna. A princípio, eu não conseguia saber de onde se originava, pois seu tremeluzir produzia estranhas, desgraciosas sombras que cresciam e mirravam sobre as paredes: gigantes espreitando, cobras contorcendo-se, árvores desabando no chão. Finalmente, porém, localizei a fonte: um triângulo de luz laranja, não muito distante, acima do solo da extremidade da caverna. A luz bruxuleava como uma vela ao vento.

Embora o medo me dominasse, fiz a única coisa que consegui pensar em fazer. Com ambas as mãos em concha, apanhei um pouco de lama do chão, formei uma bola e joguei-a diretamente no triângulo brilhante. Um baque — e, instantaneamente, a luz apagou-se. Ao mesmo tempo, a lamúria, o som de gemido, voltou, dessa vez, aumentando tanto que tive de tapar os ouvidos. Movi-me para mais perto da parede dos fundos.

Imediatamente, a parede toda mudou de lugar atrás de mim. Choveu lama sobre minha cabeça. Por um momento, pensei que a ribanceira estivesse para desabar em cima de mim. Mas a parede de terra não desabou. Em vez disso, fez a única coisa que eu não esperava.

Respirou. Sacudindo-se com esforço, a superfície inteira exalou lenta, demoradamente. Um vento fedorento passou velozmente por mim, redemoinhando por todo o ambiente fechado. Sem me preocupar com Valdearg, rolei para a cortina de capim encharcado, esperando escapar a tempo.

Quando eu estava prestes a rolar para o exterior da caverna, de volta às agitadas águas lá fora, a demorada respiração silenciou. Do mesmo modo abrupto como começara, parou. Era, tive certeza, um dos últimos suspiros — se não o último — de algo à beira da morte. Ou finalmente morto. Parando na entrada, atentei para o caminho de um único feixe de luz, tão rubro quanto o sol que se punha, que fendia a caverna a partir do local onde meu

ombro havia empurrado os capins para separá-los. Ele pousava no lugar onde eu vira o triângulo brilhante.

Meu coração gelou. Pois ali, pendendo para o lado na lama preta, estava uma enorme cabeça — duas vezes o tamanho da cabeça de um cavalo adulto. Pertencia a um dragão.

Seu olho, cuja sinistra luz havia enchido a caverna apenas um momento antes, agora estava fechado. Longas pestanas margeavam a pálpebra. Eu conseguia ver, agarrados nas pestanas, alguns fragmentos de casca quebrada. Um baque escuro projetava-se da testa, enquanto escamas cor de lavanda desciam por toda a extensão do enrugado nariz. Dezenas de dentes, tão afiados quanto adagas, reluziam no interior da mandíbula semiaberta. Curiosamente, apenas a orelha esquerda pendia flacidamente na lama. A direita, de um azul-prateado, estendia-se rijamente no ar, como um chifre fora do lugar.

Um súbito afluxo de piedade me dominou. Que visão de terror levava aquela cria em incubação a deixar seu ovo e se esconder naquele buraco? Minha pele formigou quando me lembrei do movimento do grande corpo contra minhas costas, movimento que, provavelmente, foi seu espasmo final de vida. Um instinto inexplicável me fez adivinhar que aquele dragão era fêmea. Se era, não ia ter a chance de pôr um ovo seu.

Esticando-me, arranquei vários punhados da grama que pendia na entrada. Mais luz vermelha filtrou-se para o interior da caverna. Sondando com a segunda visão, localizei um par de garras afiadas, com pintas roxas, sobressaindo-se da lama. Não muito distante do local onde eu havia momentaneamente descansado, uma cauda com duas pontas em forma de gancho estava enrodilhada. Virando-me de volta para a cabeça, sorri tristemente por causa da irreprimível orelha. Nada, nem mesmo a morte, era capaz de deitá-la para baixo.

Fiquei imaginando sobre os ferimentos da dragoa. Teria ela morrido de fome? Sangrado de algumas feridas profundas que não eu conseguia ver? Ou, como qualquer criança abandonada, simplesmente sofreu de aflição e medo — até, finalmente, sucumbir?

Nesse momento, outro gemido profundo, mais fraco do que antes, ergueu-se no interior da caverna. *Ainda vive!* O imenso corpo dela estremeceu, sacudindo o chão de terra. Pedacos de lama caíram de cima, esparramando-se sobre minha cabeça e ombros. O olho abriu apenas uma lasca, palpitou, então fechou-se novamente, mas não sem antes eu ter captado seu olhar angustiado.

Mordendo o lábio, hesitei. Então... lentamente, muito lentamente, rastejei para mais perto. Cautelosamente, pousei minha mão espalmada sobre seu olho, alisando as delicadas pestanas. Ele não voltou a abrir. Ainda delicadamente, descii a mão para as escamas cor de lavanda do nariz, parando nas imensas narinas. Minha mão inteira mal as cobria. Um fraco agitar de ar aqueceu meus dedos — lembrando-me daquele cavalo de minha infância, cujo nome não mais conseguia recordar, mas de cuja respiração vaporosa eu nunca esquecera. A respiração daquela criatura, porém, pude perceber, estava rapidamente desvanecendo.

Contudo, e se ainda restasse uma minúscula centelha de vida? Talvez eu pudesse... Mas não! Eu não tinha mais magia. Minha mandíbula apertou-se enquanto amaldiçoava a traição de Urnalda. Se ela não tivesse roubado meus dons, talvez eu ainda pudesse invocar o céu acima e o solo abaixo — fontes do poder de Atar, o qual conseguiria unir os fios do cosmos e curar até mesmo o ferimento mais profundo.

Debilmente, minha mão deslizou do nariz da dragoa. Eu não conseguiria invocar esse poder — nem quaisquer outros. Nem poderia fazer nada por

aquela desventurada fera. Impotente! Suspirei, sentindo mais do que nunca aquele dolorido vazio no peito.

Algo puxou minha mão. Uma das escamas se prendera na pulseira feita de um pedaço de vinha que Rhia havia me dado quando nos separamos. Mesmo sob a luz mortiça, a pulseira brilhava com um verde lustroso. O que ela dissera, enquanto a amarrava no meu pulso? *Isso o lembrará de toda a vida à sua volta, e da vida dentro de você mesmo.* Fechei os olhos, ouvindo a voz dela novamente. *A vida dentro de você mesmo.*

Entretanto... Do que servia aquilo para mais alguém?

Quase por força do hábito, enfiei a mão na bolsa de couro e puxei um punhado de ervas. Esfregando as palmas, esmaguei-as o melhor que pude. Instantaneamente, cheiros de casca de carvalho, raiz de faia e bálsamo de prata perfumaram o ar rançoso da caverna. Então, com algum esforço, tirei uma das botas. Usando-a como uma tigela improvisada, joguei dentro as ervas, juntando-as na parte do calcanhar. Espremi lá dentro um pouco de água da minha túnica encharcada, misturei bem a sopa com o dedo e me inclinei para mais perto da dragoa. Como sua cabeça estava inclinada para a lama, consegui verter, em sua boca parcialmente aberta, algumas reluzentes gotas verdes.

Quando as gotas atingiram a língua, esperei que fossem engolidas. Mas nada aconteceu.

Mais uma vez, despejei parte da poção de minha bota. E esperei, torcendo por algum sinal — qualquer sinal — de vida. Mas ela não engoliu. Nem se mexeu. Nem gemeu.

— Engula! — ordenei, minha voz ecoando vagamente nas paredes úmidas. Pinguei mais algumas gotas, que deslizaram para fora da língua e caíram no chão.

Muito tempo após os últimos raios do crepúsculo desaparecerem, e por toda a inexorável noite, continuei tentando. Minhas costas doíam, o pé sem bota latejava de frio e a cabeça bamboleava pela falta de sono. No entanto, recusei-me a parar, meramente ousando ter esperança de que a pálpebra voltasse novamente a tremular, que seu brilho laranja pudesse novamente iluminar a caverna. Ou que a dragoa conseguisse realmente engolir alguma coisa. Mas minha esperança não surtiu efeito.

Quando, finalmente, minha poção de ervas acabou, tentei esfregar lentamente em movimentos circulares o pescoço da criatura, como, certa vez, minha mãe fizera comigo — muito tempo atrás, quando eu me agitava de febre. Não adiantou. Fora as raras respiradas vacilantes, que se tornavam cada vez mais fracas com o passar do tempo, ela não revelava qualquer sinal de vida.

Quando os primeiros tímidos raios da alvorada vaguearam para o interior da caverna, concluí que todos os meus esforços haviam fracassado. Observei atentamente a figura inerte, apreciando a beleza sutil das escamas, o selvagem retorcido das garras. A cria permanecia completamente imóvel, completamente silenciosa.

Tristemente, virei-me de costas. A sensação daquele vazio agora me revolia. Assim como a destruição do outro lado do rio, ela tinha o fedor da morte precoce. Sem me importar com qualquer perigo que pudesse haver lá fora, rolei através da cortina de capim molhado.

VÉU DE NÉVOA

Rolando abaixo pela lisa ribanceira, deslizei pela lama, parando finalmente na beira do rio. A água agitada martelou em meus ouvidos. O borrifo frio encharcou meu rosto. Mais uma vez, densos filetes de névoa se enroscaram à minha volta.

Cautelosamente, vasculhei a margem oposta, à procura de sinais de Valdearg. Ou de meus companheiros. Nada encontrei, além de restos de ovos — cascas quebradas, entranhas coaguladas e pedaços cortados de carne apodrecendo. As colunas rodopiantes de névoa, e o próprio rio, eram tudo que se movia.

Cheio de pesar, olhei para trás, para a caverna que abrigava o último dos filhotes. A última cria de Valdearg. Quem massacrou aquelas criaturas teria pretendido despertar o dragão adormecido das Terras Perdidas, assim como sua ira? E teria também o assassino pretendido que um homem — fosse eu ou qualquer outro — levasse a culpa? Não havia como saber. Talvez simplesmente matar os filhotes de Valdearg tivesse servido aos propósitos do assassino.

Mas que propósitos seriam esses? Eliminar as crias? Ou despertar Asas de Fogo e enviá-lo numa fúria mortal? Aquilo, porém, não fazia sentido. A não ser... Talvez o assassino fosse inimigo dos anões, alguém que esperava que Valdearg lhes mostrasse o ímpeto de sua ira. Ou um inimigo da raça do meu pai, os homens e mulheres de Fincayra. E, eu sabia muito bem, havia muitos desses inimigos. Como uma cicatriz nesta ilha: a época de Stangmar no trono! Uma cicatriz que se recusava a sarar.

Ajoelhei-me na beira do rio. Com as mãos em concha, mergulhei-as na fria corrente, em seguida lavei o rosto sujo de lama. Finalmente, escavei a lama da bainha da espada. Após soltar vários grumos duros, a lâmina finalmente se libertou.

Percorri o dedo pelo punho de prata, brilhando em meio aos salpicos. Talvez o assassino não fosse apenas um inimigo dos anões, nem mesmo de homens e mulheres, mas de toda a vida em Fincayra. Alguém que poderia de fato se beneficiar do terror de Valdearg. Alguém como... Rhita Gawr.

Enxugando o rosto na manga, franzi a testa. Não, não, não podia ser. Como a própria Rhia me advertira, não havia sentido em criar novos inimigos. Eu já tinha problemas o bastante no momento. Contudo... Quem mais, além de Rhita Gawr, seria astuto o suficiente para descobrir os ovos e cruel o suficiente para destruí-los no nascimento?

Algo se elevou acima de minha cabeça, escurecendo a névoa. Valdearg! Ele tinha voltado!

Naquele instante, um grito agudo e perfurante rasgou o ar úmido. Não era, soube de imediato, o som de um dragão. Pois aquele ruído havia me atacado antes. Eu não poderia confundir-lo.

Era o grito de um kreelix.

Olhei em direção ao céu no momento em que asas iguais às de um morcego saíram do meio da névoa. O kreelix mergulhou diretamente em

minha direção, as presas mortais à mostra. Minha mão tentou alcançar o punho da espada — então parou.

Do que adiantava minha lâmina? Não podia esquecer da última vez que enfrentara aquelas presas, debaixo do Velho Carvalho. O choque. A dor terrível. Nada tinha me restado da minha magia, mas eu ainda tinha medo.

Mergulhando abaixo, o kreelix abriu a boca vermelha cor de sangue. Três presas mortais arquearam-se na minha direção. Outro grito agudo rompeu a névoa rodopiante. As garras ergueram-se para me retalhar.

De repente, uma forma escura disparou do meio da neblina através do rio. Eremon! Transpondo o caminho de água com enorme salto, o cervo posicionou-se bem no meio do caminho do kreelix. Com um colossal baque surdo, eles se encontraram em pleno ar. Saltei para fora do caminho quando caíram ruidosamente na ribanceira, espirrando lama em todas as direções.

Os dois rolaram para dentro do rio. Eremon conseguiu se levantar primeiro e baixou a galhada para atacar. Mas o kreelix, gritando vingativamente, soltou as garras, rasgando o flanco do cervo. Ainda assim, Eremon investiu contra a fera, atravessando uma das asas do kreelix com sua galhada. Sangue, tanto vermelho quanto roxo, redemoinhou nas águas agitadas.

Desembainhei a espada — no momento exato em que irrompeu um clarão de luz vermelha. Acima do distante ressoar de minha lâmina, ouvi o grito cruciante de Eremon quando o kreelix voltou a atacá-lo. O imponente cervo vacilou, desabando no meio do rio. Pulei para a água, brandindo a espada enquanto corria através das ondas.

O kreelix girou. Como um enorme morcego, presas à mostra, me golpeou com a asa ileso. Esquivei-me — mas uma ponta ossuda arranhou minha face. Quando dei uma estocada com minha espada em seu peito, uma pedra do rio deslocou-se debaixo de meu pé, forçando-me descontroladamente

para trás. A espada voou de minha mão. A água gelada correu por cima de mim.

Antes que eu conseguisse me endireitar, algo pesado me encobriu, afundando-me ainda mais no rio. Minhas costelas tombaram. Eu engasguei, engolindo água, lutando para escapar da massa de pelo que me esmagava o rosto e o peito. Meus pulmões gritaram, minha mente escureceu.

Imediatamente, uma forte mão agarrou meu braço e me libertou. O ar finalmente encheu meus pulmões, embora eu tossisse incontrolavelmente, vomitando água como uma fonte. Finalmente, os espasmos diminuíram o suficiente para que eu conseguisse distinguir Hallia, em sua forma humana, me arrastando para fora do rio. Ela me largou, respirando pela boca, na margem, e partiu imediatamente.

Após um momento, me ergui, apoiado no cotovelo. Rio abaixo estava o corpo semissubmerso do kreelix, um pedaço quebrado de galhada alojado em suas costas. Então fui atingido por uma compreensão mais fria que as ondas. Do outro lado do kreelix encontrava-se um segundo corpo, esparramado na margem enlameada. O corpo de Eremon.

Ergui-me e cambaleei para seu lado. Hallia, sentada na lama, aninhava no colo a cabeça do cervo. Com o comprido rosto enrugado de dor, ela parecia alheia ao sangue que, do ferimento no pescoço dele, escorria para seu manto. Calada, acariciava a testa dele e a galhada quebrada, o tempo todo olhando dentro de seus profundos olhos castanhos.

— Meu irmão — disse ela baixinho. — Você não pode morrer, ah, não. Não pode me deixar.

O peito de Eremon tremeu, ao tentar inspirar.

— Posso estar morrendo, minha Eo-Lahallia. Mas deixar você? Isso... nunca farei.

Os imensos olhos dela observaram os dele.

— Ainda temos tanto a fazer, você e eu! Ainda não corremos pelas Colinas de Collwyn no florescer da primavera.

O rosto dele retesou-se e sua pata cutucou a coxa dela.

— Você sabe o quanto desejo correr a seu lado como cervo. E permanecer a seu lado como homem. Mas agora... me falta até mesmo a força para mudar para a forma humana.

— Oh, Eremon! Isso é pior, muito pior do que meu sonho.

— Aqui — ofereci, começando a me levantar. — Posso lhe fazer um cataplasma que talvez possa ajudar.

A pata de Eremon me atingiu. Seu olhar, duro mas bondoso, pareceu me engolir inteiramente.

— Não, jovem falcão. É tarde demais para essas coisas. Ou até mesmo para seus poderes, se ainda os tivesse.

Mordi o lábio.

— Quaisquer que tenham sido os poderes que tive outrora, agora são apenas um tormento.

— O kreelix... — começou ele, antes de uma respiração interrompida. — Foi um kreelix, não? Um devorador de magia? Pensei que todos tivessem sido destruídos. Muito tempo atrás.

— Cairpré, meu tutor, também pensava.

Eremon pestanejou.

— O bardo Cairpré é seu tutor? Você é realmente abençoado.

Minha testa enrugou.

— A única bênção que procuro é fazer alguma coisa para ajudar você. Agora, Eremon.

Ignorando meu comentário, perguntou:

— Mas de onde... o kreelix veio? Por que ele atacou você?

— Não sei. Cairpré acha que alguém os anda criando, treinando-os para matar.

Com dificuldade, ele engoliu saliva.

— O kreelix... ele pensou que você ainda possuía magia. Caso contrário, não o teria atacado.

Sacudi a cabeça.

— A única magia que possuo é a que você me deu. Ele deve ter sentido isso.

Eremon encolheu-se. Virou-se na direção da irmã.

— Perdoe-me.

Pestanejando para conter as lágrimas, ela respondeu amargamente:

— Vou tentar.

Uma onda de borrifos ergueu-se da água e pousou sobre o cervo com a suavidade do brilho de uma vela, acariciando o seu corpo manchado de sangue. Veio outra onda de borrifos, depois outra. Quase como se o próprio rio estivesse sofrendo, não menos do que Hallia e eu. Então notei que o ar à nossa volta começara a estremecer, a oscilar, como o véu de névoa que separava este mundo do Outromundo. Naquele momento, senti, de algum modo, que outra presença, mais esquiva do que a própria névoa, havia se juntado a nós.

Hallia empinou a cabeça, primeiro em dúvida, depois surpresa, como se sentisse algo mudar no corpo do irmão. Os reluzentes músculos dele relaxaram. O rosto, recém-serenado, inclinou-se ligeiramente, como se estivesse ouvindo as palavras sussurradas de alguém. Quando finalmente falou, o pesar ainda marcava sua voz. A antiga ressonância, contudo, retornara, junto com um toque de algo mais, algo que eu não conseguia propriamente definir.

— Minha irmã, os espíritos vieram... me levar, para me guiar na Longa Jornada. Mas, antes de eu ir, você precisa saber que eu também tive um sonho. Um sonho... sobre uma época em que você transbordava de alegria, assim como na primavera o rio transborda de água.

A cabeça de Hallia baixou, quase tocando na dele.

— Não consigo imaginar uma época como essa sem você.

A respiração de Eremon diminuiu, e ele falou com mais esforço.

— Essa época... virá para você, Eo-Lahallia. E, nos dias que a antecederem, em seus momentos de temor e em seus momentos de repouso... eu virei pessoalmente até você.

Fechando os olhos, ela virou o rosto.

A pata de Eremon tremeu, alisando minha mão.

— Seja... corajoso, jovem falcão. Encontre o Galator. Você tem mais poder... do que imagina.

— Por favor — implorei. — Não morra.

Os profundos olhos castanhos se fecharam e palpitarão brevemente.

— Que prados verdes... o encontrem.

Ele exalou uma última vez, então ficou imóvel.

O REDEMOINHO

Envoltos em névoa, com o sangue de Eremon escorrendo pelos nossos braços, Hallia e eu nos esforçamos para carregar o pesado corpo do cervo até uma curva protegida da ribanceira. Ali, brotava uma porção de terra de um verde vibrante e cavamos sua sepultura no solo úmido, rico. Hallia teceu um xale funerário feito com brotos de grama-de-enguia, que pendurou cuidadosamente no pescoço do irmão. Após encher a sepultura, cuidei para que ela não fosse perturbada. Apesar da exaustão, carreguei mais de uma dezena de pedras para o local. Pedras grandes e pesadas. Por mais que minhas costas doessem, meu coração doía mais.

Enquanto eu trabalhava, Hallia permanecia em silêncio, parada junto à sepultura, uma lágrima ocasional vagueando até o queixo. Embora nada dissesse, ela às vezes agarrava seu manto amarelo ou pisoteava o solo, um testemunho das violentas tempestades que assolavam o seu interior. Ao completar meu ajuntamento de pedras, aproximei-me, mal ousando olhar para ela, muito menos tentar consolá-la.

Finalmente, sem desviar os olhos da sepultura do irmão, ela falou:

— Ele o chamava de *jovem falcão*.

Em silêncio, confirmei com a cabeça.

— É um nome que tem um significado para meu povo.

Eu nada disse.

Ainda sem olhar para mim, ela continuou, sua voz soando longe, muito longe.

— Existe uma história, tão antiga quanto o primeiro rastro do primeiro casco, sobre um jovem falcão. Ele fez amizade com um cervo. Levava-lhe comida quando ele machucava a pata, conduzia-o até em casa quando ele se perdia.

Sacudi a cabeça.

— Seu irmão confiava em mim. Mais do que confio em mim mesmo.

Seus olhos redondos passaram rapidamente na minha direção.

— Em mim também. — Ela suspirou fortemente. — Suponho que em breve você irá embora.

— Sim.

Ela jogou a trança por cima do ombro.

— Bem, se pensa que vou com você, está enganado.

— Eu nunca pedi...

— Ótimo. Porque, se pedisse, minha resposta seria não. — Chutou uma das pedras do rio. — Eu digo não.

Observei-a por um longo momento.

— Eu não lhe pedi, Hallia.

— Não, mas *ele* pediu. — Olhou para as pedras. — Ele me pediu. Não com palavras, mas com os olhos.

— Você não deve ir. Já sofreu o bastante.

Sua cabeça baixou.

— Sofri mesmo.

Vendo minha espada na margem, agachei-me junto ao rio e lavei a lama da lâmina. Tristemente, recoloquei-a na bacia. Então sentindo os pés mais pesados do que as pedras que depus sobre a sepultura de Eremon, segui lentamente em direção a Hallia. Ela não se mexeu, ficou apenas me observando com seu olhar repleto de inteligência e dor. A um passo de distância, parei.

Senti o impulso de segurar sua mão, mas me contive.

— Eu sinto muito. Muito mesmo.

Ela não respondeu.

Por vários minutos, ficamos parados ali, imóveis e em silêncio. Fora a névoa rodopiante, serpeando em volta de nossas pernas, e as águas agitadas do rio Incessante, nada se moveu, nada mudou. Senti novamente a profunda calma que havia sentido no interior da pedra viva. E, em algum lugar bem lá no fundo, a discreta magia de um cervo.

Do nada, uma forte rajada de vento nos atingiu. O manto de Hallia sacudiu-se em suas pernas. Respingos voaram do rio e nos molharam; a névoa fragmentou-se em nada. O vento aumentou — uivando, empurrando-nos para trás. Hallia berrou quando sua trança se ergueu da cabeça. Por mais que eu tentasse manter o equilíbrio, o vento inclinava-me pela lisa lama. Caí na direção do rio, quase atingindo a água, quando...

Não atingi.

De repente, estava voando, carregado no ar pelos ventos ferozes, rodopiantes. Minha túnica agitava-se e ondulava, às vezes cobrindo meu rosto. O pé de Hallia atingiu-me, enquanto ela cambalhotava pelo ar ali perto, mas, quando tentei chamar por ela, o vento forçou as palavras de volta pela minha garganta. Girando loucamente, levantávamos cada vez mais no ar.

Num determinado momento, através da névoa espiralada, minha segunda visão vislumbrou a área de grama de cor vibrante onde havíamos enterrado Eremon. Logo rio acima, os restos dos ovos de Valdearg permaneciam espalhados. Então nuvens espessas engoliram tudo, assim como o vento havia nos engolido. As correntes rodopiantes berravam em meus ouvidos.

Empurrado e girado incansavelmente, jogado de cabeça para baixo e para os lados, perdi qualquer orientação que pudesse ter tido. Meu corpo parecia esticado, surrado, virado de dentro para fora. Agredido — de todos os lados ao mesmo tempo. Com os olhos lacrimejando, eu mal conseguia respirar em meio aos ventos agressores. Estaria Hallia se saindo melhor? Aonde quer que aquela tempestade rodopiante estivesse nos levando, eu só esperava que pudéssemos chegar lá vivos. Não demorou muito, perdi a consciência.

Quando acordei, encontrei-me esparramado com a cara num chão de lisas pedras de pavimentação. Ainda girando, minha cabeça latejava com um som estrondoso, como o de intermináveis ondas do oceano. Permaneci grudado nas pedras — pareciam tão sólidas! — por mais alguns segundos antes de me dispor a virar. Finalmente, reuni a força para rolar de costas. Fracamente, a cabeça ainda rodando, empurrei o corpo para ficar sentado.

Hallia, notei, estava ao meu lado. Seu rosto parecia pálido; ela respirava espasmodicamente. O cabelo cor de bronze, não mais amarrado numa trança, estava espalhado pelas pedras. Estendi a mão vacilante na direção dela, quando, de repente, me detive.

Aquele som estrondoso... não da minha cabeça, não do mar, mas de vozes. Centenas e centenas de vozes. Todas à nossa volta, todas gritando.

Nós dois estávamos no meio de um grande círculo com assentos, repletos de pessoas bradando. Um anfiteatro! Embora nunca tivesse visto um, eu me lembrava muito bem das descrições de minha mãe, durante minha infância

em Gwynedd, dos anfiteatros romanos. Eram, ela explicara, arenas colossais para esportes — e, às vezes, para sacrifício.

Atordoado, sacudi o nevoeiro da minha segunda visão, na tentativa de absorver tudo aquilo. O chão de pedras estendia-se com mais largura do que qualquer pátio que eu já tinha visto, indo até as fileiras e mais fileiras de pessoas que nos rodeavam. Muitas agitavam o punho em nossa direção, fazendo-me sentir que seus gritos eram mais provavelmente insultos do que aplausos.

De repente, uma enorme porta dupla abriu-se com força no lado mais distante do anfiteatro. Saindo da escuridão, galopou um imenso garanhão preto, puxando uma biga. Sentado no veículo, um musculoso guerreiro ergueu os fortes braços para a multidão. Quando deram brados de incentivo, ele estalou seu chicote acima da ondeante crina dos cavalos, levando a biga bem na nossa direção.

Ele vai nos atropelar! A compreensão me atingiu como um raio.

Lutando para me pôr de pé, segurei embaixo dos braços de Hallia. Desesperadamente, tentei erguê-la para minhas costas. Ao mesmo tempo, acima da multidão estrondosa, ouvia o bater dos cascos do garanhão nas pedras. A biga se aproximava mais e mais.

Finalmente, tremendo por causa do peso, consegui levantar Hallia do chão. Olhando de relance para trás, vi os olhos enlouquecidos do cavalo e o sorriso triunfante do guerreiro que rapidamente se aproximava de nós. Meu coração martelava contra as costelas. Dei um passo vacilante, depois outro. A multidão trovejava furiosamente.

Minhas pernas dobraram-se debaixo de mim. Caí de joelhos. Hallia tombou para a frente, batendo no chão com um gemido alto. Girei a cabeça um instante antes de a biga nos esmagar debaixo de suas rodas. Instintivamente, joguei-me diante de Hallia.

Nesse momento, a biga desfez-se no ar. O mesmo aconteceu com o anfiteatro, a multidão, os gritos estrondosos. Tudo que restou foram as pedras, o garanhão preto e o próprio guerreiro. Sinistras luzes azuis bruxulearam em volta das extremidades do aposento, se é que aquilo era realmente um aposento, pois eu não conseguia enxergar mais nada. Nada de paredes, nada de teto. Apenas escuridão colorida pelas bruxuleantes luzes azuis no horizonte.

Com uma das mãos presa ao reluzente peitoral e a outra segurando o chicote, o guerreiro aproximou-se a passos largos. Com os dentes arreganhados para nós, ele sorria com evidente satisfação. Então, miraculosamente, também começou a mudar. O rosto barbudo ficou mais largo e mais suave, e todo seu cabelo desapareceu. Duas orelhas triangulares brotaram, juntamente com uma verruga grande e murcha no meio da testa. Por todo o calvo couro cabeludo corriam rugas como sulcos numa plantação. Dois velhos olhos, mais escuros até mesmo do que os meus, me observaram atentamente. Apenas o sorriso do guerreiro permanecia, embora estivesse guarnecido com dentes tortos, deformados.

— Domnu — estridulei, minha garganta subitamente seca.

— Mas que prazer em revê-lo, meu bichinho. — Ela alisou o robe cheio de panos e passou a nos rodear, os pés descalços batendo nas pedras. — E você me deu uma excelente chance de dirigir aquela biga! Os humanos, no todo, não são muito chegados a terem ideias. Mas os romanos tiveram uma muito boa com aquela.

Fez uma pausa, coçando a verruga na testa.

— Ou foram os celtas? Os pictos? Não importa... Humanos, qualquer que seja o tipo. Uma ideia muito boa mesmo que eles tiveram. Embora eles carecessem de imaginação para torná-la mais emocionante.

O garanhão preto pisoteou o casco e relinchou ruidosamente. Domnu parou de rodear e olhou para o possante corcel. As pontas dos dentes mostraram que o sorriso dela havia aumentado. A voz ficou mais suave, e até mais ameaçadora.

— Está discordando, meu potro? A emoção foi demais para você? — Aproximou-se e, lentamente, passou a mão pelo focinho do garanhão. Ainda que tremesse ligeiramente, ele continuou a manter a cabeça elevada. — Talvez queira voltar a ser uma peça de xadrez?

Imediatamente lembrei-me da peça de xadrez de um cavalo negro que tinha visto quando visitei o covil de Domnu pela primeira vez. Na ocasião, ele mostrara ter fibra, como o fazia agora. E ele me fez lembrar vagamente daquele cavalo... Daquele garanhão. Como era seu nome? Mordi o lábio, lembrando-me daquela época, muito tempo atrás, quando senti os braços fortes de meu pai em volta de mim, e as costas ainda mais fortes nos sustentando, enquanto cavalgávamos pelas terras do castelo. O que quer que eu tenha esquecido mais, nunca consegui esquecer o galope empinado do garanhão, seu ar digno. E o modo como comia maçãs da minha mão.

Enquanto Domnu continuava falando com o cavalo, Hallia mexeu-se a meu lado e abriu os olhos. Ela gelou ao ver a bruxa careca.

Embora um pouco de cor tivesse voltado à sua face, eu sabia que, provavelmente, ela ainda estava muito fraca.

— Consegue ficar de pé? — cochichei.

— Eu... não sei. — Ela me olhou preocupada. — Aquele vento... Onde estamos? Quem é aquela... bruxa? O que eu perdi?

— Muita coisa. — Dei-lhe um sorriso amarelado. — Você não acreditaria, se eu lhe contasse.

Hallia franziu a testa. Segurando meu braço, apoiou-se para ficar de joelhos. Seus olhos dispararam mais uma vez para Domnu.

— Ela me dá... arrepios. Quem é?
— Domnu. Creio que estamos em seu covil.
— Bem — interrompeu Domnu. — Nossa segunda convidada acordou.
— Olhou ríspidamente para o garanhão, depois deslizou em nossa direção. Curvando-se sobre Hallia, passou a mão pelo seu couro cabeludo enrugado.
— Uma mulher-corça, não é? — Estalou a língua sabiamente. — Consigo sempre perceber pelo queixo. Com todos os ossos, eu conheço essa forma! Tão adoravelmente afunilada.

Embora estivesse tensa de medo, Hallia fez o melhor possível para manter a voz calma.

— Sou realmente uma mulher-corça... do clã Mellwyn-bri-Meath. — Desviou a vista. E peço... aliás, exijo... que nos liberte. Im... Imediatamente.

— Exige? Você disse que exige? — Mais uma vez, a bruxa passou a andar em círculos, examinando-nos como um lobo faminto. — É melhor não fazer mais exigências, meu bichinho. Péssimos modos, realmente péssimos. Na ocasião oportuna, decidirei o que fazer com você, assim como decidirei como dar uma lição a um certo cavalo.

Nisso, o garanhão pisoteou novamente o chão de pedra. Bufou orgulhosamente.

Domnu parou de rodear. Seus olhos negros se estreitaram. Das extremidades do aposento, a luz azul aumentou estranhamente, crepitando como as chamas de uma fogueira sem calor.

— Eu entendo, meu potro. — Sua voz soou calma e, ao mesmo tempo, ameaçadora. — Você precisa simplesmente de uma mudança. Uma perspectiva diferente sobre a vida.

Ergueu o dedo indicador. Examinou-o brevemente, olhando a luz azul tremeluzir pela sua pele. Então lambeu o dedo lenta e deliberadamente. Finalmente, levou-o até os lábios e soprou-o delicadamente.

O garanhão recuou, relinchando ruidosamente. Escoiceou os enormes cascos no ar. De repente, ele encolheu para um animal pequeno e de focinho pronunciado, tão fino quanto uma serpente, com pelo marrom poeirento e olhinhos negros. Uma doninha. O bichinho deu-nos um olhar sinistro, então saiu correndo pelo chão, desaparecendo nas chamas azuis.

Hallia engoliu em seco e agarrou meu pulso.

Domnu arreganhou os dentes tortos.

— Pobre potrinho. Isso lhe dará uma chance para descansar. — Seus olhos lançaram-se de volta a nós. — Claro que cuidei para que ele não tivesse dentes. Desse modo, não será tentado a usá-los, digamos, inapropriadamente.

— Sua infeliz! — exclamei. — Foi uma coisa terrível que você fez! O cavalo só estava sendo...

— Desrespeitoso. — O rosto de Domnu tremeluzia na crescente luz azul. — E confio que vocês não façam o mesmo. — Pensativamente, ela coçou a proeminente verruga. — Principalmente porque planejo alimentá-los com uma suntuosa refeição.

Bateu as mãos enrugadas. Instantaneamente, surgiu um banquete completo numa mesa de carvalho sobre o centro do chão. Diante de nós estavam fumegantes pães, pudins de leite, maçãs assadas, legumes na manteiga, trutas, jarras de água e vinho e uma enorme torta que cheirava a castanhas torradas.

Minha boca encheu-se de água. O estômago agitou-se. Quase conseguia sentir o gosto daquela torta. Um olhar para Hallia, porém, disse-me que ela estava tão desconfiada quanto eu. Sacudimos a cabeça em uníssono. Erguendo-me com dificuldade, ajudei-a a ficar de pé, embora ela oscilasse instavelmente. Enquanto Hallia olhava na direção para onde a doninha correu, meu olhar encontrou o de Domnu.

— Não queremos a sua comida.

— É mesmo? — Passou a mão pelo couro cabeludo. — Talvez prefiram carne de cervo.

Olhei-a com um ar zangado.

— Prefiro carne de bruxa.

A luz azul nas extremidades do aposento flamejou, mas Domnu olhou-nos impassivelmente.

— É surpreendente, meus bichinhos, que não estejam com fome. Afinal de contas, estão aqui já faz algum tempo.

— Algum tempo? — fitei-a. — Há quanto tempo estamos aqui?

Domnu voltou a nos rodear, os pés batendo nas pedras.

— Ah, como sua espécie consegue ser adorável quando é voluntariosa! Como pequenos pardais que ficam irritados porque ainda não conseguem voar! Mas, sim, meu bichinho, já faz algum tempo que meu pequeno redemoinho trouxe vocês. Estava começando a ficar preocupada que não conseguissem acordar, ou pelo menos não enquanto eu ainda estivesse com disposição para andar de biga. — Coçou um amontoado de rugas perto de uma das orelhas. — Até fiz uma aposta... contra mim mesma, já que não havia mais ninguém por perto... de que não acordariam. Embora eu tenha perdido a aposta, também ganhei, se é que me entendem. Um resultado admirável. — Gargalhou baixinho. — Eu adoro ganhar.

— Quanto tempo? — exigi saber.

Ainda rodeando, Domnu bocejou, revelando todos os dentes tortos.

— Bem, eu diria que, pelo menos, uns dois dias.

— Dois dias! — exclamei. — Então só tenho três dias restantes!

— Restantes, meu bichinho? Tem algum tipo de encontro marcado?

Fui para a frente dela, interrompendo seu caminhar.

— Tenho. Um encontro com... — detive-me, incerto sobre o que mais deveria revelar. — Com alguém importante.

— É mesmo? — perguntou a bruxa, com um olhar congelante. — Que pena. É muita pena. Eu pensava que você estivesse a caminho de um encontro com Valdearg.

Encolhi-me.

— Sim. É verdade. E era por isso que eu estava à sua procura, Domnu.
— Endireitei as costas. — Pois vim, finalmente, apanhar... o Galator.

Um estranho meio sorriso espalhou-se pelo seu rosto.

— Que interessante. Eu estava à sua procura pelo mesmo motivo.

— O que quer dizer?

A luz azul dançou pela sua testa.

— Sabe, meu bichinho, o Galator foi roubado.



IONN

Meus joelhos quase dobraram.

— Roubado?

Chamas azuis aumentaram em volta do aposento. Sombras delgadas, tão finas quanto árvores mortas, dançaram pelo chão de pedra.

— Sim, meu bichinho. O Galator foi roubado. Com todos os ossos! Ossos empanados! Tomado de mim, sua legítima dona.

— Não! — Coloquei as mãos nos quadris. — Eu sou o legítimo dono. E não você.

Domnu abanou a mão indiferentemente.

— Bem, tecnicamente, suponho que você tenha direito a uma pretensão sobre ele.

— Uma pretensão!

— Você pode até afirmar que é seu. Entretanto, o mais importante é que eu o *posso*. Ou, pelo menos, possuía. Quem o roubou terá de devolvê-lo a mim. — Ela apertou a mão com força. Ouvi o nítido som de ossos quebrando e lascando, como se ela estivesse esmagando o crânio de alguém.

— E — acrescentou com um grunhido baixo — vou cuidar para que isso não aconteça novamente.

Hallia, os olhos de corça fixos nos pés de Domnu, perguntou, arriscando:

— Quem... o teria roubado?

Domnu abriu a mão direita, com a palma para cima, e piscou. Surgiu um cálice de prata, transbordando vinho tinto. Cobras entrelaçadas decoravam sua borda. Ela deu um gole lento, terminando com um estalar dos lábios.

— A pergunta, meu bichinho, não é quem teria roubado, mas quem *conseguiria* roubar. Meu lar, apesar de humilde, é razoavelmente bem fortificado.

Meu olhar percorreu a mesa arrumada com o banquete. Em seguida, olhei para o horizonte, no lugar onde a biga puxada pelo garanhão tinha aparecido. Apenas o anel de fogo azul marcava agora o local. Mal podia acreditar que fora convencido de que estava prestes a ser atropelado. Mas tudo tinha parecido absolutamente real. Sem dúvida, ser esmagado debaixo daquelas rodas também teria parecido igualmente real.

— Não consigo imaginar ninguém assaltando o seu covil. Sua magia é muito poderosa.

A bruxa parou no meio de outro gole. Olhou ameaçadoramente para o cálice, que começou a se desfazer e se tornar uma poça de prata derretida, borbulhando e fumegando, em sua palma. Então, com um piscar, os restos sumiram. Ela dirigiu os olhos, que pareciam mais negros do que a própria noite, na minha direção.

— É essa a questão, meu bichinho. Quem roubou o Galator não foi afetado por magia de modo algum. Não, ele ou ela teve acesso a uma arma que não encontrei durante muitas, muitas eras. Uma arma que elimina a própria magia.

Prendi a respiração.

— Você se refere a... *negatus mysterium*?

Tremeluzindo na luz azul, ela concordou com a cabeça.

— Por estar confiante, confiante demais de que nada dele restava em Fincayra, eu estava despreparada. Nunca mais! A pessoa que o controlou simplesmente esperou que eu deixasse o covil, o que faço a cada poucas décadas, então soltou alguns fios de minhas urdiduras mágicas... e entrou no meu recinto. O *negatus mysterium* apagou qualquer sinal.

Seus dentes tortos mostraram-se num sorriso sinistro.

— Houve, porém, uma falha. — Ela curvou-se para mais perto, sua voz apenas um sussurro. — Você deve se lembrar de que o Galator só servirá ao seu dono se ele tiver sido dado livremente. O que, nesse caso, certamente não foi.

Correndo a mão ao longo do laço de couro da minha bolsa, avalei suas palavras.

— Então quem tem o Galator não pode usá-lo.

— Exatamente, meu bichinho. Esse erro também é revelador. Ele me diz que o ladrão é alguém que conhece muito sobre magia, mas que também é ganancioso, arrogante e impulsivo.

Enfiei a mão na bolsa e senti a corda restante do meu saltério. Ela parecia muito dura, muito quebradiça.

— Eu sei quem é o ladrão.

Domnu olhou-me ceticamente.

— Você sabe?

— Sei. — Sentindo o vazio no meu peito, assenti. — A mesma pessoa que roubou meus poderes.

— Explique-se, meu bichinho.

Troquei olhares com Hallia.

— Antes, preciso de seu compromisso. Nada de traição desta vez.

Ela exibiu a boca cheia de dentes quebrados, iluminados pelas chamas vacilantes.

— O que há de errado, meu bichinho? Não confia em mim?

— Não! E jamais confiarei. — Observei-a cautelosamente. — Mas talvez possa concordar em colaborar com você... por algum tempo.

Domnu rosnou baixinho.

— Uma aliança, então?

— Uma aliança.

— E quais são os termos?

Meus punhos se apertaram.

— Se, juntos, conseguirmos recuperar o Galator, eu posso usá-lo na luta contra Valdearg daqui a três dias. Se eu sobreviver, o Galator é seu. Perco o direito de qualquer reivindicação sobre ele.

Os olhos dela se arregalaram.

— E se você não sobreviver?

— Então será seu também. Mas terá que discutir isso com Valdearg, pois eu não estarei mais presente para perturbar você.

— *Hmmm.* Tentador. — Ela me observou seriamente. — Entretanto, mais um termo deve ser acrescentado. Se você conseguir, com minha ajuda, recuperar o Galator, terá de me mostrar uma coisa.

Intrigado, empinei a cabeça.

— O que eu poderia lhe mostrar?

A bruxa hesitou, alisando a cabeça careca por vários segundos.

— Ora, nada sério, realmente. Apenas uma bobagem.

— O quê?

Ela se curvou tanto que nossos narizes quase se tocaram.

— Quero que me mostre como o pingente... especialmente aquela joia verde em seu centro... funciona.

Recuei, quase trombando em Hallia.

— Você... você não sabe? Com todos os seus poderes?

Domnu chiou.

— Eu lhe pediria se soubesse? Eu sei apenas o que qualquer bardo errante poderia dizer. Que o poder dela é realmente vasto. E completamente misterioso.

Lembrando-me da descrição de Cairpré, citei:

— *Vasto além da compreensão.*

— Realmente. Sem dúvida, eu conseguiria adivinhar todos os seus segredos em pouco tempo. Digamos, um ou dois milênios. Mas alguém que conhece você me fez pensar que talvez pudesse me ajudar a fazer isso mais depressa. Com todos os ossos! Ossos fervidos! Como era mesmo o nome dele? Aquele sujeitinho que vive brincando de jogos com Rhita Gawr.

— Dagda. — Meu rosto enrubescou. Sujeitinho!? — Suas batalhas com Rhita Gawr não são brincadeiras.

A bruxa cacarejou baixinho.

— Quanta ingenuidade. Encantador, meu bichinho, encantador. — Sem ligar para meu desprezo, ela continuou. — Um dia, talvez, você aprenderá que tudo é um jogo. Um jogo sério, talvez, como conduzir uma biga. Ou um jogo sem sentido, cheio de frivolidades... como a vida.

Fixei minhas botas, esfregando o salto no chão de pedra.

— Você nunca vai me convencer disso.

Ela abanou o ar, a mão inundada de luz azul.

— Não importa. Duvido que você vá viver o bastante para aprender a ver a realidade. Ainda assim, aceitarei o comentário de Dagda como sendo verdadeiro. Ele me disse que, um dia, o semi-humano chamado Merlin dominaria de fato o poder do Galator.

Surpreso, preendi a respiração.

— Bem, aceito suas condições, embora duvide que essa previsão se torne realidade. Como seria possível? Durante todo esse tempo, usando o pingente, sentindo seu peso em meu peito, aprendi apenas isto: qualquer que seja sua verdadeira magia, ela tem a ver com... uma emoção.

Subitamente insegura, Domnu deu um puxão nas dobras de seu pescoço.

— Que emoção?

— Amor.

Ela fez uma cara de quem acabava de engolir leite azedado.

— Com todos os ossos! Tem certeza?

Fiz que sim.

— Bem... Como eu disse, o risco é meu. Precisarei apenas descobrir outro modo de desvendar seu segredo. Bem, aqui estamos nós, meu bichinho. Aliados... por enquanto.

— Espere. — Olhei na direção das luzes bruxuleantes. — Eu também tenho uma condição adicional.

A bruxa me olhou desconfiada.

— Qual?

— Antes de prosseguirmos, você precisa devolver o garanhão à sua forma original.

Hallia sobressaltou-se. Seus olhos castanhos me fitaram, atônitos — e, ainda que eu não pudesse ter certeza, com um toque de gratidão.

— O cavalo? — perguntou Domnu. — Por que eu faria isso?

Inspirei fundo, lembrando-me da sensação de correr sobre meus próprios cascos, minhas próprias quatro patas vigorosas.

— Porque você precisa da minha ajuda.

A bruxa rosnou.

— Suponho que sim. Está bem. Embora eu duvide que aquele animal idiota já tenha aprendido sua lição.

Ela agitou o dedo na direção da extremidade do aposento. Subitamente, soou um forte relincho, seguido pelo galopar de cascos. O garanhão negro veio correndo, mantendo distância de Domnu. Cautelosamente, aproximou-se de Hallia, focinhando a mão que ela lhe estendeu. Então, com a cauda chicoteando, deu um passo de lado para mim. Delicadamente, passei a mão pela sua reluzente pelagem, sentindo a sedosa superfície. Ele gemeu baixinho, em resposta.

— Ele conhece você — observou Hallia.

Alisei sua crina preta, inalando o cheiro familiar do cavalo. Lentamente, as extremidades de minha boca se ergueram.

— Sim, eu também o conheço. Seu nome é... Ionn. Ionn y Morwyn. Foi o cavalo do meu pai e meu primeiro amigo.

Domnu deu de ombros.

— Que comovente. Então está bem. Talvez eu considere colocar o cavalo no acordo. Um animal robusto, mas não tem feito outra coisa a não ser criar problemas para mim desde o dia em que eu, bem, salvei-o daquele velho estábulo ventoso.

Ionn deu uma ruidosa bufada, mas ela não prestou atenção.

— Eu preciso mesmo é de algo mais dócil e obediente... um goblin, talvez... para o meu tabuleiro de xadrez. Portanto, se concorda com nossa pequena aliança, o garanhão é seu.

Sentindo o bafo quente de Ionn no meu pescoço, concordei com a cabeça.

— Só que ele não é meu. Nem de ninguém mais, aliás. Esse cavalo pertence a ele mesmo. E apenas a ele mesmo.

Ionn focinhou meu ombro. Continuei a alisar sua crina, lembrando-me da época em que, como criança, eu havia me agarrado a ela. Então, num impulso, tirei uma maçã da tigela sobre a mesa. O garanhão cutucou-a com

o focinho, soltando mais uma vez ar quente em minha mão. Envolvendo a fruta com os lábios, deu a primeira mordida, mastigando ruidosamente. Hallia observou, com um econômico sorriso no rosto.

— Que assim seja, meu bichinho. Vou libertar o cavalo.

Observei Ionn dar outra mordida, em seguida me dirigi à bruxa.

— Então somos aliados.

Domnu alcançou um dos pães ainda fumegando sobre a mesa. Arrancando um naco, deu metade para mim e metade para Hallia, que o apanhou com relutância.

— Tomem. Se vamos ser aliados, mesmo que temporariamente, vocês precisarão de sua força. — Arrancou outro pedaço e enfiou na boca.

— *Hmmm*. Nada mau, ssse me permitem dizzer.

Ionn apanhou o último pedaço da maçã, roçando o delicado nariz contra meu pulso, enquanto mastigava. Ao mesmo tempo, dei uma mordida no pão. Instantaneamente, minha boca encheu-se com seu delicioso sabor de assado. Antes mesmo que eu o tivesse engolido, Ionn bateu no meu ombro com o focinho. Sorrindo, alcancei a tigela e dei-lhe outra maçã. Enquanto ele comia, fiz o mesmo. Logo depois, Hallia também começou a beliscar.

Juntos, ela e eu fomos em direção à mesa de carvalho. Com uma batida de palmas de Domnu, surgiram três cadeiras. Hallia e eu atacamos a comida, comendo e bebendo vorazmente, até não aguentarmos mais. Domnu, por sua vez, comeu a torta inteira em apenas poucos segundos, pingando em si mesma molho de castanha. Então, vendo meu olhar de decepção, ela abanou a mão. Uma nova torta, salpicada de mirtilos, subitamente ocupou o prato. De algum modo, Hallia e eu encontramos lugar para generosas fatias.

Finalmente, Domnu empurrou sua cadeira para trás.

— Agora me fale dessa pessoa que roubou seus poderes. E por que acredita que é o mesmo patife que pegou Galator.

Com as costas da mão, limpei do queixo um pouco de molho amanteigado da truta.

— Falo de Urnalda, a feiticeira dos anões.

Domnu escarneceu.

— Aquela bruxa velha dos túneis? Certamente ela tem arrogância e ganância. Mas carece de paciência, de astúcia e, mais do que tudo, de compreensão da magia. Duvido que ela tivesse manejado o *negatus mysterium*, perigoso como é, sem, no processo, ter destruído sua própria magia.

— Ela o usou contra mim! — Levantei-me, as mãos pressionadas nas costelas. — Toda a minha magia, todo o meu poder, desapareceu. — Engoli em seco. — Ela tomou até meu cajado.

Os velhos olhos da bruxa me examinaram.

— Não é verdade. Percebo magia em você neste exato instante.

Tristemente, troquei olhares com Hallia.

— Você deve estar sentindo a magia que me foi dada por... um amigo. Mas ela só permite fazer uma coisa.

— O quê, meu bichinho?

Hallia me lançou um olhar de alerta.

— Conhecer... um tipo de glória. — Inspirei lentamente. — Embora nem isso dure muito tempo.

O couro cabeludo de Domnu ficou ainda mais enrugado. Atrás dela, as chamas azuis se contorciam e volteavam, lançando sombras sobre as mãos rudes da bruxa.

— Você também não durará, espero. Está muito determinado em enfrentar esse seu dragão, posso ver isso claramente. Bom, agora me diga. Você se lembra da previsão que fiz a seu respeito quando nos encontramos da outra vez?

Tremi, ainda ouvindo a ferroada de suas palavras.

— Você disse que eu seria a ruína, a ruína de toda Fincayra.

— Exatamente, meu bichinho. Não leve isso muito a sério. Além do mais, creio agora que minha previsão foi um pouco exagerada.

— É mesmo?

— É. — Sombras adejaram como espíritos maléficos através do tampo da mesa. — Não porque a ideia em si era falha, nada disso. Mas porque agora, eu sinceramente duvido que você vá viver tempo suficiente para causar muito mais problemas.

Só consegui esboçar um sorriso amarelado.

— Em todo caso — prosseguiu ela —, devemos considerar como usar mais produtivamente o tempo que lhe resta. — As chamas que nos cercavam estalaram e crepitaram. — Não, não, creio que só perderia o pouco de tempo que lhe resta indo atrás de Urnalda.

— Mas por quê? Tenho certeza de que ela é a pessoa certa.

A bruxa sacudiu a cabeça, fazendo com que nesgas de luz azul ondulassem pela sua careca.

— Existe, suponho, uma chance de você estar certo. Mas, sinceramente, duvido. Mesmo assim, você me deu uma ideia. Com todos os ossos! Eu devia ter pensado nisso antes. Há um lugar... uma espécie de oráculo. Ele é capaz de responder a qualquer pergunta, qualquer pergunta mesmo, feita por uma criatura mortal. Receio que isso me exclua. Mas pode funcionar com você.

Indeciso, afastei os fios de cabelo caídos sobre minha testa.

— Onde fica esse lugar? É difícil chegar lá? Meu tempo... é curto demais.

— Dificuldade nenhuma, meu bichinho. E, desta vez, nada de redemoinho! Posso mandá-lo até lá com a habilidade de Saltar. — Uma

risada baixa encheu sua garganta. — Ou, se preferir, pode usar uma biga. Consume mais tempo, mas sempre é muito mais emocionante. — Vendo minha expressão, ela franziu a testa. — Está bem. Saltar, então.

— Ainda não tenho certeza. Se Urnalda tem o Galator, posso levar todo o tempo que me resta para recuperá-lo.

Domnu alcançou o frasco de vinho, abriu a boca tão larga quanto uma fenda e despejou todo o líquido garganta abaixo.

— Ah, meu bichinho, você não entende? Se ele não estiver com Urnalda, você terá usado todo o seu tempo à toa. Se, entretanto, ela o tiver, o oráculo lhe dirá isso imediatamente. Desse modo, você poderá ter certeza de quem é realmente o ladrão. — Esmagou o frasco com a mão, espalhando cacos de vidro pelas pedras. — E isso é uma coisa... com todos os ossos, é uma coisa... que eu gostaria muito de saber.

Lentamente, assenti.

— Então está bom. Fale sobre esse oráculo. Que tipo de pessoa ele é?

— Não é uma pessoa. Não exatamente. O oráculo fica no extremo sul, perto do mar, num lugar rodeado de rochedos... Rochedos íngremes, fumegantes.

Nisso, Hallia ficou tensa. Começou a dizer alguma coisa, mas a bruxa a interrompeu.

— É tão simples, meu bichinho! Tudo que precisa é fazer sua pergunta. — Olhou na direção das luzes tremulantes. — Isto é, após ter superado um pequeno obstáculo.

Encolhi-me.

— Que tipo de obstáculo?

Luz azul explodiu no aposento, engolindo tudo.

☐ PARTE TRÊS ☐



O NASCIMENTO DA NÉVOA

Sal. Nos meus lábios. No ar.

De repente, percebi que minhas pernas e costas estavam molhadas. Completamente molhadas. Mudei de posição, quando algo áspero roçou meu pescoço. Assustado, sentei-me — quando uma reluzente estrela-do-mar roxa caiu do meu ombro, pousando ao meu lado com uma pancada na água.

Poça de maré! Eu estava sentado numa poça de maré. Uma alga marinha estava presa a meu braço; um pepino-do-mar, viscoso e inchado, drapejava minha coxa. E ali, rindo de mim, encontrava-se Hallia. Estava apoiada num pedaço de nodosa madeira flutuante, as costas para as ondas quebrando numa praia de areia preta, cristalina. Tentando conter uma risada, ela rapidamente virou-se de lado.

— Em nome de Dagda! — praguejei, erguendo-me da poça rasa. Ao ficar de pé, a água escorreu de minha túnica e se derramou nas minhas botas. — Com tantos lugares para pousarmos...

Os olhos de Hallia se fixaram em mim — em seguida, desviaram-se.

— Você vai secar — disse ela baixinho, parando por um longo momento para observar a ondulante parede de névoa mais além das ondas. — Este lugar contém mais calor do que possa imaginar.

Incerta sobre o que ela queria dizer, esfreguei o local dolorido do meu pescoço. Embora a dor da ferroadada de estrela-do-mar estivesse passando, o cheiro dela não estava. E a esfregação só fez com que piorasse. Muito parecido com o de alho, porém mais forte, o cheiro flutuava sobre mim, afastando até mesmo o bafo salgado do mar. Na esperança de lavá-lo, curvei-me sobre a poça de maré e passei um pouco de água na pele.

— Espere um pouco — sugeriu Hallia, ainda olhando para a névoa. — O odor de uma ponta de estrela roxa não dura muito tempo. Você teve sorte por não ter sido uma amarela. O cheiro de uma dessas leva dias para passar. E esta praia está cheia delas.

Irritado, olhei para ela.

— Como sabe tanto sobre estrelas-do-mar? E sobre este lugar?

Ela dirigiu os olhos, mais delicados do que a própria névoa, na minha direção.

— Porque é o local da minha infância. Antes do meu clã, o Mellwyn-bri-Meath, partir para as matas do oeste.

— Sua... infância? — Caminhei, as botas chapinhando, na direção dela. — Tem certeza? Esta ilha tem muitas praias.

— Não com areia igual a esta. — Passou os dedos pelos cristais escuros. Então seu olhar se ergueu para algo atrás de mim. — Nem com rochedos iguais àqueles.

Virei-me e vi uma fileira de rochedos escarpados, tão negros quanto a areia sob nossos pés. Erguiam-se ameaçadores, como um renque de árvores mortas. Apesar da forte luz do sol, ainda bem acima do horizonte, os rochedos exibiam apenas sombras, que se sobrepunham sobre outras

sombras. De vários pontos entre suas escarpas, erguiam-se para o céu finos filetes de fumaça.

Arrepiei-me, não apenas por causa da túnica molhada nas costas.

— Os rochedos fumegantes. Os tais citados por Domnu.

— Onde está o oráculo... entre outras coisas.

Usando o dedão do pé, Hallia cutucou uma concha de molusco, virando-a na areia. Uma longa perna cinzenta emergiu instantaneamente da concha e começou a se empurrar de lado. Em poucos segundos, com um piparote, o molusco virou-se de volta — com um esguicho de água do mar, para garantir. Observando aquilo, ela sorriu melancolicamente.

— Era um bom lugar para se viver. Cheio de... Companheiros. Ainda agora.

— Companheiros? — Olhei novamente para os rochedos proibidos, e depois para a negra extensão de praia. — Fora as conchas e as estrelas-do-mar, não tem mais ninguém aqui além de nós.

— Ah, não? — Ela hesitou por um longo momento. Finalmente, sacudiu a cabeça, captando a luz do sol no cabelo com a trança desfeita. — Meu povo está aqui.

— Mas pensei que você tivesse dito que todos partiram.

— Sim, partiram... exceto aqueles cujos rastros já tinham se dissolvido na areia.

Inspirei fundo ar salgado, mais confuso do que nunca.

— Não entendo.

Ela acenou para os rochedos.

— Use seus olhos de cervo, Merlin. Não os seus olhos de homem.

Virando-me, deixei que minha segunda visão se espalhasse pelos rochedos. Para sondar suas sombras. Para sentir suas bordas. O quebrar de ondas atrás de mim desapareceu lentamente, transformando-se num som

diferente — de algum modo mais próximo, de algum modo mais distante. Tamborilando. Martelando. Como um coração sempre batendo, como um casco sempre cavalgando.

Em pouco tempo, comecei a distinguir um leve tracejar de linhas trançadas através das encostas verticais. As linhas corriam em todas as direções, dobrando-se em cada ondulação e depressão dos rochedos. Seriam elas trilhas antigas? Gastas por incontáveis cascos através de incontáveis anos?

E... cavidades. Cavernas. Mais escuras do que as sombras. Repletas de mistério, como também de algo mais.

Assenti, finalmente entendendo.

— Seus ancestrais ainda estão aqui.

Com a graça de uma corça, Hallia pôs-se de pé.

— Eles estão ali, enterrados nas cavernas, e parte de mim com eles. — Suspirou. — Em meu coração, ainda estou presa a esta praia, tanto quanto aqueles mexilhões azuis grudados naquelas pedras ali. Em meus sonhos, descubro-me flutuando através desta neblina como a água-viva azul, tão delicada, que nada pelo raso, para sempre respirando a água que se torna seu próprio corpo.

Suas palavras me rodearam, me envolvendo como a própria névoa.

— Por que, então, você foi embora?

— Por causa dos rochedos. A grande montanha de lava que eles circundam começou a retumbar e depois a fumar. — Seus olhos dispararam pela margem da praia como gaivotas inquietas. — Embora nunca tivesse cuspidado fogo, como o fez no Tempo Distante, a montanha soltou... outras coisas. Coisas malignas.

A pele delicada debaixo do meu olho começou a latejar. A menção de fogo na montanha, muito provavelmente — lembrando-me aquelas chamas,

que eu mesmo provoquei, chamas que marcaram meu rosto para sempre. Ergui a mão para passar nele, quando congelei. A cicatriz debaixo do olho não viera daquelas chamas. Não! Viera de um ferimento mais antigo, de anos antes.

Como pude ter esquecido? Naquele dia, muito tempo atrás, numa praia deserta bem parecida com esta, um javali atacara — e eu era sua presa. Consigo ainda ouvir seu rosnado, ainda ver suas presas cortantes, ainda sinto seu bafo quente. E, a cada latejante pulsação, ainda consigo me lembrar do meu choque ao descobrir que ele não era de fato um javali, mas o maligno chefe guerreiro do mundo dos espíritos: Rhita Gawr.

Hallia cutucou meu ombro com o seu, exatamente como eu a vira fazer, certa vez, como corça, com Eremon.

— Posso perceber que você está enrascado.

Apesar do ar úmido, minha garganta parecia ressecada.

— As tais coisas malignas... da montanha. O que eram?

Ela franziu a testa, depois se abaixou para apanhar um caracol marinho na areia. Pensativamente, passou o dedo pela concha redonda, espiralada, cor de creme.

— Algo me diz que você já sabe. Espíritos... zangados. Procurando morte, e não vida, para qualquer um que vivia aqui.

Quando assenti, o franzido de sua testa aumentou.

— Ao que parece, vieram dos rochedos, das cavernas, do próprio mar. Ninguém soube por quê. Soubemos apenas que doença e dor seguiram seus rastros. — Ela se encolheu, lembrando-se de alguma coisa. — E que só tinham vindo uma vez antes.

— Quando foi isso?

Delicadamente, ela colocou a concha na beira de umas pedras repleta de cracas. Antes de endireitar o corpo, parou para tocar na flor de uma

anêmona rosa, que, sem energia, esperava a volta da maré alta. Finalmente, ficou de pé e, novamente, me encarou, os olhos agora menos temerosos do que tristes.

— Eremon podia ter lhe contando. Ele conhecia todas as histórias antigas.

Envolvi minhas costelas com os braços, tentando me aquecer.

— Sinto falta dele.

— Eu também — sussurrou. — Eu também.

Observei sua língua umedecer os lábios.

— Como está seu dente?

— Ainda dói um pouco — disse ela com tristeza. — Mas não tanto como outras partes.

— Você não precisa contar essa história, se não quiser. Eu só tive a sensação de que...

— Vou tentar.

Virando o comprido queixo na direção das ondas e da névoa mais além, ela começou a falar numa lenta, solene cadência.

— No tempo antes do tempo, todas as palavras ditas podiam ser vistas e tocadas e seguradas. Cada história, uma vez contada, tornava-se um único fio brilhante, um fio que tecia a si mesmo numa ilimitada tapeçaria viva. Ele estendia-se desde aqueles rochedos abaixo em direção ao mar, através desta praia e por baixo das ondas, onde ficava fora do alcance, desconhecido. A tapeçaria, viva com cores e formas, lugares sombrios e brilhantes, era chamada por muitos nomes, mas, para o povo cervídeo, era conhecida como Tapete de Caerlochlan.

Hallia observou um caranguejo, decorado com uma fronde esfarrapada de alga, pavoneando-se através de uma madeira flutuante aos pés dela.

— O tapete ficava mais luminoso, com uma textura cada vez mais rica, com o passar de cada estação. Até... ficar tão adorável que atraiu o interesse de uma pessoa que o desejou para si mesma. Não para saborear suas histórias, sentir suas camadas após camadas tecidas de invencionices, paixões, aflições e deleites, mas para tê-lo. Possuí-lo. Controlá-lo.

— Rhita Gawr — falei, tocando minha dolorida cicatriz.

— Sim. Rhita Gawr. Ele enviou seus espíritos guerreiros para assombrar os rochedos, afugentando o povo cervídeo, envenenando qualquer um que ousasse ficar. Então tomou posse do Tapete de Caerlochlan. Dizem que, naquele dia, o sol, quando começou a nascer, ficou tão abalado pela dor que não suportou voltar. Então, daquele dia em diante, toda a Fincayra foi lançada às trevas.

Ondas corriam para a praia, uma após outra, quase batendo nos nossos pés. Uma dupla de corvos-marinhos saiu voando da neblina, batendo as asas ruidosamente antes de se jogar no raso. Um deles mergulhou totalmente o pescoço na água e voltou com um peixe verde contorcendo-se em seu bico. Atingido pelo sol dourado, o peixe reluziu como uma esmeralda viva.

— Mas atualmente, há sol — falei baixinho.

— Sim. Porque o grande espírito Dagda enfrentou Rhita Gawr e recuperou a tapeçaria de contos. Ninguém sabe exatamente como ele teve êxito, embora digam que ele teve de ceder algo terrivelmente valioso... parte de seus próprios poderes... para conseguir isso.

Uma nova espécie de frio me envolveu, atingindo mais fundo do que a pele por baixo de minha túnica empapada.

— E o que Dagda fez com a tapeçaria, após ter pago tão caro por ela?

Os olhos redondos de Hallia voltaram-se para mim.

— Ele deu.

— Ele o quê?

— Deu. — Ela olhou na direção do mar dormente, oculto pela cortina vaporosa. — Primeiro, usando o rastro de uma estrela cadente como agulha, soltou todos os fios de histórias. Estes ele teceu com fios seus, feitos com parte de ar e parte de água. Quando, finalmente, terminou, a nova tecedura continha toda a magia das palavras pronunciadas, e muito mais. Não era propriamente ar, nem propriamente água... mas algo de ambos. Alguma coisa intermediária. Algo como uma...

— Bruma — completei.

Ela confirmou com a cabeça.

— Então Dagda deu a névoa mágica para os povos desta ilha. Envolveu todo o contorno da costa com ela. De modo que cada praia, cada caverna, cada enseada tocasse seus misteriosos vapores. E, desse modo, cada respiração feita neste litoral se misturasse com sua magia.

Timidamente, encolheu os ombros.

— Portanto foi assim, nos contos de meu povo, que as brumas eternas de Fincayra nasceram.

Por um longo momento, nenhum de nós falou. Uma gaiivota gritou acima, enquanto mariscos esguichavam nas poças de maré. Mais além, ouvíamos apenas as ondas batendo na praia, sugando a areia negra, ao recuarem para o mar. Então o sol baixo caiu atrás de uma nuvem, e eu tremi.

Hallia me observou.

— Você está com frio.

Outro tremor.

— E molhado. Eu realmente preciso de uma fogueira. Só de uma pequena. Escute, se recolhermos um pouco dessa madeira flutuante...

— Não. — Ela sacudiu a cabeça, desgrenhando o cabelo castanho-avermelhado. — Vai atraí-los.

Meus olhos se arregalaram.

— Espíritos?

Ela olhou para os rochedos, que assomavam ainda mais escuros do que antes.

— Talvez eles tenham partido. Já faz tanto tempo. Mesmo assim... me metem medo.

— Uma fogueira bem pequena, então. — Sacudi os braços. — Só para eu me secar.

— Bem... Se você precisa...

Sem outras palavras, começamos a catar os pedaços de madeira flutuante. Mais acima da praia, além das colônias de moluscos, encontrei um antigo emaranhado de algas que haviam secado e virado uma boa quantidade de hastes quebradiças. Abrindo-as com os dedos, tremendo o tempo todo, fiz uma espécie de ninho. Em seguida, batendo duas pedras afiadas uma na outra sobre os gravetos, tentei produzir uma faísca. As primeiras não caíram no ninho, mas na areia molhada. Finalmente, uma delas atingiu uma haste. Delicadamente, soprei-a, forçando-a a queimar. Em pouco tempo, uma estreita coluna de fumaça foi carregada pelo vento em direção ao céu.

Não demorou muito para Hallia e eu estarmos nos aquecendo diante das chamas crepitantes.

— Por mais que eu sinta falta dos cascos — observei —, ter mãos é bastante útil.

Ela assentiu sombriamente.

— Eremon gostava de dizer que cascos podem fazer velocidade, ao passo que mãos podem fazer música.

Lembrando-me de minha desastrosa tentativa de fazer música — tanto tempo atrás, parecia —, dei um sorriso amarelado.

— É, algumas mãos.

— Você já tentou?

Quebrei no joelho uma madeira flutuante e coloquei os pedaços na fogueira.

— Sim, tentei.

Hallia olhou-me como se esperasse que eu falasse mais alguma coisa. Ao perceber que nada falei, ela colheu um pouco de areia com a mão em concha.

— Música, música de verdade, é uma espécie de magia. Tão elusiva quanto a bruma.

Lentamente, tirei da sacola os restos estorricados do meu saltério. Segurando as sobras do cavalete de carvalho, torci a corda, enegrecida e dura. Tentei imaginá-la como parte novamente de um instrumento completo, seguro em minha mão, com todas as cordas reluzentes intactas. Mas a visão explodiu em chamas, esfarelada em carvão. Sumira: qualquer magia que aquela corda tivesse possuído outrora sumira. Exatamente como qualquer magia que meus dedos tivessem possuído.

— Certa vez, Cairpré me perguntou — refleti em voz alta — se a música estava nas cordas...

— Ou nas mãos que as dedilham? — sorriu Hallia para mim. — Minha mãe, que me ensinou a tocar harpa de salgueiro, me fez essa mesma pergunta.

— E você a respondeu?

— Não.

— E sua mãe?

— Não. — Hallia tirou uma craca de um pedaço de madeira flutuante, depois jogou-o nas chamas. — Mas, enquanto estávamos sentadas em uma pedra nesta mesma praia, ela disse que um instrumento, sozinho, não faz música. Apenas som.

Ela franziu a testa.

— Não me lembro de suas palavras exatamente — continuou —, mas ela também disse mais alguma coisa. Que instrumentos musicais precisam manter uma conexão com algo mais... algo maior. Sim, é isso. Ela chamou de *um mais alto poder*.

Dei um salto, ao ouvir aquela frase.

Ela olhou-me.

— Algo errado?

— É disso que vou precisar, se algum dia quiser deter Valdearg. *Um mais alto poder*. Isso pode significar o Galator. Ou pode significar alguma outra coisa. — Usando o que restava dos pedaços da madeira, empurrei as brasas para perto umas das outras. — Seja o que for, não creio que eu o tenha.

Hallia me observou, a metade do rosto reluzindo com as chamas.

— Talvez não, mas você tem algo.

Olhei-a ceticamente.

— Você tem o que quer que seja que levou Domnu a fazer aquele garanhão voltar à sua forma natural. E, tão importante quanto, dar-lhe a liberdade. — Virou-se na direção das ondas vibrantes. — Foi uma coisa nobre de se fazer. Quase... uma coisa que um cervo faria.

Levantei a aba da bolsa e guardei a corda do saltério.

— Então pode ser que pelo menos eu tenha feito uma coisa certa. Só espero que a aquela bruxa mantenha a palavra e liberte Ion.

Hallia sacudiu os longos fios de cabelo.

— acredite, não confio nela mais do que você! Mas ela precisa de sua ajuda para recuperar o tal pingente. Foi por isso que Domnu lhe falou da Roda.

— Roda?

— O oráculo. O tal nos rochedos fumegantes. — Seu rosto enrijeceu. — Chama-se Roda de Wye.

Apertei seu braço.

— Você sabe sobre ela?

— Não muito. Só que está escondida em algum lugar lá em cima. — Fez uma pausa. — E aquele é um lugar medonho... e tem sido assim muito antes de os espíritos terem vindo para a montanha.

— Você sabe o que Domnu quis dizer com *um pequeno obstáculo*?

— Não. E não quero descobrir. — Ela prendeu a respiração. — Há, porém, uma aldeia perto dos rochedos onde talvez você consiga saber mais. É um lugar brutal. Cheio de hom... — Deteve-se. — Daquele *tipo* de homens. Que não nota nem mesmo seu próprio rastro. Que mataria um cervo só por diversão. Não é como... bem, como outro homem que conheço.

Por um instante, o fogo brilhou com mais incandescência em sua face — e, aparentemente, na minha. De repente, Hallia fechou a cara.

— Aquela aldeia... Eu nunca fui lá. E nem quero ir! Mas, para você, é diferente. Era o lugar... pelo menos, na minha infância... onde a maioria das pessoas que procuravam o oráculo iniciava a escalada dos rochedos. Alguém lá deve saber de algo útil.

Sentindo que ela estava se preparando para se despedir, fiquei triste — apesar da gratidão que senti pela sua sugestão.

— Indo lá, suponho, poderei poupar tempo.

— Embora seja um lugar desagradável, e talvez isso lhe custe algum tempo. — Suspirou. — O maior risco para seu tempo, porém, é simplesmente encontrá-la, enfiada em algum canto de seu vale escondido. A não ser que saiba o caminho certo, poderá levar dias procurando entre as depressões dos rochedos e no labirinto de outeiros da extremidade ocidental.

Ela parou, o lábio inferior tremendo.

— E é por isso... Que vou levá-lo pessoalmente.

Meu coração disparou.

— Mas a viagem levará tempo. Ainda mais porque não podemos usar nossas formas cervídeas. Há muito risco de caçadores da aldeia.

Olhei-a bem no rosto.

— Obrigado, Hallia — agradei.

— É apenas... o que meu irmão teria feito.

— Então, vamos! — exclamei. — Enquanto há luz. Deixe-me só apagar a fogueira.

Com a bota, esmaguei o resto das brasas. Mas, assim que ergui o pé, elas voltaram a se inflamar. Intrigado, olhei para a bota. Mais uma vez, tentei apagar o fogo; mais uma vez, ele reviveu. Chutei o restante das brasas em chamas para uma poça de maré ali perto. Elas crepitaram e chiaram, mas continuaram queimando. Ergueu-se um vapor que se misturou com a névoa.

— Precisamos partir — disse ela, com urgência. — Só espero que estejamos partindo sozinhos.

UM VENTO GELADO

Hallia guiou-me pelas pedras escorregadias, carregadas de moluscos, até uma fenda pronunciada na base do rochedo mais próximo. Ali encontramos uma trilha sinuosa coberta de um pó tão negro quanto os próprios rochedos. Calados, seguimos por alguma distância para o interior, antes de virarmos à esquerda, para outra trilha, depois à direita para mais outra. Em pouco tempo, tínhamos feito tantas curvas que eu teria perdido completamente a orientação se não fosse a constante presença dos rochedos destacando-se acima de nós.

O tempo todo, enquanto nos insinuávamos pelo caminho através dos escarpados contrafortes e pilhas de pedras negras, permanecíamos alerta para qualquer sinal dos espíritos da montanha. Com o tempo, os sons e cheiros do mar começaram a enfraquecer. A trilha pela qual seguíamos começou gradualmente a se alargar um pouco. À nossa esquerda surgiu uma série de campos cobertos com restolhos, enquanto que, à direita, assomavam os rochedos negros, separados de nós por uma fileira de íngremes outeiros rochosos. O sol, coberto parcialmente por um alinhamento de nuvens,

pendia bem baixo a oeste, lançando raios dourados sobre a relva riscada pelos tons castanhos e vermelhos do outono.

Perto de um campo, onde havia quatro ou cinco ovelhas pastando, alheias a nós, Hallia parou. Cautelosamente, examinou as sombras que aumentavam.

— Não sei o que me preocupa mais — disse ela, os olhos disparando de um lado a outro. — A ausência de espíritos... ou a presença de homens.

— Eu estou preocupado com outra coisa — comentei sombriamente. — Tempo! Faltam apenas três dias para eu enfrentar Valdearg... com ou sem o Galator. Mesmo se esse oráculo puder me ajudar a encontrá-lo, ainda precisarei, de alguma maneira, recuperá-lo. E aprender a usá-lo.

Ela sacudiu o cabelo solto e começou a pentear com os dedos as partes emaranhadas.

— E tem mais uma coisa, Merlin.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Você ainda terá de voltar ao território dos anões... que não é perto daqui. Embora você possa, se quiser, correr como um cervo, mesmo assim terá de contar com dois dias para a viagem. O que lhe deixará apenas um dia para encontrar o Galator.

Avaliando suas palavras, raspei o chão com minha bota — a mesma que eu usara para tentar salvar o dragão bebê. Eu fracassara naquela tentativa. Será que fracassaria nessa também?

Uma pedra subitamente caiu com um estrondo dos rochedos acima. Hallia sobressaltou-se. Com aflição, sua mão puxou o cabelo.

— Os espíritos...

Olhei em seus olhos.

— Sabe, você não precisa ir mais adiante. Já fez mais do que eu teria pedido.

— Eu sei. — Suas costas se aprumaram. — Mesmo assim, ficarei com você um pouco mais. Até a aldeia. Mas, lá, terei de deixar você. — Olhou para os rochedos sombreados. — E desejar-lhe qualquer sorte que tenha restado nesta terra.

Eu quis, imensamente, agradecê-la. E algo mais, algo além de palavras. Mas minha garganta havia se fechado, tão apertada quanto um punho.

Quando suas mãos voltaram a pentear o cabelo emaranhado, Hallia se virou e começou lentamente a descer a trilha. Olhei mais além dela, na direção dos outeiros rochosos e dos penhascos fumegantes atrás deles. Os raios de sol, perfurando o ajuntamento de nuvens, haviam ficado mais carregados, passando de dourado para laranja, mas os rochedos pareciam mais escuros do que nunca. Mais escuros do que minha segunda visão era capaz de sondar.

Caminhamos em silêncio. A trilha serpeava por entre os outeiros, que ficavam tão perto de nós que, às vezes, a própria montanha desaparecia de vista. Enquanto os pés descalços de Hallia causavam apenas um leve arrastar sobre os cascalhos e o pó, minhas botas trituravam ruidosamente a cada passo. Embora a trilha continuasse a se alargar, aumentando para a largura de uma estrada tosca, as sombreadas pilhas de pedra pareciam pressionar para cada vez mais perto.

Ao manobrar habilmente em volta de uma cobra com pintas amarelas, Hallia lançou-me um olhar preocupado.

— A Roda de Wye, como oráculo, deve ter uma forte magia própria. Mas, talvez, não seja mais forte do que os espíritos de Rhita Gawr. Por isso mesmo ele os enviou para cá... Para destruí-la ou fazê-la servir aos seus propósitos.

Continuei caminhando. As sombras se intensificavam por toda a nossa volta. A meia-voz, respondi:

— Só espero que o próprio Rhita Gawr não esteja entre eles.

Ela inalou fundo.

— Você acha mesmo que ele poderia estar?

— Não sei. É apenas... Bem, não consigo me livrar da sensação de que ele está mais envolvido do que imaginamos. Não apenas com a volta dos espíritos, mas também com outras coisas. Os kreelixes, por exemplo. Por que retornaram logo agora? E a irrupção de *negatus mysterium*... forte o bastante para poder roubar o Galator bem diante da cara enverrugada de Domnu? Talvez até, embora eu não consiga explicar o motivo, a morte de todos aqueles dragões bebês.

Ela me observou, indecisa.

— Isso é como dizer que o berro de um cervo jovem tem ligação com o agitar das folhas de carvalho na ventania.

— Exatamente — declarei. — Pois ligados eles estão! Só não sei por que ou como. Só que, de algum modo, estão.

Com a expressão pensativa, ela continuou pela estrada cheia de pedras.

— Você está quase parecendo... com outra pessoa.

Um momento depois, viramos numa curva — e, de repente, paramos. Diante de nós, iluminadas pelos raios avermelhados, erguiam-se três colunas de fumaça. Não dos rochedos, mas de chaminés. A aldeia.

Hallia ficou tensa, um pé torcendo-se ansiosamente sobre o cascalho.

— Estou... com medo.

Segurei seu braço.

— Você não precisa ir mais adiante.

Ela se sacudiu para se soltar.

— Eu sei. Mas eu decidirei quando voltar. Não você.

Juntos, continuamos caminhando. As altas paredes dos outeiros em ambos os lados recuaram, abrindo-se para um vale estreito. Ali, riscado por

sombras, encontrava-se um assentamento caindo aos pedaços, feito das mesmas lajes que pontilhavam seu pedregoso vale. As cabanas, sete ou oito ao todo, pareciam nada mais que pilhas quadradas de pedra. O telhado de uma delas tinha caído, mas ninguém pareceu se preocupar o bastante para consertá-lo. Mas, fora a fumaça emergindo das chaminés, as ovelhas arrancando os últimos tufos de grama e uma dupla de figuras abraçadas e encostadas na parede do prédio mais alto, a aldeia inteira poderia ser confundida com os afloramentos de pedra em sua volta. Erguendo-se pronunciadamente do lado mais distante do vale, a montanha surgia em meio a rochedos fumegantes, escuros e agourentos.

Hallia girou a cabeça, farejando o ar.

— Está vendo o que falei sobre este lugar? Olhe só para ele! Seja qual for o povo que vive aqui, ele não se uniu à terra. Nunca o fez. Vê ali? Nem um só jardim ou canteiro de flores, ou mesmo um banco para se sentar. A maioria das cabanas nem tem janelas.

Assenti.

— O tipo de lugar aonde as pessoas vêm para escapar de problemas. Ou talvez causá-los.

Algumas gotas de chuva pingaram em nós. Olhei para o espesso agrupamento de nuvens que agora obscurecia o horizonte. Braços de nuvens, retorcendo-se como serpentes negras, estendiam-se na direção dos rochedos. O vento soprava frio e forte do oeste, prometendo mais chuva para breve. Esta noite não haveria pôr do sol — e, provavelmente, nenhuma estrela por algum tempo.

Sombriamente, refleti sobre os rochedos.

— Não posso tentar subir ali numa tempestade. Se vou conseguir ou não aprender algo útil, precisarei esperar na aldeia até que passe o pior. Assim

que o céu começar a limpar, e surgirem algumas estrelas, partirei. Até lá, direi apenas que sou um viajante de passagem.

— Dois viajantes — declarou Hallia. Ela expirou intensamente. — Se bem que eu preferiria, pode acreditar, procurar abrigo entre as pedras. Não importa o quanto chova.

— Tem certeza?

Ela ergueu um pouco mais o queixo.

— Não, mas vou assim mesmo.

O vento gelado nos empurrou ao longo da estrada que margeava a extremidade da aldeia antes de continuar adiante pelo vale estreito. Mais nuvens surgiram, obscurecendo tudo, menos as cabanas mais próximas. Mais depressa do que eu esperava, a chuva tornou-se um toró, depois um aguaceiro. Trovões ecoaram nos rochedos, martelando como cascos celestiais. Quando chegamos ao maior dos prédios, uma chuva torrencial caía sobre o telhado de pedra. As duas figuras abraçadas que tínhamos visto à distância já haviam desaparecido para o interior, deixando entreaberta a tosca porta de pranchas de madeira.

Após sacudir a água do meu cabelo e espremer as mangas da túnica, examinei lá dentro. Não havia muito o que ver. Apenas uma fogueira de turfa crepitando na lareira, algumas mesas e cadeiras esparsas e um sujeito curvado, de cabelo branco, emergindo de outro aposento. Era, aparentemente, uma espécie de taverna. O idoso, que usava avental de garçom, tinha nas mãos uma tigela de barro. Do aposento de onde ele estava saindo, alguém lhe urrava uma ordem — tão alto que o sujeito quase deixou cair a tigela. De um modo submisso, ele assentiu, mergulhando as pontas do bigode arqueado no conteúdo fumegante.

— Minha sopa! — rugiu um homem em uma mesa perto do fogo. — Traga a minha maldita sopa.

Apressadamente, o velho garçom levou-lhe a tigela. O homem arrancou-a de suas mãos, fixou os pés na parede ao lado do fogo, em seguida entornou a sopa com três goles. Jogou a tigela no chão, onde ela se despedaçou. Mal o idoso havia se curvado para limpar a sujeira, o homem voltou a gritar para ele.

— Apanhe mais turfa para o fogo, sim? Não está vendo que estou molhado e com frio? Que tipo de espelunca é esta estalagem na qual congelam os clientes como cadáveres?

O idoso, com o cabelo branco todo torto, carregando os cacos da tigela no avental, seguiu na direção do aposento vizinho. Passou cambaleante por outro homem que havia saído da chuva e que agora estava num canto mal iluminado, cortando com dificuldade um pedaço de carne seca. Embora o capuz de sua capa negra obscurecesse totalmente o rosto, seus modos transmitiam o mesmo mau humor do homem perto do fogo.

Franzindo a testa para Hallia, puxei a porta, abrindo-a. O rangido foi afogado pela cacofonia da chuva no telhado, mas as cabeças de ambos os homens viraram imediatamente na nossa direção. Ainda que o rosto da figura encapuzada permanecesse na sombra, quase pude sentir a dureza de seu olhar. Hallia, atrás de mim, hesitou no vão da porta.

— Pelo cadáver do morto! — grunhiu o homem junto à lareira. — Fechem essa maldita praga de porta! — Seus olhos, assim como a barba grosseira, tinham um brilho vermelho à luz da fogueira. — Vão me causar uma maldita febre, isso sim.

Por um instante, ela pareceu estar prestes a ir embora, mas entrou e fechou a porta. Gesticulei com a cabeça na direção de uma mesa meio caída, na extremidade oposta do salão. Embora não ficasse muito distante do outro homem, cujo capuz negro ainda pingava da chuva, ele parecia ser melhor vizinho do que o grosseirão perto do fogo. Ao seguirmos em direção à mesa,

o garçom idoso voltou, mais curvado do que antes sob o peso de uns torrões de turfa. Ele mal nos olhou quando passamos.

De repente, o homem encapuzado, com um salto, pôs-se de pé. Uma adaga enferrujada lampejou em sua mão. Antes que eu conseguisse sacar minha lâmina, ele chutou por cima da mesa, derrubando-me para trás sobre Hallia. Caímos amontoados no chão.

O homem, envolvido em sua pesada capa, passou rapidamente por nós. No momento em que voltamos a ficar de pé, a porta rangente fechou-se com um estrondo. Corri atrás dele, abri a portão com um puxão e vasculhei a estrada encharcada pela chuva, as cabanas de pedra, o campo deprimente. Nem sinal dele.

Afastando os cachos molhados de minha testa, virei-me para Hallia.

— Ele desapareceu.

— Por que ele fez aquilo? — perguntou ela, trêmula. — Não o ameaçamos.

— Vocês chegaram perto demais, minha cara. — Era o velho de cabelos brancos, tendo se livrado do torrão de turfa. Mas continuava tão curvado que a testa enrugada não chegava mais alto do que a metade do peito de Hallia. — Sabe, vocês perturbaram a privacidade dele.

Ela fechou a cara.

— Mas que aldeia amigável.

O velho soltou uma tensa, ofegante gargalhada.

— Tão amigável, minha cara, que nem tem nome. Ou residentes muito antigos, fora o patrão Lugaid, o dono deste bar, e eu, o velho Bachod. Além de algumas ovelhas aleijadas. — Fechou a carranca na direção do barbudo junto ao fogo. — É um lugar desalmado, minha cara, isso eu posso lhe assegurar. Um lugar que vale a pena evitar, se puder.

Com um puxão, endireitei a mesa.

— Você se importa se a gente sentar um pouco aqui? Só para nos secarmos?

Os cabelos brancos de Bachod, caídos sobre as orelhas, sacudiram de um lado a outro — juntamente com o untuoso bigode cinzento.

— Desde que paguem adiantado o que forem comer, o patrão Lugaid não fará qualquer objeção. — Puxou um trapo e começou a limpar a mesa. — Apenas tomem cuidado com quem sentar perto de vocês, se quiserem continuar com saúde.

— Tomaremos. — Limpei um pedaço de queijo mofado de uma cadeira e sentei-me ao lado de Hallia. — A propósito — perguntei a ele, com o máximo de indiferença possível —, aonde vai dar aquela estrada velha lá fora? Certamente não sobe para os rochedos.

O velho continuou a limpar a mesa.

— Ah, aquele pequeno caminho é mais velho do que eu, talvez até mais do que as pedras. Ele só faz uma curva perto deste vale, como uma cobra sinuosa, e não leva a lugar nenhum. — Sua voz rouca baixou um tom. — Alguns dizem que foram fantasmas que o construíram.

— Fantasmas?

— Lá de cima da montanha. Não ouviu falar neles, rapaz? Então você precisa saber disso, com certeza, já que está viajando por estas bandas. — Parou de limpar e olhou em volta, temeroso, como se as próprias mesas e cadeiras pudessem estar ouvindo. Finalmente, esganiçou: — Eles são raivosos. E muito vingativos. Sua vida está segura, talvez, neste pequeno vale. Mas em qualquer lugar da montanha... Bem, você iria preferir ser perfurado por mil lanças antes de deixar que eles o pegassem.

Nervosamente, cofiou o bigode. Então dirigiu-se a Hallia. Sua voz baixou de forma agourenta.

— Morrer... seria um ato de bondade, porém, comparado com o que eles fariam ao seu coração, às suas entranhas, e, pior ainda, à sua alma imortal, se descobrissem que você é... uma pessoa cervídea.

Os olhos dela se arregalaram ao máximo. Repentinamente, ela partiu para a porta, abriu-a, e sumiu na chuva.

Cravei os olhos em Bachod.

— Seu velho idiota!

Encolhendo-se, ele se afastou de mim.

— Só quis ser útil, só isso.

Apesar de tentado a também lhe dar um susto, virei-me e disparei atrás de Hallia. Assim que cheguei à porta, avistei-a correndo para trás da cabana com o telhado desabado. Mais adiante, mais escuro do que o próprio céu, pude ver a beira denteada do rochedo erguendo-se acima do vale.

— Hallia! — gritei, avançando atrás dela. Lama espirrava de minhas botas, enquanto rios escorriam pelo meu pescoço e braços. Trovões martelavam contra a encosta.

Escorregando até parar junto à cabana desabada, olhei em meio à torrente. Nada além de chuva.

Naquele instante, ouvi um sussurro bem atrás de mim.

— M-e-e-erlin.

Virei-me. Ali, debaixo de uma laje de pedra pendente, tudo que restara do telhado desabado, estava Hallia agachada. Enfiando-me debaixo da laje, juntei-me a ela no oco. Coloquei os braços em volta de seus ombros encharcados, mantendo seu corpo trêmulo junto ao meu.

Vários minutos se passaram. O aguaceiro não abrandava. Finalmente, porém, a tremedeira dela passou. E ela começou a respirar mais normalmente. Senti sua descontração quando pousou a cabeça no meu

ombro. A chuva espirrava por toda a volta, enquanto um vento gelado penetrava em nossas roupas. Mas, de algum modo, eu não sentia frio.

De repente, Hallia retesou-se. Antes que conseguisse me mexer, a lâmina de uma adaga pressionou o meio de minha escápula.

A PONTA DA ADAGA

— **P**arado, agora! — grunhiu a voz atrás de mim. A adaga pressionou mais minhas costas.

Senti Hallia parada a meu lado, tão alerta quanto se estivesse enfrentando uma alcateia. A água escorria da laje suspensa que nos abrigava, respingando em meu braço esquerdo. Tentando permanecer calmo, preendi a respiração.

— Não pretendemos lhe fazer mal, bom senhor. Deixe-nos ir em paz.

— Belas palavras! Certamente você deve ter tido um bardo como mentor.

Apesar da adaga, sobressaltei-me. Algo naquele fraseado, e também na voz, soava vagamente familiar. Entretanto, não conseguia identificar.

— Diga-me a verdade — exigiu o homem nas sombras. — Você também já aprendeu a tocar o saltério?

Sem ligar para o perigo, girei o corpo.

— Cairpré! — Joguei os braços em volta dele.

— Adivinhou — declarou o poeta, jogando para trás o capuz preto.

Hallia arfou.

— Você conhece esse... rufião?

A juba cinzenta balançou quando Cairpré confirmou com a cabeça.

— E bem o suficiente para saber que não gosto de usar uma adaga para algo mais perigoso do que cortar pão. — Enfiou a lâmina na bainha. — Espero que não tenha assustado vocês.

— Ah, não — rosnou Hallia, os olhos disparando do vazio sombreado. Para minha decepção, ela se afastou de mim. — Eu tinha simplesmente, por um momento, me esquecido dos modos traiçoeiros dos homens.

Os olhos de Cairpré, mais fundos do que poças, observaram-na pensativamente.

— Vejo que você é uma mulher cervídea. Do clã Mellwyn-bri-Meath, se não estou enganado.

Ela crispou-se, mas nada disse.

— Eu sou Cairpré, um humilde bardo. — Baixou ligeiramente a cabeça. — Tenho prazer em conhecê-la. E meu coração está dolorido, pois posso ver que minha raça levou sofrimento à sua.

Seus olhos de corça estreitaram-se.

— Mais do que pode imaginar.

— Sinto muito. — Cairpré olhou-a por um momento, depois se virou para mim. — Meu disfarce foi necessário. Assim como aquela pequena cena na taverna, quando temi que você chegasse perto demais e me reconhecesse. Bachod, o velho garçom é...

— Um idiota — afirmei.

— Talvez. — Limpou uma gota de chuva da ponta do nariz, tão pontudo quanto o bico de uma águia. — Mas sabe muito mais do que deixa transparecer, aquele bom sujeito. Embora seu aprendizado não venha de livros, ele é, na verdade, creio, um bardo de coração. *Apesar de cultura não ter, possui o dom do saber.*

Olhou novamente para os rochedos negros.

— Ele já me ajudou mais do que imagina, compartilhando algumas velhas histórias sobre esta terra. Mas, para evitar levantar suspeitas, mantenho secreta a minha identidade. Bachod, portanto, acha que sou apenas um bardo errante. Não faz ideia de quem eu sou realmente, ou do que me traz aqui.

O vento frio aumentou, e, com ele, o pé-d'água. Trovões reverberaram várias e várias e várias vezes entre os rochedos escarpados. Enquanto Hallia e eu nos enfiávamos ainda mais no espaço vazio, para evitar as rajadas encharcantes, tentei fazer contato visual. Mas ela evitou meu olhar.

Protegendo a vista da chuva, Cairpré olhou mais além da laje pendente para as enormes nuvens que convergiam acima do vale.

— Receio que a tempestade esteja piorando. Poderemos ter que ficar aqui por um bom tempo.

Ainda não acreditando que estávamos juntos novamente, sacudi a cabeça.

— O que *traz* você aqui, velho amigo? Você, também, está procurando o Galator?

A expressão do poeta ficou séria. Mudou de lugar para evitar um novo gotejar de água da laje acima de nós.

— Não, meu rapaz. Não é o Galator.

— O quê, então?

— Procuo a pessoa responsável pela volta do kreelix.

Hallia ficou tensa, assim como eu.

— O kreelix? O que você descobriu?

— Muito pouco, receio. — Recolhendo a capa, ele sentou-se sobre as pedras molhadas, gesticulando para que o acompanhássemos. Fiz isso, mas Hallia permaneceu de pé, afastada. — Basta dizer que, após você e Rhia terem partido, eu também parti... Para descobrir o que fosse possível. Os

kreelices desapareceram há eras! Seu retorno ameaça a vida... não apenas a sua, meu rapaz, embora seja isso que esteja pesando em minha mente... mas a de todas as criaturas mágicas. Aliás, desta ilha inteira.

Suas sobrancelhas desgrenhadas se juntaram.

— Com todos os sapos e ratazanas, como foi difícil deixar Elen! Mas eu sabia que meu caminho podia ser perigoso, quase tão perigoso quanto o seu. Mesmo assim, ela quis muito, muito mesmo, vir comigo. Se ela já não tivesse prometido esperar Rhia na floresta, eu não teria conseguido detê-la.

Sorriu tristemente.

— A promessa de Rhia de voltar também foi a única coisa que a impediu de permanecer comigo.

— Sem dúvida. Vocês dois, como irmão e irmã, não poderiam ser mais próximos. *Tão juntos eles são, assim como raízes no chão.*

Nas sombras, Hallia mudou de posição. E, ainda que eu não pudesse ter certeza, ela pareceu se aproximar um pouquinho.

O punho de Cairpré se fechou.

— Devoradores de magia! Passei muitas horas imaginando quem ou o quê poderia ter trazido pelo menos um deles de volta. — O crepitante choque de um raio atingiu a montanha, seguido pela explosão de um trovão. — E concluí que só pode haver alguém perverso o suficiente, cruel o suficiente, para isso.

Antes que ele dissesse o nome, eu disse.

— Rhita Gawr.

Sombriamente, ele me observou.

— Sim, Merlin. O flagelo de qualquer um... e de qualquer terra... que ele não possa controlar. — A cabeça de Cairpré, cabelos grisalhos gotejando, girou na direção de Hallia. — Foi por isso que ele trouxe seus terríveis

feitiços para este lugar. E por isso atormentou seu clã para que deixasse seu lar ancestral.

— Mas... Por quê? — sussurrou ela das sombras. — Esta era a nossa terra. Nosso lar.

O poeta esperou que outro trovão explodisse.

— Porque ele precisava de nenhuma interferência por um longo tempo... Longo o suficiente para criar e treinar kreelixes. E seu povo conhecia muitos dos segredos desta montanha. Vocês poderiam cruzar o caminho dele. Pois, para trazer de volta os monstros, ele precisava punçar o pó vulcânico da montanha. Desencadear *negatus mysterium* no interior de sua lava. Sempre foi o caso. O Clã Virtuoso, o povo que criou os kreelixes muito tempo atrás, geralmente fazia das montanhas de lava seus refúgios, pelo mesmo motivo.

Raios atingiam os rochedos, traçando nossos rostos. Lembrei-me, com um tremor, do emblema do Clã Virtuoso que Cairpré descrevera certa vez: um punho segurando um raio.

— Então você acha — perguntei hesitantemente — que Rhita Gawr está de volta?

— Não sei dizer. Ele ainda pode estar muito enredado em suas batalhas com Dagda, e, por isso, confiando em aliados mortais. Ou — acrescentou gravemente — pode estar mais perto do que pensamos. — As profundas poças debaixo de suas sobrancelhas me inspecionaram. — Bem, meu rapaz. Você disse que está procurando o Galator?

Fitei mais além da laje suspensa a noite que escurecia, o vento uivante, a chuva sem fim.

— Para usar o poder dele, se eu puder, para deter Valdearg.

Lentamente, ele assentiu.

— Como seu avô fez, muito tempo atrás. Mas... Por que aqui? Ele está escondido nestes rochedos?

— Não. Mas um oráculo está... a Roda de Wye.

— A Roda! Com todos os sapos e ratazanas, meu rapaz! Se a Roda de Wye existe, e não estou certo disso, ela poderia ser, por tudo, tão perigosa quanto o próprio dragão. Por que vai se arriscar a isso?

— Não tenho escolha.

— Sempre se tem uma escolha. Mesmo quando parece o contrário. — Pousou a mão sobre meu ombro. — Diga-me onde esteve desde que nos separamos.

Enquanto a chuva golpeava a pedra sobre nossas cabeças, inspirei fundo e comecei minha história. Conte sobre minha viagem com Rhia e como tinha me livrado por pouco de uma pedra viva. Meu encontro com Urnalda — e sua traição. A mão do poeta apertou levemente meu ombro quando descrevi o choque de ela ter destruído meus poderes. E meu cajado. Continuei, narrando minha fuga, o maravilhoso dom de Eremon e nossa descoberta dos ovos mutilados, os terríveis restos das crias de Valdearg.

Então, para surpresa tanto de Cairpré quanto de Hallia, descrevi como encontrara o último filhote sobrevivente — e tentara salvar sua vida. Tudo acontecera durante aquela longa noite. E como, sem restar magia em minhas mãos, eu havia fracassado.

Hallia, tão graciosamente quanto uma folha que caía de uma árvore, sentou-se a meu lado.

— Fez isso mesmo? Você nunca mencionou esse fato.

— Não fiz nada que valesse a pena ser contado.

— Você tentou. — Os olhos dela reluziram sob a luz decrescente. — Salvar uma vida que não precisava salvar. Não é o tipo de coisa que faria a maioria... dos homens.

— Talvez não — observou Cairpré. — Mas é tipo de coisa que um mago talvez fizesse.

Mordi o lábio. Então, mais para mudar de assunto do que para terminar minha história, continuei. Brevemente, esbocei o ataque do segundo kreelix — e o sacrifício de Eremon. Descrevi (apesar de isso me deixar nauseado) o terrível redemoinho. E, finalmente, nosso encontro com Domnu. Enquanto sentia o hálito quente de Hallia em meu pescoço, expliquei o desaparecimento do pingente brilhante e a esperança, embora débil, de que o oráculo pudesse me ajudar a encontrá-lo novamente a tempo.

Após eu concluir, o bardo de cabelos desgrenhados observou-me solenemente por um momento. O último vestígio de crepúsculo percorreu os cumes de suas sobrancelhas quando ele falou novamente:

— Com todos os sapos e ratazanas, meu rapaz. Você parece atrair todos os tipos de dificuldades.

Hallia conseguiu dar um leve sorriso.

— Isso é verdade.

Dei uma batida na coxa.

— Preciso partir para os rochedos agora mesmo! Com ou sem tempestade! As horas que eu passar abrigado aqui serão desperdiçadas.

Hallia fez menção de falar, mas um relâmpago repentino a interrompeu. Finalmente, perguntou:

— Você se arriscaria a escalar uma parede de rocha íngreme, escorregadia da chuva, no meio da noite? Com espíritos do mal por perto? Você é mais insensato do que corajoso.

Comecei a me levantar.

— Mas preciso...

— Ela tem razão, Merlin. — Novamente, a mão do poeta pressionou meu ombro, forçando-me para baixo. — Espere. No tempo que temos juntos, pelo menos me deixe contar o que sei sobre a Roda de Wye.

Relutantemente, concordei com a cabeça.

Fitando a escuridão mais além da borda gotejante da laje suspensa, Cairpré passou a mão pelo cabelo molhado.

— Se a Roda existir realmente e você conseguir encontrá-la, a lenda diz que você se defrontará com uma escolha. Uma escolha difícil.

— O obstáculo — lembrou Hallia. — O tal que Domnu previu.

Impacientemente, mudei de posição sobre as pedras, limpando algumas gotas de água do queixo.

— Que escolha?

— Você descobrirá que a Roda não tem uma voz, mas várias. Uma, e apenas uma delas, é a voz da verdade total. Todas as outras são, de alguma maneira, falsas. Se você escolher a voz certa, terá permissão de fazer qualquer pergunta e saber a resposta. Se, por acaso, escolher a errada... você morrerá.

Com um gemido, sacudi a cabeça.

— Isso é tudo?

— Não. — Cairpré fez uma pausa, ouvindo o vento assobiar nos rochedos. — A lenda diz que a Roda de Wye responderá apenas a uma pergunta de qualquer mortal. Portanto, se você conseguir ir tão longe, enfrentará uma escolha tão difícil quanto a primeira: a escolha de sua única pergunta. Escolha bem, meu rapaz. Pois, após ter respondido, a Roda, para sempre, não lhe revelará mais nada.

Hallia curvou-se para perto do meu ouvido.

— O que você vai perguntar, se tiver a chance?

Por um momento, meditei na escuridão.

— A pergunta que quero fazer... que anseio por fazer. A pergunta que me assombra mais do que aqueles espíritos lá em cima: existe alguma maneira de eu recuperar meus poderes? Mesmo que eu jamais consiga seguir a trajetória de Tuatha. Mesmo que ainda esteja destinado a morrer nas

mandíbulas daquele dragão. Aqueles poderes eram... eu. — Minha cabeça pendeu. — No entanto, não posso fazer essa pergunta. O destino de Fincayra, aparentemente, depende de eu perguntar outra coisa: onde está o Galator?

Bufei fortemente.

— Portanto — continuei —, a verdade é... Eu realmente não sei o que perguntar.

Pude sentir, mais do que enxergar, o olhar de Cairpré.

— Procure a resposta dentro de si, meu rapaz. Pois a escolha é diferente para cada pessoa. Tome, por exemplo, sua irmã, que anseia por voar como uma águia da Fenda. Sem dúvida, ela perguntaria como os fincayrianos, na antiguidade, perderam suas asas... e de que modo poderiam recuperá-las.

Movimentando meus ombros retesados, assenti.

— E você?

— Eu não perguntaria onde os kreelixes estão escondidos, pois acho que consigo descobrir isso sozinho. Graças ao velho Bachod, que ainda tem mais a me mostrar sobre este lugar... Isto é, se algum dia esta tempestade passar. Eu agora estou mais perto do que nunca. *Da curva para lá, Minha trilha vai terminar.* Não, a pergunta que mais me atormenta, a que eu faria ao oráculo, seria como *combatê-los*.

O franzido de sua testa aprofundou-se.

— Nos textos, não consegui encontrar nada sobre isso. Tudo o que sei é que a artilharia da magia, aplicada diretamente, é inútil. Os magos da antiguidade que os combateram devem ter descoberto algo a mais... algo tão comum, mas tão poderoso, como o ar. O problema, porém, é que nada, além da magia, parece ter força suficiente para derrotar toda uma porção deles. E uma porção deles, receio, é o que teremos de enfrentar antes que isso acabe.

Escutei um trovão ecoando na encosta da montanha.

— Se ao menos eu entendesse aquela frase, a que está no fim da profecia.

— Não é a que prevê que, se você combater Valdearg, vocês dois vão...?

— Não, essa não. *Um mais alto poder.*

Ele assentiu, coçando o queixo.

— Pode significar o Galator. Ou, suponho, *negatus mysterium*. Ou... qualquer outra coisa.

Delicadamente, dirigi-me a Hallia.

— Antes de eu ir, diga-me. O que você perguntaria à Roda?

Com a voz tão suave que eu mal podia ouvir acima da tempestade, ela respondeu:

— Se, neste mundo ou no outro, eu poderia encontrar... a alegria do sonho de Eremon. Como seria possível? Sem seus cascos correndo ao lado dos meus?

A menção àquele nome subitamente deu-me uma ideia.

— Seria muito mais fácil, para mim, subir os rochedos — falei lentamente — com quatro pernas, em vez de duas.

Ela se retesou.

— É verdade. — Uma rajada de chuva nos atingiu. — E seria ainda mais fácil se você tivesse alguém a seu lado... alguém que conhecesse as trilhas.

— Não, Hallia.

— E por que não? — Apesar da bravura das palavras, sua voz tremeu. — Você preferiria ir sem mim?

— Eu preferiria saber que você está segura.

— Merlin. Eu vou.

— Mas você...

— É a sua única esperança! Escute. Esta montanha tem muitas trilhas, muitas cavernas. Mas apenas uma é a certa.

Sabendo que ela falava a verdade, tive de concordar. Lentamente, todos nós nos levantamos. Ficamos parados ali, tão silenciosos quanto pedras.

Então Cairpré apertou nossas mãos. Com um rouco sussurro, disse:
— Que Dagda esteja com vocês. E com Fincayra, também.

A ESCALADA

Quem fosse capaz de enxergar através das lâminas de chuva naquela noite talvez conseguisse vislumbrar duas figuras arremetendo-se para fora das ruínas da cabana tombada — primeiramente, sobre duas pernas, depois sobre quatro patas. No início, senti apenas minha própria umidade e o peso da túnica encharcada e das botas ensopadas. Então, segundos depois, o peso começou a declinar. Senti-me mais aquecido e seco do que me sentira o dia inteiro. A túnica mole dissolveu-se, substituída por pelos grossos, áspero. As botas desapareceram, substituídas por fortes cascos. Minhas costas esticaram, assim como meu pescoço. Ao batucar da chuva juntou-se um novo, mais forte.

Correndo pelo campo encharcado, avistei duas ovelhas adiante. Não dei a volta, como teria feito apenas um momento antes. Em vez disso, saltei da relva e deslizei acima delas, tão facilmente quanto uma nuvem flutuante.

Pois eu podia, novamente, correr como um cervo.

Hallia e eu saltitamos pela estrada em direção ao fim do vale, espirrando água das poças e pulando sobre valas que escorriam como rios. Ah, a nova força em meus ombros e nos quadris! A nova elasticidade do meu corpo!

Enquanto eu corria, a chuva forte mais parecia cair ao meu redor que escorrer de mim. Meu nariz formigava com aromas de água do mar, ninhos de gaivotas e líquen de rochedos. O melhor de tudo é que eu conseguia novamente ouvir de verdade — não apenas com os ouvidos, mas com os próprios ossos.

Em pouco tempo, a estrada se estreitou até se tornar nada mais do que uma vala ventosa. Pedras se agrupavam nas laterais como figuras agachadas; água fluía sobre nossos cascos. Hallia, com passadas mais firmes do que as minhas, tomou a dianteira. Suas orelhas giravam constantemente, sempre alertas. Juntos, começamos a avançar com cuidado pela subida cada vez mais íngreme.

O vento uivava sem parar, enquanto a chuva golpeava meu nariz, meus olhos. Saltando sobre algumas pedras e contornando outras, subimos firmemente cada vez mais, a torrente furiosa à nossa volta. Agora, que eu não estava mais correndo, a água arremessava-se sobre mim, escorrendo abaixo pelas orelhas, costas e pelos angulados joelhos traseiros. Sentia-me como se tivesse entrado numa queda-d'água. Minha cauda, apesar de compacta, movimentava-se constantemente, mudando meu peso o suficiente para me ajudar a me equilibrar sobre as pedras escorregadias.

Apesar da escuridão, conseguia enxergar melhor do que havia esperado. Meus olhos discerniam as bordas que sobressaíam dos afloramentos de pedra, as tênues sombras do que podiam ser cavernas. Mesmo assim, sentia-me grato pelos frequentes clarões dos relâmpagos, à medida que avançávamos lentamente em nosso caminho. Com frequência, o vento dava rajadas inesperadas, quase me derrubando. Por várias vezes, as pedras debaixo de meus cascos se soltaram subitamente, deslizando encosta abaixo. Apenas o rápido instinto e as pernas vigorosas do meu corpo de cervo me impediram de cair.

O tempo todo não conseguia me livrar da sensação de que não estávamos sozinhos naquela encosta tempestuosa. Alguém, eu tinha certeza, estava nos vigiando. daquelas cavernas, talvez.

Hallia, escalando logo acima de mim, saltou de um comprido e estreito bloco de pedra para uma beirada plana. Sem aviso, o bloco soltou-se. Rangendo contra a descida pedregosa, ele deslizou direto para minhas patas traseiras. Não tive tempo de fazer outra coisa além de pular. O bloco apenas encostou levemente em mim, mas pousei num lugar mais duro, meus cascos ao lado dos de Hallia.

Seu nariz negro cutucou meu ombro.

— Você está cada vez mais cervo.

Senti como se brotasse uma nova ponta na minha galhada.

— É que estive observando você, só isso.

Outra sequência de relâmpagos baixou dos rochedos.

Ela ficou parada, as orelhas eretas.

— Eles estão aqui. Bem perto. Consegue senti-los? — Antes mesmo que eu confirmasse com a cabeça, ela saltou para longe, os cascos matraqueando nas pedras.

Forçamos nosso caminho mais para cima, sobre um terreno cada vez mais e mais íngreme. O vento soprava mais frio, irritando nosso couro, enquanto a chuva se tornava flocos de neve com bordas afiadas. Em pouco tempo o gelo apareceu debaixo de saliências e ao longo de fendas, deixando o piso mais traiçoeiro do que nunca. Lentamente, pelejamos acima — um casco de cada vez, uma pedra de cada vez.

Hallia virou à direita, seguindo uma trilha pouquíssimo visível. Eu a sentia mais do que a via, meus cascos se encaixando em ranhuras sutis percorridas por muitos outros cascos anteriormente. Enquanto isso, a

temperatura caía ainda mais. Ao mesmo tempo que forçávamos nosso caminho acima, suando com o esforço, o ar gelado nos fazia tremer.

Alcançamos uma pilha alta de pedras, inclinada como uma árvore moribunda, no momento em que as primeiras pedras de granizo se chocaram contra a encosta. E também contra nossas costas. Em segundos, as pedras de granizo — maiores do que nozes — começaram a cair torrencialmente. Golpeando como centenas de martelos, os projéteis nos inundaram. Gani quando um deles atingiu a ponta do meu nariz. Hallia pressionou o corpo contra o meu quando nos encolhemos junto à pilha de pedras.

De repente, a pilha inteira desabou. Rochas estrondearam encosta abaixo, quase nos levando com elas. Espancados pelo granizo, disparamos mais para cima. O vento gritou — e também uma coisa além, algo como uma alta gargalhada guinchada.

Uma caverna assomou adiante, negra contra a encosta que começava a branquear. Instintivamente, arremetemos em sua direção — quando surgiram vários pares de olhos, brilhando como tochas. Mais gargalhadas! Demos uma guinada direto para o vento, nossos cascos escorregando nas pedras com gelo. Um trovão ressoou, abafando apenas brevemente a gargalhada estridente que vinha da caverna.

Granizo! Golpeando-nos, mordendo nosso couro. Meus ombros doíam de frio; meus ouvidos escutavam apenas aquele som hediondo.

Logo à minha frente, Hallia virou bruscamente diante da beirada de uma profunda fenda. Como um corte não cicatrizado, ela atravessava a encosta, bloqueando nossa subida. Parada na beira, Hallia olhou atrás, para mim, os olhos arregalados de medo. Percebi de imediato que ela não havia esperado encontrar a fenda — e não sabia onde atravessá-la.

Lado a lado, tentamos achar uma passagem ao longo da borda. Mas a fenda só ficava mais larga. Somente no instante em que os raios caíam conseguíamos enxergar o lado oposto. Então... Sim! Ela desaparecia na base de um escarpado afloramento. Retesando os músculos, fomos para cima. Pedras instáveis soltaram-se debaixo de nossos cascos. Nuvens brancas surgiam com cada respiração congelada. Finalmente, chegamos ao topo — apenas para nos encontrar olhando abaixo para a mesma fenda de antes.

Arduamente, fizemos o caminho de volta, tentando manter o equilíbrio na face açoitada pelo vento. Minúsculos pingentes de gelo começaram a se formar nos meus cílios, embaçando a visão. Meus pulmões ardiavam conforme a temperatura caía. Neve começou a se misturar com granizo, cobrindo as pedras traiçoeiras.

Na base do afloramento, Hallia saltou sobre um bloco de pedra com uma crosta. Ao pousar, seus cascos escorregaram na neve. Impotentemente, ela tombou encosta abaixo, rolando sobre as rochas. Bem na beirada da fenda, conseguiu apoiar os cascos e deter a queda. No clarão do relâmpago que se seguiu, vi-a pular para longe, uma trilha de sangue descendo pela coxa.

Um momento depois, cheguei a seu lado.

— Você está ferida?

— S-s-sem gravidade — respondeu ela, um tremor brutal percorrendo seu corpo. — Mas estou perdida, Merlin! Essa fenda... Não me lembro dela! E temos que achar um meio de atravessá-la... ou seguir de volta para baixo.

— Não podemos fazer isso!

— Então morreremos! — gritou ela, mais forte do que o vento uivante.
— Não há como...

Outro estrondo de trovão interrompeu-a. Então soaram mais gargalhadas, perfurando-nos como flechas de caçadores. A pele embaixo do

meu olho começou a latejar — se por causa da chuva de granizo ou por causa da presença de Rhita Gawr, eu não sabia dizer.

O granizo diminuiu, porém mais neve, tanto mais espessa quanto úmida, caiu sobre nós. Pedras, e os vãos entre elas, começaram rapidamente a desaparecer debaixo do cobertor branco. Em poucos momentos, a encosta inteira, e qualquer esperança de encontrar a caverna do oráculo, estariam totalmente enterradas.

De repente, um clarão iluminou o lado da montanha — revelando uma forma, corajosa e larga, parada do lado da fenda. Tanto Hallia quanto eu prendemos a respiração. Embora fosse difícil enxergar através da neve rodopiante, parecia com uma figura que conhecíamos bem. Quase como... um cervo! Mas não podia ter certeza. Seria aquilo em cima de sua cabeça uma galhada ou chifres ou algo completamente diferente? Antes que o clarão se desfizesse, a figura virou-se e avançou, margeando a beirada da fenda.

— Eremon! — gritou Hallia, saltando atrás dele.

— Espere — chamei. — Pode ser apenas um truque!

A corça, porém, não deu atenção. Saiu correndo, atravessando os grandes montes de neve. Corri atrás, seguindo suas pegadas, esperando apenas que não estivéssemos perseguindo a própria morte.

Corremos ao longo da beirada. Às vezes, descambávamos para tão perto que conseguia ouvir as pedras que nossos cascos soltavam despencando nas profundezas. A fenda, mesmo nos clarões, mostrava apenas sombras — e nenhum lugar estreito o bastante para se atravessar. E a neve se aprofundava, assim como meus temores. Se os espíritos maus pretendiam nos prender numa armadilha, deixar-nos sem qualquer esperança de encontrar o caminho, aquele era exatamente o modo de fazer isso.

Abruptamente, Hallia parou. Meus cascos escorregaram e quase a derrubo. Ficamos de pé, arfando, sobre uma placa que se estendia para o interior da fenda. Nada, além de escuridão, assomava diante de nós. A figura — o que quer que ela fosse — desaparecera.

— Aonde — ofeguei — aquela coisa foi?

— Eremon. Tenho certeza de que era ele. Pulou daqui deste lugar. Depois... desapareceu.

Sacudi a neve de minha galhada e me inclinei sobre o negro abismo.

— É um truque, estou dizendo. Não podemos pular para dentro daquilo. Seus olhos redondos encontraram os meus.

— Há uma beirada do outro lado, tenho certeza. Foi por isso que ele pulou! Venha... é nossa única chance.

— Não! — Bati forte o casco. — Isso é loucura!

Ignorando-me, ela agachou-se, tremendo — e saltou. Suas pernas explodiram, o longo pescoço esticou-se adiante. A neve vomitava sobre meu rosto, enquanto ela sumia nas trevas. Ouvei um baque surdo — depois, nada.

— Hallia!

— Sua vez! — veio, finalmente, o grito, a voz dela quase abafada pela tempestade. — Venha, Merlin!

Agachei-me, o coração martelando contra as costelas. Tentei não olhar para baixo, mas não me contive. As sombras no interior da fenda pareciam querer me agarrar.

— N-Não consigo. É longe demais.

— Você consegue! Você é um cervo.

Um arrepio percorreu meu flanco.

— Mas não consigo ver o outro lado...

Outra rajada de neve me golpeou, quase me derrubando da beira. Debaixo de meus cascos, o bloco de pedra cambaleou, prestes a cair a

qualquer instante. Sem pensar, tomei um impulso com toda a minha força. Voei pelo ar, suspenso por coisa alguma a não ser a neve rodopiante, e pousei com um baque surdo numa beirada ao lado de Hallia.

O ombro dela roçou no meu.

— Você voou! Voou de verdade! Como o jovem falcão do seu nome!

Quando novamente um relâmpago ardeu no céu, ergui os olhos na direção dos rochedos. Pela primeira vez desde o início da tempestade pude ver o contorno deles, enfiando-se acima como enormes pingentes de gelo.

— Você acha que era mesmo Eremon? Ou, talvez, o próprio Dagda na forma de um cervo?

Suas orelhas inclinaram-se, uma para a frente e outra para trás.

— Vamos desejar que tenha sido Eremon. Porque, se Dagda está aqui, então Rhita Gawr também está. — Ela soltou sua respiração congelada. — Além disso, eu o sinto por perto. Mais perto do que sou capaz de expressar.

Com a cabeça junto à dela, sussurrei:

— Então deve ter sido ele.

Mais relâmpagos. Voltei-me para os rochedos, reluzindo nos clarões. Eles estavam completamente cobertos de branco, a não ser os pontos negros das cavernas.

— A tempestade — observei — talvez esteja passando.

— Creio que você tem razão. — Ela olhou, através do véu de neve que se afinava, para as encostas acima. — Venha! Acho que já sei onde estamos.

Saiu saltitando, seguindo uma leve endentação na neve. Escolhendo nosso caminho por entre os montes de neve, derrubando fragmentos de gelo com os cascos, fomos subindo cada vez mais os penhascos. Vindo de um lugar acima, ouvi o leve grasnido de gaivotas. No clarão seguinte de um relâmpago, pensei ter vislumbrado uma dessas aves arremetendo das nuvens logo acima de nós.

Naquele instante, o vento mudou. Ao soprar em nossa direção, carregou um novo cheiro. Fumaça — fumaça sulfúrea. E também um novo som. Um som sinistro, chilreado. Meio suspirante, meio lamentoso. Um tremor percorreu meu longo corpo. Mais espíritos!

Hallia gelou, tão rígida quanto as pedras. Suas orelhas empinaram-se, depois rodaram ligeiramente.

— Esse som... é tão diferente daquela gargalhada horrível.

— Ainda poderiam ser... eles.

— Ou poderia ser o oráculo.

De repente, ela disparou mais acima da encosta. Depressa. Tão depressa que mal consegui acompanhá-la. Lascas de gelo quebraram-se debaixo de nossos cascos, enquanto neve era espirrada em nossos rastros. Incansavelmente, escalamos os rochedos. O tempo todo, o som assombroso flutuava em nossa direção, ora mais alto, ora mais baixo.

Uma onda de névoa, cheirando a enxofre, desceu da montanha. Como uma avalanche fantasma, rolou em nossa direção, enterrando-nos completamente. Ainda que eu pudesse continuar subindo, não conseguia mais ver Hallia. Ela havia desaparecido — do mesmo modo, percebi, que o lamento sinistro. Comecei a chamá-la, quando, de repente, choquei-me com seu flanco.

Ela virou-se abruptamente.

— Devemos ter passado dele.

Rapidamente, ela nos conduziu de volta encosta abaixo, parando apenas para farejar o ar ou girar as orelhas numa direção ou em outra. Gradualmente, o som ficou mais alto, mais próximo. Subitamente, ela parou. A bruma diante de nós se dividiu, revelando um débil brilho entre as pedras branqueadas.

Uma caverna! Diferentemente das outras que tínhamos visto, essa parecia ter o interior iluminado. Ou era apenas uma ilusão? O que, porém, me enervava ainda mais era o contínuo uivado que saía de suas entranhas. Por um longo momento, ficamos parados ali, ouvindo. Não podia haver dúvida, concluí com um arrepio. O som não vinha do vento, nem de pedras deslizando — mas de vozes. Doloridas, atormentadas.



UM VOZ ENTRE MUITAS

Juntos, pousamos os cascos sobre as pedras cobertas de gelo na entrada da caverna. Bem do fundo, vozes suspiravam e chamavam, lamentavam e imploravam. Embora eu não conseguisse distinguir qualquer palavra, o tom angustiado e aflito das vozes era inconfundível. Hallia e eu trocamos olhares ansiosos. Seria aquela, de fato, a passagem para a Roda de Wye? Ou algum tipo de armadilha preparada pelos espíritos da montanha? E haveria algum meio de descobrir — a não ser adentrando?

Pude ver nos olhos de Hallia que ela chegara à mesma conclusão que eu. Ao mesmo tempo, avançamos para o interior da caverna. Atendendo à ordem que demos em silêncio, nossos corpos se desfizeram em formas diferentes. Onde dois cervos estavam havia apenas um momento, encontravam-se agora uma jovem mulher descalça e um rapaz de botas. Meu próprio suspiro juntou-se aos das vozes, pois, de repente, senti-me vertical demais, tenso demais, muito mais como madeira e não o bastante como o vento.

Sem falar, penetramos mais fundo na caverna, abaixando-nos sob uma fila de pingentes que, na entrada, desciam do teto como barras. A caverna

não desviava; em vez disso, mergulhava direto para a face dos rochedos. O ar parecia espesso e úmido, como se estivéssemos caminhando no interior de uma nuvem. Uma nuvem fumegante, sulfúrea. Ao mesmo tempo, parecia mais quente do que eu teria esperado, lembrando-nos de que a lava, que havia formado aqueles despenhadeiros havia tanto tempo, ainda corria debaixo da superfície.

Ao continuarmos, mergulhando mais fundo na montanha, a luz bruxuleante tornou-se mais forte, filtrando-se na nossa direção de algum lugar adiante. Qual, fiquei imaginando, seria sua fonte? Sem dúvida, não demoraríamos a descobrir. Milhares e milhares de cristais negros cobriam chão, paredes e teto. Mesmo através das botas, eles cutucavam e golpeavam meus pés. Fiquei maravilhado com a habilidade de Hallia para caminhar sobre eles com tal facilidade. Ela caminhava tão graciosamente quanto uma corça atravessando um leito de musgo, os dedos curvando-se delicadamente sobre as facetas.

A cada passo que dávamos, os cristais negros emitiam um brilho mais intenso. Suas facetas cintilavam como muitos olhos — encarando-nos e piscando uns para os outros à medida que avançávamos. Mesmo sem minha própria magia, podia sentir que aqueles cristais possuíam algum estranho poder em si.

Sempre adorei cavernas. Especialmente as de cristais. Suas calmas profundezas, suas sombras misteriosas, suas facetas reluzentes. Ao nos aprofundarmos, os cristais negros criavam padrões cada vez mais intrincados. Círculos, ondas, espirais — assim como desenhos mais aleatórios. Ainda que a maioria fosse da cor preta, alguns tinham brilho amarelo, rosa e roxo. Acima de nossas cabeças pendia uma fileira de estalactites, da cor de lavanda. E tão antigas! Pendiam como os bigodes do próprio Tempo Distante.

Parei, olhando mais de perto — e dei um pulo. Ali, presa à base de uma das estalactites, estava uma criatura escura, esquelética. Embora soubesse de imediato que era apenas um morcego, ele parecia muito outro tipo de criatura, uma com a qual eu nunca mais queria me encontrar.

À medida que a luz na caverna ficava mais forte, o mesmo acontecia com as vozes. E, ao mesmo tempo, seu tormento aumentava. Se eram gemidos, apelos ou bajulação, elas compartilhavam um ponto comum de agonia. Contudo... eu não conseguia compreender suas palavras. Apenas suas emoções. Se, de fato, havia muitas vozes na Roda de Wye, meu estômago revirou com a perspectiva de eu escolher uma — e apenas uma — de todas elas.

A luz prateada tremulou no rosto de Hallia.

— Você consegue entendê-las?

Sacudi a cabeça.

— De modo algum. Apenas... a dor. — Um cristal frágil quebrou debaixo do meu calcanhar. — Como vou saber qual delas escolher?

Ela foi mais devagar, tocando um braço curvado de cristais que ressaltava da parede.

— Lembra-se do que Eremon lhe disse, pouco antes de... nos deixar?

— Lembro — respondi, com tristeza. — *Encontre o Galator.*

— Não, não. Depois disso. Ele disse. *Você tem mais poder do que imagina.*

Desanimadamente, arrastei a bota sobre uma saliência de cristais reluzentes.

— Ele se referiu ao dom que me deu... o poder do cervo.

Ela me olhou com uma careta.

— Ele quis dizer mais do que isso, Merlin. Você possui... Bem, um certo tipo de magia. E poder. Sim, mesmo atualmente.

Olhei-a ceticamente.

— Que tipo?

Por vários segundos, ela me observou.

— Não tenho certeza de como chamá-lo. Mas, seja qual for o nome, foi o suficiente para inspirar o dom dele. O suficiente para você querer tentar ajudar aquele dragão recém-nascido, mesmo com a impossibilidade de salvá-lo. E isso talvez seja o suficiente para ajudá-lo a saber o que fazer com o oráculo.

Lentamente, exalei.

— Quero acreditar em você. Quero mesmo.

Passo a passo, marchamos mais distante no interior da caverna. Gradualmente, a passagem virou à esquerda, depois tornou-se mais larga, como também mais alta. Ao dobrarmos a curva, o teto abobadou-se abruptamente muito acima de nossas cabeças. Cintilantes paredes de pedra arqueavam-se para se juntar a ele. A luz naquela câmara imensa tinha um brilho intenso, refletindo-se nos cristais. Ainda assim, não conseguia encontrar a fonte.

Subitamente, entendi. Os próprios cristais! Eles faiscavam, brilhando com uma luz prateada própria.

Diretamente defronte a nós, cobrindo quase a parede inteira, pendia uma roda grande, cintilante. Lentamente, muito lentamente, ela rodou, seu contínuo gemido juntando-se ao coro de vozes que agora clamava em nossos ouvidos. Embora as vozes em si ainda fossem incompreensíveis, elas claramente vinham de algum lugar ali perto. Exatamente de onde, eu não conseguia dizer. Como sapos chamando a noite de uma lagoa oculta, as vozes deslizavam à nossa volta, aumentando e diminuindo, sem nunca revelar sua fonte.

Ficamos parados ali, impressionados, observando a roda girar continuamente em seu eixo. Aparentava ser feita de uma espécie de madeira,

embora sua cor parecesse mais escura do que qualquer madeira que eu já vira. Cada um de seus cinco largos raios, assim como o contorno, exibia inúmeras facetas, como se qualquer que fosse a mão que porventura as tivesse produzido também houvesse esculpido os cristais em volta.

Cinco aros no interior de um círculo... exatamente como a estrela dentro de um círculo que fora entalhada no meu cajado. Meu cajado perdido! Quão claramente eu me lembrava daquela noite, tempos atrás, quando Gwri dos Cabelos Dourados descera do céu estrelado para me encontrar num monte assolado pelo vento. O símbolo, disse ela, me lembraria de que todas as coisas, de algum modo, estão ligadas. De que todas as palavras, todas as canções, fazem parte do que chamou de *a grande e gloriosa Canção das Estrelas*.

Sacudi a cabeça. Aquela forma agora me lembrava de tudo que eu havia perdido. Meu cajado. Meus poderes. Minha essência.

Naquele instante, notei três ou quatro áreas escuras no chão da câmara. Nenhum cristal brilhava, nenhuma luz irradiava naqueles lugares. Curioso, direcionei-me ao mais próximo. Subitamente, meu sangue virou gelo. Uma porção de ossos! Lascados e queimados por alguma força poderosa. Pelo tamanho e forma, pude deduzir que eram tudo o que restara de um homem ou de uma mulher — alguém que, sem dúvida, escolhera ouvir a voz errada.

Ao me abaixar para apanhar um fragmento do crânio, Hallia segurou meu braço.

— Os aros! — berrou mais alto do que as vozes reverberantes. — Estão mudando!

Engoli em seco, largando o crânio. As facetas no meio de cada um dos cinco aros estavam, realmente, mudando. Gradualmente, começaram a aumentar de tamanho e de largura, unindo-se em estranhos grupos. Alguns empurraram-se para fora em grumos bulbosos, enquanto outros se

enroscaram para dentro, para formar talhos ou buracos. As partes do meio dos aros começaram a dilatar-se, enquanto os grupos se fundiam e se rearranjavam, desenvolvendo-se em formas maiores. Formas com padrões. Formas com...

Rostos. Hallia e eu trocamos olhares. Pois, no meio de cada raio, um rosto, tão distorcido quanto madeira nodosa, tinha aparecido. À medida que a roda continuava a girar, os rostos ficavam mais definidos. Um por um, abriram seus embaciados olhos amarelos, esticaram os lábios e dirigiram seus olhares para nós. Quando suas bocas abriram pela primeira vez, cada qual adotou uma das vozes desincorporadas da câmara. Ao mesmo tempo, elas adotaram a língua de Fincayra.

— Liberte-me — gemeu um rosto largo, quadrado, que acabara de subir para o topo da roda. — Liberte-me e a verdade será sua. — Quando a roda lentamente rodou, o rosto contorcido ficou ainda mais amplo do que antes. Ele soltou um profundo e prolongado gemido. — Liberte-me! Você não tem piedade? Libeeeeerte-meeeeee.

— Ignore essa... que vergonhosa, que vergonhosa... voz — vociferou um segundo rosto retorcido, num raio mais embaixo. — Ele vai fazer você... que pena, que pena... se perder. A verdadeira voz... que desgraça... não é a dele, mas a minha!

— Liberte-me, por favor. Liberte-me!

— Ah, fique... que vergonha... calado.

O nariz afilado de um terceiro rosto enfiou-se em nossa direção. Da boca apertada, veio um irado sibilar.

— Não esssscute esssas vozessss. Esssscute a minha e, assssim, poderá ssssobreviver.

Hallia começou a me cochichar algo, quando uma quarta voz a interrompeu.

— Pobre de você, que procura viver; pobre de mim, que desejo resolver.
— De um rosto assimétrico com olhos profundos, lamentou a voz angustiada: — Escolha o certo, e vencerá; escolha o errado, e morrerá.

— Masssss quanta besssteira.

— Liberte-me, eu lhe imploro...

— Pa-parem, po-por favor — guinchou uma quinta voz, soando como as lamúrias de um cão com a pata quebrada. — Eu so-sou a única vo-voz da ve-verdade! Vo-você precisa acreditar em m-mim.

Cheio de incertezas, aproximei-me da roda giratória. Meu olhar perambulou em volta da câmara cristalina, indo dos rostos rotatórios, passando pelos olhos preocupados de Hallia, à pilha de ossos a meus pés. Então, inspirando lentamente, dirigi-me aos cinco rostos ao mesmo tempo.

— Eu vim aqui — declarei — para descobrir a verdade.

— Po-por fa-favor, me-me escolha.

— Escolha-me! Liberte-me!

— Ssssilêncio! Você precissssa me esssscolher, ou morrerá.

— Uma das cinco lhe dará ação; todas as demais serão a perdição.

— Você precisa... que dilema, que dilema... me escolher!

Enquanto as vozes clamavam, a luz prateada dos cristais foi ficando regularmente mais brilhante. Erguendo minha voz acima da cacofonia, dirigi-me novamente à roda.

— Diga-me, cada uma de vocês: por que devo escolhê-la?

Por alguns segundos, os rostos nos raios ficaram em silêncio. Apenas o rangido da roda giratória ecoava na câmara. A luz dos cristais continuou, porém, a brilhar, até as paredes ficarem ofuscantes demais para se poder suportar. Senti que devia fazer logo minha escolha, ou o poder de dilatação dos cristais explodiria de algum modo — como um relâmpago — reduzindo-me a outra pilha de ossos. Acenei para que Hallia recuasse até a

passagem onde poderia ficar mais segura, mas ela permaneceu firmemente no lugar, apertando os olhos por causa da luminosidade.

— Liberte-me! — gritou uma das vozes, quebrando a calmaria. — Liberte-me e eu sempre o amarei! Pois eu, e somente eu, sou a verdade do coração.

— Esssscolha-me — prometeu outra. — Eu possso lhe dar tantasss coisssss maissss! Todasss assss riquezasss que procura, todosss osss poderesss que merece. Poissss eu ssssou a maissss forte dasss verdadesss, ssssim! A verdade da mão.

— Escolha-me... que alegria, que alegria! — A voz irrompeu numa gargalhada, então, subitamente, passou a chorar miseravelmente. — Eu sou... que pena, que pena... a verdade da mente. Tudo que sei, seja alegre ou triste, reconfortante ou doloroso, pode ser seu, todo seu.

— Po-por favor — implorou a voz seguinte. Po-posso cobrir vo-você de maravilha, c-com mistério! Pois sempre serei a ve-verdade do de-desconhecido.

A última voz, um mero sussurro, ofereceu apenas isto:

— A verdade do espírito eu sou; sabedoria e paz eu dou.

Àquela altura, a luz tinha ficado tão brilhante que eu já não conseguia sequer olhar para os rostos giratórios, quanto mais para as paredes cristalinas. Os próprios cristais tinham começado a zunir, como se mal conseguissem conter seu poder de expansão. Eu sabia que meu tempo estava quase esgotado.

Concentrando-me, forcei-me a pensar. As vozes falaram tipos diferentes de verdade — cada qual importante, cada qual preciosa. Como as partes separadas do círculo de história que Hallia, Eremon e eu havíamos criado juntos no dia em que nos conhecemos...

As verdades do coração, da mente, da mão, do espírito, do desconhecido. Como eu poderia escolher apenas uma? O que era a verdade do espírito sem a verdade do coração? E o coração sem a mente?

Meus pensamentos aceleraram, enquanto as vozes, as paredes, a roda, tudo rugia para mim. O chão tremeu sob meus pés. O que Cairpré tinha me dito? *Uma, e apenas uma delas, é a voz da verdade total.*

Mas qual?

Coração... Mão... Desconhecido... Mente... Espírito... Qual escolher? As paredes se curvavam e balançavam. Eu mal conseguia manter o equilíbrio. Os cristais queimavam como estrelas.

Estrelas! Aquela frase inundou novamente minha memória: *a grande e gloriosa Canção das Estrelas*. Todas as palavras, Gwri tinha dito, desempenhavam algum papel na canção. Todas as palavras, todas as vozes... Seria essa a resposta? Talvez a voz da verdade *não* fosse, afinal, uma das vozes que eu estava ouvindo! Talvez fosse inteiramente outra voz — a única voz que poderia ser chamada *a completa voz da verdade*.

— Todas as vozes! — gritei. Ergui a mão para a roda giratória, gritando com toda a força dos pulmões. — Todas as vozes são verdadeiras!

Instantaneamente, as paredes e o chão pararam de tremer. A luz dos cristais diminuiu; o zumbido acabou. A Roda de Wye, porém, passou a girar mais depressa do que antes. Logo, tornou-se um borrão, depois uma sombra. Ao mesmo tempo, as vozes clamorosas tornaram-se menos nítidas. Quanto mais elas rodavam, mais se misturavam. Quando, finalmente, a roda estava quase invisível, as vozes tornaram-se um único, ressonante tom. Então o oráculo falou — com uma voz unificada:

— *Perguuunte ooo queee desejaaar.*

Hallia veio para o meu lado.

— Você conseguiu, Merlin! Mas agora lembre-se. Tem apenas uma pergunta.

Afastei uns fios de cabelo desgrenhados da testa.

— Eu sei, eu sei.

Mas que pergunta fazer? Originalmente, eu tinha vindo para encontrar o Galator. Ainda assim, de todo o coração, eu queria encontrar novamente meus poderes. Eles me dariam pelo menos uma chance contra Valdearg. Talvez, afinal de contas, eu nem precisasse do pingente mágico.

Mordi o lábio. Tuatha, muito tempo atrás, carregava consigo seus poderes e também o Galator quando enfrentou o dragão. O problema era: de qual dos dois ele precisou mais? Ou, talvez... de qual deles Fincayra precisou mais?

— *Perguuunte agooora.*

Agitando a língua no interior da boca, virei-me de volta para a giratória Roda de Wye. Aquela escolha me atormentava ainda mais do que a anterior. Como poderia ser vitorioso sem o pingente? Mas como poderia ser eu mesmo sem meus poderes?

— *Perguuunte agooora.*

— Grande roda — comecei, a garganta subitamente seca. — Procuo os poderes... do Galator. Onde posso encontrá-los?

— *Eeesses podeeres estãoãõ muuuito peeerto.* — A roda girou mais depressa. — *Pooode encontrááá-los eeem...*

Algo tão veloz quanto um raio disparou da passagem atrás de nós e atingiu o eixo da roda. Uma luz rubra explodiu na caverna, ou talvez apenas em minha cabeça. Quando o eixo da roda estilhaçou, um abalo ensurdecido sacudiu a câmara, sumindo num distante estrondo que pareceu emanar de bem distante, abaixo de nós. As vozes pararam, assim como a própria roda. Os cinco rostos nos raios congelaram com um inerte olhar fixo. Atônitos,

Hallia e eu olhamos para a forma negra que havia se alojado como uma flecha no meio do eixo.

Um kreelix.

O FIM DE TODA MAGIA

— **E**stão procurando alguma coisa, meus caros?

Giramos para ver um velho parado na entrada da câmara. Bachod! Os cristais brilhantes em volta dele não brilhavam menos do que seus olhos. Pois esse Bachod parecia completamente diferente do garçom emaciado da taverna. Ele estava perfeitamente aprumado, os braços dobrados sobre o peito, observando-nos da maneira como uma coruja observa sua presa antes de se precipitar abaixo para esmagar seu crânio. Contudo, não me deixei enganar pela voz ressonante, bigode caído e cabelos brancos que roçavam os ombros de seu manto.

Agachado a seu lado, pronto para saltar a qualquer momento, encontrava-se outro kreelix. Mesmo com as asas dobradas sobre as costas, seu corpo de grandes proporções enchia a maior parte da passagem. Quando ele abriu a boca de um vermelho cor de sangue, exibindo suas três presas mortais, Hallia e eu recuamos. Quase tropecei numa das pilhas de ossos.

Bachod sorriu, afetadamente.

— Lamento pela sua conversinha com a roda não ter terminado, meus caros. Meu companheiro peludo aqui do lado, sabe, não conseguiu se conter.

Mas não se preocupem. Ele não vai mais incomodar vocês.

— Você parou a roda! — berrei. — Acabou com a magia dela! Justo quando ela ia me dizer onde encontrar... — Eu me contive, antes de dizer mais alguma coisa.

Bachod sacudiu a cabeça, balançando os cachos brancos.

— Talvez eu possa ajudá-los, meu rapaz. Poupar tempo e trabalho de vocês. — Enfiou a mão no manto. Com um floreio, tirou um pingente pendurado num cordão de couro. A joia de seu centro lampejava com uma estonteante radiação verde.

— O Galator! — Parti na direção dele, mas o feroz rosnado do krelax me deteve. — Como... como o conseguiu?

— Eu o roubei — respondeu orgulhosamente Bachod. — Com alguma ajuda de um astuto amigo meu.

Minha face queimou.

— Você quer dizer Rhita Gawr!

Seus olhos negros brilharam com satisfação.

— Sabe, ele me ensinou sobre *negatus mysterium*. E como procriar e treinar krelaxes para o nosso trabalho.

— E que trabalho é esse? — inquiriu Hallia, a voz trêmula de raiva.

— O trabalho de destruir a magia! — Bachod jogou o pingente fulgurante no ar. Este rodopiou, cintilando, e caiu de volta em sua mão. Segurando-o apertado, o velho escarneceu: — Mágica é a praga desta ilha. Sempre foi! Seja de magos ou de pingentes ou de oráculos como essa roda giratória. É uma praga, perigosa, e, pior de tudo, contra a natureza.

Virou-se para o krelax agachado a seu lado.

— É por isso que essas feras são tão úteis. Para destruir a praga. — Com um olhar de relance para mim, riu. — Ou quem a espalha... como jovens magos.

Quase apanhei um osso do chão e joguei nele.

— Então foi você quem tentou me matar.

— Sim, duas vezes... Nossas feras o localizaram. Você pode ter escapado essas vezes, mas não voltará a escapar. — Cofiou o bigode desgrenhado. — Meu amigo, o tal que mencionou, parece que está meio zangado com você.

Minhas botas trituraram cristais no chão.

— Como eu estou com ele.

— Isso é problema seu, não meu. Minha preocupação é a magia. Nada menos do que o fim de toda magia, meus caros, pode trazer a paz duradoura para esta ilha. E esse é um trabalho para nós, que entendemos.

— *Nós, que entendemos* — repeti zombeteiramente.

Com a mão livre, Bachod sacou uma espada curva do cinto. A lâmina lampejou sob a luz dos cristais. Vendo-a, meu coração retumbou. Pois, na base da lâmina, gravado em negro, estava o emblema de um punho segurando um raio.

— Clã Virtuoso?

— Sim, meu rapaz! Só há três de nós... dois, no momento, estão nos rochedos, cuidando dos kreelixes... mas pode esperar bem mais para muito em breve. — Sorriu, sombriamente. — Muito em breve. Pois, quando se espalhar a notícia de que estamos libertando de magia a terra, a maior parte de Fincayra vai se levantar para se juntar a nós.

— Você está enganado — declarei. — Sobre Fincayra... e também sobre magia. A magia é uma ferramenta. Em nada diferente de uma espada, de um martelo ou de uma panela, exceto que seus poderes são maiores. E, como qualquer outra ferramenta, pode ser mal usada. Mas, se é basicamente boa ou ruim... Bem, isso depende da pessoa que a produz.

Hallia concordou com a cabeça.

— E não pense que magos são os únicos com magia. Não! Ela também vive em locais sossegados... desde o tronco oco de um pequenino inseto ao prado onde pasta o povo cervídeo. — Os olhos dela pareciam fumegar. — Você não tem o direito de destruir tudo isso... e muito mais.

Bachod fez uma careta.

— Eu tenho todo o direito. Todo o direito, sabe! E, quando Rhita Gawr e eu terminarmos, não restará mais magia em Fincayra.

— Não! — Fitei-o. — Não restará nenhum *defensor*. Não percebe? Você foi enganado, velho! Rhita Gawr está apenas usando você. É isso mesmo. Para ajudá-lo a eliminar todos aqueles que poderiam ter qualquer poder para se opor a ele.

Bachod abanou a mão desdenhosamente.

— A magia distorceu sua mente.

— Estou falando a verdade — protestei. — Escute! Rhita Gawr poderá simplesmente vir aqui e declarar este mundo como seu, se não houver nenhum mago, nenhum Galator, nenhum... — Detive-me. — Nenhum dragão. — Olhei para as botas de Bachod, sabendo que seus saltos mostrariam talhos feitos pelas afiadas pedras daquele solo, exatamente como Eremon previra.

— Foi você, não foi, que matou os filhotes de dragão?

Bachod deu um sorriso afetado.

— Claro, meus caros. Eu não tinha planejado despertar o pai deles tão cedo... Mas tudo bem. Ele queimar algumas cidades fará as pessoas se lembrarem da praga.

Examinou sua espada, fazendo-a cintilar na luz dos cristais.

— A vez de Valdearg não vai demorar. Assim como a de vocês! E a de seu amigo, o bardo, daqui a alguns minutos, quando eu o encontrar para uma pequena, ahn, caminhada pelos rochedos. — Seu sorriso aumentou. —

Sabem, ele pensa que está aprendendo comigo sobre os kreelixes. Está sim, meus caros, mas só um pouquinho. O tempo todo tenho aprendido mais com ele. Muito mais. Ele já me revelou bastante sobre os esconderijos da magia.

Então, Bachod segurou o cordão do Galator, deixando que o pingente balançasse livremente. Chispas de radiação verde refletiram nas paredes da câmara, dançando com o brilho prateado dos cristais. Bachod arreganhou ainda mais os dentes.

— Mas antes, meus caros, vocês vão me observar destruir esta coisa maléfica. — Deu uma risadinha de antecipação. — Estive esperando pelo momento certo, e creio que é agora. Com vocês dois como plateia.

— Não! — gritei. — Não pode!

— O Galator é tão antigo quanto a própria Fincayra — implorou Hallia.

Bachod já havia começado a pronunciar a ordem para o kreelix. As orelhas pontudas da fera se esticaram e seus ombros tensionaram. As garras como adagas arranharam o chão da caverna. O kreelix virou-se para o Galator, luminoso e misterioso, e exibiu suas presas.

— Agora, verão o verdadeiro poder — prometeu o homem de cabelo branco, balançando o pingente. — O poder do *negatus mysterium*. — Ele riu baixinho. — Observem, meus caros, enquanto esse brilho verde morre para sempre.

Quando Bachod ia pronunciar a ordem final para o kreelix, pulei para cima dele. O kreelix guinchou, enviando um clarão de luz vermelha que rebateu nas paredes de minha mente, como também nas da caverna. Simultaneamente, Bachod caiu para trás. O Galator voou pelo ar, pousando em algum lugar perto da roda imóvel. Assim que caí no chão, Hallia, saltando como uma corça, já estava ao meu lado. Antes, porém, que

podéssemos iniciar o ataque, o kreelix nos golpeou com uma enorme asa como a de morcego.

Colidimos com a parede coberta de cristais. Afiadas facetas lanharam nossas pernas e furaram nossas costas antes de pararmos após rolar no chão. Mal tínhamos nos colocado de pé quando um súbito tremor sacudiu a câmara, derrubando-nos novamente.

Vários cristais no teto tremeluziram, depois explodiram, fazendo chover brasas flamejantes sobre a roda. Ao mesmo tempo, um segundo tremor abalou a câmara. Um grande pedaço de pedra negra soltou-se do teto, esmagando o chão cristalino à distância de apenas um braço da minha cabeça. A própria roda estremeceu e rangeu com a queda completa do eixo. A estrutura inteira inclinou-se à frente, vacilando precariamente sobre seu contorno.

Bachod lutou para ficar de pé, em seguida chutou o kreelix no lado. Este grunhiu.

— Sua besta idiota! Em vez deles, seu poder atacou os cristais! E quem sabe o que poderá...

A Roda de Wye caiu com um estrondo no chão. Raios e o contorno se despedaçaram, partindo em todas as direções. Mais cristais explodiram acima. Pedacos pontudos serpearam pelas paredes da câmara. Então — buracos de vapor explodiram, chiando e estalando. O ar esquentou, e continuou esquentando.

Com um sorriso dissimulado no rosto, Bachod montou nas costas do kreelix.

— Então querem o Galator, meus caros? Bem, será de vocês para todo o sempre! Vejam agora quanto tempo sua magia manterá vocês a salvo.

O kreelix estendeu as asas, bateu-as, e disparou pela passagem. Ao mesmo tempo, outra parte do teto se soltou. Com um estouro de faíscas, ela

caiu sobre o que restava da roda. Chamas se formaram, queimando com uma fúria que eu não vira desde o incêndio que me custou a visão. Virei-me para Hallia, enquanto a parede atrás de nós estalava e arqueava, salpicando-nos com lascas de pedra. Então, para meu horror, um líquido laranja escaldante — mais brilhante do que as chamas à nossa volta — começou a sair borbulhando das fendas. Lava.

— Vá! — ordenei a Hallia. — Você ainda pode escapar a tempo para alertar Cairpré. Corra como um cervo!

Ela olhou para as paredes que ruíam.

— E você?

— O Galator! Preciso encontrá-lo antes que... — A parede que arqueava atrás de nós se moveu, gemendo como uma fera moribunda. Um golfo de lava irrompeu de uma fenda. — Antes que se perca para todo o sempre.

Hallia segurou meu braço.

— *Você* se perderá para todo o sempre, se não fugir agora!

Soltei-me com um puxão.

— Eu também posso correr como um cervo. Lembra? Por favor, Hallia. Irei logo depois de você.

Seus olhos castanhos, brilhando com uma luz tão forte — e insondável — quanto a do Galator, me examinaram.

— Está bem, mas seja rápido! Nem mesmo um cervo é capaz de correr através de lava.

— Então, se for necessário, eu voarei. Sim... como um jovem falcão.

Ela deu um sorriso amarelado ao ficar de pé rapidamente. Desviando-se de uma área de cristais flamejantes e crepitantes, Hallia arremeteu para a porta. Desapareceu num rastro cor de bronze que saltitava, cascos martelando, pela passagem.

Apressadamente, saltei para o local onde o Galator caíra. Uma faísca atingiu minha nuca, queimando a pele. Limpei-a — no instante em que uma coluna de fogo irrompeu junto à minha bota, chamuscando minha perna. Pingava sangue do meu antebraço, por causa dos arranhões causados pelos cristais. Mas nada disso importava. Apenas o Galator importava.

Mergulhando nos destroços, saltei acima de um cristal em combustão. Loucamente, virei cada pedaço de pedra caída que pude encontrar, à procura do pingente. Então percebi que um fragmento do contorno da roda agora cobria o local onde ele havia caído. Plantando as botas no chão, usei toda a minha força para levantar o fragmento.

Ele não cedeu. Novamente firmei-me; novamente, tentei levantá-lo. O pedaço movimentou-se apenas um pouquinho antes de escorregar de minhas mãos. Um novo pedaço do teto ruiu, caindo estrondosamente bem no lugar onde Hallia e eu tínhamos estado um momento antes. Cristais espalharam-se pelo chão. Mais barulho sacudiu as paredes que desabavam. O calor era tão sufocante que eu mal conseguia respirar.

Fixei os pés num ângulo diferente, esperando uma alavancagem melhor. Enrolando os dedos em volta do pesado fragmento, puxei. Minhas pernas tremeram. As costas forçaram. A cabeça parecia que ia explodir. Finalmente, o pedaço levantou um pouquinho. Com um gemido final, empurrei-o para o lado.

Não estava ali! Ergui os braços, praguejando. Onde mais poderia estar o Galator?

Naquele instante, uma enorme fenda abriu-se no chão debaixo dos meus pés. Fumaça sulfurosa emanou dali. Quando saltei para o lado, o teto explodiu numa nova tempestade de faíscas. Em seguida, para meu horror, avistei um gigantesco bloco de pedra soltando-se acima da entrada da

câmara. Hesitei, vasculhado o chão uma última vez, então corri para a passagem.

Rolando sobre os cristais, virei-me para uma última olhada nas paredes que se desintegravam. De repente, vi um brilho verde no lado mais distante da câmara. O Galator! Comecei a mergulhar de volta, quando o enorme bloco de pedra se soltou. Espatifou-se no chão, fechando a abertura. Uma cortina de lava derretida escorreu por cima da rocha recém-caída.

Balancei como se o bloco tivesse caído em cima de mim. *Perdido. O Galator estava perdido.*

Com os olhos anuviando, comecei a cambalear pela passagem repleta de fumaça. Outro tremor, mais violento do que os demais, sacudiu os rochedos. Formaram-se aberturas, jorrando vapor superquente. Fui arremessado para o lado, chocando-me contra uma parede. *Um cervo. Preciso correr como um cervo.* Com toda a força que me restava, tentei correr, tornar-me um cervo antes que fosse tarde demais.

Nada aconteceu. Corri o mais que podia, os pulmões reclamando. Nada.

O poder! Ele desaparecera! Por causa da nova profundidade do vazio em meu peito, eu soube que o dom de Eremon finalmente havia me abandonado. Ele me alertara que isso aconteceria inesperadamente. Mas por que agora?

Uma fila de cristais fumegantes do teto da passagem abriu-se, fazendo chover chispas e lascas afiadas sobre minha cabeça. Outra parte da parede estourou quando passei. Eu cambaleava adiante. Minha cabeça chocalhava não menos do que as pedras. De repente, o chão empinou debaixo dos meus pés, deixando-me caído estatelado.

Permaneci ali, a cara para baixo nos cristais. Embora machucassem e chamuscassem minha pele, eu me sentia fraco demais para me levantar. Não

conseguia correr como um cervo. Não conseguia nem correr como um homem. Ali eu morreria, sepultado por lava, junto com o Galator.

MUITO PERTO

Algo duro chocou-se com um baque surdo contra minhas costas. Um pedaço de pedra, sem dúvida. Ou restos dos cristais estilhaçados. Não rolei para o lado.

O baque surdo veio novamente. E, com ele, um som misturado com o espatifar e o rilhar da passagem que desabava. Um som que eu tinha ouvido, aparentemente, eras atrás. Um som tipo... um cavalo relinchando.

Virei-me. Os olhos de um garanhão, tão negros quanto carvão, como os meus, me cumprimentaram. Ionn!

Sua grande pata, erguida para me atingir novamente, baixou para o chão cristalino. Ele sacudiu a crina e relinchou. Meio tonto, levantei-me até ficar agachado. Ionn me cutucou com o focinho, insistindo para que eu me levantasse. Joguei um dos braços em volta de seu possante pescoço, levantei-me e subi para suas costas. Num instante, estávamos atravessando a passagem.

Paredes de pedra rompiam-se, fazendo irromper lava enquanto saíamos dali. A passagem toda agora tinha um reluzente brilho laranja — a cor do fogo mais profundo da montanha. Curvado sobre as costas do garanhão, eu

me agarrava a ele o máximo que conseguia, os dedos afundados em seus pescoços. Cristais chamuscavam e crepitavam. Vapor esguichava, errando-nos por pouco. Mas Ionn não titubeava. Seus cascos martelavam o chão trêmulo.

Momentos depois, irrompemos do lado de fora da passagem, para a luz do dia. O sol — e não a lava — jogou sua luz sobre mim. Ionn começou a escolher o caminho para descer a traiçoeira face dos rochedos cobertos de neve. Atrás de mim, ouvi um estrondo que foi aumentando até se tornar um trovejante bramido. Virando-me, vi uma fonte de pedra derretida jorrando para fora da reluzente passagem.

Acima, os rochedos se desintegravam. Enquanto lava escorria sobre eles, pedras enormes explodiam e viravam cinzas ou simplesmente derretiam. Montes de neve rompiam em vapor. Fendas abriam-se, partindo os rochedos. Cavernas, habitadas ou não por espíritos, desmoronavam em chamas. Negras colunas de fumaça eram expelidas para o céu, enquanto violentos tremores sacudiam a montanha em suas próprias raízes.

Ionn continuou a fazer seu caminho de descida, permanecendo um pouco à frente da lava fumegante. Pedras geladas, soltas pelos seus cascos, rolavam encosta abaixo. Sobre blocos de pedra e promontórios, ele seguia uma trilha própria de sua decisão. Conseguiu evitar a larga fenda que havíamos atravessado durante a subida, margeando sua borda por uma longa distância até ela se estreitar e, finalmente, sumir. Por várias vezes, fez desvios súbitos para se livrar de uma reluzente massa de lava, que chiava por cima de pedras, ou saltou para o lado, a fim de encontrar um melhor ponto de apoio. Contudo, pouco a pouco, ele progredia, distanciando-se montanha abaixo.

Aos poucos, a encosta tornou-se menos íngreme. O chão embaixo de nós não tremia com tanta violência. Musgo e capim apareceram entre as fendas; alguns pinheiros mirrados se aderiam à lateral da montanha. Embora eu

soubesse que logo seriam cobertos por pedra derretida, o vislumbre do verde me deu um jorro de esperança de que ainda poderíamos escapar.

Para o quê? Para o vale e os campos que eu conseguia ver embaixo, aquecidos pelos tons dourados do sol? Eu não ia cair nessa. Meu destino estava muito além, na terra dos anões. E a luz do fim de tarde significava que mal me restavam dois dias para chegar lá.

Só pensar nisso me fez encolher. Do que adiantava agora o tempo, afinal de contas? Eu não tinha o Galator — e nenhum dos meus poderes. Apenas a perspectiva de enfrentar sozinho um dragão furioso. Mesmo assim, para minha surpresa, eu ainda tinha a certeza de que precisava tentar.

Acima do estrondo contínuo, ouvi um grito. Virei-me, mas vi apenas a estreita, pendente borda de uma fenda, destacada por uma dupla de pinheiros. O grito veio novamente. Então notei, logo após os pinheiros, duas mãos e uma cabeça tomada pelo cabelo grisalho e desgrenhado. Cairpré.

— Ionn! — berrei. — Pare aqui!

O garanhão deteve-se abruptamente. Ainda assim, olhou para os rios de lava que se aproximavam e relinchou nervosamente. Movi-me para sair de cima de seu lombo. O mais depressa que pude, passei correndo pelos pinheiros e cheguei à borda saliente. Cairpré estava pendurado ali, esforçando-se para se segurar. Prendendo seus punhos em minhas mãos, puxei com toda a minha força. Ouvi o estrondo em volta de nós ficar mais alto. Finalmente, uma perna ergueu-se acima da beirada de pedra, depois a outra.

Com o rosto branco de exaustão, o poeta olhou-me fracamente.

— Não consigo... me levantar.

— Você precisa — insisti, puxando-o e colocando-o de pé. Ele caiu por cima de mim, incapaz de ficar aprumado.

Sem aviso, uma massa voadora de lava atingiu o tronco de um dos pinheiros. Sua madeira resinada explodiu em chamas, enquanto toda a metade superior da árvore se partiu, desabando através da saliência. Uma parede de fogo lambeu o ar, rugindo com fúria, isolando-nos completamente.

Ao olhar para as terríveis chamas, outra parede de fogo rasgou minha mente. *O incêndio... meu rosto, meus olhos! Não consigo atravessar isso. Não consigo.*

Cambaleei, quase caindo da beira da saliência.

— Merlin — ofegou Cairpré. — Deixe-me... Salve-se.

Suas pernas dobraram-se completamente. Eu lutava simplesmente para ficar de pé. Mais além da árvore em chamas, escutei o ruído de lava descendente se aproximando. E, nos meus ouvidos, a respiração ofegante do meu amigo.

Em algum lugar que eu não consegui compreender, encontrei a força para apoiar seu corpo frouxo sobre minhas costas. Com um gemido, levantei-o e cambaleei adiante em direção às chamas. O fogo estapeou meu rosto, chamuscou meu cabelo, lambeu minha túnica. Um galho prendeu-se em meu braço, mas o sacudi fora. Aos tropeções, caí para a frente.

Sobre pedra maciça. Ionn relinchou, pisoteou impacientemente. A lava que se aproximava cuspiu na nossa direção. Ergui Cairpré para as largas costas do cavalo, depois montei nele.

Ionn partiu, aumentando a distância entre nós e o rio de pedra derretida. A encosta tornou-se menos íngreme, dando-lhe uma base melhor. Mesmo assim, precisei dar tudo de mim para manter o poeta inconsciente e eu mesmo em suas costas. O cavalo continuou descendo — até, finalmente, a encosta juntar-se aos outeiros rochosos. Momentos depois, chegamos à beira

do vale estreito. Instintivamente, Ionn evitou a aldeia de Bachod, atravessando o terreno mais alto do lado oposto do vale.

Atrás de nós, os rochedos continuavam a brilhar com a lava laranja. Acima, o céu escurecia com nuvens de fumaça e cinzas. Uma imensa coluna de vapor elevava-se a certa distância, talvez da lava que escorria para o mar. Mas os tremores da montanha haviam cessado. A erupção, aparentemente, tinha passado. A terra ficava cada vez mais quieta.

Perto de uma pequena fonte, borbulhando no meio de um anel de gelo, descansamos. Mergulhei a cabeça de Cairpré na água da fonte, o que, a princípio, fez com que ele tossisse, mas logo o encorajou a beber. Não demorou muito, ele sentiu-se recuperado o suficiente para falar e para dividir um pouco de sua carne salgada, embora o rosto continuasse muito pálido.

Ali perto, Ionn arrancava alguns tufos de grama.

O poeta olhou-me agradecido.

— Foi uma prova de fogo, meu rapaz. Para a montanha e também para você.

Cortei uma fatia de carne.

— A prova maior ainda está por vir. — Hesitei, quase temeroso de fazer a pergunta mais importante em minha mente. — Você viu Hallia?

O poeta hesitou antes de finalmente responder.

— Sim. Eu... a vi.

— Ela está bem?

Sombriamente, sacudiu a juba grisalha.

— Não, Merlin. Não está.

Engoli em seco.

— O que aconteceu?

— Bem, quando começou a erupção, eu estava mais acima da encosta, esperando por Bachod. — Fez uma pausa, passando debilmente a mão pela testa. — Tínhamos combinado de nos encontrar lá. Ele estava atrasado e comecei a ficar preocupado. A montanha de lava parecia estar despertando. De repente, ele apareceu. Montado nas costas de uma daquelas criaturas infernais! Com todos os sapos e ratazanas, como fui idiota em confiar nele.

Ele fez uma careta.

— Fiz o melhor possível para escapar — continuou —, mas, finalmente, ele me alcançou na beira daquele precipício. Sou mesmo um desastrado... Cai, mal conseguindo me segurar na borda. *Fica mais turva a visão, Quanto mais sombria é a situação.* Ele desmontou, sacou a espada para mim... quando, de repente, Hallia pulou por cima da fenda. Vendo-a, Bachod praguejou e saltou novamente para cima do kreelix. Saíram voando para caçá-la encosta acima.

Meu queixo caiu.

— Encosta acima? Mas a lava...

— Ela sabia exatamente o que estava fazendo. Se o atraísse para um terreno mais nivelado abaixo, ela teria poucos lugares para se esconder. Mais alto, na encosta, poderia evitá-lo por mais tempo, conseguindo um pouco mais de tempo para mim.

— Conseguindo mais tempo para você com a vida dela — acrescentei amargamente. — Pois, se Bachod não a pegasse, a lava pegaria.

— Receio que sim. Nenhum dos dois retornou. Mas Bachod, presumo, sobreviveu. Ele, provavelmente, me deixou ali para morrer e foi tentar salvar o máximo possível de kreelixes. O esconderijo deles, tenho certeza, fica em algum lugar lá em cima dos rochedos.

Torceu no dedo um broto de salgueiro.

— Sinto muito, meu rapaz. Muito mesmo. Não me sinto tão infeliz assim desde... que me separei de Elen.

A dor em sua voz parecia ecoar em alguma parte dentro de mim. Por vários minutos, ficamos sentados em silêncio, ouvindo apenas nossos próprios pensamentos e o turbilhão da água da fonte. Momentos depois, Cairpré ofereceu-me algumas fatias de maçã desidratada. Mastiguei um pouco, em seguida contei-lhe minha descoberta sobre a voz verdadeira da Roda de Wye, minha escolha da pergunta — e a resposta incompleta. Seus punhos se cerraram quando descrevi a destruição do oráculo, como também a do Galator.

Quando concluí, uma leve brisa soprou sobre nós, tremulando minha túnica chamuscada.

— Se vou enfrentar Valdearg, preciso partir em breve.

— Tem certeza de que quer fazer isso, meu rapaz?

Joguei um pouco de água fria no rosto.

— Tenho. Só gostaria de saber o que fazer quando chegar lá. Isto é, se eu conseguir passar por Urnalda. Após o modo como escapei, ela talvez queira me castigar pessoalmente antes de me entregar a Valdearg.

O poeta quebrou uma fatia de maçã em duas.

— Estive pensando no seu último encontro com ela. Não faz sentido que Urnalda, ela mesma uma criatura mágica, usasse *negatus mysterium* contra você.

— Ela me vê como archi-inimigo de seu povo! Ou, pelo menos, como seu único escudo contra o dragão. E é arrogante o suficiente para usar quaisquer armas que possa ter contra mim.

Ele franziu a testa, mas nada disse.

— Se ao menos houvesse um meio de eu convencer Valdearg de que não deveria lutar contra mim... mas contra Bachod, que matou suas crias, e Rhita

Gawr, que tornou isso possível.

Cairpré mastigou a fruta desidratada.

— Dragões são difíceis de serem convencidos, meu rapaz.

— Eu sei, eu sei. Mas fazer isso poderia ser minha única chance de evitar que ele arrasasse tudo! Certamente não consigo derrotá-lo numa luta. Não sem o Galator.

— É possível que a roda, como a maioria dos oráculos, tenha querido dizer mais de uma coisa com o que falou.

Inclinei-me para perto.

— O que você quer dizer?

Os olhos do poeta ergueram-se na direção dos rochedos, agora brilhando com o reflexo das trilhas de lava e com a luz do sol poente.

— O que eu quero dizer — respondeu ele lentamente — é que ele falou que os poderes do Galator estavam muito perto. Isso podia significar que o próprio Galator estava perto... como, de fato, estava. Ou também podia significar que os *poderes dele* estavam muito perto. Mais perto do que você imaginava.

— Continuo sem entender. — Levantando, fui até Ionn. O garanhão levantou a cabeça dos tufos de grama e bufou suavemente. Passando a mão ao longo de sua mandíbula, meditei sobre as palavras de Cairpré.

— Sabemos muito pouco sobre os poderes do Galator... Exceto que eram grandes.

Ele coçou o queixo.

— Seriam eles maiores, você acha, do que qualquer que seja o poder que reuniu você e Ionn após tantos anos? Maior do que qualquer que seja o poder que lhe deu força para me carregar através das chamas?

— Não sei. Só sei que vou precisar de todos os poderes que conseguir encontrar. — Inspirando fundo, pulei para as costas do garanhão. Ele deu

uma vigorosa sacudida na cabeça, como se antecipasse minha ordem.

— Vamos cavalgar, meu amigo. À terra dos anões!

GALOPANDO

Descemos o estreito vale e penetramos na noite. Os enormes cascos de Ionn trovejavam em meus ouvidos, lembrando-me da erupção da montanha da qual havíamos fugido. Enquanto ele martelava sobre as pedras, serpeando entre os outeiros, sua crina negra não mais reluzia com o reflexo da luz de lava. Quantas vezes, quando criança, eu me agarrara àquela mesma crina... E fiquei imaginando se aquela corrida, saindo de uma porção de chamas para se enfiar em outra, seria a derradeira cavalgada.

O vento, tão frio quanto os primeiros bafejos do inverno, precipitava-se sobre mim. Escorriam lágrimas dos meus olhos inúteis pelas minhas faces. Embora dissesse a mim mesmo que eram por causa do vento, eu sabia que também eram por causa da lembrança de muitos rostos que, talvez, eu nunca mais veria. Cairpré. Rhia. Minha mãe. E outro rosto, cheio de inteligência e sentimentos, com olhos castanhos que brilhavam como poças de luz líquida.

Enquanto Ionn galopava, olhei para trás, para as paredes dos rochedos, listrados com faixas de cor laranja. Tremi ao pensar que, em algum lugar lá em cima, jazia o corpo sem vida de uma corça. Se Hallia tinha sido destruída pelo krelíx ou pela corrente de lava, eu nunca saberia. Não me

deu qualquer consolo imaginar que agora, pelo menos, ela havia se juntado ao irmão.

Adiante, os raios restantes do crepúsculo desvaneceram, revelando cenas trêmulas — uma árvore retorcida aqui, duas pedras grandes inclinadas ali. Atrás, pesadas nuvens de cinzas erguiam-se para o céu, mais escuras do que a própria morte. Os rochedos estrondeantes logo desapareceram, obscurecidos pelos outeiros, os quais também começaram a sumir à medida que o vale se alargava. Em pouco tempo, extensões de densos e desleixados capinzais substituíram os escassos tufos que haviam se entremeadado nas pedras. O vale abriu-se para uma amplidão de savana que, eu sabia, eram os limites orientais das Terras Arruinadas.

Meus braços envolviam o largo pescoço de Ionn, enquanto as pernas apertavam seu arquejante peito. Galopando, galopando, atravessamos a planície. A noite se aprofundava à nossa volta. Mas, fora o ocasional uivo de um lobo à distância, os únicos sons eram o inexorável malhar dos cascos do garanhão e o contínuo explodir de sua respiração. Uma ou duas vezes eu quase cochilei, mas despertei sobressaltado antes que caísse de suas costas.

Quando a primeira luz da alvorada cobriu o capim, Ionn relinchou e guinou para o norte. Minutos depois, vislumbrei a cintilante superfície de um riacho com canais entrelaçados adiante. Ionn reduziu o ritmo para trote, depois empinou para a margem da água. Com o corpo endurecido, desmontei. Sobre pernas instáveis, fui até o riacho e enfiei a cabeça inteira na água. Mesmo com a água gelada correndo pelos meus ouvidos, ainda conseguia ouvir o martelar de cascos.

Bebemos muito. Finalmente, levantamos as cabeças em uníssono. Enquanto eu esticava o pescoço e as costas, Ionn saltitava um pouco, aparentemente para sacudir a fadiga dos ossos. Sinalizei na direção de áreas de capim alto, mas ele foi para lá com relutância. Pude perceber que ele,

assim como eu, o garanhão sabia que nosso tempo estava desaparecendo rapidamente. Somente após me ver colhendo algumas bagas murchas de vinhas na margem foi que ele, também, fez uma pausa para comer. Não demorou a cutucar meu ombro para que eu montasse novamente.

Continuamos adiante. As planícies subiam e desciam como ondas mansas, matizadas com tons amarelos e bronzes de outono. Seguindo o arco do sol acima, avançamos em direção oeste. Quando os espinhaços das colinas cobertas de névoa se ergueram no horizonte, a luz do fim de tarde pintava o capim. Enquanto as planícies se estendiam diante de nós, eu continuava a examinar o cenário, à procura das ribanceiras repletas de névoa do rio Incessante. Ali, eu sabia, encontrava-se a extremidade exterior do reino dos anões.

Apesar do chocar contínuo das costas de Ionn contra mim, continuei ciente do vazio dentro do meu peito. O que eu não daria para sentir meus antigos poderes fluindo novamente pelas minhas veias! Poder novamente segurar meu cajado!

Haveria alguma chance de Urnalda se convencer a restaurar meus poderes perdidos? Fiz uma careta, pois sabia a resposta. Se ela não acreditara em mim antes de eu humilhá-la — escapando de seu domínio — certamente não acreditaria em mim agora. Sua raiva de mim sem dúvida rivalizava com a do dragão. Além do mais, em todo o caso, eu duvidava que ela pudesse restaurar meus poderes. Não obstante as dúvidas de Cairpré, eu sentia em minhas profundezas que eles tinham sido completamente destruídos, não menos do que o próprio Galator.

As savanas pareciam se estender eternamente. Outro dia chegou ao fim, marcado por outro pôr do sol. Continuamos avançando noite adentro, sem lua para iluminar o caminho. Podia sentir os músculos de Ionn se

esforçando para continuar correndo. Minhas próprias costas e ombros doíam; minha cabeça flutuava com tontura e exaustão.

Algum momento após a meia-noite, um novo som de água correndo misturou-se com o vento. Nós nos arremessamos à frente. De repente, o garanhão relinchou e virou abruptamente. O pânico me inundou, juntamente com o temor de que Ionn tivesse tropeçado. Então uma onda fria chocou-se contra minha perna direita, salpicando meu rosto.

O rio Incessante! Com sua possante estrutura inclinando-se para a corrente, Ionn vadeou mais para o fundo do curso d'água. Virando-me, vi com minha segunda visão os denteados montes guarneendo a margem atrás de nós. Embora captasse não mais do que uma leve aragem do fedor de carne podre, aquilo foi o bastante para reacender a memória dos ovos destruídos — e do último filhote. Em algum lugar ali perto, eu sabia, seu imenso corpo jovem permanecia apodrecendo. E não muito distante, o corpo de Eremon jazia debaixo de um monte de pedras do rio. A despeito da água agitada e dos borrifos gelados, Ionn foi em frente, mas não suficientemente depressa para mim.

Finalmente, o garanhão escalou a ribanceira do outro lado, os cascos chocando-se contra a lama. Borrifos, luminosos sob a luz das estrelas, cintilavam em sua pelagem. Alisei seu pescoço.

— Vamos descansar, velho amigo. Você precisa, e eu também. Mas não aqui. Procure um lugar isolado rio abaixo, onde não haja a possibilidade de anões ou dragões nos perturbarem.

Momentos depois, chegamos a uma área de samambaias fragrantas. Desmontei e desabei no chão. Embora avistasse alguns cogumelos comestíveis, eu estava cansado demais para comê-los. Com as costas curvadas, a cabeça entre os joelhos, caí num sono espasmódico. Sonhei que

corria por um interminável campo de fogo, sem chance de descansar, sem chance de escapar.

O sol já estava alto quando o úmido focinho de Ionn cutucou minha face. Acordei com um sobressalto. Fosse de suor durante meu sonho ou do ar nevoento, minha túnica estava encharcada. Pior, era quase meio-dia. Cerca de meio dia de viagem, eu me lembrava bem de minha primeira corrida como cervo, estava diante de nós. Após uma rápida refeição com cogumelos para mim e talos de samambaia para Ionn, partimos novamente.

Cavalgamos por prados e renques de cedros, seguindo a escada de planaltos para o coração do reino dos anões. À medida que o sol baixava, o ar ficava mais enfumaçado e passavam a ser mais comuns os sinais de incêndios recentes. Alerta contra a presença de anões, vasculhei os campos chamuscados e as pedras queimadas que haviam substituído as terras verdejantes ao longo do rio. Nenhum sinal deles... ainda.

O sol poente espalhava carmesim sobre o solo quando uma alta colina em forma de pirâmide surgiu à vista. O lugar onde Valdearg pousaria.

— Ali — aponte para Ionn. — É para lá que nós vamos. Mas avance com cuidado. Os anões podem...

Naquele instante, um tumulto de gritos encheu o ar. De trás de pedras e arbustos, saindo de fossos e valas, saltou um exército de guerreiros baixos e fortes. Agitando lanças e brandido espadas, formavam uma fila entre nós e a colina. As orelhas de Ionn se moveram para a frente. Galopando mais depressa ainda, avançou contra eles.

Ao nos aproximarmos, mais anões juntaram-se à barreira, suas barbas e escudos reluzindo vermelho no crepúsculo. Agora a fileira tinha pelo menos quatro alinhamentos. Embora baixos, eles permaneciam tão firmes como pés de carvalho plantados em nosso caminho. Mas a velocidade do garanhão não diminuiu.

Do meio da fila saltou uma anã barriguda usando um chapéu pontudo e uma capa preta.

— Pare! — bradou Urnalda, rodando a capa em volta do corpo. — Esta é minha ordem!

Ionn apenas galopou mais intensamente. Inclinei-me à frente, olhando diretamente nos olhos da feiticeira que roubara minha melhor esperança.

Segundos antes de as grandes patas a atropelarem, Urnalda ergueu seu cajado, como se preparando para nos deter com magia. Mas, antes que pudesse, Ionn mudou abruptamente de direção, desviando para a direita. De alguma maneira, consegui permanecer montado. Ele mergulhou na direção de um ponto mais estreito da fila e, com um poderoso salto, passou por cima das cabeças dos atônitos anões.

Logo os gritos irados diminuíram atrás de nós. A colina em forma de pirâmide assomava cada vez mais próxima. Então, sem aviso, um violento estrondo encheu o ar.



BATALHA ATÉ O FIM

Como uma avalanche, o estrondo lançou-se do céu, avassalando Ionn e eu, sacudindo o solo queimado debaixo de nós. Um afloramento de pedras no cume da colina em forma de pirâmide soltou-se, rolando encosta abaixo. Ionn recuou, detendo o galope, e ambos viramos na direção da fonte do som.

Valdearg, as asas estendidas, mergulhou para nós com incrível velocidade. Atingido pelos raios do sol poente, ele pareceu de início um coágulo rubro contra o céu esfumaçado, embora logo depois escamas blindadas verdes e laranja se mostrassem ao longo da cauda e das asas. Então, ao se inclinar para o lado, suas terríveis garras brilharam num lampejo. Ele se aproximou cada vez mais, até conseguirmos enxergar o amarelo abrasador de seus olhos.

Colunas retorcidas de fumaça emanavam de suas dilatadas narinas. Debaixo do nariz, as escamas tinham ficado tão enegrecidas que ele parecia usar um grosso bigode. Imensas placas de carvão pendiam das orlas de suas orelhas laranja, desmoronando sempre que as orelhas sacudiam. Várias garras exibiam corcovas pretas, parecendo nós de dedos. Mais placas de carvão, pensei a princípio — até a verdade me golpear como um martelo.

Eram crânios, queimados nos fogos de sua ira, usados como muitos anéis decorativos.

Como se extasiados, não nos mexemos enquanto o dragão descia. Ondas de estrondo nos atingiram. Se o próprio céu tivesse se rompido, pensei, o ruído não teria sido tão alto. Eu estava errado. Pairando diretamente em nossa direção, o dragão abriu a boca cavernosa. Filas e mais filas de dentes como adagas cintilaram na luz avermelhada. O peito gigantesco ondulou e se contraiu, soltando um rugido explosivo tão alto que quase fui derrubado das costas de Ionn.

O rugido quebrou o nosso transe — aliás, felizmente, pois junto com ele veio uma enorme, sinuosa língua de fogo. Ionn relinchou e disparou daquele lugar. O fogo atingiu o solo bem atrás de nós, estilhaçando as próprias pedras com seu calor. Galopamos para longe, enquanto chamas crestavam minhas costas e o flanco de Ionn.

— Depressa! — gritei. — Atrás da colina!

O garanhão seguiu para a colina em forma de pirâmide, ao mesmo tempo que outro rugido ensurdecedor esmurrava nossos ouvidos. Ionn mal teve tempo de se esquivar atrás de uma grande pedra com a forma de um imenso punho antes que mais lambidas de chamas nos inundassem. Ao nos protegermos atrás da parede de pedra, dedos de fogo enroscaram-se por cima e pelos lados, queimando tudo que tocavam. Somente a espessura da pedra impediu que fôssemos reduzidos a um monte de cinzas.

As chamas mal haviam se dissipado quando, cautelosamente, levantei a cabeça para checar o paradeiro do dragão. Ele tinha acabado de pousar! Recolheu as asas para as costas e deslizou sua forma titânica, quase tão grande quanto a colina, pelo chão. Estranhamente, ele estava virando — não na nossa direção, mas para o lado. Num lampejo, entendi por quê.

Bati no pescoço de Ionn, que correu para a orla da colina. No mesmo instante, a imensa cauda do dragão se desenrolou. Como um hediondo chicote, suas pontas farpadas abanando, a cauda cortou o ar. Atingiu a rocha como um punho, enviando pedaços em todas as direções. Fragmentos pétreos choveram sobre nós ao dobrarmos bem a tempo a borda da colina.

— Neto de Tuatha! — A voz do dragão, com um tom mais grave do que o de trovão, explodiu contra a encosta. — Você matou meus filhos!

Enquanto Ionn continuava a correr atrás da colina, eu me inclinei adiante.

— Espere. Preciso responder a ele.

Apesar de diminuir para um trote, o garanhão soltou um alto relincho, sacudindo vigorosamente a cabeça.

— Eu preciso, Ionn.

Novamente, ele protestou.

Com tristeza, alisei seu pescoço.

— Tem razão... é loucura nós dois voltarmos. Desmontarei aqui, para que pelo menos você possa correr para um lugar seguro.

Antes que eu pudesse levantar a perna, Ionn recuou, forçando-me a segurar sua crina com mais firmeza. Ele girou, virou o focinho para mim e me examinou com os olhos escuros. Bufando ruidosamente, trotou de volta para a borda da colina.

Escarranchado em suas costas, vasculhei cuidadosamente em volta as pedras queimadas. Inspirando fundo, chamei o mais alto que pude por Valdearg.

— Sua ira queima profundamente, grande dragão! Mas precisa me ouvir. Eu não matei suas crias! — Esperei que cessasse a onda causada pelo estrondo. — Foi outro homem... que serve a Rhita Gawr. E que trouxe o kreelix, o devorador de magia, de volta à nossa terra. Seu nome é...

Uma torrente de chamas irrompeu, me interrompendo e empurrando de volta para trás das pedras.

— Você ousa negar seu crime? — A voz de Valdearg sacudiu o ar, ao mesmo tempo que sua cauda se chocou contra o chão. — Nem mesmo seu cruel avô tentou esconder os feitos dele! Você não merece o título de mago.

O vazio no meu peito quase latejou. Sombriamente, conduzi Ionn de volta para a borda da colina.

— Você fala a verdade. Eu não mereço. Mas não matei... não matei... seus filhos.

Os olhos amarelos do dragão lampejaram. Surgiu fumaça de suas narinas.

— E não vim ouvir sua tagarelice sobre krelixes e Rhita Gawr. Eras atrás, combati o último dos krelixes... numa batalha até a morte. Morte dele, não minha! Agora farei o mesmo com você. E morrerá nove mortes, uma para cada um dos meus filhos massacrados.

— Estou dizendo que não os matei!

— Mentiroso! Eles precisam ser vingados!

Com isso, outro rugido abalou os céus enfumaçados, o chão queimado e tudo entre eles. A cauda gigantesca ergueu-se e varreu na minha direção. Ionn não precisou de ordem para sair correndo. A cauda bateu com toda a força do lado da colina, enviando acima uma chuva de pedras quebradas. Virei-me bem a tempo de ver um enorme bloco, pesado o bastante para esmagar uma dúzia de pessoas, tombar na parte do meio da cauda. Ele atingiu as escamas verdes e resvalou inofensivamente para longe.

Ionn galopou com toda a sua força, tentando colocar o máximo de distância possível entre nós e Valdearg. Ao nos aproximarmos do outro lado da colina, olhei para trás exatamente no momento em que a vultosa cabeça surgia à vista. Os olhos do dragão, tão brilhantes quanto a luz declinante de

vários sóis, fixaram-se em mim. Mais chamas foram disparadas. Fogo mordiscou as patas de Ionn quando dobramos a curva.

Usando a própria colina como escudo, evitamos um ataque após o outro. Ionn corria para lá e para cá, as pernas se agitando, as orelhas atentas a qualquer som. Pois, embora não pudéssemos ver nosso agressor atrás da colina, ainda conseguíamos ouvi-lo, manobrando, rugindo ou estapeando sua imensa cauda na colina. Parávamos, resfolegantes, sempre que não conseguíamos ouvi-lo, então saíamos galopando novamente assim que ele se agitava.

A perseguição continuou noite adentro. Em dado momento, Valdearg tentou voar, esperando nos surpreender na escuridão, mas, mesmo nessa ocasião, o ruído de sua aproximação o denunciou. No entanto eu sabia que, com o tempo, ele certamente nos superaria. Ionn cometeria algum erro, tropeçaria ou interpretaria erroneamente algum som. E um erro era tudo de que o dragão precisava. Ou estaria ele brincando conosco, prolongando seu momento de vingança?

Quando os primeiros raios da alvorada acariciaram a encosta, encharcando as pedras com dourado, pude perceber que Ionn estava exausto. Gotas de suor grudavam-se em seus lábios e crina; os músculos dos ombros tremiam. Ele corria penosamente, mal levantando os cascos.

Se ao menos eu pudesse fazer algo além de me manter nas costas daquele corajoso garanhão. Mas o quê? A profecia previra uma terrível batalha, combatida até o fim. Mas que tipo de batalha era aquela? Tratava-se meramente de uma perseguição... com um resultado certo.

Por um longo momento, enquanto o sol se erguia no horizonte, Valdearg não se mexeu. Então, de repente, começou a deslizar sobre as pedras, esmagando-as com seu peso. Imediatamente, Ionn saltou na direção oposta. Dobrou a curva a galope e parou tão repentinamente que me choquei contra

seu pescoço levantado e quase voei por cima da cabeça dele. Estávamos cara a cara com Valdearg! O som que tínhamos ouvido devia ter vindo de pedras soltas tombando encosta abaixo.

Ionn recuou, escoiceando loucamente. Mas, no mesmo instante, a monstruosa cauda chicoteou. A extremidade de seta enrolou-se rapidamente em volta do meu peito, esmagando minhas costelas e em seguida me elevando no ar. Num instante, eu estava suspenso diante do focinho de Valdearg.

Um sopro de ar quente me chamuscou quando ele deu um grunhido enojado. Sua voz, tão imensa quanto a mandíbula aberta, exigiu:

— Por que não me combate, jovem mago? Por que apenas foge?

Quase sem poder respirar, quanto mais falar, esganicei:

— Não tenho... poderes.

— Você tem poderes suficientes para matar filhotes ainda dentro dos ovos! — Os olhos amarelos se incendiaram. — Bem, neto de Tuatha, você não vai mais fugir.

— Você precisa... acreditar em mim — protestei. — Eu não... fiz isso.

— Devo começar por arrancar um membro de cada vez? — Os lábios roxos se separaram enquanto ele tirava um dos crânios de suas garras levantadas. As mandíbulas comprimiram-se, esmigalhando completamente o crânio. — Não, tenho uma ideia melhor. Vou assar você primeiro.

O estrondo aumentou, avolumando-se bem dentro de seu peito. Ficava constantemente mais alto, enquanto chamas começavam a lambe suas narinas. Ao mesmo tempo, a cauda me apertava mais. Meus pulmões não conseguiam respirar. Meu coração não conseguia bater. As mandíbulas abriram-se e uma avalanche de fogo correu em minha direção.

De repente, as orelhas de Valdearg empinaram-se e ele inclinou ligeiramente a cabeça. As chamas passaram longe de mim, causticando

minhas botas, mas nada mais. Valdearg soltou um súbito grito de surpresa — e sua cauda afrouxou o aperto. Caí com um baque surdo no chão. Ionn correu para o meu lado, enquanto eu arquejava por ar. Envolvendo um braço em volta do pescoço do garanhão, lutei para me levantar — e ver o que distraíra o dragão.

Aproximando-se de nós pelo terreno carbonizado, meio coxeando, meio voando, vinha uma criatura realmente estranha. A princípio, tudo que pude ver foi uma massa desajeitada, tão esfarrapada quanto uma árvore nova assolada por uma tempestade. Então vislumbrei um lampejo de roxo iridescente, uma dobra enrugada de pele coriácea, um par de ombros ossudos. E, no topo da cabeça sustentada por um fino, desengonçado pescoço, um par de orelhas — uma das quais esticada para o lado como um chifre fora do lugar.

A bebê dragão! Ela tinha sobrevivido!

Num piscar de olhos, seu enorme pai girou, quase atingindo Ionn e a mim com a ponta ossuda de sua asa. Moveu-se na direção da cria, parando a pouca distância dela. A barriga dele estrondeou com um suave, constante zumbido, quase como um ronronar de um gato gigante, enquanto pousava o focinho no chão.

A princípio cautelosamente, depois choramingando nervosamente, a bebê dragão permitiu que o bafo quente dele soprasse suas escamas. Por um longo momento, eles se olharam, o brilho amarelo dos olhos dele se misturando com o brilho laranja dos dela. Finalmente, ele abriu sua enorme asa para que ela pudesse engatinhar para dentro delas. Dobrando as pontas sobre ela como um cobertor, Valdearg puxou sua cria para perto. Ela soltou um guincho de contentamento e se aconchegou.

Esticando o pescoço, o dragão elevou a cabeça colossal. Para os céus, ergueu-se um som diferente de qualquer som ouvido em Fincayra durante

eras e eras, desde o nascimento do próprio Asas de Fogo. Era uma mistura de serpeantes notas vibrantes, profundamente graves e agudas, que voavam em direção ao céu com a graciosidade de flechas. Era uma melodia complexa, uma tapeçaria mágica tecida com a tradição de gerações de dragões. Era, mais do que qualquer coisa, uma canção de celebração.

Ionn e eu ouvimos, enlevados, enquanto a canção de Valdearg continuou por uma hora ou mais. A cria, enroscada firmemente dentro da asa de seu pai, de vez em quando levantava o focinho. A orelha, mais resoluta do que nunca, esticava-se para o lado. Ela parecia estar ouvindo a canção tão cuidadosamente como nós, mas com uma compreensão inata muito além da nossa.

Enfim, o grande dragão baixou a cabeça. Movimentando-se com o poder de uma onda imensa pelo mar, seu pescoço girou na minha direção. Assim que seu olhar encontrou o meu, o encanto de sua canção desapareceu. O medo percorreu meu corpo. Ele estava novamente vindo atrás de mim! Pulei para as costas de Ionn, agarrando sua crina, pronto para cavalgar mais uma vez.

Nisso, a bebê dragão guinchou novamente. O grito estridente me deteve, assim como a seu pai. As orelhas laranja dele giraram; os lábios se franziram, intrigados. Ela guinchou novamente, dessa vez batendo freneticamente as asinhas. Ele estrondeou, depois silenciou, quando a cria emitiu vários ásperos sons trinados.

Finalmente, os olhos amarelos de Valdearg viraram-se para mim.

— Parece, jovem mago, que parte do que me disse era verdade. — Uma nuvem escura de fumaça saiu de suas narinas. — Você não é o homem que matou meus filhos.

Ionn relinchou aliviado. Dei um tapinha no lado de seu pescoço.

— Contudo, parte do que disse era falso: que não tinha poderes. Minha filha diz o contrário. — Olhou para ela com óbvio afeto. — Ela diz que você a salvou com sua magia.

Sacudi a cabeça.

— Não foi com minha magia. Mas com minhas ervas. É diferente.

— Não tão diferente quanto você imagina. — Sua imensa cauda se ergueu e enrolou sobre si mesma, formando um nó de escamas laranja e verde que lampejaram à luz do sol. — Seja como for que se chame essa magia, ela me trouxe de volta minha filha.



QUANDO ELEMENTOS SE FUNDEM

Um guincho agudo perfurou o céu. Assim como Valdearg, o filhote e Ion, olhei para cima. E, naquele instante, meu sangue gelou.

Não era um kreelix, mas muitos — pelo menos uma dúzia —, que mergulhavam na nossa direção, saindo do meio das nuvens esfumaçadas. Suas bocas, escancaradas, mostravam as presas mortais. E, nas costas do líder, vinha montada a figura curvada de Bachod, os cabelos brancos agitando-se atrás dele.

Bachod acenou para os kreelices. Formando um ângulo com as asas de morcego, eles imediatamente fizeram uma formação em um amplo arco. Com uma série de guinchos ensurdecidores, mergulharam. Ion relinchou e bufou, batendo raivosamente os cascos. Minha espada tiniu bravamente quando a tirei da bainha, embora eu conhecesse muito bem seus limites contra o *negatus mysterium*. Num instante, os kreelices já estariam sobre nós.

De repente, a cauda de Valdearg se desenrolou e disparou acima. O monstruoso chicote estalou em cima de um dos kreelices. A fera guinchou e caiu sem vida do céu.

Como um irado enxame de vespas, os kreelixes restantes convergiram para o grande dragão. Mergulhando e arremetendo, avançaram para ele, presas à mostra, tentando chegar perto o bastante para atacar. Apesar de imenso, ele se movimentava com estonteante velocidade — girando, rolando e sacudindo a cauda. Mas, enquanto permanecesse no chão, os kreelixes manteriam a vantagem. No início, fiquei imaginando por que Valdearg não ia para o ar, onde poderia ter tanta mobilidade quanto eles.

Então me lembrei: a bebê dragão. Ele a estava protegendo! Nas profundezas das dobras de sua asa ela se aninhava, a salvo por enquanto. Mas, enquanto a mantivesse envolta em uma de suas asas, ele não poderia voar. E permanecer no chão o deixaria muito mais vulnerável.

Ionn andava de um lado a outro, relinchando ansiosamente, enquanto olhávamos tudo. Embora eu brandisse a espada e gritasse para Bachod e os kreelixes, eles me ignoravam. Nada que eu fizesse desviava sua atenção do fragilizado dragão. Ionn recuou, escoiceou o ar, então galopou em volta de Valdearg. Ainda assim, os agressores não prestaram atenção. Bachod nem mesmo olhava na nossa direção.

De repente, entendi. Como minha magia cervídea tinha desaparecido, eles podiam sentir que eu não tinha nenhum poder! Se antes eu poderia ter sido pelo menos uma leve ameaça para eles, agora não representava qualquer risco. O vazio no meu peito doía mais do que nunca.

As palavras da profecia de “O olho do dragão” ecoaram em minha mente. *Veja! Nada lhe faz frente, exceto um oponente de inimigos descendente, antigos combatentes.* Uma nova percepção me alcançou. Talvez a profecia, afinal, não se referisse a mim! Talvez o antigo oponente do dragão, o inimigo que o mataria ou seria morto no processo, fosse um kreelix!

Mas, se fosse o caso, o que significaria o resto da profecia? Todos os kreelixes morreriam, ou apenas alguns? E a frase *um mais alto poder*? Algo

capaz de fazer elementos subitamente se fundirem: ar em água, água em fogo...

Rugindo e cuspidando fogo, Valdearg continuava a conter os agressores. Seus olhos, praticamente em chamas, pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo. O chão debaixo de nós sacudia com a batida de sua cauda. Pó e fumaça subiam aos céus. Sua única asa livre batia constantemente o ar acima da outra que envolvia a cria aninhada. Em todos os seus dias de terror, tive certeza, ele nunca tinha sido mais merecedor do nome de Asas de Fogo.

Agora, três kreelices queimados jaziam no chão como montes ardendo a fogo lento. Os restos de mais dois, esmagados pela cauda, tinham sido pisoteados no confronto. Mas sete kreelices, inclusive o que carregava Bachod, restavam. Eles arremetiam e pairavam, sempre procurando uma chance de enfiar presas em algum lugar — qualquer lugar — que não estivesse protegido por escamas. O alvo mais exposto, percebi subitamente, era sua asa. Enrolada fortemente em volta da filha, a asa de couro permanecia completamente desprotegida.

Talvez, por causa do imenso corpo do dragão, fosse necessário mais de um talho para destruí-lo. O pensamento deu-me um jorro de esperança. Então mordi o lábio, lembrando-me do alerta de Cairpré de que mesmo o menor contato com a presa de um kreelix poderia acabar com o poder — como também a vida — de qualquer criatura mágica, não importava o tamanho.

A uma ordem de Bachod, os kreelices subiram, tão alto que não pareciam mais do que pequeninos pontos negros nas tiras de fumaça. Quase não consegui vê-los se juntarem em uma nova formação — como a ponta de uma lança. Um instante depois, guincharam em uníssono e baixaram direto contra o inimigo. Visceralmente, eu sabia que estavam mirando na asa de

Valdearg. E apenas um deles precisaria acertar o objetivo. O filhote, sentindo a mesma coisa, choramingou e se abrigou ainda mais nas dobras.

Quando dispararam na direção do dragão, que agora parecia menos um monarca colérico do que um pai protetor, Valdearg deu um rugido desafiador. Firmando-se para o ataque, ele girou a volumosa cabeça na minha direção. Por uma fração de batimento cardíaco, nos entreolhamos. Mas, mesmo naquele breve instante, não pude deixar de perceber a expressão que eu nunca tinha visto naqueles olhos reluzentes: a expressão de medo.

Torcendo a crina de Ionn com as mãos, forcei minha mente a pensar em alguma coisa, qualquer coisa, que eu pudesse fazer para ajudar. Mas o quê? Em segundos, os kreelixes chegariam ao seu alvo.

A bebê dragão choramingou, encolhendo-se mais para o interior da asa. Como, fiquei imaginando, ela havia sobrevivido? Seria possível que eu realmente tivesse lhe dado algo mais potente do que as ervas da minha bolsa?

Sem pensar, enfiei a mão na bolsa. Meu dedo raspou algo áspero. A corda do meu saltério! O que Cairpré dissera certa vez que ela talvez trouxesse? *Alta magia, algo em nada parecido com o que conheceu antes.* Retirei a corda, retorcida e enegrecida pelos flamejantes conjuros de Urnalda. Poderia aquilo, de alguma forma, fazer magia, mesmo agora? Nas mãos de alguém sem qualquer magia própria?

Olhei para o céu. Com as asas dobradas sobre as costas, os kreelixes dispararam para baixo. Agora eu conseguia ver Bachod montado no líder, a ponta da lança. E, em volta dele, podia ver sete bocas rosnando, sete conjuntos de presas.

Em desespero, belisquei a corda. Ela tangeu, soltando uma baforada de fuligem — e silenciou. Não ouvi qualquer música. Não percebi qualquer

magia.

Então, no próprio ar à minha volta, ouvi uma voz.

Era Rhia, lembrando-me: *isso o lembrará de toda a vida à sua volta, e da vida dentro de você mesmo.* Em seguida, juntando-se a ela, veio a voz antiga, trituradora da pedra viva. *Que estranha magia é essa em seu interior, rapaz? Que faz você resistir a mim? O poder de uma pedra brota não apenas dela mesma, mas de tudo que a circunda, de tudo que conecta.* A bruxa Domnu interrompeu. *Meu bichinho,* declarou ela, *percebo magia em você, neste exato instante.* Finalmente, a voz retumbante de Eremon me disse: *Você tem poder, Merlin. Mais poder do que imagina.*

Toda a vida dentro de você mesmo...

Essa estanha magia em seu interior...

Eu a percebo neste instante...

Mais poder do que imagina...

Os kreelixes guincharam a apenas um instante de distância. Olhei para cima e vi Bachod olhar maliciosamente, os olhos fixos na asa saliente de Valdearg que escudava sua cria. O enorme animal rugiu pela última vez.

A voz de Cairpré juntou-se às demais. *Procure a resposta dentro de si, meu rapaz.* Depois vieram muitas vozes, misturadas em uma só, a da Roda de Wye: *Eeesses podeeres estããão muuuito peeerto.*

Um pensamento repentino me ocorreu. Talvez, afinal, eu nunca tivesse perdido meus poderes! Talvez Urnalda meramente tivesse me enganado, fazendo com que eu acreditasse nisso! Entretanto... mesmo se ainda houvesse magia em mim, como poderia usá-la agora? Os kreelixes simplesmente a consumiriam, a destruiriam. Cairpré dissera que a magia, aplicada diretamente, era infrutífera. Que a melhor arma era algo indireto. Como foi mesmo a frase dele? *Algo tão comum, mas tão poderoso, como o próprio ar.*

O próprio ar! Enquanto a cauda de Valdearg açoitava para atingir o máximo possível de kreelixes, minha mente percorria as muitas virtudes do ar. Portador de alento. De vento. De sons e cheiros. De água.

Água! Haveria algum modo...?

A cauda do dragão atingiu dois dos kreelixes, fazendo com que rodopiassem para longe. Mas ele errara Bachod, agora apenas a uma fração do instante de atacar. Valdearg, incapaz de chicotear a cauda novamente a tempo, estava impotente.

Com toda a minha força, desejei que o ar que cercava os kreelixes esfriasse. Congelasse. A corda do saltério em minha mão subitamente soou — como um carrilhão dentro do meu peito. O antigo vazio sumiu, substituído por uma onda de poder que eu sabia ser meu.

Concentrando meus pensamentos no ar, tentei afastar seu calor. O ar em volta de Ionn e de mim instantaneamente tremeluziu com uma nova energia. Suei, menos pelo ar quente do que pela tensão.

No momento exato do contato, o ar acima de Valdearg transformou-se numa massa de gelo, envolvendo Bachod e o restante dos kreelixes. Eles não tiveram tempo sequer de guinchar, embora minha cabeça desse voltas por causa da explosão vermelha do *negatus mysterium* liberado. O enorme bloco de gelo caiu diretamente sobre as costas do dragão, logo abaixo da asa dobrada.

Quando o gelo se despedaçou no terreno carbonizado, Valdearg urrou de raiva e dor. Soltou uma torrente de chamas tão quente que o bloco congelado irrompeu numa combustão de vapor sibilante e corpos crepitantes. Segundos depois, tudo que restava dos agressores incinerados era uma poça de água, sangue e pelo, lambidos por línguas de chamas que estalavam.

Ionn relinchou em triunfo. Balançando a cabeça, correu e saltitou. De minha parte, desmontei e me aproximei da poça fumegante. Minha mente estava repleta com a visão de elementos que subitamente se fundiram. Pois o ar realmente havia virado água; a água, virado fogo.

Um grito agudo deteve meus pensamentos. Sobressaltei-me, porque parecia quase o de um kreelix. Num lampejo, percebi que era, em vez disso, a bebê dragão. Ela emergira da asa protetora, a teimosa orelha ainda projetando-se. Meu estômago, porém, revirou-se quando vi a expressão de dor em seu rosto. E, novamente, ao ver o motivo.

Valdearg, imperador dos dragões, estava caído, a cabeça pousada pesadamente sobre uma das patas dianteiras. Nenhuma fumaça ondulava de suas narinas e seu som estrondoso estava mais fraco, mais debilitado do que antes. Se bem que ainda brilhassem na luz, as escamas verdes e laranjas pareciam, de algum modo, ter perdido o lustre. O mais revelador, porém, era a turbidez de seus olhos. Ainda que continuassem a brilhar, sua luz parecia tão frágil quanto as bruxuleantes chamas da beirada da poça fumegante.

Ionn juntou-se a mim quando fui mais para perto. Ali, na base da asa que havia escudado a cria, vi um revelador gotejar de sangue que vinha de uma pequena perfuração. Embora um ferimento com um tamanho tão pequeno normalmente nem fosse notado por um dragão, aquele fora feito com a presa de um kreelix. A cria, choramingando baixinho, alisava o local com uma de suas pequenas asas moles.

— Ele está morrendo — declarou uma voz familiar.

Ionn e eu viramos. Ali, encarando-nos, estava uma corça de olhos grandes. Sua pelagem cor de bronze estava listrada de lama, enquanto as pernas revelavam várias raspaduras e arranhões. As orelhas com barro endurecido se inclinaram para mim.

— Hallia — sussurrei através do nó em minha garganta. — Eu achei... achei que tinha morrido.

— Você me subestima. — Deu uma leve bufada, fingindo sentir-se insultada. — Sabe, cervos conhecem alguns truques para despistar perseguidores. Até mesmo kreelixes. — Seus olhos de um profundo castanho me observaram. — Você também conhece alguns truques, Merlin. Cheguei ainda há pouco, mas a tempo suficiente de ver o que conseguiu.

Retraí-me.

— E o que não consegui. — Virando-me de volta para Valdearg, observei-o fitar fracamente sua cria, agora enroscada junto à barriga. — Meus poderes voltaram, mas um instante tarde demais.

Solenemente, aproximei-me do dragão. Um ar cálido me envolvia a cada respiração forçada dele. Os olhos amarelos, agora semicerrados, viraram na minha direção.

— Neto de Tuatha — estrondeou a grande criatura. — Eu estava errado. Você merece ser chamado de... mago.

Minha língua, seca como madeira, agitou-se na boca.

Ele tentou levantar a cabeça, mas ela caiu para trás.

— Nem os kreelixes nem eu... sobrevivemos a esta batalha. Pelo menos tive o prazer... de torrá-los no final. — Seu corpanzil sacudiu-se com uma tosse agoniada. — Mas minha filha! O que será dela? Quem vai lhe ensinar... a comer sozinha, a voar, a dominar sua própria magia? Quem vai mostrar a ela como encontrar minha caverna, nosso lar ancestral? Quem vai ajudá-la a conhecer... o elevado destino de um dragão?

Desejando estar com meu cajado, para poder me apoiar, mudei desconfortavelmente de posição antes de responder.

— Sei muito pouco sobre dragões. E menos ainda sobre sua magia. Mas sei o caminho para sua caverna, e meu coração ficaria satisfeito em guiá-la

até lá.

Olhei para Hallia, que agora estava parada sobre a terra carbonizada não muito distante da cria. Os olhos, um par de círculos de radiante castanho e o outro par de triângulos de fulgurante laranja, estavam fixos uns nos outros. Talvez fosse a magia que compartilhavam ou a experiência compartilhada de perda, mas eu tinha certeza de que aqueles dois seres estavam se comunicando, falando um com o outro em alguma linguagem silenciosa.

— Sua filha será cuidada — declarei.

Os olhos do dragão brilharam ainda mais, então desvaneceram rapidamente.

— Nunca temi nada nem ninguém — disse com a voz embargada. — Até hoje. No entanto o que temi durante a batalha não foi um ataque dos kreelixes, mas a morte da minha pequenina. — Outro acesso de tosse afligiu seu corpo até as pontas farpadas da cauda. — E agora... agora me descubro temendo algo mais.

— O quê?

— A morte. Minha própria morte! Um dragão anseia por vida, ele a devora. Engole-a em grandes bocados empilhados! Não é abatido com facilidade... e não morre tranquilamente. Resiste... — Fez uma pausa, tentando conter a tosse. — Até o fim. — Seus olhos doloridos, agora de um amarelo opaco, me examinaram. — Contudo, não consigo resistir mais. E agora, jovem mago, tenho... medo.

Lentamente, aproximei-me do imenso rosto. Minha mão estendeu-se para tocar a testa proeminente acima de um dos olhos. Sem saber de onde saíam as palavras, eu disse:

— Apenas olhe para a luz, Asas de Fogo... Caminhe para lá. Voe para lá. Sua filha estará com você. E eu também.

Com isso, Valdearg arquejou um último alento, soltando um último anel de fumaça. A luz em seus olhos extinguiu-se. Eles se fecharam para sempre.

UM MAIS ALTO PODER

Seguiu-se um momento interminável. Ficamos tão silenciosos quanto a terra queimada à nossa volta, tão imóveis quanto o dragão morto. Somente a cria se mexia de vez em quando, focinhando o corpo sem vida de seu pai.

Finalmente, Hallia aproximou-se da bebê dragão. Enquanto caminhava, sua forma cervídea desfez-se, substituída pela de uma vigorosa jovem. O tempo todo, seus olhos comovidos permaneceram fixos na cria. Ao fazer a aproximação, a cauda cor de lavanda do animal se desenrolou e bateu ansiosamente no chão. Hallia começou a cantar uma lenta e relaxante canção, repleta de imagens de prados verdes e riachos reluzindo ao sol. No instante em que chegou ao lado da bebê dragão, a cauda ficou parada. Com um único e gracioso movimento, ela sentou-se, sem parar de cantar.

Em seguida, Ionn e eu nos juntamos a elas. O garanhão, a pelagem negra reluzindo ao sol do meio-dia, balançou a cabeça em saudação. A dragoa — duas vezes o tamanho de Ionn, apesar de mais esquelética — hesitou a princípio, depois respondeu do mesmo jeito. Quando, porém, balançou a própria cabeça, todos nós fomos salpicados por gotas de cor laranja. Hallia e eu trocamos olhares, sabedores de que eram lágrimas.

Hallia parou de cantar. Empinando a cabeça para o lado, observou o animal com compaixão.

— Sua perda é muito pior do que a minha, juvenzinha. Pelo menos conheci bem o meu irmão. Tão bem que ainda consigo ouvir sua respiração, como também seus pensamentos, quase antes de ouvir os meus próprios.

Cautelosamente, estendi a mão e alisei a orelha rebelde do filhote. Embora se projetasse tão rigidamente quanto um galho, estendendo-se com maior comprimento do que meu antebraço, ela era espantosamente macia. Pequeninos pelos roxos cobriam toda a sua extensão. A dragoa choramingou baixinho, depois baixou o focinho na direção de meus pés. Sem aviso, agarrou uma das botas com as mandíbulas e puxou-a em sua direção, derrubando-me de costas.

Hallia sorriu.

— Ela reconhece você.

Apesar da dor nas costas, não consegui eu mesmo deixar de sorrir.

— Muito mais do que isso. Acho que ela reconhece minha bota. Usei-a para alimentá-la, quando nos encontramos antes.

A bebê dragão deu outro puxão, arrancando o calçado. Era, dei-me conta, a mesma bota que eu próprio havia mastigado muito tempo atrás, quando visitei o covil do pai dela. Antes que eu conseguisse pegá-la de volta, a cria inclinou a cabeça para trás e engoliu-a inteira. Gritei, mas era tarde demais. A bota tinha sumido.

Ionn soltou um bufado que parecia uma estrondosa gargalhada. De repente, ficou tenso. Suas orelhas empinaram adiante. Girou a cabeça para o lado, batendo o solo com a pata. Hallia pôs-se de pé com um salto. Nós dois seguimos o olhar dele.

Um grupo de figuras baixas, atarracadas, aproximava-se após ter contornado a colina em forma de pirâmide. Escudos e peitorais reluziam ao

sol. No centro do grupo caminhava uma figura carregando um cajado, usando um chapéu pontudo sobre um monte de cabelos ruivos desgrenhados. Urnalda.

Embora a raiva fervesse dentro de mim, contive minha língua. Apesar da falta da bota, joguei os ombros para trás e me mantive o mais alto possível.

Os brincos de conchas de Urnalda cintilavam à medida que ela se aproximava. Não consegui entender a expressão em seus olhos, mas os dentes cerrados pareciam ao mesmo tempo sombrios e sem arrependimento. Quando o grupo chegou a poucos passos de nós, ela diminuiu o passo e ergueu a mão rechonchuda. Os outros anões, portando machados e arcos, pararam.

A feiticeira adiantou-se, examinando o corpo do dragão caído. Retraiu-se ligeiramente ao ver a bebê dragão aninhada ali, mas nada disse. Seu olhar foi para a poça fumegante, coagulada de sangue e cabelo de Bachod e dos kreelixes.

Finalmente, virou-se para mim.

— Vejo que seus poderes voltaram.

Meus olhos estreitaram-se.

— Eles nunca se foram, como sabe. Você apenas me enganou, fazendo-me acreditar que eu os tinha perdido.

— Isso é verdade. — Os brincos tilintaram quando ela assentiu. — O único modo de um encanto de roubo de magia poder funcionar é a vítima acreditar completamente que seus poderes foram destruídos. Então ela e todos os demais em volta são enganados. É tudo parte do plano de Urnalda.

Minha mão, ainda segurando a corda do saltério, fechou-se num aperto.

— E destruir todas as crias de Valdearg, menos uma, também fazia parte do seu plano?

— Não — respondeu friamente, girando a ponta do cajado no solo enegrecido. — Mas não foi um resultado tão ruim.

— E quanto aos kreelexes? Seu plano contava com eles? Graças à sua ajuda, mataram esse dragão... E teriam ido adiante, matando você e a mim e a todas outras criaturas mágicas em Fincayra. — Minha voz baixou para um grunhido. — Com sua arrogância, Urnalda, você quase abriu a porta para Rhita Gawr! Era o plano dele, e não o seu, que estava guiando seus atos. Creio que fez tudo involuntariamente, mas, ainda assim, serviu de instrumento para ele.

O rosto dela, normalmente pálido, ficou de um vermelho profundo.

— Bah! Eu nunca me engano — declarou. — Seus olhos baixaram por apenas um instante. — Mas é possível que eu tenha sido temporariamente iludida.

Estendeu a mão, a palma para cima. Um clarão de luz rompeu o ar, fazendo com que vários anões saltassem para o lado, tropeçando uns nos outros no processo. Ali, na mão dela, encontrava-se meu cajado. Ela proferiu algumas palavras e o cajado flutuou, rodopiando graciosamente para mim.

Ansiosamente, agarrei-o, apertando-o como se fosse a mão estendida de um velho amigo. Minha segunda visão percorreu todas as marcas familiares — a pedra rachada, a espada, a estrela no interior de um círculo e o resto. Toda a sabedoria das Sete Canções. Agora, finalmente, eu me sentia completamente recuperado.

Urnalda observou-me, brincando com um de seus brincos de conchas.

— Isso é por ter feito o que fez para ajudar meu povo.

Sabendo que aquilo era o mais próximo de um pedido de desculpas que receberia dela, ergui o cajado.

— Considere minha promessa cumprida.

Ela inclinou a cabeça na direção da bebê dragão.

— Agora, resta apenas realizar uma tarefa. Vamos, juntos, destruir a última das feras desprezíveis.

— Espere — pedi. — A morte do velho dragão pode ter sido uma oportunidade. Isso mesmo... Para tapar o antigo abismo entre os dragões e nós. Por mais difícil que seja, não poderíamos tentar tratá-la como uma criatura semelhante a nós? Talvez até como nossa amiga? É possível, pelo menos, que ela venha a fazer, reciprocamente, o mesmo por nós.

— Criatura semelhante? Amiga? — caçoou ela. — Nunca! Já presenciei demais a ira de dragões para acreditar nisso! Você encontrou seus poderes, mas perdeu a cabeça! — Ela bateu as mãos. — Guardas! Preparem suas armas.

Instantaneamente, os anões que a flanqueavam encaixaram suas flechas e ergueram os machados de cabeça dupla. Ficaram de prontidão, esperando sua ordem seguinte.

Bati meu cajado no chão, lascando uma placa de carvão.

— Ouçam minhas palavras, todos vocês! Aquela dragoa vai viver. — Olhando para Urnalda, dei um único passo para mais perto. Minha cabeça se inclinou na direção da dela. — Se você, ou alguém de seu povo, ao menos tentar machucar aquela dragoa, através de qualquer meio, por qualquer motivo, vai enfrentar minha própria ira. A ira... de um mago. O que aconteceu àqueles kreelixes ali não será nada comparado com o que acontecerá a vocês.

Por um longo momento, a feiticeira olhou-me furiosamente. O ar entre nós chiou, crepitando com pequenas faíscas. Então, sem mais nenhuma palavra, ela deu meia-volta e saiu caminhando por onde tinha vindo. Apressadamente, seu grupo de guerreiros atarracados guardou suas armas e saiu atrás, apressando o passo para poder acompanhá-la. Observei-os dobrar a curva e desaparecer atrás da colina.

Ionn focinhou meu braço. Alisei seu pescoço, ainda olhando para o lugar onde vi desaparecer a ponta do chapéu pontudo de Urnalda. De repente, Hallia deu um grito. O garanhão e eu giramos para vê-la apontando para a poça fumegante, borbulhando com o resto dos krelixes.

Fora dos vapores, um vulto estava se formando. Um rosto — sem cabelo, com dentes tortos e com uma verruga no meio da testa. Firmei-me, pois sabia que era a imagem de Domnu. Quando a boca da bruxa se vincou num horrendo sorriso, chamas azuis lamberam as beiradas da poça.

— Bem, meus bichinhos, vocês sobreviveram. Eu não previ isso. — As chamas aumentaram, juntando-se em volta de seus olhos. — Até meu potro sobreviveu.

Os cascos de Ionn bateram no chão. Ele relinchou desafiadoramente.

A forma vaporosa, vibrando com o vapor que se erguia, enrugou a calva dela.

— Bem, e o nosso acordo?

Sacudi a cabeça.

— O Galator se perdeu. Enterrado sob uma montanha de lava.

Chamas azuis saltaram de seus olhos.

— Você não pensaria em me trair, não é mesmo?

— Não — respondi. — Ao contrário de algumas pessoas, não volto atrás em minha palavra. — Apontei a poça em ebulição embaixo dela. — Mas o ladrão que o roubou de seu covil não vai mais incomodá-la.

Domnu fez uma careta, o rosto todo se enrugando.

— Com todos os ossos. Ossos fervidos! Foi-se, antes que eu tivesse tido tempo de brincar com ele! Bem... que assim seja. Eu não gostava mesmo da cor daquela maldita coisa. Adeus, meus bichinhos.

Instantaneamente, a poça irrompeu num rodopio de chamas azuis. Quando, um momento depois, elas desvaneceram no vapor que se ergueu, o

rosto da bruxa tinha sumido. Continuei observando a poça, apoiado no cajado.

A voz ressoante de Hallia quebrou o silêncio.

— Merlin?

Virei-me para encará-la. Como me encantou ver novamente aqueles olhos! Senti uma nova onda de gratidão por ela não ter se machucado. E, para minha surpresa, algo mais, mais profundo do que gratidão.

— Você se lembra — perguntou ela baixinho — daquele momento, na caverna do oráculo, quando eu disse que você tinha certo tipo de poder?

— Lembro. E também me recordo de que você não conseguiu dar um nome a ele.

Ela concordou lentamente com a cabeça.

— Bem, agora consigo. Chamo-o de poder da compreensão. De saltar sobre barreiras, encontrar significado em rastros. E tão forte quanto seja um dragão, ou um kreelix, ou talvez mesmo um Galator, é algo até mais forte. Apesar de todo o poder deles, esse é realmente um mais alto poder.

Girando a corda do meu saltério, eu quase sorri.

— Mas não esqueça — acrescentou com uma cutucada. — Até um grande mago precisa de duas botas, e não de apenas uma.

Movimentei os dedos do meu pé descalço.

— A não ser, é claro, que ele que possa correr como um cervo.

Ela me olhou pensativamente.

— Ou voar... como um jovem falcão.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Fogo da fúria | Merlin | Vol. 3

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/fogo-da-furia-451551ed511536.html>

Site do autor

<http://tabarron.com/>

Good reads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/11078.T_A_Barron

Facebook do autor

<https://www.facebook.com/TABarronFans>

Twitter do autor

<https://twitter.com/tabarronauthor>